UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

JOÃO BATISTA NETO

A LUTA COMO HERANÇA:

Recepção Estética e Turismo nas Ruínas da Redução de São Miguel
Arcanjo (RS)

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA À ESCOLA DE
COMUNICAÇÕES E ARTES (ECA), DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO (USP), COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE DOUTOR EM ARTES.

LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA ARTE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ARTES

ORIENTADOR: PROFA. TITULAR. LISBETH RUTH REBOLLO
GONÇALVES

São Paulo

2007

DEDICATÓRIA

Para os meus pais, *in memoriam*:

Minha mãe, Maria Severina Batista;

Meu pai, João Batista Filho.

A saudade é do tamanho do meu agradecimento.

Mas não me sinto só.

Carrego-os em mim.

AGRADECIMENTOS

Sou grato especialmente:

À minha orientadora Profa. Dra. Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves, pela confiança, pelo estímulo, pela oportunidade e pela liberdade que marca a sua orientação.

Ao Prof. Dr. Percival Tirapeli (IA/UNESP), sempre presente em todas as minhas bancas, agradeço pelos anos de convivência, contribuindo para o meu crescimento intelectual.

Ao Prof. Dr. Mário Jorge Pires (ECA/USP), um grande amigo que sempre me traz bons conselhos e pela oportunidade de trabalharmos juntos na direção da Revista Eletrônica de Turismo Cultural - RETC.

Ao Prof. Dr. João Frayze-Pereira (IP/USP), que disponibilizou seu tempo e carisma para orientar-me na elaboração do trabalho final.

Ao Prof. Dr. Arley Andriolo (IP/USP), por ler comigo o questionário final e reorientar a realização na forma de conduzir as entrevistas.

À minha colega Profa. Dra. Mariza Bertoli, protagonista de ótimas conversas em jantares especiais e vinhos deliciosos, o meu sincero agradecimento pela sua amizade.

Ao lindo casal de arquitetos Wladimir Stelo e Matilde Villegas, que junto com o menino Pedro constituíram a santíssima trindade da preservação das ruínas de São Miguel Arcanjo.

Ao arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio, companheiro na luta pela preservação das coisas missioneiras.

À minha colega Profa. Ms. Mari Monserrat, pelas longas caminhadas na Av. Paulista e dicas no design desta tese.

À minha colega Lisângela Simões, pela tradução, revisão e comentários durante a escrita desta tese, o meu muito obrigado.

À minha amiga e colega Sueli Aparecida Padilha de Andrade, Dona Sueli, pelos conselhos e risadas compartilhados.

Ao meu aluno Hamilton Cevada (História) pela ajuda na parte gráfica. Através do Hamilton agradeço a todos meus alunos na Universidade Bandeirantes de São Paulo - UNIBAN, pela oportunidade que me proporcionaram de ensiná-los.

Aos meus amigos cruspianos do apto 501 no Bloco C: Alexandre, Jesus, Adriano, Nélio, Rachel, Lênio, Fabrício... quantas risadas demos nestes anos todos!

Aos porteiros do CRUSP, alvos do meu sarcasmo no assunto futebol. O meu muito obrigado ao Gilmar, Sidney, Costa, Reinaldo, Jean, Roberto, Joílson e tantos outros amigos que fiz tomando café no balcão da portaria.

Ao jovem casal Cristiane e Marco Aurélio Maehler, por ter ajudado na impressão destes trabalhos e serem os pais do Leandro e da minha Carol.

Todo mundo tem seu anjo. Eu tenho quatro. A se saber:

- Gina Margareth G. Pimentel, assistente social do COSEAS, que cuidou de mim por sete longos anos cruspianos. Muito obrigado!
- Paulo Ramos Machado e Maristela Machado, professores e amigos, que sempre me incentivaram. Jovem casal que me inspira como modelo de relação ideal entre pares.
- Armando Chibante Pinto, o melhor amigo que um homem pode merecer. A distância hoje é grande, exatamente do tamanho da gratidão que tenho por ti.

Aos meus familiares, meu irmão Israel Batista, minha irmã Izabel Batista de Carvalho e todos os sobrinhos que amo muito. Mas, especialmente, minhas irmãs “Maria”: Leonina Maria de Jesus Batista; Maria de Lourdes Batista Corrêa; Maria José Batista; e Marta Maria Batista da Silva – que assim como a música de Milton Nascimento e Fernando Brant, são mulheres que tem gana, força, raça e não perdem nunca sua fé na vida.

Amigo é o irmão que o coração escolheu. Por isso dedico esse trabalho ao meu *irmão* Silmar Antonio Marca (o pai da Sara) e, através dele ao Gilso Tibes, Eduardo Maranhão, Aílton Lins de Faria (Neno), Edmilson Tibes... enfim, todos os outros irmãos que tive que deixar em Foz do Iguaçu para seguir meu destino em São Paulo.

RESUMO

BATISTA NETO, João. **A Luta como herança: Recepção Estética e Turismo nas ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo (RS)**, 2007. 386 p. Tese Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

As ruínas da Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo (RS) são um Patrimônio Cultural da Humanidade e recebem milhares de turistas por ano. Elas contemplam uma grande igreja em ruínas e o maior acervo público de imagens missioneiras, localizado no Museu das Missões. O objetivo desta tese é destacar como a arte barroca guarani é percebida por estes visitantes, utilizando como metodologia a Recepção Estética na Arte. Para tanto, foram aplicados um questionário misto (com questões qualitativas e quantitativas) e uma série de entrevistas. Este estudo se insere na transdisciplinariedade entre o Turismo Cultural e a Arte, sendo a Recepção Estética uma ponte entre ambas as áreas.

Palavras-Chave: Turismo Cultural; Arte; Recepção Estética; Reduções Jesuíticas dos Guarani; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

BATISTA NETO, João. **A Luta como herança: Recepção Estética e Turismo nas ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo (RS)**, 2007. 386 p. Tese Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo ruins (RS) are a Humanity Cultural Heritage, which makes it receive thousands of tourists each year. They are conceived by a big church in ruins and the biggest public group of missionary images, located on the Mission Museum. This doctorate thesis aims at showing how the Guarani baroque art is seen by these visitants, using as its methodology the Aesthetics Reception in Art. For this purpose, a varied questionnaire (with qualitative and quantitative questions) and a set of interviews were established. This study deals with the transdisciplinarity in Cultural Tourism and Art, being the Aesthetics Reception a link between both areas.

Keywords: Cultural Tourism; Art; Aesthetics Reception; Guarani Reduções Jesuíticas; Cultural Heritage.

RESUMO

BATISTA NETO, João. **A Luta como herança:** Recepção Estética e Turismo nas ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo (RS), 2007. 386 p. Tese Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Las ruinas de la Reducción Jesuítica de los Guaraní de São Miguel Arcanjo (RS) son un Patrimonio Cultural de la Humanidad e reciben millares de turistas por año. Ellas contemplan una gran iglesia en ruinas y el mayor acervo público de imágenes misioneras, ubicado en el Museo de las Misiones. El objetivo de esta tese es destacar como el arte barroca guaraní es percibida por estos visitantes, utilizando como metodología la Recepción Estética en el Arte. Para esto, fueron empleados un cuestionario variado (con cuestiones cualitativas y cuantitativas) y una serie de entrevistas. Este estudio está inserido en la transdisciplinaridad entre el Turismo Cultural y el Arte, siendo la Recepción Estética un puente entre estas dos áreas.

Palabras-clave: Turismo Cultural; Arte; Recepción Estética; Reducciones Jesuíticas de los Guaraní; Patrimonio Cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

		Página
Imagem	01 Cruz missioneira e fachada da igreja de São Miguel	13
Imagem	02 Mapa das Reduções Jesuíticas dos Guaraní	17
Imagem	03 Fachada da igreja de São Inácio Mini, Argentina	19
Imagem	04 Arcanjo São Miguel	20
Imagem	05 São Tiago Matamouros – Redução de Santiago, Paraguai.	25
Imagem	06 Plano da Redução de S. Inácio Mini, Argentina	26
Imagem	07 Desenho da fachada da igreja de Trinidad, Paraguai	34
Imagem	08 Anjo pianista no friso da igreja de Trinidad, Paraguai	40
Imagem	09 Igreja de São Miguel a partir das ruínas do colégio – atual e virtual	41
Imagem	10 Igreja de São Miguel a partir das ruínas do colégio – atual e virtual	41
Imagem	11 Ornamentação no capitel	42
Imagem	12 Fonte missioneira	42
Imagem	13 Desenho da fachada da igreja de São Miguel, por Cabrer	45
Imagem	14 Risco de São Miguel	46
Imagem	15 Desenho do viajante francês Demersay	51
Imagem	16 Vista aérea da cidade de São Miguel das Missões	55
Imagem	17 Mapa das regiões que compõem o Estado do Rio Grande do Sul	67
Imagem	18 Turistas brasileiros visitando São Miguel	82
Imagem	19 Ruínas do <i>cabildo</i> de São Nicolau	82
Imagem	20 Pedra ornamentada encontrada em São Lourenço	84
Imagem	21 Arquiteto Wladimir Stello (IPHAN) nas ruínas de São João Batista	84
Imagem	22 Museu das Missões a partir da praça	88
Imagem	23 Santo Isidoro Lavrador	92
Imagem	24 Nossa Senhora da Conceição com o menino Jesus	95
Imagem	25 Nossa Senhora da Conceição	96
Imagem	26 Nossa Senhora da Conceição (detalhe)	96
Imagem	27 Santa Catarina	97
Imagem	28 Santa Catarina [detalhe]	97
Imagem	29 Arcanjo São Miguel	98
Imagem	30 Imagem zoomórfica feita em pedra	100
Imagem	31 Acervo, foto de Pedro Antonelli, por volta de 1939/40.	109
Imagem	32 Lucio Costa	109

Imagem	33	Museu das Missões	112
Imagem	34	Fotografia do projeto museográfico implantado em 1954	114
Imagem	35	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha	117
Imagem	36	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha	117
Imagem	37	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha	117
Imagem	38	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha	117
Imagem	39	Ariston J. Corrêa Filho limpando uma escultura	120
Imagem	40	Igreja vista do lado de fora do sítio	126
Imagem	41	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Lucio Costa	133
Imagem	42	Perspectiva de Lucio Costa, com a casa do zelador (à dir.).	133
Imagem	43	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Paulo Thedim Barreto	134
Imagem	44	Museu das Missões, a partir da praça	134
Imagem	45	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Lucas Mayerhofer	135
Imagem	46	Planta baixa do Museu das Missões. Casa do Zelador e da igreja de São Miguel	135
Imagem	47	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]	136
Imagem	48	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]	136
Imagem	49	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]	136
Imagem	50	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]	136
Imagem	51	Visão da entrada original para visitar as ruínas	137
Imagem	52	Visão da entrada atual para as ruínas, a partir da portaria	137
Imagem	53	Possível visão da entrada, a partir do Centro de Documentação	138
Imagem	54	Museu das Missões - visão noturna	138
Imagem	55	Imagens missioneiras	138
Imagem	56	Chafariz	139
Imagem	57	Sino	139
Imagem	58	Foto aérea das Ruínas - 1982	153
Imagem	59	Obras de consolidação da fachada na década de 1980	160
Imagem	60	Inclinação da fachada, restaurada na década de 1980	160
Imagem	61	Inclinação da fachada, restaurada na década de 1980	160
Imagem	62	Boné do Caminho das Missões	167
Imagem	63	Reconstituição virtual	167
Imagem	64	Pedra de moinho quebrada, em Trinidad – 1996 e 2002	174
Imagem	65	Pedra de moinho quebrada, em Trinidad – 1996 e 2002	174
Imagem	66	Parede em adobe do colégio, em Trinidad – 1996 e 2002	174
Imagem	67	Parede em adobe do colégio, em Trinidad – 1996 e 2002	174
Imagem	68	Selo de São Miguel	181
Imagem	69	Placa na redução de São João Batista	184
Imagem	70	Funcionário Nelci na Portaria de acesso	186
Imagem	71	Seguranças de São Miguel: Antonio Carlos, João e a cadela Shana	187

Imagem	72	Estacionamento	191
Imagem	73	Souvenir	192
Imagem	74	Centro de Informações Turísticas	197
Imagem	75	Som e Luz	198
Imagem	76	Som e Luz	198
Imagem	77	Som e Luz	198
Imagem	78	Som e Luz	198
Imagem	79	Som e Luz – problemas: trailer e caixas de som	198
Imagem	80	Som e Luz – problemas: trailer e caixas de som	198
Imagem	81	Guia e o clube de Mães de Liberato Salzano (RS)	198
Imagem	82	Espetáculo Som e luz em corpos	202
Imagem	83	Ruínas da igreja	205
Imagem	84	Visitante respondendo o questionário na portaria	230
Imagem	85	Anjo	234
Imagem	86	Egos sum	241
Imagem	87	Estátua de Sepé Tiaraju, em S. L. Gonzaga	242
Imagem	88	Sino	244
Imagem	89	Anjo	248
Imagem	90	Anjos	253
Imagem	91	Fachada da igreja em ruínas	254
Imagem	92	Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo	257
Imagem	93	Fachada da igreja	257
Imagem	94	Pedra Grés	258
Imagem	95	Pedra arenítica	258
Imagem	96	Colunas da igreja	259
Imagem	97	Operário trabalhando na restauração, durante a década de 1980.	267
Imagem	98	Ruínas das casas indígenas	275
Imagem	99	Placa na entrada do Hotel Barricello	277
Imagem	0	Fachada da igreja – visão noturna	285
Imagem	1	Festa nas missões	290
Imagem	2	Espetáculo de Som e Luz	291
Imagem	3	Pórtico na entrada da cidade	292
Imagem	4	Índia Guarani vendendo artesanato no Museu das Missões	297
Imagem	5	Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo	300
Imagem	6	Igreja a partir do cemitério	302
Imagem	7	Reconstituição virtual do mesmo ângulo	302
Imagem	8	Ruínas do Cotiguaçu – Casa das viúvas	309
Imagem	9	Visão das ruínas com neblina	312
Imagem	0	O Pesquisador	326

LISTA DE TABELAS

	Página
<u>Tabela 01:</u> Habitantes de São Miguel das Missões (1711-1734) <u>Fonte:</u> HANSEL, 1988, p.38.	49
<u>Tabela 02:</u> Número de visitantes nas ruínas de São Miguel (1994-2004) <u>Fonte:</u> Escritório Regional do IPHAN – São Miguel.	59
<u>Tabela 03:</u> Número de Questionários Preenchidos pelos Visitantes de São Miguel (2005) <u>Fonte:</u> João Batista Neto	60
<u>Tabela 04:</u> Indução da Viagem para São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	62
<u>Tabela 05:</u> Renda dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	63
<u>Tabela 06:</u> Classificação de Ocupações dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	64
<u>Tabela 07:</u> Estados de Origem dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	65
<u>Tabela 08:</u> Regiões que Compõem o Estado do Rio Grande do Sul <u>Fonte:</u> João Batista Neto	66
<u>Tabela 09:</u> Expectativa e Qualificação da Oferta Turística de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	71
<u>Tabela 10:</u> Meio de Transporte utilizado pelo visitante de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	73
<u>Tabela 11:</u> Como os Visitantes Realizaram a Visita a São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	75
<u>Tabela 12:</u> Meios de Hospedagem dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	75

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
<u>Gráfico 01:</u> Habitantes de São Miguel das Missões (1711-1734) <u>Fonte:</u> HANSEL, 1988, p. 38.	50
<u>Gráfico 02:</u> Turistas Internacionais que visitaram o Museu Municipal Dr. José Olavo Machado <u>Fonte:</u> FARIAS, 2003	58
<u>Gráfico 03:</u> Número de visitantes nas ruínas de São Miguel (1994-2004) <u>Fonte:</u> Escritório Regional do IPHAN – São Miguel.	59
<u>Gráfico 04:</u> Indução da Viagem para São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	62
<u>Gráfico 05:</u> Renda dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	63
<u>Gráfico 06:</u> Classificação de Ocupações dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	65
<u>Gráfico 07:</u> Estados de Origem dos Visitantes de São Miguel <u>Fonte:</u> João Batista Neto	66
<u>Gráfico 08:</u> Qual o grau de satisfação com a visita ao Museu das Missões? <u>Fonte:</u> João Batista Neto	229

LISTA DE ABREVIATURAS

ABIPEME: Associação Brasileira de Pesquisa de Mercado
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO: Classificação Brasileira de Ocupações
CCBB: Centro Cultural Banco do Brasil
CIA: Central de Inteligência Norte-Americana
CIUO: Classificação Internacional Uniforme de Ocupações
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
COREDE: Conselho Regional de Desenvolvimento – Rio Grande do Sul
DET: Divisão de Estudos e Tombamento
DPH: Departamento do Patrimônio Histórico do município de São Paulo
ECA: Escola de Comunicações e Artes (USP)
EMBRATUR: Empresa Brasileira de Turismo (antigo)/ Instituto Brasileiro de Turismo (atual)
FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FFLCH: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)
FIPE: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
ICCROM: Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauração de Bens Culturais
ICOM: Conselho Internacional de Museus
ICOMOS: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IEB: Instituto de Estudos Brasileiros (USP)
IP: Instituto de Psicologia (USP)
IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPTU: Imposto Territorial e Predial Urbano
MAC/USP: Museu de Arte Contemporânea
MAE/USP: Museu de Arqueologia e Etnologia
MES: antigo Ministério da Educação e Saúde
MNBA: Museu Nacional de Belas Artes

NAI: *National Association for Interpretation*
OEA: Organização dos Estados Americanos
OIT: Organização Internacional do Trabalho
OMT: Organização Mundial do Turismo
ONU: Organização das Nações Unidas
PROLAM: Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (USP)
PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RETC: Revista Eletrônica de Turismo Cultural
SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIBi: Sistema Integrado de Bibliotecas (USP)
SPHAN: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UEL: Universidade Estadual de Londrina
UFBA: Universidade Federal da Bahia
UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura
UNIBAN: Universidade Bandeirantes de São Paulo
UNIBERO: Centro Universitário Ibero-Americano
UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas
UNIJUI: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
UNISINOS: Universidade Vale do Rio dos Sinos
URI: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
WMF: *World Monuments Found* - EUA

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE IMAGENS	XIII
LISTA DE TABELAS	XVII
LISTA DE GRÁFICOS	XVIII
LISTA DE ABREVIATURAS	XIX
INTRODUÇÃO	01
Pensar o Patrimônio Cultural através da Recepção Estética	02
I. AS REDUÇÕES JESUÍTICAS DOS GUARANI	14
1. Introdução	16
2. A redução de São Miguel	27
3. O tratado de Madri e as guerras guaraníticas	43
4. São Miguel em decadência	47
5. A cidade de São Miguel	52
6. Turismo na Região Missioneira	56
II. O MUSEU DAS MISSÕES	84
1. Introdução	86
2. O Acervo	89
3. Lúcio Costa e o Museu das Missões	101
4. O Relatório de 1937	104
5. O Museu das Missões, segundo Maturino da Luz	110
6. As Edificações	113
7. Sob a sombra de Lucio Costa	118
8. O Projeto do Centro de Documentação	126

III. A PRESERVAÇÃO DAS RUÍNAS DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES	140
1. Introdução	142
2. Intervenções	154
3. Após o Título de Patrimônio Cultural da Humanidade	161
4. Visitando as ruínas de São Miguel Arcanjo	168
5. Avaliação de São Miguel como atração turística	175
6. Do que sentiu falta na sua visita a São Miguel das Missões	199
7. Metodologia da Alavancagem Múltipla	203
 IV. A RECEPÇÃO ESTÉTICA DOS MONUMENTOS CULTURAIS MISSIONEIRO	 206
1. Estética	208
2. Recepção Estética	215
3. Pesquisas em Recepção Estética	221
4. Como a arte interfere no emocional do receptor	224
5. Análise de dados	227
6. A Arte	231
7. A Emoção	242
8. A Questão do Belo	245
9. A Admiração pela falta	249
10. A Arquitetura	255
11. A Preservação	260
12. Construção/Destruição	268
13. A História	276
14. Regionalismo	286
15. A Antropologia	293
16. Vaidade e poder	295
17. Infância e finitude	301
18. Religiosidade e espiritualidade	303

CONSIDERAÇÕES FINAIS	310
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	327
ANEXOS	344

INTRODUÇÃO

“Resume-se em maravilhoso”.

FRASE DE UM VISITANTE ÀS RUÍNAS DE SÃO MIGUEL

PENSAR O PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DA RECEPÇÃO ESTÉTICA

Gaël de Guichen, membro do ICCROM de Roma (Itália), esteve em um encontro sobre “Museus, Patrimônio e Turismo Cultural” organizado pelo ICOM, nas cidades de Trujillo, Peru, e La Paz, Bolívia, entre os dias 21 e 27 de maio de 2000. Em sua palestra, intitulada “Conservación, difusión y respeto del patrimonio cultural”, utilizou a literatura como estratégia na formatação de sua apresentação. De maneira *sui generis*, se apresentou como um *objeto*. Era um objeto qualquer, porém, se encontrava dentro do espaço museológico.

Por ser um objeto, e apesar de estar dentro de um museu, Guichen esclarece que ele não deixa de ser frágil. Um objeto de um museu ou um patrimônio cultural a céu aberto tem como característica fundamental a sua fragilidade. As pessoas falam tanto do passado e de tentar conter o avanço do tempo, de destinar o patrimônio para as gerações futuras (já que ele possui esta característica de eternidade), que acabam se esquecendo que o patrimônio é frágil e suscetível de desaparecer repentinamente. Mas a maior parte da agressão ao patrimônio age de forma lenta e contínua.

Quem são os agressores? Neste ponto, é necessário separação entre natureza e humanidade. Na natureza, são agressores os desastres – terremotos, maremotos, inundações, furacões, raios, erupções vulcânicas, incêndios – a umidade, a corrosão, a luz, as temperaturas extremas, os micro-organismos, a vegetação, os roedores etc. Um outro agressor é o homem, com suas guerras, atentados, planos de urbanização, obras públicas, escavações clandestinas e atos de fanatismo, ignorância e vandalismo. Também podem destruir os patrimônios as decisões jurídicas, as más administrações públicas, os arquitetos e seus edifícios deficientemente concebidos. E por ser um objeto dentro de um museu, existem ainda outros agressores, tais como transporte da obra,

edifício mal planejado para sua exposição, manipulação desastrosa, falta de suporte e limpeza, iluminação, conservação e restauração inadequadas, por exemplo.

E continua o objeto a dialogar com o público, invocado por Guichen, dando seu testemunho que o Turismo não é o único agente causador de destruição do patrimônio. Há muitos outros. *De todos los agresores que han jurado mi pérdida, el público y los turistas representan una pequeña porción. No hay que centrarse de golpe obsesivamente en el turismo y decir que es el causante de la desaparición del patrimonio cultural*¹ (GUICHEN, 2000, p. 81).

O objeto continua o seu discurso e diz que ouve falar que os funcionários do museu consideram os turistas consumidores e predadores. É evidente que consomem objetos culturais, mas os funcionários dos museus têm de observar que ao expor um objeto, eles difundem as mensagens que nele depositaram os seus criadores e os seus usuários. E assim devem proceder, atuando no binômio de conservar os objetos para difundir suas mensagens.

E não basta estar o objeto exposto. Ele por si só pouco fará em divulgar a sua mensagem. Necessita que se realize o que se chama na área do Turismo de técnicas interpretativas. Um turista deve chegar no local e ver uma técnica interpretativa que explique para ele qual a importância de aquele objeto estar exposto, o que faz dele um objeto destacado simbolicamente, diferente de qualquer outro similar que se encontre em um outro local. Isto é visível na entrevista de um técnico em telecomunicações de Santa Rosa (RS), quando sentiu alguma dificuldade em imaginar e entender como eram feitos os batismos nas ruínas da igreja em São Miguel: “Eles usavam o batistério [...] eu nem imagino como eles faziam isto...”. Sem técnicas interpretativas, fica muito difícil o

¹ [De todos os agressores que tem jurado a minha perda, o público e os turistas representam uma pequena porção. Não é necessário responsabilizar única e exclusivamente o turismo e dizer que é o causador da desaparecimento do patrimônio cultural].

turista entender o que visitou. Ele precisa ser sensibilizado para poder receber as informações que o atrativo tem a oferecer.

Há funcionários dos museus que só pensam na conservação do objeto. Como observa Mário Jorge Pires (2001, p. 42), “se um museu ou localidade histórica consente que apenas um restrito grupo de especialistas ingressem em seu espaço sacrossanto, que diferença há entre eles e os gabinetes de raridades do período medieval?”. Neste caso, a visitação deve ser limitada ou nula. Mesmo porque já existem objetos com visitação nula, esquecidos nas reservas técnicas ou protegidos no cofre. Mediante autorização, são vistos somente por especialistas. Para o público, sobram as visitas curtas em horários determinados, com objetos dentro da vitrine e, no máximo, o manuseio de cópias fabricadas pelo setor educativo do museu. Chega a ser surreal que em uma exposição de barcos se coloque a placa “Não Mexa”, quando se sabe de antemão que um barco se mexe e foi construído com este estigma. Assim, com a visitação nula, a preservação seria perfeita e o objeto estaria destinado realmente à eternidade.

Mas também existem aqueles que desejam mostrar o objeto para todos, difundindo a mensagem contida nele. Segundo sua vontade, o museu funcionaria 24 horas e estaria aberto para todo tipo de público – sem restrições. Para alguns, os objetos a serem expostos deveriam ser autênticos. E nos objetos com características de manuseio, tais como um pente, por que não permitir a sua fruição pelo público? Não foi para isto que ele foi fabricado?

Existem lugares em que o nível de visitação é zero e sua conservação é perfeita. Pode-se citar como exemplo a caverna francesa de Lascaux, que está fechada ao público e só admite a visita de especialistas. E há lugares que representam o seu pólo oposto, onde o nível de visitação é altíssimo, como as ruínas italianas das cidades de Pompéia e Herculano. Lá se vão mais de dois séculos de passos de turistas apressados: onde todos

podem visitar como e quando quiserem e da maneira como lhes aprouver. E não se deve achar que isto não cause impacto nas ruínas.

Por ser um objeto e figurar dentro de um museu, o dilema “conservação ou difusão” deve se pautar pelo equilíbrio. *A mi, objeto de museo, me gustaría que se encontrase una solución entre estas dos posiciones extremas a fin de garantizar la conservación de los materiales que me dan sustancia y forma, y de difundir al máximo el mensaje de que soy portador* (GUICHEN, 2000, p. 81)².

A presente tese deseja se guiar por este equilíbrio. Ou melhor, tenta-se nos resultados desta pesquisa a pretensão de buscar o equilíbrio entre duas áreas do conhecimento. De um lado, estará o Turismo Cultural, uma atividade vinculada ao capitalismo na fase industrial. O fenômeno turístico surgiu há apenas 200 anos e ainda não está plenamente estabelecido. Muito ao contrário, vive em verdadeira ebulição. Entre muitos avanços e casos de retrocesso, é impressionante o número cada vez maior de pessoas que fazem Turismo, da diversidade de lugares que visitam e dos recursos financeiros³ movimentados em torno desta atividade.

Na outra parte da balança não estará apenas a conservação, mas também se discutirá sobre o mundo da Arte. Segundo Alfredo Bosi (1985), as pessoas geralmente a interpretam como aquilo que é reconhecido simbolicamente com valores clássicos. Geralmente, as obras do Renascimento – de Michelangelo Buonarroti, Leonardo Da

² [Eu, objeto de museu, gostaria que se encontrasse uma solução entre estas duas posições extremas a fim de garantir a conservação dos materiais que me dão substância e forma, e difundir ao máximo a mensagem da qual sou portador]. Esta situação aumenta seu grau de complexidade ao analisar os objetos caracterizados como patrimônio cultural de comunidades vivas, onde o respeito aos herdeiros deve ser levado em consideração especial. E novamente se pede que profissionais da área de Turismo e dos museus encontrem um ponto de equilíbrio que permita compartilhar o desenvolvimento turístico com a conservação do patrimônio, a difusão da mensagem deste passado contido no objeto e o respeito que se deve ter pelos objetos/patrimônio de comunidades humanas vivas.

³ “O Turismo é o setor da economia com maior potencial de crescimento para os próximos anos”. DENCKER, 2000, p. 13. Em 2006, segundo a OMT, o Turismo movimentou mais de 680 bilhões de dólares em receita e o setor é responsável por 8% dos empregos em todo o mundo.

Vinci, Rafael Sânzio – ou, mesmo imprecisamente as de Pablo Picasso. Esta resposta não atende as outras características da arte, como a *objectualidade* (a obra é um ser material) ou o *efeito psicológico* (recepção estética).

O sociólogo Pierre Bourdieu utiliza a idéia de campo⁴ para entender o mundo acadêmico ao qual pertencia e do qual crítico contumaz. Nas instituições de nível superior, cada nicho da academia está condicionado por regras, métodos e *grandes nomes* que disputam espaço dentro do campo o qual pertencem, e também entre os outros campos. Para realizar uma pesquisa que se orienta com informações da área de Turismo e da área de Artes, apesar de ambos pertencerem à mesma Escola de Comunicação e Artes, significa sofrer as duras pressões da área onde está vinculada e da outra onde se busca estabelecer uma relação estreita. Neste sentido, pode-se dizer que a efetivação desta tese foi uma atividade complicada e que enfrentou resistências.

Realizar tal tarefa foi o maior desafio desta pesquisa. Investigar o turista que visita um monumento cultural e buscar saber dele qual a percepção despertada pelo que estava à frente de seus olhos significa atuar no equilíbrio entre a arte e o turismo. Sem menosprezar um em prol do outro. Sem admirar um e desprestigiar o outro. Sem deixar de criticar um e esquecer as imperfeições do outro.

Percebe-se uma consciência crescente sobre as necessidades, comportamentos e expectativas do público visitante de um determinado patrimônio. Mesmo que originada na geração de rendas ou na pressão da disputa de mercado. Nota-se um aumento no reforço do prazer e na busca do esclarecimento para o visitante que pratica o turismo cultural. Porém, antes de se realizar um planejamento específico sobre esta área, faz-se

⁴ Utiliza-se neste trabalho a noção de campo, conforme Pierre Bourdieu, como um “... domínio autônomo que, em dado momento, atinge a independência em uma determinada cultura e produz suas próprias convenções culturais (apud BURKE, 2005, pp 76-7), entendendo o surgimento dos campos do Turismo e da Arte em meados do século XIX.

necessária uma pesquisa de demanda. Uma das premissas básicas deste trabalho é saber o que leva este turista a visitar um distante dos grandes centros urbanos brasileiros, de difícil acesso e de infra-estrutura regular. Quem é este turista? O que o motiva? Pode-se afirmar que a motivação está relacionada ao *status*? Seria a prática do turismo cultural na região missioneira uma fuga do estresse urbano? Seria a história o indutor de uma curiosidade que leva o turista a buscar esta região? Ou seria a arte?

A outra premissa básica é tentar saber como se comporta este turista. O que ele sente? O olho não é o olhar e nenhum olhar é inocente. Qual a percepção deste turista frente ao monumento cultural missioneiro? O que a arte desperta no seu mundo sensível? O que o seu olhar capta? Ele vê despertado o desejo de preservação? Ele observa uma recordação do passado? Uma lembrança da infância? Entra em catarse pela história de um local de sofrimento indígena?

Para investigar estas duas premissas básicas e avançar um pouco mais na discussão sobre turismo cultural na região missioneira, foi que esta pesquisa de doutorado se apropriou da recepção estética como metodologia de análise entre a visitação e a percepção. Estudar o público que visita bens culturais é uma investigação científica antiga, quase sempre utilizando questionários e procurando saber os elementos mais singulares, tais como: origem; idade; sexo; faixa de renda e motivação. Estes dados também foram abordados em 475 questionários preenchidos no sítio de São Miguel e alguns deles foram cruzados com os de outra pesquisa sobre o turismo na região missioneira, realizada cinco anos antes.

O que diferencia esta pesquisa é a parte qualitativa, onde busca-se saber o que pensa o turista não só sobre o turismo, a infra-estrutura ou os aspectos da visitação. Busca-se o seu mundo sensível, o que foi despertado ao entrar em contato com as ruínas

da Redução Jesuítica dos Guarani⁵ de São Miguel. Para que se possa sondar esta dimensão, foram acrescentadas quatro perguntas qualitativas aos 475 questionários preenchidos. Além disto, foram realizadas 35 entrevistas em que se procurou descobrir um pouco mais sobre o sujeito objeto desta investigação. Doravante, chamam-se *entrevistados* os turistas que ficaram mais de uma hora conversando com o pesquisador na pequena sala do IPHAN, em São Miguel. E chamam-se *pesquisados* as 475 pessoas que gastaram entre quinze a vinte minutos do seu tempo, ao final da visita, para preencher o questionário na portaria de entrada do sítio.

Porém, ambos entram em uma categoria maior que se designa como sujeito-receptor. Em alguns momentos chama-se o objeto de estudo somente como receptor. Em outros de leitor, ou leitor-receptor. E, em um momento específico e especial, de sujeito/leitor/receptor. São as pessoas que sentiram o impacto provocado pela arte neste monumento cultural. De forma alguma se chamam contempladores, pois tal denominação oferece um alto grau de passividade perante a obra de arte. Não é o caso. Nesta pesquisa os receptores são o agente ativo do processo da recepção estética.

Todas as evocações foram transcritas das fitas cassetes e dos questionários escritos para planilhas no programa de computador *Microsoft Excel*. Posteriormente, foram divididas em temas, tais como arte, história, admiração pela falta etc. Foi o mesmo método utilizado, sob orientação do Prof. Dr. Armando Silva (Colômbia), para a realização da análise de dados do capítulo “Os Outros”, escrito em 2005, em co-autoria com Mariza Bertoli, para o livro *São Paulo Imaginado* – pesquisa que enfocou os imaginários urbanos na cidade de São Paulo. No caso de São Miguel, os temas que seguem são aqueles que mais apareceram nos questionários e nas entrevistas, afora um ou outro tema sugerido por uma ou outra evocação e que mereceu destaque pelo

⁵ Guarani significa “guerreiro” e faz alusão ao caráter belicoso desta etnia indígena.

pesquisador. Justifica-se o foco dado a estes temas (que pouco apareceram em termos de quantidade) pela qualidade da informação. Na redação final, estas evocações mereceram destaque tanto quanto qualquer outro tema lembrado pela massa de visitantes.

Lacan afirma que a vida se passa em três níveis: o real; o simbólico; e o imaginário. O real é o mundo da natureza, dos instintos e dos desejos irracionais. "O real é impossível", dizia. Para sobreviver e evoluir, o homem sublimou, reprimiu seus instintos e criou o mundo simbólico, da cultura e da civilização. É o mundo em que se vive a maior parte do tempo. "Tudo é símbolo. Serei também um símbolo?" (Fernando Pessoa). Impossível viver todo o tempo simbolizando e representando. É preciso sonhar. Foi através do sonho acordado que os homens, com destaque para os artistas, criaram o mundo imaginário. Os artistas reinterpretaram o mundo. Vive-se a maior parte do tempo no mundo simbólico, racional, prático. Porém, alguns cultivam, de modo especial, o mundo imaginário, analógico, subjetivo, do mistério. Na pesquisa, buscou-se verificar o que simbolizam para o visitante as ruínas da igreja e as obras de arte no Museu das Missões. Caso fosse um trabalho de Psicologia, poder-se-ia afirmar que buscou-se a representação social do monumento cultural. Em algum momento, através das entrevistas, também se alcançou o campo imaginário. Mas não foi esta a intenção e nem sempre uma entrevista diretiva consegue dar conta de tal tarefa.

Após estes esclarecimentos, cabe verificar que, para ser efetivado, este trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata sobre uma breve história das Reduções, tendo como eixo as contribuições dos historiadores Arno Kern (autor que sepulta em definitivo a idéia de Teocracia, Império, República ou Comunismo cristão para o mundo reducional) e Regina Gadelha. Acrescenta-se uma defesa mais enfática da teoria da transculturação, do antropólogo cubano Fernando Ortiz, em contraponto às descrições das teorias de “Tradução” Cultural ou Criolização, apresentadas por Peter

Burke. As ruínas e a cidade de São Miguel merecem destaque especial. Inicialmente, foi um texto escrito para outro trabalho (BATISTA NETO, 2003), que recentemente ganhou um novo aspecto, com inúmeros acréscimos. Foi revisto e reestruturado a partir de outras informações colhidas ao longo da pesquisa, destacando a prática do Turismo em São Miguel. Posteriormente, foi realizado um cruzamento entre as informações colhidas nos questionários e nas entrevistas, que criticavam, elogiavam ou sugeriam mudanças na infra-estrutura turística deste pólo receptivo. Como já existem duas dissertações de mestrado sobre o Turismo na região, muito se aproveitou destas investigações para se realizar comparações com a pesquisa que ali se produziu.

O segundo capítulo enfoca o Museu das Missões e trata-se de um momento muito significativo para o desenvolvimento deste trabalho. Apresentado como uma monografia para um curso de especialização⁶, ele se transformou em um capítulo que em nada se assemelha ao trabalho original. Está com outras características graças às novas contribuições teóricas, históricas e informativas. As análises da arte das imagens missioneiras foram modificadas e alteraram totalmente o sentido do texto. Realizou-se uma comparação entre o trabalho de preservação de imagens do Museu e em outros países que outrora formavam a região das Reduções Jesuíticas dos Guarani. Também foi acrescentada, no seu final, a opinião do público sobre a estrutura e configuração do Museu das Missões.

O terceiro capítulo trata das intervenções realizadas pelo IPHAN no sítio de São Miguel das Missões. Nesta nova visita a um texto que já recebeu considerações favoráveis (BATISTA NETO, 2003), ele foi sintetizado frente a sua versão original. Mereceu atenção a parte mais recentemente atualizada, que trata o quê o público

⁶ Intitulada “*Museu das Missões: simples abrigo de peças?*”, foi realizada como conclusão do curso de Especialização em Museus de Arte, realizado pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, em 2004 – durante o meu primeiro ano de doutoramento.

registrou nos questionários e também nas entrevistas sobre o que sentiram em relação à preservação do monumento. Sem aprofundamentos, também se comparou o trabalho realizado pela preservação brasileira com a realizada na Argentina e no Paraguai. Uma contribuição foi a avaliação da cidade e de seus atrativos, através de itens elencados a partir de metodologias internacionais e nacionais sobre a apreciação de localidades turísticas, enfocando suas condições e sugestões para melhorias. Também foi realizada a aplicação da metodologia da alavancagem múltipla, de Mário Jorge Pires, que calcula em termos matemáticos a potencialidade do atrativo turístico.

O quarto capítulo discorre sobre a Recepção Estética, sua definição, origem e o método elaborado para tal investigação científica. Muito contribuíram os estudos do Prof. Dr. João Frayze-Pereira e, embora este trabalho não esteja centralizado na área da Psicologia, em determinados momentos recorreu-se a ela para poder analisar as informações passadas pelos visitantes. Foi neste capítulo, escrito com dificuldade e sofreguidão, que se realizou a análise dos dados vinculados ao que despertou no visitante o olhar destinado à apreciação deste monumento cultural tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Muitas sugestões dadas pelos visitantes foram aproveitadas na escrita desta investigação e muitas outras foram contribuições que realizei com a intenção de corroborar com a localidade em futuras melhorias. E, como de hábito, um exemplar desta tese estará disponível na sede do IPHAN, em São Miguel. Assim, espera-se apresentar aos interessados nestes temas ou nas questões abordadas os elementos que constituem situações concretas que levaram às considerações finais deste trabalho, e que talvez ofereçam argumentos a alguns debates atuais.

Imagem 01: Cruz missioneira e fachada da igreja da redução de São Miguel Arcanjo

“Um outro agressor é o homem, com suas guerras, atentados, planos de urbanização, obras públicas, escavações clandestinas e atos de fanatismo, ignorância e vandalismo”, p. 03.

CAPÍTULO I: AS REDUÇÕES JESUÍTICAS DOS GUARANI

“Las reducciones guaraní-jesuíticas son probablemente mucho menos que una utopía, pero también son precisamente mucho más que una utopía, precisamente porque no pueden ser reducidas à ella.”

BARTOLOMEU MELIÁ

1. INTRODUÇÃO

Localizados no Brasil, Paraguai e Argentina⁷, os 30 povoados missioneiros⁸ formaram uma sociedade diferenciada na América Hispânica. A maneira como os índios Guarani⁹ foram conduzidos para entrar na estrutura da sociedade colonial foi o fator diferencial desta sociedade. Segundo Hobsbawn (1979), o antigo Paraguai foi a única área da América Latina onde os índios resistiram ao estabelecimento da colonização em grande escala, devido à ação original dos inacianos. Em um processo de longa duração, na expressão braudeliana, os padres estruturaram, durante 150 anos, um sistema de Reduções que serviram para impedir o avanço dos portugueses na região platina ao mesmo tempo em que consolidavam o catolicismo como a religião dos índios. O avanço luso foi contínuo, com acertos, desacertos, encontros e tratados que trouxeram ruína para toda a região que fora, outrora, a mais rica do Prata.

A primeira metade do século XVI foi a época da implantação do modelo reducional, das migrações dos povoados, das guerras contra os mamelucos paulistas e também dos índios que se opunham ao modelo reducional. Este foi o primeiro período missioneiro, que termina com a derrota dos bandeirantes em 1641. O segundo período, época da consolidação dos povoados e do auge civilizatório das Reduções Jesuíticas dos Guarani¹⁰, durou até a expulsão dos padres inacianos em 1768¹¹. Os jesuítas eram

⁷ Segundo GADELHA (1980, p. 46), o Paraguai dos séculos XVI-XVIII abrangia um imenso território, fazendo limites ao norte com a Capitania de São Vicente (atual São Paulo); ao sul com o estuário do Rio da Prata; ao Leste com o Oceano Atlântico, e a Oeste com a atual Província Argentina do Tucumán. A questão que a autora deve ter esquecido é que este território foi modificado ainda no século XVII, com a destruição das reduções jesuíticas no atual Estado do Paraná – antigo Guayrá. Os tratados do século XVIII só vieram ratificar um território ocupado pela colonização portuguesa mais de um século antes.

⁸ Para saber de todas as Reduções fundadas, ver PLA, S/D, pp 146-7.

⁹ As regras da Antropologia observam que, na designação dos nomes de povos, não se registra marca de plural.

¹⁰ Missão ou Redução? Utiliza-se o termo “Redução” por entender que o termo “Missão”, em seu sentido restrito, é o sinônimo de ação, até hoje realizada pelos padres católicos em suas peregrinações pelo mundo. Redução é o povoamento indígena estável, assistido por Jesuítas, como a experiência guaraníca.

selecionados com critérios rígidos e chegavam com grande ímpeto nas Américas, que achavam que apenas com sua vontade poderiam ser capazes de converter para o cristianismo todos os povos que aqui habitavam.

As civilizações envolvidas nas Reduções Jesuíticas dos Guarani não podem ser analisadas apenas pelos documentos jesuíticos existentes nos arquivos espalhados pelo mundo ibérico, já que não se pode correr o risco de realizar uma análise maniqueísta da História. A necessidade do equilíbrio nesta análise levou os historiadores das reduções a buscarem na Antropologia uma outra forma de analisar a presença indígena no modelo reducional. Peter Burke observou que esses historiadores não se concentram apenas na conversão dos indígenas: “Atualmente, cientes

La definición más simple de una Reducción, dada en el Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española, es la siguiente: “Pueblo de indios convertidos al cristianismo” (MCNASPY, 1987, p. 11) (A definição mais simples de uma Redução, dada no Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia Espanhola, é a seguinte: “Povoado de índios convertidos ao cristianismo” – tradução nossa). A origem da palavra Redução vem do latim *reductionis*, “ato ou efeito de reduzir”, significava “reconduzir”, “converter”. “Num primeiro momento, o jesuíta convertia, submetia o guarani à fé católica. Para isto, procurou aldeá-lo, basicamente, com o objetivo de conversão” (QUEVEDO, 1993, p. 100). Além da palavra Redução, será muito empregada a palavra Povoado, ambas no sentido de um espaço apropriado e construído.

¹¹ Esta divisão da história das Reduções Jesuíticas dos Guaraní foi realizada na dissertação de Mestrado (BATISTA NETO, 2003, p. 19).

da persistência da tradição, colocam mais ênfase na mistura consciente ou inconsciente ou na síntese das crenças e valores de duas religiões envolvidas” (2005, p. 39).

Em outra passagem do seu livro *O que é História Cultural?*, o autor analisa que a mais correta maneira de enfocar este momento em que missionários e indígenas se encontram na experiência reducional seria usando a teoria da *tradução*. Os missionários estudavam as sociedades indígenas, aprendiam um pouco da sua cultura e língua, e buscavam apresentar sua religião com um verniz local. “Em outras palavras, acreditavam que era possível traduzir o cristianismo, e tentavam encontrar equivalentes locais para idéias como “salvador”, “trindade”, “mãe de Deus” e assim por diante” (2005, p. 155).

Burke apresenta outra teoria que também vem sendo utilizada para análise destes encontros culturais, chamada de *hibridez cultural*. O autor prefere o termo “tradição”, que recorda as estratégias usadas para dominação dos povos indígenas, do que “hibridação”, termo recuperado da Biologia, que sugere a impressão de um processo tranqüilo e sem rupturas. Burke apresenta uma terceira teoria, chamada de *crioulização*. Este modelo vem da Lingüística e trata da convergência de duas línguas para a criação de uma outra, entre permanências da gramática ou do vocabulário de ambas.

Para o nosso estudo, preferimos utilizar uma teoria não analisada por Burke. Trata-se da *transculturação*. Fernando Ortiz (1881-1969), antropólogo africanista cubano chamou de *transculturação* o encontro entre duas ou mais culturas, quando ocorre um processo em que ambas as partes acabam modificadas. É uma via de mão dupla, na qual emerge uma nova realidade. Assim como em Cuba, a história de toda a América é uma intensa, complexa e incessante *transculturação* de várias massas humanas, todas elas em passo de transição (ORTIZ, 1993, p. 90).

O crítico uruguaio Angel Rama (1926-1983) aplicou tal teoria no campo da Literatura (RAMA, 1982). E abriu espaço para a utilização da teoria da Transculturação no campo das Artes Visuais. Olhando para as Reduções Jesuíticas dos Guarani, porção espanhola ao sul do continente, é possível observar um longo processo de *transculturação*. Percebe-se que ali confluíram os elementos procedentes da iconografia cristã, as representações mitológicas e as próprias experiências da fauna e flora locais para gerar uma resposta artística impregnada de originalidade e surpresa, onde convivem estilizados cavalos-marinhos com lianas selvagens e ícones hieráticos do *Santoral*¹². A utilização acrítica

das ordens arquitetônicas (como ocorre na portada da sacristia da igreja de São Inácio Mini), a incorporação de elementos ornamentais do meio (morcego na portada da igreja de São Cosme e Damião), a integração de soluções ambientais (entrepisos e

Imagem 03: Fachada da igreja de São Inácio Mini , Argentina

câmaras de ar em diversos colégios), conforme nos retrata o arquiteto argentino Ramon Gutiérrez (1987, p. 34), entre outras características, assinalam o fenômeno da simbiose cultural que estas obras expressam e que integram contemporaneamente na denominada transculturação da Arte Americana.

¹² *Santoral* é um livro que contém panegíricos ou vida de santos.

Há divergências entre vários estudiosos com respeito à classificação da arte deste período. Entretanto, entende-se aqui que o estilo de arte manifestado nessa sociedade foi o Barroco Guarani¹³. Quase todas as manifestações artísticas foram realizadas nas oficinas das Reduções (com destaque para a música). Segundo o crítico de arte paraguaio Tício Escobar, a arte visava à evangelização dos catecúmenos e produção de obras para o culto, com o objetivo claro de combater o que era entendido pelo jesuíta como *ócio* (ESCOBAR, 1980). estas obras causam admiração aos visitantes pela expressividade que os indígenas davam às imagens que lhes eram estranhas, com feições européias, semblantes que retratavam dor ou castigo físico.

Todavia, percebem-se traços indígenas muito fortes em tais imagens. Os guarani estimularam colocar, conscientes ou não, certos temas locais em suas obras. *Santa Catarina*, escultura do Museu das Missões, é uma mulher

índigena. A escultura de *São Tiago Matamouros* é outro exemplo¹⁴. O santo aparece avançando com o cavalo sobre um bandeirante paulista e não de um infiel mouro. O mesmo ocorre na imagem do *Arcanjo São Miguel*. Esta escultura, em madeira

Imagem 04: Arcanjo São Miguel

¹³ Com respeito a esta discussão, ver capítulo II.

¹⁴ Encontra-se na Redução de Santiago, no Paraguai.

policromada, representa um São Miguel com traços fisionômicos indígenas¹⁵, usando um cocar de penas e uma couraça de algodão. Mas não está pousando sobre um dragão. A fisionomia, o corte de cabelo, a barba e a vestimenta não nos deixam dúvidas: são típicas de um bandeirante paulista.

No âmbito cultural, neste processo de *transculturação*, o indígena não se transformou em típico europeu. Manteve consigo, durante a vigência do modelo reducional, um sistema modificado conhecido como *cacicado*; a organização familiar em grandes casas; a sua língua; os seus utensílios cerâmicos, ósseos e líticos; os objetos em madeira e fibras vegetais; as relações de solidariedade e reciprocidade; as atividades guerreiras; a caça; a pesca; a coleta de alimentos; e algumas crenças reinterpretadas em sincretismo com a religião cristã.

O indígena apreendeu do mundo europeu, via jesuítas, a escrita; as novas tecnologias (metalurgia, arquitetura, olaria, etc...); a organização política em *cabildos*¹⁶; o respeito à monarquia absoluta; a guarda da fronteira; a pecuária e outras formas de agricultura — especialmente da erva mate —; um comércio restrito; e um novo modo de vida baseado nos preceitos cristãos da época. Segundo Kern (1998) este contato social é um:

... complexo fenômeno de contato cultural e de transferência de tecnologia, de aceitação ou resistência a certos padrões culturais europeus ou permanência de traços típicos da cultura guarani, caracteriza bem a complexidade das relações sociais que se estabeleceram (KERN, 1988, p. 07).

Em relação ao urbanismo, pode-se apontar diversas origens para a tipologia urbana missioneira: as abadias medievais (no conjunto Igreja-Colégio-Cemitério); o solar espanhol como residência para as viúvas (Cotiguaçu); a estrutura geométrica renascentista do conjunto; e, por fim, a noção espacial dos Guarani – interna nas

¹⁵ Encontra-se no Museu João Pedro Nunes, em São Gabriel – RS.

¹⁶ Câmaras municipais.

residências, e externa, manifestada na praça. A idéia da praça é um elemento urbano presente tanto no mundo europeu como no mundo guarani. No caso indígena, ali se realizam as assembléias políticas, os rituais religiosos e as festas da comunidade. Esta arquitetura agrega duas soluções conjugadas: o espaço coberto das galerias, onde ficavam as residências indígenas, e o espaço aberto das ruas e da praça, núcleo vital do povoado, local das cerimônias sagradas e profanas. As habitações constituíam-se em depósitos, pois a maior parte da vida guarani corria ao ar livre, fora da residência. Todos os elementos urbanos (igreja, colégio, cabildo, residências, etc.) estavam em consonância com o mundo rural e a natureza.

Este traçado serviu de modelo para mais de cinquenta povoados e constituía-se na única tipologia urbana alternativa frente à legislação espanhola da época. Além disto, a tipologia urbana destes povoados apresenta uma visão barroca incrustada em seu funcionamento. Segundo Gutiérrez (1987), o Barroco se manifesta na persuasão do núcleo central, com a figuração dos estágios das vidas sacra (na Igreja) e humana (no Colégio), aliada à ausência de vida (no Cemitério). Para o Guarani, isto se constituiu em uma nova concepção espacial, com a separação do mundo profano do sagrado. O local do sagrado passava a ser a igreja, não por acaso, o principal elemento arquitetônico daquela sociedade (CALEFFI, 1990).

As primeiras igrejas foram erguidas de acordo com o sistema construtivo autóctone, sendo simples e quase sem ornamentação. A efetivação da paz externa, após a vitória sobre os bandeirantes em Mbororé (1641), possibilitou melhores condições econômicas aos povoados. O reflexo destas condições se sentiu na igreja, que passaria por constantes modificações, como a utilização de madeira trabalhada em sua construção. Contudo, o sistema construtivo continuava a ser do tipo autóctone. Primeiro

se erguiam uma série de pilastras, como se realizasse o *esqueleto* do edifício; depois fazia-se a cobertura, e então se erguiam as paredes.

Algumas mudanças começaram a serem introduzidas pelo Ir. José Brasanelli, responsável pela construção da igreja de São Inácio Mini (Argentina). Arquiteto erudito, Brasanelli passou a tentar mesclar no sistema construtivo local o uso das pilastras com paredes em pedra (SUSTERSIC, 1999). Se o objetivo era conseguir modificar o sistema construtivo realizado até o primeiro quartel do século XVIII, tal somente se concretiza com a chegada à região missioneira do Irmão Coadjutor Gian Battista Primoli, arquiteto responsável pela construção das igrejas de Trinidad e de São Miguel, cujas fachadas fariam a fama de qualquer cidade européia. As igrejas de Primoli foram projetadas para serem construídas com paredes e pilastras feitas com pedra, fato analisado na dissertação de Mestrado *Os Vestígios de um naufrágio* (BATISTA NETO, 2003).

Apesar da importância geopolítica das Reduções e do poder militar dos índios missionários, a Corte Espanhola buscou a diplomacia para negociar com os portugueses sobre os limites territoriais das duas metrópoles no Cone Sul. O Tratado de Madri, de 1750, estabeleceu novos limites entre as possessões de Portugal e Espanha, determinando a troca da Colônia de Sacramento pela de Sete Povos das Missões, no atual Rio Grande do Sul. O acordo deu início à Guerra Guaranítica. Aliado às duras críticas à atuação da Companhia de Jesus durante o século XVIII na Europa, época do Iluminismo e do Absolutismo (em que os Reis delegavam a autoridade, mas nunca o poder), tal fato permitiu que ocorresse a expulsão dos padres jesuítas da Espanha e de suas colônias por decreto do Rei Carlos III, de 27 de fevereiro de 1767 (KERN, 1990). Na América, a expulsão ocorreu no ano seguinte à expedição do decreto. As mudanças introduzidas na vida dos povos Guarani, depois da expulsão dos jesuítas, alteraram de

tal maneira sua essência que muitos afirmam que as Reduções deixaram de existir. Assim como o guarani missioneiro.

Atualmente, as Reduções que possuíam igrejas majestosas se encontram em ruínas, transformadas em sítios arqueológicos. As degradações deste patrimônio cultural foram provocadas por diversos fatores. Algumas foram destruídas devido às guerras constantes, seja pelos atritos bélicos entre portugueses e espanhóis ou pela afirmação dos Estados Nacionais nascentes. Outras foram abandonadas por seus antigos moradores. A força da natureza, com o avanço da vegetação, a ação das chuvas e a presença de insetos provocaram grandes danificações. A ação humana, através da reutilização das pedras em novas construções, a ação dos caçadores de tesouro, os atos de vandalismo e o descaso das autoridades responsáveis, contribuíram de forma decisiva para a ruína das reduções. Acrescenta-se ainda que o próprio sistema construtivo empregado nestas edificações propiciaria a sua degradação. estas ruínas estão mais isoladas e distantes umas das outras atualmente do que na época da experiência reducional.

Uma vez declaradas Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1983, tais ruínas passaram a ser visitadas por milhares de pessoas anualmente. São Miguel das Missões, do lado brasileiro, ostenta o título e tornou-se uma das ruínas mais imponentes do que já foram um dia as das Reduções Jesuíticas dos Guarani. Neste sítio encontram-se a fachada e a maior parte da igreja do Ir. Primoli – obra vultosa e de destaque dentro da arquitetura missioneira –; resquícios de residências indígenas; do colégio; das oficinas; do *cotiguaçu*; e de outros elementos urbanos e arquitetônicos; além do principal museu público de imagens missionárias, o Museu das Missões.

Imagem 05: São Tiago Matamouros – Redução de Santiago, Paraguai

Na imagem de Santiago Matamouros, “o santo aparece avançando com o cavalo sobre um bandeirante paulista e não de um infiel mouro”, p. 19.

Imagem 06: Plano da Redução de S. Inácio Mini, na Província de Misiones, Argentina

Legenda:

- 2- casas indígenas,
- 3- cabildo,
- 4- cemitério,
- 5- igreja,
- 8- salas de aula,
- 9- restaurante,
- 10- cozinha,
- 11- oficinas/depósitos,
- 14- relógio de sol.

“Em relação ao urbanismo, pode-se apontar diversas origens para a tipologia urbana missioneira: as abadias medievais (no conjunto Igreja-Colégio-Cemitério); o solar espanhol como residência para as viúvas (Cotiguaçu); a estrutura geométrica renascentista do conjunto; e, por fim, a noção espacial dos Guarani – interna nas residências, e externa, manifestada na praça”, p 20.

2. A REDUÇÃO DE SÃO MIGUEL

A redução de São Miguel Arcanjo fica no Planalto Meridional do Estado do Rio Grande do Sul, próxima à fronteira com a Argentina, sendo um município autônomo há poucos anos. Está localizada na bacia do Rio Uruguai, ao norte do Rio Piratini, a 120 km de São Nicolau, 60 km de São Luís Gonzaga e 485 km de Porto Alegre. Sua situação exata é de 28 graus, 32 minutos e 36 segundos de Latitude Sul e 3 graus, um minuto e 33 segundos de Longitude Oeste. A sua área é de 13.834 km² e sua população é de por volta de 7.700 habitantes (dados de 2006). Por estar localizada em uma colina, o vento sempre se faz presente. Seu índice pluviométrico é de 1.500 milímetros, com chuvas bem distribuídas ao longo do ano. A temperatura média anual fica entre 17° e 19 C. A vegetação é herbácea, típica de clima temperado. Devido à boa fertilidade do solo, grande parte da mata nativa foi destruída para o uso da agricultura.

O primeiro jesuíta a entrar em contato com os Guarani que formariam São Miguel foi o Beato Roque Gonzalez. Os índios o receberam bem, escutaram suas prédicas, mas o dispensaram. Beato Roque Gonzalez provavelmente voltaria a esta aldeia, se em outra região do Tape¹⁷ não tivesse sido assassinado por índios contrários à mudança de religião. A criação de São Miguel está vinculada ao primeiro ciclo missioneiro. Foi fundada pelos jesuítas Cristovão de Mendonza e Paulo Benevides, em um lugar chamado Itaiacecó, à margem direita do rio Ibicuí, nas pontas da serra de São Pedro, no ano de 1632. Nesta época, a Redução ficava próxima à vila de São Martinho (atual cidade de Santa Maria), distante da atual cidade de São Miguel. O seu cacique principal se chamava Guaimica e foi o mesmo que dispensara Pe. Gonzalez.

¹⁷ Na divisão do antigo Paraguai, a região do Tape corresponde ao atual Estado do Rio Grande do Sul.

Provavelmente, o avanço dos bandeirantes pela região e a notícia de aldeias arrasadas foi o fato que fez os Guarani daquela região mudarem sua opinião em relação a evangelização. Regina Gadelha, historiadora missioneira e professora da PUC-SP, chama atenção para a falta de opção para o guarani frente aos mecanismos da conquista¹⁸: “Assim, o índio guarani premido e arrasado pelas guerras, aceitaria a cruz temendo a espada, triste resultado, não fosse a fé dos missionários em sua missão” (1980, p. 212). Arno Kern explica que as reduções foram estabelecidas nesta perspectiva, e não como um plano colocado em ação por alguma obra utópica que a precedeu (1982, p. 222).

Os jesuítas se apresentavam como os novos xamãs, condutores de uma vida espiritual em busca da “Terra sem Males”, crença guarani interpretada como o paraíso cristão. O que os diferenciavam dos antigos pajés era a capacidade de poder (nem sempre) curar os índios das novas doenças trazidas pelos próprios europeus e contra os quais os índios não tinham defesa imunológica. Só uma epidemia, em 1634, dizimou 2/3 dos índios reduzidos na região do Itatim – atual Mato Grosso do Sul (GADELHA, 1980, p. 246).

A outra medida adotada pelos jesuítas que modificou a percepção dos guarani em relação a sua presença foi a defesa contra o serviço pessoal¹⁹ e a ação dos portugueses. Segundo Gadelha (1980, p. 211), “ao contrário dos outros curas, porém, tomariam resoluta-mente a defesa da liberdade do índio, opondo-se à opressão do

¹⁸ No caso dos Chiquitos, índios bolivianos, a *encomienda* e a escravidão foram processos tão violentos que as próprias parcialidades, componentes desta etnia, solicitaram uma redução jesuítica - única saída para estes males.

¹⁹ Segundo o historiador brasileiro Ciro Flamarion da Silva Cardoso (1985, p. 40), as chamadas *encomiendas* consistiam “em que, como prêmio do esforço de conquista, a alguns dos conquistadores fossem confiadas (entregues “em encomenda”) comunidades indígenas que ficariam sob responsabilidade em matéria de catequese e defesa; em troca, o *encomendero* poderia exigir-lhes tributos em gêneros e prestações de trabalho”.

serviço pessoal e às costumeiras malocas que espanhóis e portugueses faziam em suas terras”.

Ruggiero Romano, no seu livro *Os Mecanismos da conquista colonial*, se apropria da frase de Pablo Neruda – *La Espada, la cruz y la hambre iban diezmado la familia salvaje* – para explicar o conjunto de elementos que concorreram para o funcionamento da estrutura de conquista da América. A espada representa a luta desigual entre indígenas e europeus. A fome representa as desarticulações sociais ocorridas com as novas formas de trabalho, os deslocamentos, a escravidão e o elemento que mais contribuiu para matança indígena: as doenças. Por fim, a cruz simboliza que foi por meio do cristianismo europeu que se deu a desestruturação do mundo cultural existente nos trópicos, tendo os jesuítas um papel atuante.

Na América, os jesuítas também exploraram a mão-de-obra indígena. De outra maneira, mas exploraram. Pois eram os braços indígenas que realizavam a produção no mundo reducional. E ao tentar inserir as comunidades dos guarani dentro do Sistema Colonial, o historiador gaúcho Arno Kern chamou a esta experiência reducional de utopia, por entender que os jesuítas desejavam introduzir no Antigo Sistema Colonial um modelo que representava os anseios contrários aos seus mecanismos de conquista. Esclarecedor é ver na História que, mesmo sendo o braço armado do Rei e o seu mais fiel súdito, o guarani dos Sete Povos foi expulso das suas terras quando foi assinado o Tratado de Madri.

A mão-de-obra explorada em Itaiacecó compreendia uma aldeia (com uma pequena igreja de pau-a-pique) com 843 índios batizados, sendo 408 adultos e 435 crianças,. Por duas vezes a comunidade lutou contra os bandeirantes, contando com o apoio dos padres. As ameaças obrigaram os Guarani e os jesuítas, no ano de 1637, a abandonar ou transladar tudo que podiam levar para a Redução de Conceição, na

Argentina. Acabaram por se mudar para o lado direito do Rio Uruguai. Em 1642, um vendaval arrasou o povoado, que já contava com mais de 4.000 índios. A reconstrução foi realizada sob orientação do Ir. Domingos de Torres, que ergueu uma nova igreja. Foram tempos difíceis, que pioraram com o vencimento da isenção de impostos sobre a Redução, cobrada dez anos depois da sua fundação. O povoado de São Miguel não podia custear aquela taxa naquele momento, portanto saldava a dívida como podia.

Este tipo de problema começou a ser resolvido em 1649, quando os tributos foram reduzidos em função do serviço militar. A Espanha enfrentava a Guerra da Restauração em Portugal e temia que o conflito se estendesse até as terras de além-mar. São Miguel foi transformada em *Guarnição de Fronteira*. Com oito companhias, as guarnições de fronteiras missioneiras possuíam capitães, tenentes, alferes, sargentos, flecheiros, cavalarianos e arcabuzeiros. Mas os índios só poderiam entrar em operação subordinados ao comando de um oficial espanhol, independente da vontade do cura. Kern aponta que, para os guarani, “o preço pago pela sua vassalagem direta ao monarca e pelo fato de terem escapado à *encomienda* e à escravidão, foi o seu papel de ator político na manutenção da segurança da fronteira externa e das frentes de expansão internas”, (1982, p. 206)

Os Guarani de São Miguel não participaram da primeira incursão armada dos missioneiros na Revolução Comunera em Assunção, no ano de 1649²⁰. A vitória missioneira fez o Rei recuar e promover uma desmobilização geral, em 1661, nas *Guarnições de Fronteira*, com recolhimento de todas as armas. Como explicar esta

²⁰ Os jesuítas, em seu esforço para organizar os índios, negaram aos colonos a exploração do trabalho através da *encomienda*. Uma grande rebelião conhecida como a “Revolta Comunera” explodiu quando o vice-rei de Lima reintegrou um governador pró-jesuíta, que os colonos já haviam deposto antes. As famílias mais prósperas de Assunção (cujas plantações de tabaco e erva-mate competiam diretamente com os jesuítas) organizaram esta revolta, mas quando este movimento atraiu apoio dos camponeses pobres do interior, os ricos a abandonaram e seguidamente solicitaram às autoridades reais a restauração da ordem. Um exército camponês quase captura Assunção e ironicamente foi repellido pelas tropas indígenas provenientes das Reduções Jesuíticas dos Guarani.

mudança de postura? Sem dúvida, comentava-se o perigo de armar os indígenas, mesmo que fossem para ser o braço armado da Coroa. Muito ajudou a pressão dos colonos pelo desarmamento dos Guarani, especialmente os da cidade de Assunção.

A destruição de Vila Rica pelos portugueses, cidade espanhola na região do Guayrá, foi um sinal de alerta de que as defesas fronteiriças espanholas eram ordinárias. A Cédula Real de 29 de novembro de 1679 reorganizou, em regime de urgência, as Guarnições de Fronteira para enfrentar o perigo luso. Os missioneiros receberiam soldos se participassem de algum combate. Contudo, nunca receberam. Kern (1988) afirma que esta situação fronteiriça possibilitou que o Guarani vivenciasse um pequeno espaço de liberdade, em que as atividades guerreiras estavam mais de acordo com a sua tradição indígena do que com a escravidão.

A retransmigração planejada da Redução São Miguel aconteceu em 1687. Ela passou a se localizar no arroio Santa Bárbara, ao norte do rio Piratini, bacia do rio Uruguai. Sua extensão era de 240 km de largura no sentido leste-oeste e 120 km no sentido norte-sul. Era a segunda redução em extensão. Perdia somente para uma outra Redução pecuarista, a da Yapeyu. A posição geográfica de São Miguel era estratégica. Servia como base de defesa de um possível ataque bandeirante. Esta redução prestava assistência às vacarias e às estâncias, naquele momento, assoladas pelos espanhóis. E, por fim, zelava os extensos ervais, explorados até o caule – visando à exportação.

Em 1689 foi introduzida a pecuária na Redução de São Miguel, passando assim a ser sua principal característica econômica. Criavam ovelhas, cabras, porcos e, especialmente, gado bovino. Criavam-se 40.000 bois, vindos da Vacaria do Mar, distribuídos em 28.800 km². Cultivavam algodão (vendido nas cidades de Santa Fé e Buenos Aires), milho, trigo, centeio, arroz, batata, mandioca, fumo, erva-mate, cana-de-açúcar e legumes. Havia cerca de 300 pomares quando da expulsão dos jesuítas.

Existiam, nesta redução, moendas de cana, 24 teares de algodão, uma indústria siderúrgica, curtume, diversas oficinas, olaria, fábrica de beneficiamento de erva-mate e ateliê de construção de instrumentos musicais. Kern (1982, p. 75) recorda que, na análise dos textos jesuítas, quando o mundo material estava no nível do aceitável, o lado espiritual e também o poder político exercido pelo jesuíta não sofriam questionamentos. Sustentar a atividade missionária, embora fosse o objetivo final do modelo reducional, só era possível com uma boa administração da vida material dos indígenas.

Ao fim da década de 1680 para início da década de 1690, São Miguel continuava sendo a mais próspera das Reduções da região do Tape, com 4.195 habitantes. A prosperidade se refletia na malha urbana. A Carta Ânua de 1690, redigida pelo Pe. Salvador Rojas, registra que em São Miguel estava sendo construída uma ampla casa, de seis aposentos para os padres, e 100 novas casas de moradores, todas cobertas com telhas de barro.

Pe. Anton Sepp também retrata o cotidiano de uma redução jesuítica. Sua leitura é obrigatória para qualquer pesquisador das Reduções Jesuíticas dos Guarani. O relato seguinte pertence ao livro, *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*, que fala sobre a criação de uma nova redução, a de São João Batista, com 2.382 índios. “São Miguel era, desde 1697, a maior e mais importante redução das Missões. A igreja velha não bastava para conter a massa da população, tendo sido esta uma das razões apresentadas para o desmembramento do povo” (1972, p. 154).

Em 1700, logo após a separação, os miguelistas empreenderam na construção uma nova igreja, providenciada pelo Ir. Kraus. Entretanto, não foi descoberta documentação que trate deste seu projeto e a sua execução. De qualquer maneira, após oito anos de uso, a igreja nova já havia se transformado em ruínas. As missas passaram a ser celebradas em uma sala improvisada. A nova igreja seria planejada pelo Irmão

Coadjutor Gian Battista Primoli, que chegaria à Redução em 1730. A chegada de Primoli e a construção da igreja de São Miguel já foram analisadas com mais ênfase na já citada dissertação de Mestrado (BATISTA NETO, 2003). Ali se apontou o desejo de eternidade, característica da arte. Ao querer perpetuar-se na memória como grande arquiteto, Primoli realizou uma obra que o enobrecia muito mais se estivesse localizada numa cidade européia e não no interior gaúcho.

Descartando o sistema construtivo autóctone, a igreja de Primoli estava projetada para ser totalmente construída por pedras e com cúpula do mesmo material. Nem a ausência de cal o impediria de realizar seu projeto. Como resolução para este problema, suas obras tiveram as pedras encaixadas engenhosamente umas nas outras. Contudo, em algum momento este projeto foi desprezado e a cobertura foi construída em madeira e telhas de cerâmica.

Os empecilhos enfrentados na construção da nova igreja de São Miguel não tiraram de Primoli a idéia de construir uma igreja de pedra nas Reduções Jesuíticas dos Guarani. Nova oportunidade teve na construção da igreja da redução da Santíssima Trindade del Paraná. O novo método construtivo rompeu com o método tradicional praticado na região. Foi ali que o arquiteto Primoli construiu sua igreja de três naves, com abóbadas e cúpula de pedras encaixadas, sem cal. Pela proximidade temporal das obras e semelhanças nos desenhos, podemos concluir que a igreja de Trindade representa de forma concreta as idéias arquitetônicas do Ir. Primoli que não foram realizadas em São Miguel.

Todos os estudos sobre estas duas igrejas devem ser realizados de forma conjunta, tanto na análise dos projetos, como na realização das obras. Infelizmente, a ausência de desenhos detalhados da igreja de Trindade impede uma comparação mais efetiva entre esta igreja e a de São Miguel. Os desenhos sobre São Miguel - de Cabrer, Demersay e o *Risco de São Miguel* – são bem mais elucidativos que o desenho realizado por um índio guarani no assoalho da igreja de Trindade. Com base nos registros escritos, nos resquícios arquitetônicos e nas interpretações de estudiosos da área, evidenciam-se as seguintes diferenças e semelhanças entre as duas igrejas:

Imagem 07: Desenho da fachada da igreja de Trindade

- o núcleo central se constitui de uma tipologia diferenciada em São Miguel (colégio/igreja/cemitério) em relação a Trindade (cemitério/igreja/colégio);
- ambas possuem três naves;
- a nave central é mais alta e mais larga que as laterais;
- as duas igrejas foram construídas de trás para frente;
- ao contrário do que muitos já escreveram, ambas possuem apenas uma torre;
- na torre de Trindade havia um relógio incrustado, que nunca existiu na torre de São Miguel;
- as torres de ambas ficam do lado do cemitério;
- as paredes e as pilastras internas destas igrejas são de pedra;
- ambas possuíam abóbadas e arcos;
- na construção original não foi utilizada cal;
- as fachadas são baixas e um pouco mais alongadas no sentido horizontal, muito mais em Trindade do que em São Miguel;

- a cobertura em São Miguel foi de madeira e telhas de cerâmica. Um zimbório²¹ foi construído sobre o transepto²². Em Trinidad, a cobertura foi feita de pedra, com uma inovadora cúpula do mesmo material;
- o piso em São Miguel era de ladrilhos cerâmicos e formava desenhos em torno dos maciços das arcadas; em Trinidad era de dois tipos: de ladrilho, disposto de forma diatônica, com formas irregulares. No cruzeiro o piso era de cerâmica vitrificada;
- segundo o inventário de 1768, não se sabe porquê, mas havia poucas imagens em São Miguel, contra 67 em Trinidad;
- havia seis retábulos na igreja de São Miguel e todos eram suntuosos. A Redução era exportadora deste tipo de trabalho.

Como ainda não se realizou um trabalho de arqueologia histórica na igreja de São Miguel, ainda não se sabe se ali existiram as tumbas coletivas e a cripta presentes em Trinidad. O arqueólogo paraguaio José Perasso (1992, p. 86), através do estudo de vestígios da pintura original, descobriu que havia pinturas com motivos fitomorfos estilizados em Trinidad. Não se sabe se este tipo de investigação pode ser feito em São Miguel.

As outras diferenças entre as duas igrejas são provenientes das modificações introduzidas durante as reformas pelas quais passaram. Em São Miguel, em 1789 (tempos depois da expulsão dos padres jesuítas), um incêndio provocado por um raio destruiu parte da sacristia e da capela-mor. A igreja foi encurtada e teve parte das pilastras e arcos refeitos em tijolos. Com a descoberta da cal na região, foi possível incrustar algumas pedras com o material na igreja reformada. Infelizmente, Rafael Azcurra, responsável pela obra, não era um arquiteto erudito da estirpe de Grimau, Brassaneli ou Primoli, mas um técnico sem muita experiência.

²¹ Nome dado à cúpula, em geral circular ou octogonal, das igrejas de grande dimensão.

²² O transepto é a parte de um edifício de uma ou mais naves que atravessa perpendicularmente o seu corpo principal perto do coro e dá ao edifício a sua planta em cruz. O cruzeiro é a área de intersecção dos dois eixos.

Do lado de Trinidad, a ornamentação é muito mais rica em detalhes nos frisos, no púlpito, nos nichos e nas portadas do que em São Miguel. Tal ornamentação é obra dos talhadores daquela redução durante a reforma da igreja (na década de 1760, ainda sob controle jesuítico). Há de se reconhecer a qualidade da mão-de-obra guarani. Neste caso específico, a especialização dos trabalhadores de Trinidad em realizar talhas em pedra era tamanha, pois, eram recrutados para realizar este tipo de trabalho em outras Reduções. Na restauração da igreja de Trinidad, as obras foram realizadas/supervisionadas pelo Pe. Pedro Pablo Danesi, tempos depois da morte do Ir. Primoli. Pe. Danesi foi reconhecido pelos seus pares como um artista e excelente talhador. O que ocorreu em Trinidad foi o encontro entre um excelente mestre e uma mão-de-obra qualificada.

Neste momento, se assinalaram os outros componentes urbanos do povoado de S. Miguel.

36

Como toda redução jesuítica, São Miguel possuía uma grande igreja, uma praça central, residências dos índios em quadras separadas (assemelhando-se a barracões), cotiguaçu (casa das viúvas), colégio, cemitério, cabildo, capelas e a quinta. Uma descrição destes elementos, naquela época, pode ser encontrada nos relatos do Gen. Gomes Freire de Andrade, chefe das tropas luso-espanholas que invadiram São Miguel em 1756:

Imediata ao lado direito da Capela-mór chegava-se à sacristia, daí seguiam-se os cubículos dos padres, que eram muitos e cômodos; pegava logo um lanço de quartos, que olhavam para um grande pátio, com alpendrada em roda, destinados à escola de ler, de escrever, música vocal e instrumental, dele se comunicava para outro semelhante, formado de várias casas, em uma das quais trabalhavam vinte e quatro teares, e as outras eram oficinas de ourives, entalhadores, pintores, uma grande ferraria, muitos armazéns, e uma casa-forte, que servia de prisão, tudo com admirável ordem; uma espaçosa varanda; sustentada sobre colunas de pedra lavrada de vinte e cinco palmos de alto, olhava para uma horta murada de pedra e barro, com ruas alinhadas e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, pessegueiros e outras muitas árvores e arbustos, tanto indígenas, como

exóticos. Contíguo ficava um recolhimento de viúvas e donzelas, com um só portão e um pátio no meio (apud RABUSKE, 1985, p. 45).

Interessante notar que a cobertura da igreja motivou discussões sobre a possibilidade de construção de uma cúpula. Para esta construção, dever-se-ia mudar o sistema construtivo de estrutura autônoma de madeira para o de parede de pedra. Porém, como bem lembra LEAL (1994, p. 74), na construção do colégio, manteve-se a estrutura de madeira com vedação de alvenaria. Isto significa que as controvérsias sobre o sistema construtivo não atravessavam a porta da sacristia.

O colégio possuía dois pátios, que mediam 66,30 m por 63,50 m. Localizavam-se do lado esquerdo da igreja. Pelos vestígios encontrados atualmente, presumimos que se tratavam de uma edificação térrea. Um dos claustros apresentava quatorze pilastras em cada uma das faces. Nele se encontrava a residência dos padres (com aposentos amplos e confortáveis), o refeitório, e outros elementos. Os alpendres ao redor do edifício mediam 2,5 metros de distância da parede até a pilastra. Existiam três vias de acesso: pela porta lateral da igreja; pelo pórtico na praça; e pela entrada que dava na quinta (cf. MAYERHOFER, 1947, p. 120).

A quinta era toda murada de pedra e ficava no fundo do núcleo central, medindo 264 m por 70,4 m. Era a única área de horticultura incorporada ao traçado urbano²³. Segundo o relato do Pe. Sepp (1972), neste lugar eram plantadas inúmeras espécies de árvores frutíferas, vinhedo, hortalças, ervas e flores. Muitas destas espécies eram trazidas da Europa pelos próprios jesuítas. Outras eram nativas e foram incorporadas pelos inacianos.

Todas as ruas da Redução de São Miguel mediam 12 m de largura. Cinco delas mediram 315 m de comprimento e as outras seis existentes, quando da chegada das

²³ Já foi destacado na dissertação de Mestrado (BATISTA NETO, 2003), que a maior parte da vida cotidiana ocorria na área rural.

tropas luso-espanholas, mediam 390 m. Na época da construção da guarita de acesso do sítio, em 1987, foi realizada uma escavação arqueológica que revelou vários artefatos indígenas anteriores à época reducional. Tal fato veio comprovar que a rua não era apenas um local de passagem, mas também de vivência cultural.

A pesquisa para a dissertação de Mestrado (BATISTA NETO, 2003) verificou que estes artefatos anteriores à época reducional também existiram na redução da Santíssima Trindade, no atual Paraguai. Talvez seja possível, conforme avancem as pesquisas arqueológicas, levantar como hipótese que tais artefatos eram comuns em todas as Reduções, o que evidenciaria que em seu mundo doméstico o índio guarani continuava apegado a seus utensílios habituais. Se havia luxo e toda sorte de riqueza e ostentação, eles se limitavam ao novo local do sagrado: a igreja missioneira²⁴. “A transformação cultural à qual estavam sendo submetidos os guaranis, sendo dirigidos para a órbita cristã, plasmava-se na suntuosidade de algumas igrejas” (BARCELOS, 2000, p. 174).

Como era comum nas Reduções, a praça de São Miguel se localizava no centro do povoado. Media 120 m por 95 m, uma área um pouco maior que dez mil metros quadrados. Em cada canto da praça existia uma cruz comum. A chamada cruz missioneira, de duas hastes, localizava-se apenas na entrada do povoado. Há indícios de

²⁴ “A dessacralização do mundo guarani traz consigo o cosmo repartido: espaço sagrado e espaço profano. E nesse espaço sagrado os jesuítas agiram, com algumas estratégias, no sentido de aumentar o prestígio e o respeito pelo edifício. Aproveitando a existência da admiração e do culto aos mortos dentro da sociedade guarani, enterraram dentro da igreja, além dos padres, os caciques e os membros mais ativos da comunidade. E proporcionaram um destaque maior para sua construção, transformando-a num local ricamente decorado. “A transformação cultural à qual estavam sendo submetidos os guaranis, sendo estes dirigidos para a órbita cristã, plasmava-se na suntuosidade de algumas igrejas” (BARCELOS, 2000, p. 174).

Portanto, não é por mero acaso que a igreja era a principal construção do povoado missioneiro. Cada redução tinha apenas uma, mas grande o suficiente para conter todos os habitantes do povoado. As primeiras, logicamente, não eram tão grandes. Construída como se erguia o *Og Guasu* guarani, a igreja era simples e sem ornamentação. Numa segunda fase, erguida no sistema chamado de guaranítico-criollo, era toda em madeira. O sistema construtivo privilegiava a implantação de grossas colunas de madeira, a construção do teto, para depois realizar as paredes. Num outro momento, a base e as paredes passaram a ser de pedra. E foram as construções em pedra que legaram para a posteridade a arquitetura missioneira, apesar de somente uma (Trindade) ter sido construída inteiramente deste material” (BATISTA NETO, pp. 102-3).

que em uma das extremidades da praça deveria se situar o *cabildo*. Do outro lado da igreja, de frente para a praça, existiam duas capelas.

O cemitério da Redução de São Miguel media 52,8 m por 44 m e localizava-se do lado direito da igreja. Era protegido por muros e internamente se observam ruas no formato de uma cruz. Ao longo destas eram plantadas fileiras de árvores frutíferas. O cemitério se dividia em quatro setores com determinações diferentes: homens; mulheres; meninos; e meninas.

A casa das viúvas e dos órfãos era chamada de *Cotiguaçu* pelos indígenas. Era uma edificação retangular, com pátio interno e se assemelhava a uma casa típica espanhola, com pátio central. Em São Miguel, ela estava localizada à direita do cemitério; separada pela declividade do terreno, ficava mais baixa que o nível das outras construções.

Não há certeza de quantas habitações havia em São Miguel. Sabe-se apenas que as quadras possuíam entre 40 m e 50 m de comprimento e 12 m de largura. Mayerhofer (1947, p. 20) calcula que existiram 100 quadras, número que corresponderia a 1.214 famílias. Mas este número não é totalmente confiável. Somente com escavações arqueológicas será possível obter respostas para a questão e também para tantas outras.

Um dos mistérios ainda existentes em São Miguel é o abastecimento de água. Como lembrou Mayerhofer (1947, p. 67), “não encontramos nenhum indício de como o Povo de São Miguel se abastecia de água potável”. É provável que a água fosse proveniente da chamada *Fonte Missioneira*. Esta foi encontrada em 1981 por operários da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo que instalavam um *camping* no local. A fonte fica a cerca de mil metros das ruínas da Redução. É espantoso o fato dela não estar totalmente destruída, pois os funcionários usaram a pá carregadeira como método de

escavação arqueológica. O resultado foi a destruição da face de um dos anjinhos. Após a descoberta da fonte, vieram os caçadores de tesouro. Um após outro, levantavam as pedras e cavavam em busca do tesouro dos jesuítas, que nunca existiu. Em 1993, a *Fonte Missioneira* foi restaurada por técnicos do IPHAN.

Imagem: 08: Anjo pianista no friso da igreja de Trinidad, Paraguai

“O que ocorreu em Trinidad foi o encontro entre um excelente mestre e uma mão-de-obra qualificada”, p. 36.

Imagens 09/10: Igreja de São Miguel a partir das ruínas do colégio – atual e virtual

Imagem 11: Ornamentação no capitel

Imagem 12: Fonte missioneira

“Após a descoberta da fonte, vieram os caçadores de tesouro. Um após outro, levantavam as pedras e cavavam em busca do tesouro dos jesuítas, que nunca existiu. Em 1993, a *Fonte Missioneira* foi restaurada por técnicos do IPHAN”, p 40.

3. TRATADO DE MADRI E AS GUERRAS GUARANÍTICAS

O Tratado de Madri, realizado entre as coroas ibéricas em 1750, não decretou apenas a troca da Colônia de Sacramento pela de Sete Povos das Missões. Também marca o início do processo histórico de decadência das Reduções Jesuíticas dos Guarani, de São Miguel inclusive. Neste sentido, as Guerras Guaraníticas realizadas pelos indígenas foram uma tentativa de evitar o colapso de um modelo, que não conseguiu resistir à marcha das tropas luso-espanholas, comandadas pelo Gen. Gomes Freire de Andrade. A resistência armada iniciava a derrota do modelo reducional e a efetivação do Tratado.

A morte de Sepé Tiaraju, principal líder dos Guarani revoltados, em 07 de fevereiro de 1756, marcou a história daquela região. Hoje, sua morte é muito mais lembrada pelo mito do guerreiro que não se entrega, possível autor da frase *esta terra tem dono*, símbolo de um espírito nativista gaúcho, que ele, Tiaraju, nunca foi.

Revoltados pela morte do líder e percebendo a aproximação das tropas inimigas, os miguelistas abandonaram o povoado. Não sem antes incendiar o colégio dos padres. O fogo alcançou a sacristia, mas não chegou a afetar toda a igreja. As tropas luso-espanholas chegaram a tempo de evitar a propagação da catástrofe. Original é a versão do Pe. Rabuske para explicar o fato: incentivadas por informações que davam conta da existência do ouro dos jesuítas embaixo do altar principal, tropas de granadeiros guardaram dia e noite a igreja até que Gomes Freire de Andrade, chefe da expedição militar, tivesse a certeza de que fora enganado (1985, p. 36). A lenda do ouro dos jesuítas, que custou tanto ao monumento, um dia também serviu para a sua proteção.

Dois desenhos feitos por portugueses retrataram a redução de São Miguel de forma elucidativa. O primeiro é o anônimo *Risco de São Miguel*, cuja realização se deve

à presença do exército português na região durante as Guerras Guaraníticas, no ano de 1756. No *Risco* fica clara a grandiosidade da igreja projetada por Primoli. Em relação aos outros elementos urbanos, percebemos a existência de três capelas: a de Santa Bárbara e a do Bom Jesus, na entrada da praça, e a de Santa Tecla – próxima aos fornos. Há uma construção que parece um relógio solar localizada no centro do 1º pátio. Pode-se notar também as modificações introduzidas pelos portugueses na Redução, que desconfiguram o conjunto: simétrico ao Cotiguaçu, existe o que parece ser uma cozinha e um quartel para a tropa; fora do povoado, outra grande construção não identificada e, ao lado desta existem senzalas (escravos negros participavam das tropas portuguesas), conforme Gutiérrez (1994, p. 27).

O segundo é o desenho de Joseph Maria Cabrer. Descoberto por Ramón Gutiérrez, nos arquivos do Itamaraty, neste desenho aparece, nitidamente, a grandiosidade da fachada, apenas uma torre, o zimbório, sete estátuas barrocas, balaústres torneados e o pórtico. Pela forma que se apresentava no desenho de Cabrer, a igreja aparenta estar muito bem cuidada (GUTIÉRREZ, 1994, p. 27).

O Tratado de Santo Ildefonso anulou o Tratado de Madri, em 1761. Pelas novas regras, os moradores de São Miguel poderiam retornar para os seus antigos lares e reiniciar a reconstrução do povoado. Foi desta época que ocorreu a construção da cúpula de ladrilho e cal da sacristia da igreja. Foi necessário que os padres reformassem o colégio, destruído no incêndio de 1756. Durante o período de retorno, entre 1762 e 1768, data da expulsão dos jesuítas das terras espanholas, não foi possível recuperar o estrago feito pelas Guerras Guaraníticas. Muitos indígenas não retornaram para a redução.

Imagem 13: Desenho da fachada da igreja de São Miguel, por Cabrer

“ (...) neste desenho aparece, nitidamente, a grandiosidade da fachada, apenas uma torre, o zimbório, sete estátuas barrocas, balaústres torneados e o pórtico”, p. 44.

Imagem 14: Risco de São Miguel [na outra página]

4. SÃO MIGUEL EM DECADÊNCIA

Após a expulsão dos jesuítas em 1768, a Redução de São Miguel passou a ser administrada por funcionários espanhóis, e novos eclesiásticos foram trabalhar na redução. Esta nova configuração administrativa, que separava o poder temporal do poder espiritual, não foi bem aceita pela comunidade. De fato, há uma carta que solicita o retorno dos jesuítas e serve para ilustrar nova realidade. A carta é muito citada por alguns estudiosos e tem dado margem a diferentes interpretações. Alguns, no afã de defender o modelo jesuítico implantado na América, usam-na como prova definitiva do amor que os indígenas tinham por seus padres e pela experiência reducional. Trata-se de um exagero.

A mesma separação do poder temporal do poder espiritual ocorreu durante a Guerra Guaranítica; contudo, o poder temporal ficou nas mãos dos caciques Guarani. Eles desrespeitaram o modelo implantado e já não obedeciam mais o cura. Tal fato serve como prova da falta de amor dos índios guarani missioneiros pelos padres jesuítas e a vivência reducional?

São dois momentos distintos. Entende-se aqui que a separação do poder temporal do poder espiritual, durante as Guerras Guaraníticas, surgiu da desconfiança dos Guarani ao acreditar que os jesuítas estavam do lado luso-espanhol no conflito. No segundo caso, em que houve a separação do poder temporal do poder espiritual, a rapina dos funcionários espanhóis e a falta de traquejo, de experiência e de conhecimento dos costumes do povo guarani por parte dos novos eclesiásticos teria criado uma situação insustentável. Daí o apelo contido na carta que pede a volta dos padres jesuítas.

Em São Miguel, a situação sócio-econômica era desanimadora. Mas não gritante como nas outras Reduções. O fato de a pecuária ter sido a principal fonte de renda de

São Miguel amenizou a crise geral pela qual passaram todas as outras cidades dos guarani missioneiros. Fica explícita a importância econômica deste povoado quando da reconstrução da igreja de Primoli. No dia 21 de abril de 1789, caiu um raio sobre a igreja. O incêndio foi devastador, transformando em cinzas o telhado, retábulos e portas. Quatro anos depois, o administrador Bartolomé Coronil e o cacique Pascual Arequati conseguiram, junto com o governo em Buenos Aires, contratar um mestre-de-obras (Rafael Azcurra). Também conseguiram adquirir ferramentas e materiais, dentre os quais 180.000 kg de cal, para reconstruírem a igreja. O Governador Zavala justificou o auxílio numa carta em que esclarece que *el pueblo tiene ganado suficiente*²⁵ para arcar com estes subsídios (apud GUTIÉRREZ, 1982, p. 77).

Tantas foram as dificuldades passadas com a anarquia generalizada da dominação espanhola pós-jesuíta, que os índios habitantes da região dos Sete Povos apoiaram a invasão dos portugueses, outrora eternos inimigos. Em 1801, poucos soldados tomaram em definitivo a região, e São Miguel passou a ser administrada por militares lusos. Os Guarani rapidamente perceberam que não havia muita diferença entre a administração dos portugueses e a dos espanhóis. Ávidos pela riqueza fácil, os lusos dilapidaram o que havia sobrado da rapina espanhola. O gado foi roubado e as alfaías²⁶ mais preciosas dos povoados sumiram. O saque luso fica claro nesta passagem retirada do livro de Saint-Hilaire (1974, p. 47), viajante francês que esteve em São Miguel no ano de 1821, quando algumas reformas estavam sendo realizadas no povoado:

São Miguel é a primeira aldeia onde vejo realizar algumas reparações. Se desde o início tivessem cuidado disso, sempre que fosse necessário, em todas elas, as aldeias não estariam em quase total destruição, mas numa região onde não são reparados os próprios edifícios públicos não se pode esperar que os administradores, cujo principal interesse é o lucro, cuidem em

²⁵ (... o povoado possui gado suficiente).

²⁶ Objeto utilizado como adorno, enfeite.

fazer consertos em imóveis que lhes não pertencem e que pouco lucro lhes dão²⁷.

Os administradores empreendiam restaurações pelo pragmatismo, mas não dispunham nem de verbas, nem de técnica para realizar algo significativo. A regra geral foi a busca pelo lucro excessivo e rápido. Este foi um fator determinante para a decadência do povoado economicamente mais poderoso da antiga região do Tape (atual Rio Grande do Sul). Ao contrário de outras frentes de ocupação ibérica, os guarani não foram extintos. Absorvidos pela sociedade colonial, especialmente para os guarani que sabiam realizar um trabalho especializado, a saída do mundo reducional era o caminho a ser seguido. A percepção desta decadência histórica se observa através do panorama demográfico do povoado (HANSEL, 1988, p. 38):

Ano	Famílias	Habitantes
1711	673	3.254
1715	697	2.823
1719	835	3.441
1724	890	3.972
1729	993	4.710
1732	1.214	4.859
1735	940	4.073
1740	1.122	4.740
1745	1.314	6.675
1749	1.335	6.695
1753	1.472	6.229
1757	444	2.972
1761	----- ²⁸	3.164
1762	1.020	4.038
1768	786	3.556
1784	493	1.973
1794	585	2.334
1801	500	1.900
1812	-----	1.829
1814	176	706
1822	150	600
1827	68	271
1834	-----	111

Tabela 01: Habitantes de São Miguel das Missões (1711-1734).

²⁷ Grifos nossos.

²⁸ Indicação de ausência de dados.

Gráfico 01: Habitantes de São Miguel das Missões (1711-1734)

Os 271 habitantes apontados em junho de 1827 eram discriminados da seguinte maneira pelo Cel. Manuel da Silva Pereira Lago: homens úteis, 16; menores, 28; inválidos, 39; mulheres úteis, 58; menores, 38; e inválidas 92. No mesmo relato, os edifícios mencionados são 01 capela, 03 colégios, 08 quadras, 01 curral, 01 casa de roça, 01 casa de tear, 01 hospital, 01 quintal, 02 pomares e 01 cemitério. Em seu relato, Pereira Lago lamenta o estado a que chegou a redução (HANSEL, 1988, p. 38). Já não havia mais o quê relatar sobre a igreja. Ela estava destruída.

Com apoio de alguns brasileiros (que ganhariam parte do assalto), o financiamento de políticos uruguaios (sócios nesta incursão armada) e, prometendo aos índios uma vida melhor do outro lado do Rio Uruguai, o general uruaio Frutuoso Rivera invade e saqueia a região missioneira no Rio Grande do Sul, em 21 de abril de 1828. Foram mais de 60 carretas de peças valiosas, segundo o Cônego Gay, um dos historiadores da região²⁹. Afora as manufaturas, os alimentos e o gado. Tudo que tivesse

²⁹ Há quem discorde desta versão e aponte Rivera como um amigo dos índios Guarani, solicitado por eles para intervir na situação caótica que vivenciavam. Esta é uma questão a ser aprofundada em uma futura pesquisa nas fontes uruguaias sobre as Reduções. Interessante notar como os movimentos de afirmação

valor e pudesse ser carregado foi levado para o outro lado do rio. Rivera promove um saque avassalador, durando até o mês de dezembro. Despovoou-se de vez a região dos Sete Povos. Era mais um capítulo melancólico na história do índio missioneiro. Aqueles que seguiram Rivera, não viram suas promessas cumpridas. Três anos depois de sua instalação no Uruguai, os índios foram perseguidos. Morreram inúmeros na região de Salsípuedes. E os 300 que sobraram foram distribuídos como escravos na região.

Imagem 15: Desenho do viajante francês Demersay

“Já não havia mais o quê relatar sobre a igreja. Ela estava destruída”, p. 50.

dos Estados Nacionais se apoderaram da história das Reduções e realizaram uma tábula rasa do passado, criando heróis e até mesmo enfatizando fatos fictícios na busca da ratificação do nacionalismo nascente.

5. A CIDADE DE SÃO MIGUEL

A câmara da cidade de Cruz Alta anexou os povoados de São João, São Miguel e São Lourenço em 1850, e usou materiais das Reduções na construção de sua matriz. Também utilizou alguns altares e imagens missioneiras que sobraram do saque. Pouquíssimos habitantes ainda insistiam em viver nestas ruínas em meados do século XIX. O quadro era desolador, a igreja se tornou local de moradia de morcegos e de três ou quatro famílias Guarani paupérrimas que ali habitavam. As edificações estavam em péssimas condições de conservação, com colunas tortas que ameaçavam desabar a qualquer instante. Havia mato por todos os lados, dentro e fora da igreja.

Os viajantes deixaram registradas notícias que mostram como as vigorosas Reduções Jesuíticas dos Guarani, situadas em solo rio-grandense, se transformaram nas atuais ruínas. Em 1855, o viajante francês Martin de Moussy não registrou a presença de ninguém nas ruínas de São Miguel. Hemetério J. V. Silveira, pernambucano, esteve em São Miguel em 1858 e, como os demais viajantes, descreveu com lamento a situação de abandono do povoado que contabilizava 111 pessoas. Segundo Silveira, a igreja ainda parecia a mesma da época do desenho de Demersay, feito em 1849.

Iludidos pela esperança de uma fortuna fácil, inúmeras pessoas cavaram buracos dentro e fora do núcleo urbano de São Miguel, em busca de riquezas em ouro que nunca existiram. Sobre estas escavações clandestinas, Ave-Lallemant descreveu uma cena que viu na cidade, em uma sexta-feira santa, 02 de abril de 1858:

A princípio, nenhum vestígio humano se via. Mas pouco depois descobri duas figuras estranhas: uma índia velha, que habitava um resto das ruínas e um português velho, de cabelos grisalhos, mas bem educado, que desde algumas semanas se encontrava entre as ruínas para desenterrar os “tesouros ocultos dos jesuítas”. Já fizeram grandes escavações, soergueram pedras, rolaram colunas, sempre na expectativa febril de tesouros, sempre em amargas decepções. Assim cava e cava o velho, que com a nossa chegada ficou visivelmente com medo de que também quiséssemos cavar tesouros, e nada mais cava do que a própria sepultura. Talvez acabe rolando para uma

catacumba oculta, para lá morrer de fome, mas sempre na convicção de que acharia o ouro dos jesuítas, se não se precipitaria na catacumba – horrível imagem da cobiça humana numa sexta-feira da Semana Santa! (AVE-LALLEMANT, 1980, p. 239).

O cônego Jean Pierre Gay, pároco de São Borja, entre 1850 e 1875, registrou que, se excluíssem “... o frontispício do templo e alguns pedaços de paredes, nada mais sobra atualmente do dito povo” e que “a torre, bem que inclinada, ela se acha ainda em pé” (1863, pp. 495-6). Além da ação humana, outro fator atuante na destruição das ruínas missioneiras foi a vegetação. Ave-Lallemant (1980, pp. 236-7) comparou as ruínas da igreja de São Miguel com um jardim:

(...) no chão da casa de Deus viçava um pequeno bosque, através do qual havia veredas de arco a arco, de pilar a pilar. A torre estava rachada e as colunas e pilastras angulares estão cobertas de fetos [*sic*], no solo, ao passo que sobre as cornijas, nas fendas das pedras e nas volutas crescem viçosamente, cactos gigantescos, uma floresta de criptógamos e até árvores.

Em 1863, quando a antiga redução de Santo Ângelo foi elevada à categoria de vila e se separou da jurisdição da cidade de Cruz Alta, São Miguel passou a fazer parte daquele território como 3º distrito. Foi no ano de 1926 que se iniciou a promoção do crescimento do distrito, com a delimitação do perímetro urbano, a legalização e a venda de terrenos e chácaras. A área foi dividida em 58 quadras com 10.000 m², em média, e 96 chácaras com 17.000 m². Visionários, os organizadores do loteamento preservaram a área em torno da redução (3,7% de área no perímetro urbano). Há que se comemorar o fato de este loteamento ter fracassado quase que em sua totalidade. Em caso de sucesso, hoje existiriam menos vestígios para testemunhar a história da Redução de São Miguel.

Os poucos habitantes do loteamento e alguns moradores dos municípios e distritos vizinhos buscavam pedras nas ruínas para alicerçar novas construções. Fato que ocorreu também em Trinidad, São Inácio Mini e entre tantas outras Reduções. A história destas ruínas parece ser muito mais semelhante do que imaginamos. A venda das pedras das Reduções localizadas no Rio Grande do Sul foi uma prática comum e

oficial. Está registrada até nas Leis Orçamentárias do Município de Santo Ângelo, no artigo 19, DIVERSOS, § 12. Entre 1921 e 1932, os prefeitos da cidade de Santo Ângelo vendiam as pedras retiradas das ruínas das Reduções de São João Batista e São Miguel.

De fato, não é surpresa para ninguém em Santo Ângelo, como nos demais remanescentes dos Sete Povos, que ao demolir prédios antigos se encontrem os alicerces de pura pedra grés, algumas trabalhadas. Ou então, são comuns fustes, bases, capitéis e cimbalhas, encontradas ainda nos pátios das casas. Mais ainda, conheci recentemente uma casa, de grandes dimensões, toda de pedra grés, algumas com labores. Situa-se no interior do município. Lá encontrei no pátio um belíssimo capitel ornado com flores e folhas trabalhadas na própria pedra. O capitel possuía um pequeno orifício onde serviam água para as galinhas. Quis trazê-la comigo, mas a esposa do proprietário não permitiu. Como esta casa, outras há que detêm relíquias da arquitetura do Povo de São Miguel ou de São João (SIMON, 1993, p. 54).

Em 1944, ocorreu a elevação de São Miguel da categoria de Freguesia para Vila. Seu nome passou a ser Vila de São Miguel das Missões. Este foi um passo decisivo rumo à emancipação política. Tal emancipação parecia evidente quando foram realizadas as *Diretrizes para o desenvolvimento físico de São Miguel das Missões*, em 1979.

Elaboradas em 1979, as *Diretrizes* visavam fornecer as instruções básicas para o desenvolvimento físico da então Vila de São Miguel das Missões, o trabalho foi realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através de diversos órgãos. Trata-se de um planejamento estratégico que já previa o desenvolvimento urbano provocado por incentivos na área de Turismo. E o objetivo era: *preservar o patrimônio cultural das ruínas de São Miguel e das áreas adjacentes dentro de uma perspectiva histórica e com condições de perenidade, promovendo sua integração junto à população local, a fim de possibilitar seu melhor desenvolvimento* (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1979, p. 69).

Através da lei 80.584, no dia 29 de abril de 1988 foi criado o município de São Miguel das Missões, com uma área total de 1.391 km². Ali se localiza o Patrimônio Cultural da Humanidade de nº 63, tombado pela UNESCO: as ruínas da Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo. O IPHAN é o órgão responsável pela

administração do principal museu de arte missioneira – o Museu das Missões – e da consolidação, preservação e valorização das ruínas da igreja do Ir. Primoli e dos resquícios do antigo povoado de São Miguel Arcanjo. Além de todos os outros patrimônios observados por este escritório regional, tais como as ruínas de São Lourenço, São Nicolau e São João Batista, por exemplo.

Imagem 16: Vista aérea da cidade de São Miguel das Missões

“Através da lei 80.584, no dia 29 de abril de 1988 foi criado o município de São Miguel das Missões, com uma área total de 1.391 km². Ali se localiza o Patrimônio Cultural da Humanidade de nº 63, tombado pela UNESCO: as ruínas da Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo”, p. 504.

6. TURISMO NA REGIÃO MISSIONEIRA

Como os visitantes chegam a este sítio histórico-arqueológico? Quais os motivos? Seria devido à propaganda turística? Por razões místicas? Devido ao passado indígena? Devido à história dos jesuítas? Por causa do espírito gauchesco? Enfim, quais são os envolvimento que os movem para realizar esta visita? Será que os turistas percebem que se trata de um Patrimônio da Humanidade? Sabem o que isto significa?

Dois trabalhos de pós-graduação realizados sobre o turismo na região missioneira serão de grande valia para estruturar este subcapítulo. Um trabalho de dissertação foi realizado em 2000, no curso de Administração da PUC/RS, por Nery Alberto Dominguez Franco. O autor abordou especificamente o turista e o seu trabalho se chama *Potencialização das Ruínas Jesuíticas da Região das Missões*. O outro trabalho aborda planejamento turístico e é da professora de Turismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Carmen Regina Dorneles Nogueira. Defendida no departamento de Geografia da USP, sua tese é de 1999 e se chama *Turismo no Mercosul: o Circuito Internacional das Missões*.

Na medida em que as informações contidas nestes dois trabalhos forem possíveis neste estudo, será realizada a comparação. Embora abordem de maneiras distintas a mesma região e o mesmo assunto, tanto quanto este trabalho, notório se faz dizer que se tratam de visões privilegiadas. Os dois autores são da região missioneira e podem oferecer um olhar “de dentro”, próximo ao objeto de pesquisa. Ao passo que o olhar desta pesquisa seria o olhar “de fora” – o olhar distante, mas não menos interessado.

Para estruturar o olhar “de fora”, a pesquisa de campo realizada nesta investigação (questionários e entrevistas), ocorreu em um momento de grande visitação às ruínas de São Miguel das Missões. Período de férias escolares e de parte dos trabalhadores, tanto no Brasil, quanto no Paraguai, Argentina e Uruguai – países missioneiros, onde as ruínas do que outrora foram as Reduções Jesuíticas dos Guarani são o seu elo cultural único – (época do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, onde o slogan de “um outro mundo é possível” também pode ser aproveitado como eixo de explicação para o que ocorreu nessa região).

Turistas de vários países visitam estas ruínas. Não era o objetivo deste trabalho e dos outros dois anteriormente citados fazerem a mensuração da visitação. Porém, um Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia da URI, em Santo Ângelo, de Maria Elisabeth Reis Farias possui dados interessantes. No seu trabalho sobre a *Origem do turista/visitante do município de Santo Ângelo no período de 1999 a 2003*, a autora pesquisou a lista de visitantes encontrada na portaria de um dos atrativos turísticos, objeto de sua pesquisa: o Museu Municipal Dr. José Olavo Machado.

Foram 2611 visitantes estrangeiros do Museu Municipal de Santo Ângelo, cidade que oferece melhor infra-estrutura para os turistas que desejam pernoitar na região missioneira. A autora teve acesso a dados instigantes, porém não soube utilizá-los. Concluiu sem nenhuma dúvida que estes turistas, assim como os turistas nacionais (que oferecem uma média de 45 mil visitantes/ano) foram até ali exclusivamente para visitar os pontos turísticos de Santo Ângelo. A questão que se propõe é quantos destes visitantes foram para Santo Ângelo por causa destes atrativos? Eles são tão envolventes ao ponto de merecer 45 mil visitantes/ano? Eles não estariam a caminho de São Miguel e aproveitariam para ver o que a cidade podia oferecer para a prática do Turismo

Cultural? A última hipótese parece uma proposta mais plausível do que a apontada pela autora em suas conclusões.

Gráfico 02: Turistas Internacionais que visitaram o Museu Municipal Dr. José Olavo Machado

Ainda mais quando um dos principais atrativos da cidade é uma construção imaginada do que teria sido a igreja original de São Miguel. Conforme os estudos de Lucas Mayerhoffer, a igreja deveria ter duas torres e uma cúpula. Estava equivocado e a descoberta do desenho de Cabrer demonstrou tal fato. Ocorre que a igreja de Santo Ângelo foi realizada como uma réplica da igreja em ruínas de São Miguel. Nada mais falso. Porém, isto continua a ser ensinado nas escolas da região e tem se propagado nos jornais. É visível que as duas igrejas sejam semelhantes, mas não são idênticas. O mundo real parece sempre perder para a capacidade do imaginário.

Não se sabe como, mas o Escritório Regional do IPHAN, situado em São Miguel, informa que o maior número de visitantes já registrado foi de 80 mil pessoas, em 1987. Época da comemoração dos 300 anos de fundação das reduções em território rio-grandense, quando diversas atividades realizadas proporcionaram uma efetiva divulgação do patrimônio cultural missioneiro. Desde julho de 1994 existe a

mensuração de visitantes na guarita de São Miguel e os números registrados nos últimos 10 anos são os seguintes:

VISITAÇÃO – 1994 – 2004		
Anos	Total de visitantes	Total R\$
1995	42.289	
1996	34.402	
1997	53.597	26.123,00
1998	50.906	35.089,00
1999	55.534	49.450,00
2000	57.672	50.371,50
2001	40.724	59.683,50
2002	47.618	62.759,00
2003	48.574	72.545,00
2004	41.251	87.822,50
Total	472.567	

Tabela 02: Número de visitantes nas ruínas de São Miguel (1994-2004)

Gráfico 03: Número de visitantes nas ruínas de São Miguel (1994-2004)

O maior número de visitantes do sítio de São Miguel são crianças em idade escolar, perfazendo 67 % o total. “Quando o aluno estuda a história do Rio Grande do Sul, visita as ruínas”, deixou registrado um entrevistado. Muitos turistas assinalaram que estiveram nas ruínas quando eram crianças. “Eu vim com a escola”, “excursão do colégio”, “viemos fazer piquenique com a professora”, são evocações que se repetem nas entrevistas e no questionário. “É, vinha de excursão com a escola, lotava um ônibus para vir para aqui. E não tinha ingresso, não tinha cerca nem nada. Chegava aqui e era livre”, lembra um entrevistado. Agora, retornam adultos e sentem o gosto da infância que ficou como recordação. “Uma lembrança do passado, da infância que a gente teve”, no dizer de outro entrevistado.

O período de visitação com maior presença de pessoas é no segundo semestre, de preferência nos meses de setembro, outubro e novembro. Ou seja, no momento em que o estresse do professor dos Ensinos Fundamental e Médio está mais evidente, ocorrem as viagens para São Miguel. Não há a pretensão de apontar este fator como o motivador das viagens, mas apenas informar que ele não deve ser esquecido em novas investigações sobre o público visitante.

Os 33 % restantes são os turistas, alvos desta pesquisa e que representam um número de aproximadamente 15.600 visitantes/ano³⁰. De acordo com Antonio Carlos Gil (1989, p. 101), para se obter dados confiáveis em uma amostra tirada de uma população finita, é necessário utilizar a Estatística e realizar cálculos diversos. A partir da tabela elaborada por Gil, conclui-se que para o universo de 15.000 turistas que visitam São Miguel, trabalhando com um nível de confiança de 95% e com uma margem de erro de (para mais ou para menos) 5%, é necessário o preenchimento de 390

³⁰ Foi objeto da pesquisa as pessoas que se declararam turistas e que já haviam visitado as ruínas de São Miguel.

questionários. O número obtido nesta pesquisa foi de 475 questionários preenchidos, mais do que o necessário para a análise dos dados.

Número de Questionários Preenchidos pelos Visitantes de São Miguel (2005).						
	FEMININO		MASCULINO		VISITANTES	
CRITÉRIOS	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Menos de 18 anos	23	5%	23	5%	46	10%
18 a 25 anos	36	8%	46	10%	82	17%
26 a 34 anos	44	9%	42	9%	86	18%
35 a 50 anos	85	18%	79	17%	164	35%
51 a 60 anos	31	7%	26	5%	57	12%
Acima de 60 anos	25	5%	13	3%	38	8%
TOTAL	244	52%	229	48%	475	

Tabela 03: Número de Questionários Preenchidos pelos Visitantes de São Miguel (2005)

Das respostas obtidas, pode-se apontar que o número de visitantes em termos de gênero é igualitária. Porém, mesmo não utilizando as mesmas faixas etárias, é notório afirmar que a sondagem proporcionou resultados diferentes dos obtidos por Nery A. D. Franco, em sua pesquisa sobre os turistas da região missioneira em 2000. Franco aponta que quase a metade dos seus pesquisados tinha idades entre 10 e 29 anos, sendo que 32% estavam concentrados entre os 10 e os 19 anos. O resultado que se obteve na sondagem, entre janeiro e fevereiro de 2005, foi que 73% dos visitantes tinham mais do que 25 anos.

Em que medida estes números são tão díspares? Como Franco mesmo evidenciou (2000, p. 105), aplicar a pesquisa em outras épocas poderia resultar em dados diferentes. Foi o que aconteceu. Seu trabalho ocorreu no auge do número de visitantes, entre os dias 05 e 12 de setembro de 1998. Nesta época, quem mais visitava as ruínas eram estudantes. Tanto que Franco afirma (2000, p. 63) que “a escola destaca-se como ‘a forma de maior divulgação das Missões’ entre os turistas, a metade dos entrevistados aprenderam nelas” [sic]. No item *Indução da Viagem*, a pesquisa realizada

em janeiro de 2005 evidenciou que 44% dos pesquisados vieram por causa de indicação de amigos ou parentes.

Indução da Viagem		
CRITÉRIOS	Nº	%
1. Folhetos, revistas, matérias jornalísticas	67	14%
2. Indicação de amigos e parentes	212	44%
3. Promoções	6	1%
4. Agências de viagem	55	12%
5. Outros	131	28%
Não responderam	4	1%
TOTAL	475	

Tabela 04: Indução da Viagem para São Miguel

Gráfico 04: Indução da Viagem para São Miguel.

A metade registrou ser casado, e 40% são solteiros. Dados mais instigantes foram os de renda, obtidos através do critério da ABIPEME. Comprovou-se o que já se sabia sobre o Turismo Cultural nos meios acadêmicos: é praticado por pessoas que possuem renda econômica no mínimo satisfatória. Daqueles que assinalaram sua renda, cerca de 80% são das classes B e C. Unindo-se a classe A, o número de visitantes que possuem uma boa renda econômica sobe para 88%. Pode-se considerar que o perfil econômico-social deste visitante é o de uma pessoa casada e que pertence, no mínimo, à classe média³¹.

³¹ Interpreta-se como classe média os brasileiros que possuem renda mensal entre R\$ 1 mil até R\$ 5 mil, conforme dados do Prof. do Instituto de Economia da UNICAMP, Waldir José de Quadros (2007). Segundo o pesquisador, as três faixas da classe média são as seguintes:

Renda dos Visitantes		
CLASSES	Nº	%
Classe A	43	9%
Classe B	230	48%
Classe C	145	31%
Classe D	31	7%
Classe E	2	0%
Não responderam	24	5%
TOTAL	475	

Tabela 05: Renda dos Visitantes de São Miguel

Gráfico 05: Renda dos Visitantes de São Miguel.

Dos 475 pesquisados, apenas 11 eram estrangeiros. Pensar que estrangeiros não visitam São Miguel nesta época do ano é um equívoco. Ocorreu com eles o que aconteceu também com grande parte dos entrevistados brasileiros: estavam com pressa e não podiam dispensar 15 minutos de seu tempo para preenchimento de um questionário sobre demanda turística. Aqui se realiza um *mea culpa*. O questionário deveria ser bilíngüe, envolvendo (no mínimo) a língua espanhola.

No item *Qual é a sua profissão?*, buscou-se saber qual era a ocupação profissional do pesquisado, assim como verificar com mais clareza esta demanda pelo

Classe média alta: Renda familiar mensal acima de R\$ 5 mil;

Classe média média: Renda familiar mensal entre R\$ 2,5 mil e R\$ 5 mil;

Classe média baixa: Com renda familiar mensal entre R\$ 1 mil e R\$ 2,5.

Turismo Cultural na região missioneira. Mário Jorge Pires fez uma crítica. Argumentando que este item não deveria vir logo no início do questionário. Caso acontecesse, deveria ser usada a pergunta “Qual é a sua ocupação?”.

Críticas à parte, demonstrou-se por este item que uma boa fração dos visitantes tiveram que realizar curso superior para poder exercer sua profissão. Esta é a exigência, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações³² do Ministério do Trabalho, para ser um profissional das ciências e das artes – perfil de 34% dos visitantes de São Miguel. Comprovou-se aquilo que de antemão já se sabia sobre o Turismo Cultural. Ele é mais praticado por pessoas que possuem um bom grau de instrução, no mínimo o Ensino Médio.

Classificação de Ocupações			
	Ocupação	Número de Pessoas	Porcentagem
0	Forças Armadas, Policiais e Bombeiros Militares	6	1%
1	Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas e gerentes	11	2%
2	Profissionais das ciências e das artes	162	34%
3	Técnicos de nível médio	34	7%
4	Trabalhadores de serviços administrativos	32	7%
5	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	32	7%
6	Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca	31	7%
7 e 8	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	20	4%
9	Trabalhadores de manutenção e reparação	0	0%
a	Aposentado	23	5%
b	Do lar	20	4%
c	Estudante	77	16%
d	NR	27	6%
		475	

Observação: os itens **a**, **b**, **c**, e **d** são modificações realizadas para adaptar a tabela da CBO aos resultados da pesquisa de campo.

Tabela 06: Classificação de Ocupações dos Visitantes de São Miguel

³² “A estrutura básica da CBO foi elaborada em 1977, resultado do convênio firmado entre o Brasil e a Organização das Nações Unidas - ONU, por intermédio da Organização Internacional do Trabalho - OIT, no Projeto de Planejamento de Recursos Humanos (Projeto BRA/70/550), tendo como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações - CIUO de 1968”, segundo o *site* do Ministério do Trabalho.

Gráfico 06: Classificação de Ocupações dos Visitantes de São Miguel

De onde vêm estes turistas? Para responder esta questão, foram incluídos no questionário os itens *Cidade e Estado*. Mas, como analisar os dados de um questionário com 475 pesquisados, sabendo que duas excursões (uma de Minas Gerais e outra do Rio de Janeiro) podem alterar parcialmente o panorama? Apesar desta situação inusitada, percebeu-se na pesquisa o que já fora apontado por Franco (2000, p. 62): a maior parte dos visitantes são do próprio Estado do Rio Grande do Sul.

Estados de Origem dos Visitantes de São Miguel.		
ESTADOS	Nº	%
AM	2	0,45%
BA	12	2,70%
CE	1	0,23%
DF	7	1,58%
GO	3	0,68%
MG	38	8,56%
MS	5	1,13%
MT	13	2,93%
PA	2	0,45%
PE	1	0,23%
PR	45	10,14%
RJ	28	6,31%
RR	1	0,23%
RS	234	52,70%
SC	31	6,98%
SP	21	4,73%
TOTAL	444	

Tabela 07: Estados de Origem dos Visitantes de São Miguel

Gráfico 07: Estados de Origem dos Visitantes de São Miguel

São 22 regiões que compõem o Estado do Rio Grande do Sul. Franco aponta que a maior parte dos visitantes vieram da região Metropolitana de Porto Alegre, perfazendo cerca de $\frac{1}{4}$ do total de pesquisados. Resultados diferentes foram obtidos na pesquisa de campo. Observou-se que, dos 234 turistas provenientes do Rio Grande do Sul, 130 são vizinhos de São Miguel. Eles vieram da região missioneira ou das regiões limítrofes: Central, Fronteira Noroeste, Fronteira Oeste e Noroeste Colonial.

Regiões que Compõem o Estado do Rio Grande do Sul		
Nº	Nome da Região	Nº de cidades
1	Central	14
2	Centro Sul	2
3	Fronteira Noroeste	35
4	Fronteira Oeste	11
5	Litoral Norte	2
6	Médio Alto Uruguai	17
7	Missões	41
8	Nordeste	2
9	Noroeste Colonial	29
10	Produção	7
11	Região Metropolitana Delta do Jacuí	35
12	Serra	23
13	Sul	5
14	Vale do Rio dos Sinos	1
15	Vale do Rio Pardo	5
16	Vale do Taquari	5
	TOTAL	223

Tabela 08: Regiões que Compõem o Estado do Rio Grande do Sul

Imagem 17: Mapa das regiões que compõem o Estado do Rio Grande do Sul

São Miguel pertence à chamada região das Missões, segundo o COREDE, e envolve 27 municípios. Entre as regiões que compõem o Rio Grande do Sul, esta é uma das mais pobres. O setor agropecuário se constitui na base da economia; a industrialização é mínima; e as atividades econômicas urbanas são o comércio varejista e o setor de serviços. Como na cidade de São Miguel estão as ruínas menos destruídas do Estado, e por ser considerado o local de herança da história guarani missioneira, o Turismo tem sido veiculado como um fator possível de desenvolvimento econômico da localidade.

A Carta de Nova Delhi, de 1956, já assinada pela UNESCO, aumenta a discussão sobre o que deve ser conservado enquanto patrimônio, inclusive o patrimônio arqueológico. A carta elabora os deveres do Estado para a proteção do patrimônio, incentiva a criação de um órgão responsável por esta pesquisa, preservação em cada Estado Membro e o uso da educação patrimonial, também inserindo o Turismo, “como forma de despertar e desenvolver o respeito e a estima ao passado”:

A autoridade competente deveria empreender uma ação educativa para despertar e desenvolver o respeito e a estima ao passado, especialmente através do ensino de história, da participação de estudantes em determinadas pesquisas, da difusão pela imprensa de informações arqueológicas que provenham de especialistas reconhecidos, da organização de circuitos turísticos, exposições e conferências que tenham por objeto os métodos aplicáveis em matéria de pesquisas arqueológicas assim como os resultados obtidos, da apresentação clara dos sítios arqueológicos explorados e dos monumentos descobertos, da edição a preços módicos de monografias e guias em uma redação simples. Os Estados Membros deveriam adotar todas as medidas necessárias para facilitar o acesso do público a estes sítios³³.

Esta passagem da Carta de Nova Delhi merece um exame minucioso. Orientar que a educação patrimonial use o Turismo como estratégia para nutrir na população o respeito ao passado, e preservar o patrimônio é uma obviedade para os estudiosos do campo do Turismo. E a recomendação de que os Estados membros devem facilitar o acesso do público ao patrimônio cultural, contida na Carta, não se constitui em novidade. Mas parece que algumas autoridades, gestores e até cientistas sociais, que não entendem a indústria turística³⁴, criticam ou restringem o acesso como se as pessoas fossem os novos bárbaros. Margarita Barretto (2000, p. 29) chama a atenção para o livro *As hordas douradas*, de Turner e Ash, em que os turistas são comparados às hordas invasoras do Império Romano no século V, que passavam destruindo tudo. Pensar no turista como a lenda que corria sobre Átila, o huno (cujo cavalo onde pisasse não nascia

³³ Grifos nossos. Toda a documentação sobre o patrimônio cultural, inclusive as cartas patrimoniais da UNESCO, são encontradas no *site* do IPHAN (www.iphan.gov.br)

³⁴ O termo “indústria turística” não é o mais correto. O turismo pertence ao setor de serviços. Indústria turística é uma influência estrangeira, conforme TRIGO, 1995.

grama) é um absurdo rechaçado e indesejado por todos que tratam com responsabilidade a área de Turismo.

Há de se destacar dois fatores básicos sobre este debate. O primeiro é que o Turismo tem sido alvo de críticas cada vez mais desrespeitosas por ser uma face visível da globalização. Como esclarece o turismólogo Luiz Gonzaga Godoi Trigo, o Turismo se beneficia dos avanços tecnológicos, das melhorias de transporte e na infra-estrutura hoteleira para se firmar (desde a época da primeira excursão organizada pelo pioneiro Thomas Cook, na Inglaterra, em 1841): “O turismo é uma das claras expressões materializadas da pós-modernidade, por isto é alvo daqueles que são contra o progresso³⁵ ou contra as perversões da globalização” (TRIGO, 2003, p. 48).

Segundo é que o Turismo tem de ser realizado objetivando a qualidade total³⁶. Não somente ser planejado, mas também ter seu planejamento aplicado sem ressalvas e com nível de excelência. Desta forma, o Turismo cria empregos (diretos e indiretos), gera impostos, é agente do desenvolvimento econômico, salvaguarda o patrimônio e cria condições para que melhor possamos exercer a nossa cidadania. Agora, do contrário: “Se mal planejado e implementado, é fator de poluição, exclusão social, concentração de renda, aumento de prostituição, incremento da exploração sexual infantil e comprometimento de investimentos em projetos mal elaborados” (TRIGO, 2003, p. 98). Um ditado asiático ressalta que “o turismo é como o fogo: você pode cozinhar seu jantar nele, mas se não tomar cuidado, ele incendiará sua casa”³⁷.

³⁵ A palavra “progresso” sugere cuidado. Na questão patrimonial, se fosse em nome do progresso, o CONDEPHAAT deixaria o Metrô de São Paulo destruir o prédio Caetano de Campos, atual Secretaria do Estado da Educação.

³⁶ “Qualquer atividade desenvolvida com atenção, capricho, meticulosidade, metodologia, seguindo padrões bem definidos, tem qualidade total, seja no Ocidente ou no Oriente” (TRIGO, 1995, p. 41).

³⁷ Apud PADILHA, 2006, p. 08.

Pensando em evitar os muitos problemas que o Turismo pode trazer para São Miguel, muitos estudos e várias reuniões com políticos, empresários e membros da sociedade civil já foram realizados. As pesquisas acadêmicas de Franco e Nogueira enfocam exatamente esta viabilidade econômica para o desenvolvimento regional, via Turismo. E algumas mudanças já são sentidas, tais como: a construção de equipamentos estenciais para uma eficaz realização da atividade turística, como por exemplo o Centro de Informações Turísticas na entrada da cidade e do Wilson Park Hotel. E transformações na sua infra-estrutura, como a reforma na estrada que dá acesso à cidade.

Segundo Roberto C. Boullon (1997), há de se fazer uma diferenciação entre a infra-estrutura geral e equipamentos turísticos. A infra-estrutura é necessária para que um país ou região possa sustentar suas estruturas econômicas e sociais, tais como a educação, as moradias, os serviços de saúde, os transportes, as comunicações e a energia. Já os equipamentos turísticos são instalações que surgem para satisfazer o mercado turístico, sem os quais não existe. Podem ser divididos em quatro categorias: alojamento; alimentação; entretenimento; e outros serviços.

Segundo Mario Beni, no clássico *Análise estrutural do Turismo* (1997, pp 299-312), os Meios de Hospedagem (alojamento) podem ser hoteleiros e extra-hoteleiros; a Alimentação corresponde aos restaurantes e afins; o Entretenimento refere-se às áreas de lazer e instalações desportivas, estabelecimentos noturnos, cinemas, teatros, locais de espetáculos e, finalmente, encaixam-se em Outros Serviços as agências de viagens e turismo (operadoras), transportadora turística, informações turísticas, locadoras de imóveis, locadoras de veículos, comércio turístico, casas de câmbio, bancos, locais de convenções, exposições etc.

São Miguel das Missões é uma cidade que carece tanto de infra-estrutura quanto de equipamentos turísticos adequados para realizar as pretensões dos políticos, empresários, membros da sociedade civil, acadêmicos e demais interessados que olhem o Turismo como a lâmpada mágica do conto de Aladim, em que, assim como um gênio, trará soluções para todos os problemas.

A contradição fica por conta do resultado da pesquisa sobre o item *Oferta Turística*³⁸. Duas questões foram colocadas na parte quantitativa: *Antes de chegar a esta cidade, qual era a sua expectativa quanto à oferta turística?* e *Depois de utilizar a oferta turística desta cidade, como você a qualifica?*. A oferta tinha uma perspectiva de 81 % de ser boa ou excelente e, após sua utilização, 77% mantiveram este patamar. Apesar de tantas críticas registradas, tanto nas entrevistas, quanto nos questionários.

Expectativa e Qualificação da Oferta Turística de São Miguel					
Antes de chegar a esta cidade, qual era a sua expectativa quanto à oferta turística?			Depois de utilizar a oferta turística desta cidade, como você a qualifica?		
AVALIAÇÃO	Nº	%	AVALIAÇÃO	Nº	%
Excelente	62	13%	Excelente	123	26%
Boa	323	68%	Boa	244	51%
Regular	71	15%	Regular	66	14%
Ruim	8	2%	Ruim	23	5%
Muito Ruim	2	0%	Muito Ruim	7	1%
Não responderam	9	2%	Não responderam	12	3%
TOTAL	475		TOTAL	475	

Tabela 09: Expectativa e Qualificação da Oferta Turística de São Miguel

“Veja, eu sei que a cidade é pequena, e tem que ter uma estrutura diferente”, pontuou um entrevistado. Assim como outros nos questionários, que

³⁸ Considera-se oferta turística “o conjunto de recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da atividade turística, porque na realidade são estes recursos que provocam a afluência de turistas. A este conjunto agregam-se os serviços produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta no seu sentido mais amplo, numa estrutura de mercado (BENI, 2003, p. 47).

registraram sua indignação pela “infra-estrutura inadequada”, “ausência de restaurante e lanchonete próximos às ruínas”, “recepção ao turista é precária” etc; estas opiniões se revezam e demonstram o que os autóctones também já perceberam: ainda há muito para ser realizado na área de Turismo em São Miguel.

Com certeza, as melhorias no transporte é uma delas. Mais da metade dos visitantes veio de carro e pouquíssimos vieram de avião (idem na pesquisa de Franco, 2000). O aeroporto mais próximo, com vôos para São Paulo e Porto Alegre diariamente, é o de Santo Ângelo e dista 58 km de São Miguel. As linhas de ônibus são poucas e precárias. “Transportes regulares interligando as Missões”, “Uma melhor estrutura em coletivos”, reclamam os visitantes. Não dá para comparar com a Redução de Trinidad, no Paraguai, onde Trigo registrou de maneira espontânea a experiência de pegar “[...] o ônibus mais entupido de gente e enfurrajado da minha vida para ir até as ruínas de Trinidad. Valeu.” (2002, p. 79). Sim, vale a pena visitar estas ruínas. Mas é bom ter um carro e um bom guia rodoviário no porta-luvas.

Destacando a questão ambiental e salientando o uso-fruto por parte do visitante de um determinado patrimônio, os países da América elaboraram as “Normas de Quito”, documento aprovado em 1967 pelo Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos – OEA. A questão do meio-ambiente em que se insere um determinado patrimônio cultural é ressaltado pela idéia de que o espaço “é inseparável do conceito de monumento, motivo pelo qual a tutela do Estado pode e deve estender-se ao contexto urbano ou ambiente natural imediato”. Em outro ponto, chama a atenção uma passagem que defende que “a valorização do patrimônio tem de ser acompanhada de infra-estrutura turística”³⁹.

³⁹ Documento eletrônico encontrado no endereço:
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=238>, acessado em julho de 2007.

Já sobre o Turismo, é interessante apontar que as “Normas de Quito” se antecipam às resoluções da UNESCO, especialmente às Novas Declarações dos Direitos do Homem, em relação à prática do Turismo Cultural e do direito do ser humano poder conhecer seu patrimônio e o dos outros. Porém, de forma prática, as “Normas de Quito” esclarecem que tem de haver infra-estrutura turística. Sem esta condição básica, somente o turista informal ou alocêntrico⁴⁰, conforme os desígnios de Stanley Plog (*Apud* OMT, 2001, p. 70), pode visitar e conhecer determinados patrimônios.

É o caso da região missioneira no Rio Grande do Sul. Para visitar São Miguel das Missões, faz-se necessário andar de carro ou ônibus até o local, visto que o aeroporto mais próximo dista 60 km. Mas a estrada asfaltada até São Nicolau é muito ruim e a infra-estrutura é singela. Pior ainda no caso das ruínas de São Lourenço e de São João Batista, isoladas na área rural, sem infra-estrutura e sem acesso por via asfaltada. Como visitar estas ruínas? Como explicar ao turista que o custo é alto só para visitar uma única ruína?

Meio de Transporte utilizado pelo visitante de São Miguel.		
MEIOS	Nº	%
Avião	4	1%
Ônibus	145	31%
Automóvel	267	56%
Motocicleta	10	2%
Bicicleta	3	1%
Avião e ônibus	8	2%
Avião e automóvel	6	1%
Avião, ônibus e automóvel	7	1%
Ônibus e automóvel	20	4%
Não responderam	5	1%
TOTAL	475	

Tabela 10: Meio de Transporte utilizado pelo visitante de São Miguel

“Falta sinalização nas estradas” é uma citação recorrente entre os entrevistados. “Eu lembro de [ter visto] duas placas: ‘missões a 350 km’, em Lajeado, e outra

⁴⁰ Turistas que preferem viagens de aventuras, diferentes, lugares distantes. Que optam por viajar por conta própria. Deriva da raiz *alo*, que traduz variação na forma, como os aventureiros.

aqui próximo, em Ijuí”, reclama um entrevistado. Mas não se deve pensar que os entrevistados e os visitantes que preencheram o questionário apenas reclamam. Muitos deles entendem a situação difícil de ter tamanha responsabilidade para cuidar do único Patrimônio da Humanidade do Estado, se comovem e também dão sugestões, tais como:

As coisas podem ser melhoradas, só que precisa de um interesse e de um apoio, é o caminho para cá. Devia ter um interesse por parte dos órgãos públicos, no sentido de colocar placa nas rodovias de acesso para aumentar este clima da pessoa que está vindo para cá ver placas do tipo: Missões a 150 km, a 50 km.

Com quem vieram? Metade dos visitantes vieram com a família, e um pouco mais de 20% estavam com amigos. Destes, 71 deixaram registrado na pergunta que *o motivo da sua viagem?* foi o fato de estar na região: “Vim para uma festa de aniversário em Santo Ângelo e aproveitei para conhecer as Missões”; “Viemos (família) visitar os familiares que moram perto daqui (Guarani das Missões) e aproveitamos para visitar as ruínas, pois nossa filha de seis anos ainda não conhecia o local”; “Viemos ao rodeio de campeões de Santiago e aproveitamos para conhecer a região das Missões”; “Vim acompanhar meu namorado a trabalho. Resolvi conhecer as ruínas” etc. Este Turismo incidental não deve ser desprezado na análise, ainda mais quando envolve uma menina de seis anos cujo pai insiste em levar para conhecer um Patrimônio da Humanidade.

E 44 questionários estavam preenchidos com as expressões “trazer a família”, “trazer os amigos”, “trazer a noiva” etc. Este tipo de pensamento se repete ao longo dos questionários e comprova a vontade de mostrar algo que é deles, que pertence a eles, moradores da região e do Estado, algo pelo qual eles têm muita afeição e orgulho. Como demonstra as seguintes frases selecionadas: “Mostrar este patrimônio para minha filha e para os meus pais”; “Rever as ruínas desperta a curiosidade e levar parentes para conhecer”; “Trazer mais pessoas para conhecer nosso patrimônio”; “Trazer minhas

filhas para conhecerem esta fantástica obra de nossa história”; “Trazer nossos familiares, para ter ciência dos fatos ocorridos na época da revolta”; “Trazer os amigos para conhecer”.

Como os Visitantes Realizaram a Visita a São Miguel.		
VISITA	Nº	
Só	12	3%
Com a família	240	51%
Com amigos	101	21%
Com um grupo organizado	120	25%
Não responderam	2	0%
TOTAL	475	

Tabela 11: Como os Visitantes Realizaram a Visita a São Miguel

De forma diferente, Franco (2000, p. 66) mensurou o número de dias que o visitante fica na região. O resultado foi o esperado: 57% dos visitantes retornariam no mesmo dia e 30% pretendiam ficar apenas dois dias. Por outros caminhos, também se evidenciou na pesquisa, através do item *Meios de Hospedagem utilizados*, que 34% são moradores ou não pretendem pernoitar na região. Podem estes visitantes serem chamados de “turistas de um dia”? Seria a falta de mais atrativos a responsável por este pequeno tempo de permanência? ⁴¹

Meios de Hospedagem dos Visitantes de São Miguel		
MEIOS	Nº	%
Hotel	159	33%
Pousada/albergue	55	12%
Casa de amigos e parentes	78	16%
Camping	15	3%
Não pretende pernoitar na região missioneira	124	26%
Morador da região	36	8%
Não responderam	8	2%
TOTAL	475	

Tabela 12: Meios de Hospedagem dos Visitantes de São Miguel

⁴¹ Pires (2001) defende a valorização máxima dos atrativos, visando proporcionar alternativas para os diferentes segmentos de públicos, a fim de prolongar o tempo de estadia do turista.

A *práxis* do Turismo ensina que uma série de fatores – como a propaganda, os amigos, a educação, a busca por *status*, buscar conhecimento, desestressar etc – ensinam o desejo e a imaginação, transformando o universo simbólico do indivíduo e convidando-o para se deslocar por novos lugares, se aventurar no local do outro. Neste sentido, pode-se dizer que todo o Turismo é Turismo Cultural. Segundo Mário Jorge Pires, Turismo é um ato cultural.

A sua transformação em Turismo de Massa⁴² é seu grande problema e a origem da maior parte dos dilemas detectados na área. E, portanto, discutido com amplitude e exaustão dentro da área acadêmica. O que as pesquisas têm apontado é que o primeiro momento na relação entre o turista e a comunidade receptora é o de *euforia*. De ambas as partes se estabelecem relações satisfatórias. Um momento de *apatia* é observado quando o turismo se consolida, em que o autóctone verifica uma repetição sistemática de um mesmo processo, mesmo que a experiência para o turista seja diferente. A *irritação* é verificada quando os turistas não conseguem satisfazer suas necessidades devido à incapacidade nos equipamentos e na infra-estrutura em atendê-lo. Os autóctones também não assimilam bem esta saturação. O quarto estágio é o da *culpa*, onde a irritação não é mais disfarçada e a comunidade receptora passa a atribuir os problemas e males da localidade ao turista. Por fim, só quando o turista não vem, ou por outros motivos, os impactos da prática turística realizaram estragos, é que se preocupam com as mudanças já ocorridas com a massificação. E aí se verificará que o planejamento não foi executado como se deveria, se é que algum dia ele existiu⁴³.

⁴² “Fenômeno que ocorre quando uma quantidade de pessoas viaja para o mesmo local, ao mesmo tempo. É intensamente estimulado pelos pacotes turísticos que, pelo volume de pessoas transportadas, oferecem custos menores aos turistas”, PELLEGRINI FILHO, 2000, p. 276. É o maior responsável pela destruição do meio-ambiente, marginalização da população autóctone e padronização de visitas no âmbito turístico.

⁴³ De acordo com Doxey, apud RAMPAZZO, 2007.

A cidade de São Miguel está preparada para o turismo e as autoridades locais estão conscientes disto. A comunidade receptora está no primeiro estágio, tanto quanto os turistas que a visitam. Ambas estão satisfeitas em estabelecer relações de troca de experiências e vivências, mantendo o respeito acima de tudo. Mas, São Miguel precisa melhorar em vários aspectos para se transformar em uma destinação turística mais visitada.

Por exemplo, após a escolha do destino pelo turista, ocorre a preocupação em como chegar até o local do atrativo. E, nesse sentido, São Miguel das Missões apresenta muitas falhas. Vamos supor que o turista entusiasta vença a distância e consiga chegar ao destino selecionado. A partir daí, o pensamento é como se estabelecer. A Pousada das Missões e o Wilson Park Hotel são bons estabelecimentos e resolvem a questão dos meios de hospedagem. O mesmo não se pode dizer dos restaurantes, já que apenas dois merecem algum tipo de comentário. Buscar entretenimento além do show de “Som e Luz” é ilusório. Não há atração noturna na cidade. Nem baile gauchesco, algo tão típico do Rio Grande do Sul.

Na região missioneira existem vários atrativos turísticos⁴⁴ que podem ajudar os sonhos dos dirigentes locais a se transformarem parcialmente em realidade. Porém, há de se ter cuidado com a opção pelo Turismo. Ele não deve, sozinho, ser responsabilizado pelo desenvolvimento de toda uma região, uma vez que os lugares turísticos são inventados culturalmente. O que é considerado atrativo hoje pelo Turismo não era no passado, e talvez não possa não ser no futuro. Como a cultura varia no tempo e no espaço, o que é atrativo para um grupo de pessoas pode não ser para outro. A oferta

⁴⁴ Entende-se que o atrativo turístico se constitui como o componente principal e mais importante da oferta turística, pois determina a seleção, por parte do turista, do local de destino de uma viagem, ou seja, gera uma corrente turística até a localidade. Os atrativos turísticos podem ser naturais, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados.

turística tem de se adequar à demanda e ser flexível para o caso de mudanças significativas. Realizar um planejamento cabível para a realidade turística da região pode evitar inúmeros problemas

Carmen R. B. Nogueira realizou um quadro dos atrativos turísticos de toda região missioneira, incluindo os países vizinhos, para viabilizar no seu estudo o Circuito Internacional das Missões Jesuíticas. No Rio Grande do Sul, o destaque fica por conta de Santo Ângelo, as ruínas em São Lourenço, São João Batista, São Nicolau e Caaró, além de São Miguel. No Paraguai, a despeito de tantas dificuldades para chegar ao local, as ruínas das reduções de Trinidad e Jesus são Patrimônios da Humanidade que compensam o árduo deslocamento até lá. Na Argentina estão as ruínas das reduções de São Inácio Mini⁴⁵, Santa Ana e Loreto, também Patrimônios da Humanidade. É comum o turista local descer em Posadas, capital da província de Misiones, passar por São Inácio e terminar a visita em Puerto Iguazú – lado argentino das Cataratas. No Uruguai, a Colônia do Sacramento, local que não figura na região missioneira, foi alvo de disputa entre portugueses e espanhóis na época colonial e, atualmente, recebe 500 mil visitantes/ano. Por fim, também fora da região missioneira, a cidade de Foz do Iguaçu, com os atrativos das Cataratas do Iguaçu e o Turismo de compras, recebe aproximadamente 1,5 milhão de visitantes/ano.

Em várias conversas com os autóctones, percebeu-se o deslumbre pela possível captação de um maior número de turistas, através do Circuito Internacional das Missões, e também da prática do Turismo Religioso em conjunto com a pequena cidade de Caaró. Este é o local onde foram mortos os padres Afonso Rodrigues e Roque

⁴⁵ As ruínas de São Inácio Mini recebem toda atenção do poder público argentino. Mas, as outras ruínas – patrimônios da Humanidade ou não – estão sem proteção e inseridas dentro da mata. É difícil chegar até lá e os argentinos apontam uma mescla na sua política de preservação. Em São Inácio, a restauração é permanente. Nas outras, respeita-se a ação do tempo – conforme o pensamento de John Ruskin, em *As sete lâmpadas da Arquitetura*.

Gonzáles, em 01 de novembro de 1628, na tentativa de converter para o catolicismo os índios da região. Canonizados em 1988, Caaró se transformou em centro de Turismo religioso. Muitos dos pesquisados destacam o Turismo religioso praticado na visita para Caaró e, na volta, visitando São Miguel.

Fui pro Caaró que é um lugar que meu pai e minha mãe sempre freqüentavam, regularmente. Todo ano meu pai e minha mãe vinham pra Caaró e geralmente nós vínhamos também para São Miguel, visitar as ruínas. Então a gente, lógico, estou de férias, vim de manhã pra Caaró e (falei:) “de tarde, vamos dar uma passada em São Miguel”.

Franco (2000, pp 72-4) não fez sua pesquisa especificamente sobre São Miguel, já que analisou a região como um todo. Mas os resultados não perdem sua importância e podem figurar como sugestão para o aumento da visitação turística em São Miguel. Na parte qualitativa da pesquisa, a divisão foi feita em: atrativos: lazer e entretenimento; infra-estrutura; e apoio e motivação do turista. Na parte sobre atrativos, Franco já havia analisado a necessidade de mais atrativos na região missioneira. O que os turistas mais desejavam era a *organização de museus*, destacar a *arquitetura missioneira* e divulgar a civilização *guarani*.

No agrupamento Lazer e Entretenimento, Franco apresenta uma lista de fatores para o desenvolvimento turístico nessa área: Parque temático com tema local; Histórias pitorescas; Espetáculo Som e Luz com tradução para outros idiomas (espanhol, francês, inglês); Estradas para enduros; Trilhas; Passeios em fazendas participando de atividades rurais (Colheita de soja, milho, ordenha); Passeios ecológicos; Festivais musicais; e Atividades para noite.

Analisando a lista com idéias para o desenvolvimento turístico de São Miguel, o Espetáculo de Som e Luz deveria mesmo ser bilíngüe, e a Prefeitura do município, responsável pelo espetáculo, deveria tomar providências neste sentido. Parque temático é algo perigoso. O que mostrar? A cultura guarani antes dos jesuítas? Reconstruir uma

redução e mostrar as atividades que ali eram exercidas na época reducional? Há de se ter critérios. Os próprios visitantes notaram isto, ao reparar na visita que

A gente não quer voltar para o folclorismo barato com arco e flecha, etc. Eu senti isto. Eu não sei como (dizer). Até quando me disseram que tem artesanato à venda, eu disse: “Santo Cristo, será que vai ter lá palhoça e gente metido a índio vendendo bugigangas?” Graças a Deus isto não tem.

Passeios Ecológicos e Trilhas já são realizados na região. Existe a *Rota das Missões* e o *Caminho das Missões*, que dialogam com o que é praticado no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. A estrutura destes passeios é a mesma: andar quilômetros (apreciando a paisagem) entre as várias localidades que perfazem a região missioneira, saindo em grupo e sob a liderança de um guia.

As Histórias Pitorescas são destacadas por vários teóricos do Turismo Cultural, como Mário Jorge Pires e Américo Pellegrini Filho. Para eles, estas histórias (e não estórias) convidam o turista a descobrir o outro que lhe recebe, mostrando de forma amistosa um pouco da sua vivência. Cria laços de identidade entre os turistas e a localidade. Não se consideram estas histórias como curiosidade e, na opinião do pesquisador, estão muito longe de ser considerados folclore. Porém, não se percebeu que as histórias pitorescas tenham sido utilizadas como atrativos em São Miguel. A não ser que se considere o espetáculo Luz e Som e seu destaque, a figura de Sepé Tiaraju, como um bom uso das histórias pitorescas da região.

Para a prática do Turismo Rural, como bem destaca Franco, a região possui um potencial surpreendente. Na visita que se realizou em janeiro de 2005, percebeu-se que já havia alguma notícia no sentido de mostrar o dia-a-dia no campo para os turistas, enfatizando o modo gaúcho de vida – pastorear o gado, tomar o chimarrão, contar causos (as Histórias Pitorescas que cerceiam a região) e assar churrasco. Segundo Olga Tulik, a prática do Turismo Rural possibilita aumentar a renda dos proprietários e

impedir o êxodo rural, fixando seus moradores no campo (apud FRANCO, 2000, p. 81). Não foi objeto desta pesquisa, e não se sabe como se encontra a prática do Turismo Rural em São Miguel.

Sobre a *Propaganda para o Turismo* em São Miguel, ocorreu algo inesperado no resultado: 58 % dos visitantes a destacaram como excelente ou boa. As opiniões do lado quantitativo do questionário não coincidem com as opiniões colhidas nas entrevistas. Ao contrário, vários entrevistados chamaram a atenção para a falta de divulgação do atrativo, destacando inclusive a ausência de um *site* específico da Prefeitura (operante somente em meados de 2006). Uma pesquisada acredita que as missões não fazem tanto parte da história do Brasil, porque os livros quase não citam esta parte da história, e mesmo porque o local não é conhecido por grande parte da população, sendo pouco divulgado. “Não que ali não represente a história, a história é que não conta o que eles representam”. De forma irônica, ela acha mais fácil ir para Pompéia do que para as Missões, devido à “falta de divulgação”.

Imagem 18: Turistas brasileiros visitando São Miguel

Imagem 19: Ruínas do *cabildo* de São Nicolau

Imagem 20: Pedra ornamentada encontrada em São Lourenço

Imagem 21: Arquiteto Wladimir Stello (IPHAN) nas ruínas de São João Batista

“No Rio Grande do Sul, o destaque fica por conta de Santo Ângelo, as ruínas em São Lourenço, São João Batista, São Nicolau e Caaró, além de São Miguel”, p. 78.

CAPÍTULO II: O MUSEU DAS MISSÕES

“O artista é feliz na sua vida por se lembrar que não houve toque de cinzel ou do lápis que manejava que não tivesse aumentado os conhecimentos ou reavivado a felicidade da humanidade”

JOHN RUSKIN

1. INTRODUÇÃO

O Museu das Missões foi criado pelo Decreto-Lei nº 2077, de 08 de março de 1940, data de sua inauguração, em plena Ditadura do Estado Novo. Quem o projetou foi o arquiteto Lucio Costa, conhecido pelo projeto urbanístico que realizou em Brasília vinte anos depois. Já naquela época, Costa era um arquiteto respeitado e no Rio Grande do Sul uniu as arquiteturas missioneira e espanhola em linguagem moderna. Reutilizou materiais e formas na construção da Casa do Zelador e do Museu das Missões. As obras foram erigidas em forma de “L” no canto da praça. O objetivo era servir de ponto de referência e realçar melhor suas dimensões. O Museu foi uma grande inspiração do futuro urbanista de Brasília.

Deste conjunto em formato de “L” podem ser bem observadas as ruínas da antiga Redução de São Miguel Arcanjo. Ruínas tais que só não estão em piores condições, desaparecidas por completo, devido às ações dos restauradores brasileiros. Esta política de intervenção, restauração e valorização do patrimônio é uma forma diferenciada de ação para a época. Deve-se, em parte, esta ação singular à capacidade intelectual de Lúcio Costa, funcionário do IPHAN desde a época da sua fundação como SPHAN.

Em 1937, quando visitou a região, além de recomendar as ações de intervenção em diversos povoados missioneiros no Rio Grande do Sul – através de um relatório –, Costa sugeriu a criação de um museu regional que agregasse o que sobrou do naufrágio⁴⁶ na Redução de São Miguel. A atitude inovadora do arquiteto reside em conseguir convencer as autoridades nacionais que o museu era importante, dando

⁴⁶ Lucio Costa chamava as ruínas das Reduções Jesuíticas dos Guarani, metaforicamente, de resquícios de um naufrágio: analisa-se apenas o que veio dar na praia. Em sua homenagem, na dissertação de Mestrado *Os Vestígios de um naufrágio*, cunhou-se outra metáfora que lhe serviu de título: os vestígios de um naufrágio.

margem ao surgimento de outros museus regionais no interior do Brasil. E ainda elaborou o projeto de como ele deveria ser estabelecido dentro do sítio de São Miguel Arcanjo.

Como Lucio Costa realizou tal feito? Que museus se inspiraram na experiência do surgimento do Museu das Missões? Qual é o seu projeto e como se dá a construção? Inspirou-se em obras estrangeiras? Foi projetado para ser um museu ou abrigo de peças? Como se constitui o seu acervo? A conservação do acervo é adequada? O espaço possui dimensões adequadas para as propostas museográficas? Existe ação educativa? Que modificações já foram realizadas nas obras Museu das Missões e a Casa do Zelador? Estas e outras questões fazem parte da preocupação deste capítulo.

O Museu das Missões e a Casa do Zelador são construções que congregam a modernidade e o passado colonial. Não desprezar o passado é uma marca do modernismo brasileiro, diferentemente de toda a arquitetura moderna mundial naquela época. Marca também a mão de Lucio Costa por detrás desta opção, devido à sua formação na Escola Nacional de Belas Artes e no Movimento Neocolonial, de José Mariano Filho.

O Museu das Missões tem a denominação de *Museu Arqueológico* no livro *Museus do Rio Grande do Sul* (2000, p. 236). A redução de São Miguel Arcanjo é um sítio arqueológico, contudo, poucas vezes houve escavação arqueológica em suas ruínas. Os funcionários do IPHAN compreendem o Museu das Missões como um *museu de sítio*, entendendo que é um museu inserido dentro de um espaço de patrimônio preservado, que comumente se chama de *sítio*. Respeita-se tal opinião, mas não se concorda. O ideal seria qualificar o Museu das Missões como um Museu de Arte Sacra, como prevê o projeto do Centro de Documentação. Um Museu de Arte Sacra Cristã abre o leque para todos os ramos do Cristianismo. Portanto, com relação aos Museus de

Arte Sacra, por uma visão ocidental, entende-se que o termo nos conduz mesmo à Arte Apostólica Romana, devido ao costume acadêmico e à força que ainda traz nos museus.

O Pe. Jesuíta Clement McNaspy, em 1987, viajou pela região missioneira e chamou o Museu das Missões de *grande museu*, no seu livro *Una visita a las ruínas Jesuíticas*. Não se acredita que o autor esteja se referindo aos três cômodos que chegam a 400 metros quadrados de área construída. O Museu das Missões é um museu de pequenas dimensões. Mas se McNaspy se refere ao acervo, não se pode apontar como um equívoco do autor.

Imagem 22: Museu das Missões a partir da praça

2. ACERVO

O acervo do Museu das Missões é de uma grandiosidade que merece registro. Reúne 94 peças entre esculturas e fragmentos em madeira policromada⁴⁷ – em sua maioria imagens de santos, de figuras que compunham cenas sacras ou de retábulos – fragmentos, ornamentos e esculturas em pedra. Constitui-se a maior coleção pública missioneira, pois congrega peças que possuem de centímetros a imagens com mais de dois metros de altura, a maioria feita pelos Guarani. Nas esculturas, os traços indígenas são evidentes em algumas feições dos rostos, nos detalhes dos cabelos, vestes ou traçados. É o caso de uma imagem de Santa Catarina, representada visivelmente como uma deusa indígena.

Os índios guarani missioneiros não estavam muito preocupados com a questão da arte como se faz na criação artística atualmente. Muito mais estavam pensando no santo de sua devoção, ou da devoção de outro, até mesmo de um povoado. No mundo reducional, as obras eram realizadas visando à catequese. No momento em que tivessem de escolher entre as que eram melhores esteticamente, e as que tinham maior efeito pedagógico, os padres optavam pelas segundas. Estas imagens – objetos de culto na igreja, nas paróquias, casas particulares ou sendo cultuadas em capelas ou romarias – entraram em um processo de *museografização* e passaram por uma metamorfose de objetos de culto para obras de arte.

Tinham função didática no mundo reducional. Uma imagem apresentada nunca era uma imagem ou obra de arte, mas sim um objeto de catequese. Era um modelo que

⁴⁷ Wolfgang Hoffman Harnisch, autor de *O Rio Grande do Sul* (1952), citado no Inventário da Imaginária Missioneira, diz que encontrou 200 imagens no Museu das Missões. Até onde investigamos, o acervo não chega a 100 imagens, quanto mais em seu dobro. Também não sabemos por que uma das autoras deste texto – Maria Inês Coutinho, que já trabalhou como diretora do museu – resolveu colocar esta informação. Pode parecer um dado insignificante, mas comprometedor. Ela foi diretora do museu, sendo que ele tem 94 peças, cita um autor que fala em 200. Daí, pergunta-se: para onde foram as outras? Isto pode vir a dar margem a mais uma dúvida: a do sumiço de obras de dentro do museu.

se apresentava, que deveria ser seguido. Um objeto valorizado por estar no local do sagrado era a igreja⁴⁸. Como esclarece Boff (2002, p. 142), “Tais figuras, antes de serem ornamentais, são simbólicas. Todo o sistema de signos usados reafirma a catequese e alude constantemente aos princípios de fé (...)”. Sintomático é o caso de Santo Isidoro Lavrador:

Assim também os santos, nas igrejas e capelas, tinham sua simbologia reafirmando os valores do cristianismo e sendo modelos de comportamento. É o caso de Santo Isidro [sic], que se encontrava nas capelas próximas às chácaras, lembrando a paciência e o trabalho, uma vez que era representado como lavrador. No Museu das Missões, encontra-se alguns exemplares da imagem de São Isidro [sic]. Um deles denota que sua confecção provavelmente sofreu influência das gravuras alemãs, o que se observa pela roupa simples que veste, pelos seus traços fisionômicos e pela humildade que inspira (BOFF, 2002, p. 143).

Imagens que representam santos humildes e trabalhadores são várias. É possível que Santo Isidoro fosse mais representado como exemplo a ser seguido pelos Guarani missioneiros por ser o padroeiro da cidade de Madri, canonizado em 1622. “É considerado pela Igreja como um santo lavrador, paciente e humilde. Santificou-se praticando a caridade, sofrendo e trabalhando com paciência a terra” (BOFF, 2002, p. 154). Mesmo respeitando a grafia autóctone, faz-se necessário um esclarecimento. São Isidro ou Santo Isidro⁴⁹, na língua portuguesa passa a ser chamado de Santo Isidoro e não deve ser confundido com outro Santo Isidoro espanhol, o de Sevilha. Este é padroeiro da *Internet* e viveu entre os séculos V e VII.

As imagens missioneiras que já pertenceram à redução de São Miguel Arcanjo, ou de qualquer outra das trinta Reduções, encontram-se espalhadas por coleções particulares e museus da região Platina, da Europa e dos Estados Unidos. Outras são objetos de devoção em igrejas, capelas, oratórios ou residências particulares. Inserem-

⁴⁸ Não esquecer que a construção da igreja rompe com o pensamento guarani de um todo sagrado, incluindo toda a natureza. Sobre o sagrado e o profano no mundo indígena ver ELIADE, 1996. Sobre a cisão no mundo guarani, ver CALEFFI, 1992.

⁴⁹ Segundo TIRAPELI, 2000.

se, neste caso, as que se encontram na pequenina igreja do Município de Trinidad, no Paraguai⁵⁰. Imagens valiosíssimas, expostas sem nenhuma segurança ou cuidado⁵¹.

Na Argentina, as obras estão espalhadas por museus públicos, privados e coleções particulares. Um Centro de Interpretação da História das Reduções Jesuíticas dos Guarani, em estilo neoclássico, foi erguido na década de 1980 e está localizado na entrada das ruínas de São Inácio Mini, principal sítio missioneiro neste país. A proposta museográfica é de interpretar esta história, porém, este Centro não possui nenhuma peça original. Sua linha interpretativa é míope. Com réplicas da nau de Colombo [*sic*], canoas indígenas, roupas de veludo da Corte espanhola e mais de 20 bonecos com hábito negro, quiseram os seus curadores demonstrar a importância dos jesuítas na formação dos povoados. Basicamente, uma história sem conflitos. Detalhe: a entrada custa 2,50 dólares americanos por pessoa.

Um outro local, que pode se chamar de museu, se localiza do lado de dentro da redução. Carece de uma proposta museográfica e está em péssimo estado. Mais lembra um depósito de obras. Só que são obras originais: pregos; colheres; facas; fechaduras; telhas; imagens líticas; cruzes; roda de moinho; e outras peças da época reducional. A maior parte jogada no chão, sem placas indicativas ou folhetos que possibilitem o entendimento da vivência cultural existente nas reduções a partir destas obras. Detalhe: a entrada é gratuita.

⁵⁰ A situação da redução de Trinidad é de penúria. Visitá-la é contemplar o descaso. Mato entre as construções; o estacionamento serve de pasto para os animais; esculturas empilhadas à espera de restauração; peças trancafiadas no antigo cárcere e esculturas em madeira, escondidas de visitação pública, sem nenhuma segurança ou conservação, em uma pequena capela com infiltrações. Falta um museu para colocar todas estas imagens e peças líticas, em prol de sua preservação e contemplação.

⁵¹ Infelizmente, na visita à região missioneira em 2005, descobriu-se que a igreja de São Luiz possui imagens tombadas pelo IPHAN sem nenhuma segurança. Já na igreja de São Nicolau, as imagens não estão protegidas, nem legalmente, nem fisicamente.

Imagem 23: Santo Isidoro Lavrador

No caso brasileiro, a restauração de algumas estátuas missioneiras, por Ariston José Corrêa Filho, realizada no Laboratório de Restauração do IPHAN, em Porto Alegre, mostrou suas cores remanescentes e as formas maltratadas pelo tempo. É o caso da Virgem de Assunção, também conhecida como Nossa Senhora da Conceição, a maior estátua do Museu.

Há um certo constrangimento e polêmica nestas imagens, especialmente quando levadas para exposições no exterior como representantes do Barroco brasileiro. Não se trata disto. Tal equívoco pode ser observado nas obras que foram expostas na seção barroca da *Mostra do Redescobrimento* (2000), realizada no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, durante as comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Lucio Costa reconheceu que a arquitetura produzida pelos jesuítas na região missioneira é diferente, e não se insere na arquitetura produzida pelos jesuítas na América Portuguesa, o mesmo ocorrendo em relação à escultura. A arte barroca dos Guarani missionários é diferente, e se insere em um novo estilo, que ainda busca teorização mais qualificada. Afirma-se aqui que seja chamada de Barroco Guarani.

Além das imagens, algumas peças que servem para ornamentação da igreja também lá se encontram, assim como peças encontradas em outras Reduções, como a bacia estreita e comprida, feita em uma única pedra, descrito pelo viajante Hemetério Velloso da Silveira; a cruz monolítica⁵² (oriunda da redução de São Lourenço Mártir) e um cubo de pedra talhada - representando um coração em chamas, entre outras.

Uma obra emblemática é o maior sino de São Miguel. O relato de João Hugo Machado, colhido por Simon (1993), elucida como tal preciosidade teve sua salvaguarda garantida. O vigário de Santo Ângelo havia vendido quatro sinos para uma siderúrgica em São Paulo, entre eles o maior, construído pelo índio Gabriel Quiri e utilizado durante anos na cidade de Cruz Alta. Quando já estavam embarcados no trem, Machado e seus homens os tiraram e recambiaram para São Miguel. Este relato é representativo da falta de noção da proteção do patrimônio por parte da comunidade local.

⁵² Sobre este assunto, ver RABUSKE (1984).

Mas não se pode esquecer isto fato não acontece somente no Brasil. Naquela época (e até hoje), em várias partes do mundo, muita gente, contemporânea e vizinha a patrimônios culturais, só se deram conta da sua importância quando outras pessoas de fora da comunidade, tais como intelectuais, estudiosos, artistas ou visitantes estrangeiros, passaram a querer conhecer estes monumentos. Afora a importância que ganha um determinado bem quando lhe é outorgada a declaração de Patrimônio Cultural.

O primeiro projeto museográfico foi implantado em 1954 e o recolhimento de inúmeras imagens de madeira, de tamanho variado, levou os administradores a forçosas modificações. Quando Wakahara visitou o Museu das Missões (1981), lamentou que muitas peças estivessem escondidas do público, em um depósito, e que outras estivessem expostas no chão. Este panorama mudou em 1985, quando foi realizado um novo agenciamento interno, em que painéis indicativos, suportes e vitrines foram instalados para proteger e identificar as esculturas, sob direção do arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio e da museóloga Célia Corsino. Na mesma época, o acervo fez parte do Projeto-Piloto do Centro de Informações de Acervos Museológicos, da antiga Fundação Nacional Pró-Memória.

O ano de 1987 marca o terceiro centenário da fundação das Reduções de São Miguel, São Luiz e São Nicolau. O Estado do Rio Grande do Sul, órgãos públicos de diferentes níveis, empresas privadas e ONGs, patrocinaram inúmeros eventos e projetos. Um deles foi o Inventário da Estatuária Missioneira, onde estão registradas mais de 500 imagens espalhadas em acervos públicos e privados de 40 municípios do Rio Grande do Sul. Através da 12ª Coordenação Regional do IPHAN e da “Comissão Missões 300 anos”, lideradas por Mabel Leal Vieira e Maria Inês Coutinho, o trabalho contou com

quatro diferentes equipes durante sua execução. Nele, foi instituída a seguinte classificação das imagens:

- a) Eruditas: quando marcadas com fortes traços do Barroco europeu.

Podemos citar como exemplo desta categoria, a imagem de Nossa Senhora da Conceição com o Menino Jesus. Esta figura feminina (altura 1,22 m) tem a cabeça levemente inclinada para baixo, rosto delicado e cabelos longos e ondulados como as virgens européias (BOFF, 2002, p. 146).

Imagem 24: Nossa Senhora da Conceição com o menino Jesus

- b) Mistas: quando reúnem aspectos do Barroco europeu e traços culturais Guarani, afora aspectos característicos do estilo local.

Por exemplo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição (1,76 m), que faz parte do acervo aqui considerado, é de peculiar singularidade pelo geometrismo que o artista guarani deu ao seu panejamento” (...) “A imagem de Nossa Senhora da Conceição é um exemplo ilustrativo desta concepção de peça mista. Seu rosto delicado e nariz aquilino lembram as imagens eruditas. Já seu cabelo e véu curtos são características das virgens missioneiras. Os modelos europeus vestem longos mantos ou estão sem o adereço, como as de José de Mora, Martinez Montañés e Alonso Cano. Já as missioneiras, do Museu das Missões, como a que analisamos, têm o cabelo mais longo que o manto, numa composição peculiar, a revelar a situação de acervos culturais conjugados (BOFF, 2002, p. 149).

Imagem 25: Nossa Senhora da Conceição

Imagem 26: Nossa Senhora da Conceição [detalhe]

- c) Primitivas: quando a imagem apresenta forte geometrismo, sente-se que a mão do Guarani missioneiro esteve mais livre para realizar a obra.

As talhas de linguagem consideradas primitivas, pelas suas atitudes eretas, pela predominância do geometrismo no panejamento, pela composição simples e despojada da abundante decoração característica do Barroco, encontramos nas imagens de Santa Catarina e de São João Batista. As duas esculturas citadas e as demais expostas neste espaço, definem a liberdade do indígena com relação aos moldes europeus. Os cânones usados estão longe de assemelharem-se às medidas clássicas européias. Pela singeleza deste conjunto, concordamos com vários autores que já se referiram a esta produção, como barroco jesuítico-guarani ou ainda “barroco crioulo”, (BOFF, 2002, p. 148).

Imagem 27: Santa Catarina

Imagem 28: Santa Catarina [detalhe]

Esta classificação instituída pelo grupo de Vieira e Coutinho é uma forma rígida que não dá conta de todas as peças. E o termo *Primitivo*, atribuído às obras em que os indígenas tiveram mais liberdade para trabalhar, denota ter um valor menor, além de o termo ser preconceituoso e pejorativo. A expressão *Arte Primitiva* foi a maneira encontrada pelos europeus para designar a arte de outras regiões. Em relação ao estilo, discordamos de Boff quanto à expressão *Barroco Jesuítico-Guarani*, assim como da sua outra referência, a do poeta e pesquisador missioneiro Armindo Trevisan, que chamou as obras de *Barroco Crioulo*. Parece que Boff não tem uma definição clara deste Barroco.

Imagem 29: Arcanjo São Miguel

Sugestiona-se como mais adequada a classificação proposta por Alexander e já discutida em Batista Neto (2003) de chamá-lo *Barroco Guarani*. Não se trata de uma definição sem lastro histórico ou escolhida de forma aleatória. A evolução histórica de cada estilo de arte é um processo de avanços e retrocessos através de regiões e épocas, principalmente quando se trata do Barroco, primeiro estilo de arte de escala planetária, em que cada região implantou a sua marca. Josephina Plá chama este Barroco de *Hispano-Guarani*, mas sua definição não contempla os mestres jesuítas não-espanhóis que viveram nas Reduções, como o tirolês Florian Paucke, o italiano Domenico Zipoli ou o francês Luis Verger⁵³.

Ao chamá-lo de *Barroco Missioneiro*, entendendo-o como o “amálgama dos princípios do Barroco europeu, especialmente espanhol, com a cultura guarani”, como trata Vieira e Coutinho (p. 33), esbarra-se na pluralidade de reduções jesuíticas espalhadas pela América (Bolívia, Venezuela, México, Estados Unidos), onde também foi usado o modelo reducional. Este Barroco também é missionero, mas não Guarani.

Chamá-lo de *Barroco Guarani*, como pretende Alexander, parece-nos mais condizente com aquela época. *Hablar del barroco con la calificación de “Guarani” obliga a renovar el concepto de Barroco Americano, como manifestación distinta, aunque planteado en términos autóctonos, de indudable legitimidad en cuanto a su idiosincrasia distintiva*⁵⁴ (ALEXANDER, 1984, p. 181). Mas, como bem lembra Meliá, deve-se esclarecer que este estilo se refere a um período de 150 anos de dominação jesuítica, em que houve diversas influências de diferentes épocas, regiões e mestres europeus. Portanto, este período não deve ser visto como um bloco intocável. Devem-se

⁵³ Para saber mais sobre quantos jesuítas vieram das diferentes regiões européias, ver STORNI, 1984.

⁵⁴ (Falar do Barroco com a qualificação de “Guarani” obriga a renovar o conceito de Barroco Americano como manifestação distinta, ainda estabelecida em termos autóctones, de indubitável legitimidade enquanto idiosincrasia distinta).

considerar tendências, correntes ou tempo em sua análise (*apud* SUSTERSIC, 1995, p. 240).

Em suma, entendemos como Barroco Guarani o estilo que congrega a arte produzida pelos índios Guarani missioneiros, durante os 150 anos que estiveram inseridos dentro da experiência reducional, sob orientação, e a serviço dos padres jesuítas. Um Barroco que mescla princípios do continente europeu – não só da Espanha, mas também da Itália – junto à fauna, flora e idiossincrasia do povo guarani missioneiro.

Imagem 30: Imagem zoomórfica feita em pedra

3. LUCIO COSTA E O MUSEU DAS MISSÕES

Lucio Costa nasceu em Toulon, França, em 27 de fevereiro de 1902, filho de brasileiros em serviço no exterior. Estudou na Royal Grammar School de Newcastle (Reino Unido) e no Collège National, em Montreaux (Suíça). Após retornar ao Brasil, em 1917, estudou pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro diplomando-se em 1924. Neste mesmo ano, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes, visita as cidades históricas mineiras e dedica-se ao estudo de Diamantina.

Lá chegando caí em cheio no passado no seu sentido mais despojado, mais puro; um passado de verdade, que eu ignorava, um passado que era novo em folha para mim. Foi uma revelação: casas, igrejas, pousada dos tropeiros, era tudo de pau-a-pique, ou seja, fortes arcabouços de madeira – esteio, baldrames, frechais – enquadrando paredes de trama barreada, a chamada taipa de mão, ou de sebe, ao contrário de São Paulo onde a taipa de pilão imperava (COSTA, 1992, p. 2)

Segundo Maturino da Luz (2000), esta viagem teria modificado a percepção, a técnica e as propostas do futuro arquiteto e urbanista de Brasília. Costa adquiriu um conhecimento ímpar sobre a arquitetura colonial e descobriu o potencial oferecido por este passado. Aliado à influência do arquiteto e mestre José Mariano Filho, “sua produção voltou-se para o ecletismo vigente, na sua vertente nacionalista, o neocolonial” (LUZ, 2000, p 35).

Lucio Costa, naquele tempo próximo de José Mariano Filho, chegou a ganhar concursos promovidos por seu protetor. Vinculado ao movimento neocolonial, com o qual romperia e criticaria pouco tempo depois, viajou pela Europa em 1926, mas, não tomou conhecimento da Arquitetura Moderna tão discutida no continente, o que ocorreria somente no ano seguinte. Nomeado diretor do MNBA, em 1930, rompeu com José Mariano Filho e aderiu ao movimento modernista. A convicção modernista, especialmente após o contato com o pensamento de Le Corbusier, não o fez perder os

vínculos do seu aprendizado com o passado. Será esta a principal diferença entre os dois.

José Mariano Filho nunca o perdôou por ter aderido ao Modernismo. Fora do quadro de professores do MNBA, Mariano Filho atacou-o duramente por meio da imprensa. O resultado do ataque foi a saída de Costa da direção do MNBA, no ano de 1931. Mas as reformas introduzidas por ele já haviam surtido efeito. Não só no ensino de arquitetura e de arte. Desde o “Salão Revolucionário” das artes, a 38ª Exposição de Belas-Artes – com Guignard, Portinari, Malfatti, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, entre outros –, até a criação do Instituto de Artes na Universidade do Distrito Federal, percebe-se a presença de Lucio Costa e dos modernistas.

O fato de agora ter repulsa ao neocolonial colocou Costa em situação delicada com seus relacionamentos e suas finanças. Os anos de 1932 até 1935 foram de estudos, projetos para “casas sem dono” e poucos clientes. Tal situação mudaria com o convite feito por Gustavo Capanema para projetar a sede do Ministério da Educação e Saúde - MES. Sem dúvida, a subida de Vargas ao poder em 1930 marca também o triunfo do Modernismo na arte. Com ele se iniciou uma nova etapa de formação da brasilidade e o Modernismo foi o movimento vencedor. Advém daí o convite para Costa.

Ele se insere no pensamento que Capanema e Vargas querem dar para o país. Se havia algum impedimento no primeiro período do governo varguista (1930-1934), nesse segundo período (1934/1937) – chamado pelos historiadores de “Período Constitucional”, esta busca pelo novo que represente também um outro país está firmada em bases sólidas.

Costa dá uma guinada na sua carreira com o projeto do MES. Convence os dirigentes a trazer Le Corbusier ao Brasil e, a partir de um grupo de arquitetos e de

croquis do arquiteto franco-suíço, realiza a obra que seria um marco dentro da história da arquitetura brasileira. Em 1937, entra para o SPHAN, ao lado de uma turma de Modernistas na repartição⁵⁵ que ficaria famosa pela sua atuação em torno da cultura. No SPHAN, hoje IPHAN, ele trabalharia até 1972, época da sua aposentadoria. Segundo Maturino da Luz (2000, p. 12):

Lucio Costa, que passara a integrar a equipe de Rodrigo Melo Franco de Andrade logo após a criação da instituição, como consultor técnico-contratado entre 1936 e 1946, teve como sua primeira tarefa visitar, relatar as condições em que se encontravam e propor soluções para a preservação dos remanescentes missioneiros. Desta exitosa experiência consolida-se, de imediato, a liderança do arquiteto, chefiando a Divisão de Estudos e Tombamento (DET), entre 1937 e 1972 – onde contou com a colaboração de profissionais do quilate de Prudente de Moraes Neto, de Luis Jardim, do Benedito D. Clemente Nigra e depois de Carlos Drummond –, e tendo sido também por um curto período, membro do Conselho Consultivo da entidade, assume com discrição a autoridade de teórico e de principal técnico, enfatizada pelo próprio Rodrigo:

(o relatório de 1937)... foi a primeira contribuição do grande arquiteto para o órgão administrativo do qual ele viria a tornar-se o técnico mais influente e destacado” (ANDRADE, 1987, p. 160).

Costa tornou-se homem de confiança de Rodrigo M. F. de Andrade e passou a personificar o elo entre a Modernidade na arquitetura e a preservação da tradição (bens culturais imóveis). Estas foram as características principais da preservação patrocinada pelo IPHAN durante décadas⁵⁶. E sobre a visita técnica aos remanescentes arquitetônicos, arqueológicos e artísticos das Reduções Jesuíticas dos Guarani no Rio Grande do Sul, o relatório e a sugestão para construção do Museu das Missões de que trataremos a seguir.

⁵⁵ Trabalhavam com Rodrigo M. F. de Andrade: Lucio Costa; Prudente de Moraes Neto; Manuel Bandeira; Mário de Andrade; Carlos Drummond de Andrade; Luis Jardim; Gilberto Freyre; entre outros. A equipe de arquitetos tinha além de Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, José de Souza Reis, Paulo Thedim Barreto (o único não-modernista), Renato Soeiro e Alcides da Rocha Miranda. Uma equipe pequena, mas coesa – escolhida a dedo por Rodrigo M. F. de Andrade e Costa.

⁵⁶ Sobre as críticas ao procedimento do IPHAN no processo de tombamentos que privilegiava bens arquitetônicos, especialmente os da classe burguesa, ver Miceli (1987).

4. O RELATÓRIO DE 1937

O relatório de 1937, considerado *memorável* por Andrade comprova toda a erudição de Lucio Costa. Na sua análise do que foi a arquitetura produzida nas reduções que visitou, o arquiteto demonstrou sua humildade em reconhecer que não sabia dar a resposta para a existência do pórtico na igreja de São Miguel; olhar astuto para a argúcia da construção da igreja; formação distinta ao considerar que as variadas procedências dos europeus – aliada à deficiência do meio e à falta de liberdade interpretativa dos índios – foram fatores que produziram aquela arte diferenciada. É certo também que Lucio Costa cometeu equívocos, como ao dizer que o índio aceitou docilmente a presença do jesuíta, fato que as modernas pesquisas históricas contradizem. Acredita-se que em 1937 não havia este revisionismo histórico e a preocupação com a história dos vencidos – uma discussão ainda atual.

Costa visitou as Reduções a pedido de Andrade, acompanhado pelo representante local do SPHAN, o intelectual e assistente técnico Augusto Meyer, o funcionário do Gabinete de Resistência dos Materiais da Escola de Engenharia de Porto Alegre, Altamiro Cardoso, e o fotógrafo Edino Pacheco. Das sete reduções que se localizam no atual Estado do Rio Grande do Sul, só não foram até a antiga Redução de São Borja (local de nascimento de Getúlio Vargas), devido às chuvas que dificultaram o acesso.

Logo no início do relatório o autor sugere como deve ser o trabalho de restauração das obras. Segundo Luz, Lucio Costa tinha conhecimento das teorias modernas de restauração. Não proporia, por exemplo, a reconstrução do sítio de São Miguel Arcanjo. Ao contrário, registrou no seu relatório que: “Com efeito, não se pode pensar em reconstruir São Miguel ou mesmo recompor qualquer de suas partes; os

trabalhos deverão limitar-se, tão somente, a consolidar e conservar” (PESSOA, 1999, p. 26).

Posteriormente, Lucio Costa explicou sucintamente como deveriam proceder em cada remanescente, dedicando mais atenção a São Miguel. Ali, ele percebeu que o pórtico não tinha amarração com a igreja e desconfiou que se tratasse de outra obra, pois não podia acreditar que Gian Batista Primoli, arquiteto erudito, cometesse uma falha como aquela. Modestamente, sugere que outros estudiosos busquem a resposta para tal dilema.

O mais estranho, porém, é que a sua arquitetura, tanto no conjunto como no detalhe, revela, da parte de quem o projetou e dos que o executaram, conhecimentos seguros de “modenatura” e proporção, senão mesmo de um certo apuro. Como compreender, então, que artistas assim “informados” incorressem naquela falta e tolerassem os remates grosseiros resultantes da superposição de perfis e motivos diferentes? (PESSOA, 1999, p. 27).

De fato, foi provavelmente o Ir. José Grimau quem fez o pórtico de forma que tapasse a fachada, em um momento posterior à obra do Ir. Primoli. Costa continua seu relatório tratando dos outros povoados missioneiros no Rio Grande do Sul, até chegar ao momento de dar sugestões sobre as medidas a serem tomadas. Tais sugestões não visavam apenas a preservação, mas foram postas para que o visitante compreendesse “melhor a significação das ruínas, sintam que já houve vida dentro delas” (...) (PESSOA, 1999, p. 39). Segundo Costa, para auxiliar este visitante geralmente pouco ou mal informado, é necessário:

... a organização de uma série de esquemas e mapas, além da planta de S. Miguel, acompanhados de legendas que expliquem de maneira resumida, porém clara e precisa, a história em verdade extraordinária das Missões, e como eram as casas, a organização dos trabalhos nas estâncias e oficinas, as escolas de ler e de música, as festas e os lazeres, a vida social das comunidades em suma. Com datas e nomes, mas tudo disposto de forma atraente e objetiva, tendo-se sempre em vista o alcance popular. O alpendrado anexo à casa do zelador, poderia então servir, também, para este fim (Pessoa, 1999, pp. 39-40).

Costa resolve em 1937 uma questão que permeia muitas instituições culturais, especialmente o museu. O museu é para ser visitado, um local privilegiado para a prática do Turismo Cultural. Muitos administradores de museus ainda não entendem o turista como um visitante a ser prestigiado. “Se um museu ou localidade histórica consente que apenas um restrito grupo de especialistas ingressem em seu espaço sacrossanto, que diferença há entre eles e os gabinetes de raridades do período medieval?” (PIRES, 2001, p. 42). Lucio Costa, em 1937, também achava que o museu era para o visitante.

A primeira sugestão do seu relatório foi a reunião do material remanescente dos outros povoados, concentrando-os em um museu a ser construído em São Miguel. Esta construção e a Casa do Zelador estão localizadas no extremo da praça, servindo para dar referência das dimensões deste espaço aos visitantes. Outra vez, o visitante está presente no projeto de Costa, desta vez sem ser mencionado. Mas o que sobressai no texto é a observação de que “o ‘museu’ deve ser um simples abrigo para peças”.

O “museu” deve ser um simples abrigo para as peças que, todas de regular tamanho, muito lucrarão vistas assim em contato direto com os demais vestígios; e como a casa do zelador precisa ficar no recinto mesmo das ruínas, é natural que os dois sejam tratados conjuntamente, ocupando a construção, de preferência, um dos extremos da antiga praça para servir de ponto de referência e dar uma idéia melhor das suas dimensões, (PESSOA, 1999, p. 39).

O texto citado marca como um estigma todas as discussões posteriores sobre o Museu das Missões. O uso da palavra museu entre aspas sugere que Lucio Costa não estava pensando em um museu. Acompanhado do comentário que deve ser esta construção um simples abrigo de peças, justifica-se a falta de espaço para reserva técnica, documentação, museografia, ausência de conservação, espaço para atividades educacionais etc.

Alguns visitantes notaram isto. Um músico uruguaio, quanto ao museu, descreve-o como um depósito “Não tem graça, uma coisa assim, um depósito de peças, peças muito boas, eh... As paredes não são bem pintadas, os cartõezinhos das peças não são bem legíveis (...)” “Eu acho que as necessidades dos visitantes não são satisfeitas”. Aliada à falta de informação, uma das críticas também ressaltadas é achar que o museu não tem espaço suficiente, destacada por um bancário de Uruguaiana (RS): “Achei que poderia ser mais bem cuidado, mais elaborado, sem estar ‘jogado’”. Uma empresária, apreciadora de artes plásticas, irmã de colecionadores, em relação ao museu das Missões, o acha muito pequeno, e as obras estão muito amontoadas, causando uma “confusão visual [...] porque você tá olhando uma imagem, se você só virar um pouquinho os olhos você já está diante de outra, e pra você apreciar direito uma obra de arte, você tem que se concentrar nela, naquela obra”. Esta confusão visual impossibilita uma melhor oportunidade de apreciar a arte Barroca Guarani.

Sobre o relatório de Costa, de fato, pode-se arriscar uma outra hipótese para a colocação das aspas na palavra museu. E ela começa pelo destinatário do relatório *memorável*: Rodrigo M. F. de Andrade, diretor do SPHAN. É de conhecimento geral que Andrade foi convencido da importância dos museus por Lucio Costa e Mário de Andrade. Muito mais incisivo foi Costa. Rodrigo M. F. de Andrade não só mudaria de opinião, como, a partir da experiência do Museu das Missões, incentivaria a construção de outros museus regionais. Sob a sua autoria e responsabilidade, foram construídos os Museus do Ouro (Sabará) e da Inconfidência (Ouro Preto).

Não se pode esquecer que o relatório de 1937 foi o primeiro trabalho de Lucio Costa no SPHAN. Ele ainda não era o homem forte do instituto nem o homem de confiança de Rodrigo M. F. de Andrade – “técnico mais influente e destacado”. A hipótese apresentada é de que esta passagem do museu entre aspas tenha sido o jeito que

Lucio Costa encontrou para, arduamente, convencer seu chefe da importância da criação de um museu regional.

Na incipiente política cultural deste novo país pensado no Governo Vargas, por que não incentivar a construção de museus regionais e populares espalhados pelo interior do território? Mas para convencer os mandatários do Estado Nacional que o projeto era válido fez-se necessária uma sólida argumentação. É possível que a proposta de Costa no relatório, tímida em relação ao resultado final, tenha exercido tal função. Convencido, após a entrega do relatório, Andrade incumbiu o arquiteto Lucas Mayerhofer de construir o museu e restaurar a igreja de São Miguel.

(O museu) está situado no ângulo NO da praça de São Miguel e consta de três seções ou compartimentos, limitados em dois de seus lados por paredes paralelas, abrindo-se nos outros dois para um largo alpendre que faz a volta do edifício. É coberto por um telhado de quatro águas, cujo madeiramento se apóia nas empenas das quatro paredes paralelas e nos pilares das varandas (MAYERHOFER, 1947, p. 41).

Mayerhofer restaurou a sacristia da igreja e a transformou em sala de exposição do Museu. Atualmente, este espaço é usado como auditório. Ali, de hora em hora, passa-se um vídeo sobre a Redução de São Miguel Arcanjo. Três computadores passam de forma didática o programa da “Missão Virtual”⁵⁷. E uma estátua de Nossa Senhora da Conceição, a maior do acervo (2,10 m de altura) encontra-se no local.

Tendo telhado em meia água, realizado no sentido oposto do caimento original da nave lateral da igreja, coberto com as telhas indicadas por Lucio Costa, mas não com telha-vã como propôs, e utilizando forro de madeira, tendo as superfícies de vedação envidraçadas, assim foi executada a edificação, em meados dos anos cinquenta, em dois módulos da nave, do lado do evangelho, e que serviu de sala de exposições até a década de sessenta, quando foi demolida, passando as imagens para uma nova sala construída na antiga sacristia da igreja e para o Museu. Com exceção da parede lateral da igreja, usada como suporte para exposições, as demais “paredes” desta “sala de exposições” eram envidraçadas, possuindo dois acessos situados em lados opostos, no sentido longitudinal, propiciando a circulação contínua da nave ao se cruzar pelo interior da sala, (LUZ, 2000, p. 19).

⁵⁷ Projeto da UNISINOS em conjunto com o IPHAN, mostra as construções em 3D da redução de São Miguel como era na época dos jesuítas e Guarani.

Imagem 31: Acervo, foto de Pedro Antonelli, por volta de 1939/40

Imagem 32: Lucio Costa

5. AS OBRAS DE LUCIO COSTA, SEGUNDO MATURINO DA LUZ

Maturino Santos da Luz, arquiteto e professor, chefe das obras de restauração em São Miguel – entre 1986 e 1988 – escreveu uma monografia sobre o Museu das Missões. Algumas de suas opiniões e observações são retomadas no presente texto. Luz afirma que a obra do Museu das Missões é omitida ou desprezada pela historiografia da Arquitetura Moderna Brasileira, até mesmo por seu autor: “O próprio Lucio Costa a desloca do conjunto da sua obra já que ela é a última a ser referida por ele, e de passagem” (2000, p. 02). O autor não esclarece em que momento Costa se referiu ao Museu, e nem em qual texto.

Muitos estudiosos consideram que o Grande Hotel de Ouro Preto é a marca da arquitetura moderna no Brasil, mais que o projeto conjunto que os arquitetos brasileiros realizaram com Le Corbusier para o Ministério da Educação e Saúde. De acordo com Luz, o Museu das Missões deve ser considerado outro marco, tão importante quanto o Grande Hotel projetado por Niemeyer – sob patrocínio de Costa. Acrescentando que este fez o projeto do Museu das Missões e da Casa do Zelador sozinho.

No que diz respeito ao seu trabalho junto ao Patrimônio, o Museu das Missões e o Grande Hotel de Ouro Preto foram as mais significativas intervenções de inserção de uma nova arquitetura em sítios históricos tradicionais no Brasil. Em termos de América Latina, poder-se-ia dizer, pioneiras neste sentido. O Museu das Missões, cronologicamente, a primeira experiência. Sem dúvidas estas duas obras demonstram a maturidade que Lucio Costa, em especial, atingira na virada dos anos trinta para os anos quarenta (LUZ, 2000, p. 36).

As inserções de obras arquitetônicas modernas nos patrimônios culturais nacionais proporcionam o debate sob os direitos do arquiteto de realizar estas incisões. O arquiteto tem o poder de construir uma obra inovadora e com ela alcançar a imortalidade de seu nome e de sua criação. Mas, não é um caminho “fácil demais” realizar isto em um patrimônio preservado? Os arquitetos podem realizar suas obras em

locais que não obtiveram esta chancela. Querem eternizar seu nome e sua obra, então que não se apóiem naquilo que já é reconhecido simbolicamente como um bem importante para a comunidade, país ou para a humanidade. Talvez esta seja mais uma característica que diferencia Oscar Niemeyer e Lucio Costa de outros arquitetos. Eles tanto fizeram obras em patrimônio preservado (Ouro Preto e São Miguel) como também em locais desabitados (Brasília).

Voltando ao pensamento de Luz, ele aponta que Le Corbusier adotou uma produção neovernacular, por exemplo, na Casa Errázuriz, no Chile, construída em 1930. É neste contexto de modernidade do uso do vernacular⁵⁸ que surge o Museu das Missões – estilo bem refletido também na Casa do Zelador. “A produção neovernacular não estava restrita somente na figura de Le Corbusier, difundia-se no contexto latino-americano e conseqüentemente, comparece também na obra de Lucio Costa” (p. 08). Luz apresenta a hipótese de que Le Corbusier teria conhecimento do projeto do Museu das Missões – que deve ter sido discutido no Ministério da Educação e Saúde, na época do Ministro Capanema. É provável que ele tenha influenciado o projeto. Porém, Luz acredita que a obra do Museu fora inteiramente executada por Costa, um defensor do patrimônio. É justamente neste aspecto reside a principal diferença entre os dois arquitetos.

O mesmo grupo de modernos que revolucionaram a cultura brasileira a partir dos anos vinte, e no caso da arquitetura, a partir da segunda metade da década de trinta, passaram a zelar também pela preservação dos bens culturais do passado, principalmente do período colonial. Atitude ímpar no contexto da arquitetura, situação que não ocorreu em nenhuma outra parte do mundo onde os responsáveis pela produção da arquitetura moderna se opuseram aos arquitetos responsáveis pela preservação do passado (LUZ, 2000, p. 10).

Seriam estes modernistas que foram para a repartição pública, no dizer de Cavalcanti. Ocupam o Estado Varguista e, dentro do ministério de Capanema,

⁵⁸ Chama-se arquitetura vernacular àquela praticada no próprio país ou região.

influenciaram intrinsecamente a área cultural, a despeito dos baixos salários que os obrigavam a procurar outras atividades para completar o orçamento. Segundo Cavalcanti, a explicação residia no fato de que ao dominar a política cultural, o Modernismo conseguia “realizar o sonho de todo revolucionário; deter as rédeas da edificação do futuro e da reconstrução do passado ou, em outras palavras, escrever simultaneamente o mapa astral e a árvore genealógica do país” (1993, pp 22-23). Mas, neste processo de renovação, a edificação do futuro não está dissociada da reconstrução do passado. A árvore genealógica, por exemplo, não abarcava a pluralidade cultural e o “mapa astral” teve de arcar com as conseqüências de tal escolha.

Imagem 33: Museu das Missões

6. AS EDIFICAÇÕES

Como mostram os comentários de Maturino da Luz acerca do projeto do Museu das Missões e da Casa do Zelador, Costa quis construir uma casa dos índios de uma maneira diferenciada, com três celas ao invés das sete, geralmente encontradas na casa do índio missioneiro. Talvez o motivo para esta modéstia fosse o número de peças que Costa deve ter visto em 1937. Segundo Mayerhofer,

Tinha-se em vista uma construção simples, destinada a servir de abrigo às peças recolhidas das diversas regiões missioneiras e que, ao mesmo tempo, representasse a reconstituição de alguns elementos do antigo passeio alpendrado que se desenvolvia ao longo das casas dos indígenas (1947, p. 41).

O pequeno edifício é dividido por paredes paralelas de alvenaria argamassada, sendo que, ao seu redor, erguem-se paredes e portas de vidro que proporcionam claridade ao ambiente. Possui uma cobertura de quatro águas apoiadas em pilares que formam um alpendre ao redor do edifício. Estes foram retirados da Redução de São Luiz Gonzaga e do próprio sítio de São Miguel. Deste sítio e da redução de São João Batista, foram retirados os pisos para pavimentar a área. Naquela época, não se achou nas Reduções a quantidade suficiente de piso e foram buscar lajes na antiga pedreira de Santa Bárbara, a 15 km de distância. O Museu das Missões mede 17,54 m x 22,78 m. A cobertura foi feita de madeira de boa qualidade – todas da região – e telhas vãs. Um dos fatores que impulsionou a utilização dos materiais encontrados na região foi a dificuldade de conseguir qualquer outro tipo de material em outras regiões, todas de difícil acesso.

O uso do vidro na construção do Museu das Missões parece ser um assunto insignificante, que pode até passar despercebido durante uma visita. Mas, é de vital importância para entender o pensamento de Costa sobre o Museu. A utilização do vidro

permite ao visitante a visualização das peças pelo lado de fora. Tal transparência possibilita “a fruição das peças escultóricas tendo a paisagem do sítio como cenário” (WISNIK, 2001, p. 60). A integração das obras com a igreja e todo o cenário ao redor cria laços de pertinência perceptíveis ao olhar. Uma visitante canadense percebeu isto em uma entrevista realizada em janeiro de 2005.

— Conceito aberto com vidro. E é um prédio quase dentro da natureza, e para andar ao lado das coisas, e em meio dos outros museus. É diferente, eu acho, porque tem um sentimento que você não está dentro de um museu. É um sentimento de que a pessoa é uma parte deste lugar. Parece que ‘a pessoa faz parte do lugar’.

Imagem 34: Fotografia do projeto museográfico implantado em 1954

Ocorre que, no projeto original, não havia o fechamento dos três compartimentos do museu com vidros. Isto foi realizado por Mayerhofer: “Para melhor abrigar as imagens de madeira, foi feito fechamento das três seções do museu com grandes vidraças, de 0,005 m de espessura, colocadas em caixilhos de ferro, formando janelas fixas e portas de correr” (1947, p. 41). Os vidros não chegavam até o forro e deixam

passar o vento e toda a variedade de insetos. O objetivo era criar uma ambiência do museu com o sítio, ao mesmo tempo em que as superfícies envidraçadas definem e refletem os espaços. Não há dúvida de que esta transparência cria uma situação mágica. Além disto, salienta Boff, que “Grandes portas de vidro conferem um traço de modernidade ao ambiente rústico, ao mesmo tempo em que houve a intenção de integrar as imagens ao espaço externo”, (2000, p. 126). Lucio Costa certamente foi informado da mudança no seu projeto.

Os panos de vidro do fundo fazem alusão às paredes posteriores das celas de habitação indígena, que Mayerhofer chama de “janelas fixas”, enquanto os panos de vidro frontais possuem a porta de acesso, também alusão ao acesso às citadas celas. Certamente houve a concordância, senão a própria orientação de Lucio para que fosse feito este fechamento dos compartimentos com vidro. Opta por perfis metálicos, possibilitando o máximo de transparência nos vãos, (LUZ, 2000, p. 33).

O mesmo não ocorre com a Casa do Zelador. Meurs notou que “(...) a casa com pátio do administrador, de fora parece apenas um volume de pedras fechado” (*Apud* LUZ, 2000, p. 33). Se de um lado do “L” temos toda a abertura para o olhar, do outro não vemos nada – *apenas um volume de pedras fechado*.

Curiosamente apenas os acessos possuem aberturas – portas – para o exterior. Não há janelas para fora. As aberturas voltam-se para o espaço aberto interno. Os cômodos estariam dispostos linearmente a partir do acesso: sala de estar, dois quartos, serviço (cozinha) e tanque – ao qual estariam ligados um depósito e um banheiro -, todos estes cômodos interligados por um alpendre de circulação, dando para um pátio interno de serviço (LUZ, 2000, p. 19).

Sede local do IPHAN, espera-se que a mudança do órgão possa abrir a Casa para a contemplação do público. Olhar os trabalhos de Lucio Costa por completo dá ao visitante a oportunidade de perceber toda a sua criatividade na realização destas obras. E nunca é demais lembrar que o visitante foi a razão primeira deste projeto, ainda na fase do relatório de 1937.

Quais foram as influências de Lucio Costa na concepção destas obras? Uma fonte de inspiração é a arquitetura vernacular, arquitetura cujos preceitos se transmitem

na própria tradição, sem necessidade de sistematizações explícitas. No caso do Museu das Missões, o diálogo se faz com as casas dos Guarani missioneiros. No caso da Casa do Zelador, o diálogo se faz com a arquitetura vernácula da casa rural platina, lembrando os solares espanhóis com pátio interno. Luz discute que sua influência vem da cultura árabe implantada na Península Ibérica durante a ocupação moura (711-1492), o que explica a transposição desta forma de arquitetura para as áreas americanas de dominância espanhola.

Mas, seria a arquitetura vernácula a única influência de Lucio Costa?

Sobre o Museu das Missões, Lygia Martins Costa registrou que se tratava de uma “Concepção notável por sua originalidade, sem qualquer modelo estrangeiro que o influenciasse”, (2002, p. 81). Luz não trabalhou no seu texto com a opinião de Lygia Martins Costa, mas aponta outro caminho de análise para a inspiração de Lucio Costa na realização das duas obras. Há uma similitude do Museu das Missões com o pavilhão da Alemanha para a Feira de Barcelona, de 1929, trabalho do arquiteto modernista alemão Ludwig de Mies van der Rohe⁵⁹. Outro trabalho de Mies Van der Rohe serviria de inspiração para a Casa do Zelador: o seu projeto (não-executado) de uma casa de três pátios. Contrariando Lygia M. Costa, há um diálogo das obras de Lucio Costa com a arquitetura estrangeira moderna.

⁵⁹ O arquiteto alemão Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969) é considerado um dos principais nomes da arquitetura do século XX. Foi professor da Bauhaus e um dos formadores do que ficou conhecido por *International style*. Mies van der Rohe possuía uma arquitetura sempre voltada ao racionalismo espacial. Sua concepção dos espaços arquitetônicos envolvia uma profunda depuração da forma, voltada sempre às necessidades do lugar. Este minimalismo se expressa em uma de suas mais famosas frases: *Less is more* ("Menos é mais."). O Pavilhão alemão na Feira Mundial de Barcelona (reconstruído) é uma das obras mais célebres de Mies van der Rohe. Espaços abertos ou transparentes predominam em seus projetos, usando sempre materiais como o vidro e o metal. Para saber mais, procurar BLASER, Werner. *Mies Van Der Rohe*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Imagens 35/8: Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha

“Há uma similitude do Museu das Missões com o pavilhão da Alemanha para a Feira de Barcelona, de 1929, trabalho do arquiteto modernista alemão Ludwig de Mies van der Rohe”, p. 116.

7. SOB A SOMBRA DE LUCIO COSTA

Outra informação passada por Luz refere-se à localização exata do “L”. Segundo o autor, Lucio Costa havia definido o NE da praça para a construção do complexo. Mas houve variações para o projeto original de Costa. Lucas Mayerhofer resolveu fazer um outro projeto e apresentou as duas construções de forma paralela. Outra variante, efetivada como construção, foi a de Paulo Thedim Barreto:

Nesta proposta, rebate a planta da casa do zelador, invertendo-a ainda em relação ao alpendre como aparecia na concepção de Lucio, acentuando a idéia de “esquina da praça”, que didaticamente Lucio queria explorar, sem impedir a visualização do museu a partir das ruínas da igreja e seus anexos, e acentuando também o volume do museu em relação ao da casa na primeira impressão do visitante (LUZ, 2000, p. 29).

A construção da portaria de acesso ao sítio (1987) alterou o projeto de Costa. A entrada dos visitantes se dá pela outra lateral do sítio. Das possibilidades de entrada para as ruínas da Redução de São Miguel das Missões, que já foram utilizadas historicamente pelos visitantes, esta é a mais inconveniente. Desde então, não se vê mais o museu em toda a sua magnitude. Apenas de forma parcial e pela lateral, ocultado pela Casa do Zelador.

Quando da construção do Museu, o caminho para o sítio era exatamente o contrário do que se encontra hoje. O visitante tinha uma visão completa do sítio, tendo à sua esquerda as ruínas da igreja e à sua frente o Museu das Missões e a Casa do Zelador, formando o “L” no canto da praça. Parece claro que a opção original de trajeto é a mais apropriada para uma primeira visão da arquitetura de Lucio Costa e das ruínas da Redução.

Quais inserções foram realizadas pelos técnicos do IPHAN e que alteraram a obra de Lucio Costa? Segundo os próprios, as obras realizadas foram as seguintes: em 1992,

inauguração da “sala João Hugo Machado”, na sala de estar da Casa do Zelador, local das atividades didáticas ligadas ao museu e às ruínas; em 1996, a colocação dos “ (...) forros nas salas de exposições (compartimentos) do museu e feita a complementação do fechamento dos panos de vidro na parte superior das superfícies envidraçadas” (LUZ, 2000, p. 33); enfim, a última obra realizada no projeto original de Costa foi a recuperação do piso de arenito, entre 1999 e 2000. Todas as obras estavam sob a responsabilidade de Vladimir Stello (arquiteto residente do IPHAN em São Miguel) e nenhuma delas altera a obra de Costa de forma significativa – apenas adequou-a para as atividades museológicas contemporâneas.

Não se quer, contudo, ser rigoroso com Lucio Costa, mas verificam-se algumas falhas no projeto do Museu das Missões e em sua execução por Lucas Mayerhofer. Na construção pode-se discutir, do ponto de vista da Arqueologia, sobre o que se perdeu de patrimônio arqueológico com as fundações realizadas em terreno firme a apenas 2,5 m de profundidade média.

O Museu das Missões possui um estigma que o acompanha desde a sua construção: o de não ter sido projetado para ser um museu. Não tem reserva técnica, não tem espaço para atividades didáticas e nem para receber os visitantes. Sequer salas para os diversos funcionários que perfazem a burocracia museológica. Da arquitetura de um museu, só há a área expositiva. Costa deixou registrado no seu relatório que se tratava de um “simples abrigo de peças”. Mas, até que ponto pode-se dizer que ele pensasse em um Museu que tivesse apenas área expositiva? Seria ele ignorante dos aspectos que cerceiam a construção de um museu?

Se Costa não sabia disto na época, com certeza, ele ficou sabendo no futuro. Afinal, o autor da obra era um funcionário de alto escalão do IPHAN, que trabalhou até 1972 e só veio a falecer em 1998. Não é concebível que ele não soubesse que um acervo

com 94 fragmentos e imagens em madeira policromada (afora as peças líticas) não pode permanecer em um espaço tão pequeno, sem condicionamento térmico, ao sabor do vento, da luz solar em demasia e de todo azar de insetos. Aos poucos, as obras irão perder cada vez mais suas características que as perfazem como o maior acervo exposto ao público de imagens sacras missioneiras.

Imagem 39: Ariston J. Corrêa Filho limpando uma escultura

120

Infelizmente, a obra de Costa apresenta sérios problemas na área da conservação do seu precioso acervo. Até quando estas imagens vão agüentar a conservação preventiva realizada pelo IPHAN? As imagens sofrem alteração da camada pictórica há 60 anos no Museu, além dos duzentos anos de desgaste desde a sua confecção. Um tempo considerável para uma obra de arte. Por maior que sejam os esforços de Letícia Bauer (atual diretora do Museu) e Ariston José Corrêa Filho (restaurador da 12ª Regional do IPHAN) em conservar e restaurar estas peças, elas permanecem com os mesmos problemas observados por Coutinho e Vieira que, em 1985, iniciaram um processo de conservação e restauração da coleção.

Tal conservação manifesta, entretanto, sérias dificuldades, na medida em que o prédio do Museu não apresenta condições para a correta guarda do acervo, considerando as condições climáticas locais, com grande instabilidade de temperatura, umidade, incidência de luz direta e poeira, movida pelas fortes correntes eólicas locais (COUTINHO & VIEIRA, 1993, p. 11).

Uma hipótese apresentada é que quando Lucio Costa fez sua visita técnica, só observou três obras. Arquiteto de formação distinta, não poderia conceber o projeto de um museu para apenas três peças. Por esta razão, um espaço expositivo com três salas (podendo-se colocar uma obra em cada repartição, rechear o espaço vago com outros objetos – como pedras ornamentais e/ou maquetes, fotos etc.) estava adequado ao programa arquitetônico. No relatório, ele menciona que as peças são de igual tamanho. O acervo atual comporta imagens de poucos centímetros até 2,0 m. Como poderia Costa registrar que as peças são de igual tamanho? Somente se existissem poucas peças se justificaria esta passagem. Colabora para esta hipótese o seguinte trecho do relatório de Victor Noel Saldanha Marinho e Maurício Dias da Silva, autores do projeto museográfico instalado em 1954:

Durante a construção do museu, 'simples abrigo', e depois do mesmo construído foram recolhidas inúmeras peças de madeira de tamanho variado forçando o fechamento da célula próxima à casa do zelador para melhor protegê-las; continuando o recolhimento destas imagens, cedidas por particulares e pela Igreja, tornou-se necessário fechar as células restantes devido a seu elevado número⁶⁰.

A partir das informações deste relatório sabe-se que Lucio Costa viu poucas obras e concebeu um museu de dimensões pequenas para melhor adequá-las. O que modificou a concepção original do museu foi a ação de João Hugo Machado. Ele foi o primeiro zelador do sítio de São Miguel Arcanjo, morou na Casa do Zelador de 1938 até 1983, quando veio a falecer. Foi um homem de visão e de ação, que fez o acervo do Museu das Missões. Sem ele, não haveria tantas peças para se observar nos três cômodos projetados por Costa.

Em dois anos, com um ofício presidencial de Getúlio Vargas em suas mãos, Machado percorreu o interior do Rio Grande do Sul em busca de imagens missioneiras. Suas peripécias para consegui-las viraram lendas por toda a região. Dizem que

⁶⁰ No trecho citado, o relatório reporta-se às obras feitas entre 1938 e 1940 por Lucas Mayerhofer.

conseguiu arrancá-las até de delegados de polícia. Muitas vezes, se fingindo de enfermo ou mesmo falando que tinha alguém doente em casa, levou imagens de devoção das famílias para curar o falso doente, e, sem dar satisfação, incorporava a imagem ao Museu. E quem vinha reclamar não teria a menor chance de ver seu santo de volta. O problema advindo desta forma de aquisição das imagens que estavam em oratórios particulares⁶¹ se constitui como mais um desafio na história do sítio de São Miguel.

Se, por um lado, o acervo foi constituído pelo trabalho de Machado, por outro, o IPHAN não é bem visto justamente pelos métodos utilizados pelo antigo zelador de São Miguel. Na época, muitas pessoas esconderam seus santos ao saberem que o órgão estava confiscando imagens. No Museu das Missões presenciavam-se atitudes inusitadas para um museu de peças sacras: velas acesas para um determinado santo⁶². São autóctones que vêm rezar para o seu protetor, manifestar que continuam devotos da imagem que era de culto familiar. Até onde um projeto museográfico pode ir além da fé das pessoas em uma imagem? E mais: será que um dia o IPHAN devolverá estes santos/obras de arte para os seus ex-proprietários?

Afora a situação peculiar que envolve o museu, o trabalho do IPHAN na comunidade, o aumento no acervo modificou o programa de Lucio Costa. Um arquiteto notadamente trabalha com as seguintes fases: a proposta de um programa para ser

⁶¹ Deduz-se, de um trecho do livro de Moacyr Flores (1986, p. 41), que muitas destas imagens foram roubadas. Escrito em 1983, ele aponta que “*encontramos no pátio de São Miguel, se ainda não a levaram como tantas outras que sumiram, uma estátua de arenito imitando uma das meninas de Velásquez*” (grifos nossos). Percebe-se nesta época em abandono que estavam as ruínas através do documentário *República Guarani*, do diretor Sílvio Back, de 1981. A redução de São Miguel mais parece um pasto do que um Patrimônio da Cultura Nacional. Mas, segundo os técnicos do IPHAN, o que ainda persiste é uma lenda de furtos no Museu das Missões que não corresponde à realidade. Existe uma foto com as estátuas tiradas em 1940. Pelo que se percebe na imagem, todas se encontram no Museu. E deve-se acrescentar que um inventário detalhado, com fotos, só foi feito muito tempo depois. Baseado nesta foto e na visita ao local, acredita-se que o historiador gaúcho Moacyr Flores sucumbiu às tentações desta que é mais uma das tantas lendas que circundam o mundo missioneiro.

⁶² Um técnico em comunicações de Santa Rosa (RS) viu as imagens como sacras e como objetos de arte. Tanto na igreja, diante do local onde se faziam os batismos, como diante de algumas obras do museu. Ele fez a reverência (‘o nome do pai’) e teve vontade de rezar uma oração.

executado; posteriormente, elabora projetos que dêem conta do programa; finalmente, escolhe um deles e realiza a obra. O que ocorreu no sítio de São Miguel foi que a coleta de mais de uma centena de peças em pedra e madeira alterou totalmente as intenções de Costa no projeto do Museu das Missões.

Sabendo dos percalços que o Museu encontrou por causa do aumento significativo do seu acervo, uma vez que o projeto não dá mais conta do programa, o procedimento mais adequado é modificar este. Uma vez que ele já é uma obra arquitetônica, pode-se alterar a obra. No caso de um museu, pode-se ampliá-la. E a nova ampliação nem precisa dialogar com a sede original, como é o caso do Museu do Louvre, na França. Porém, como alterar uma obra de Lucio Costa? Estamos falando de uma obra tombada pelo IPHAN, projetado por um dos seus fundadores, funcionário do seu alto escalão. Além disto, a alteração pode não resolver o problema. Outra possibilidade seria fazer um outro projeto que dê conta do programa e reutilizar o *Pavilhão Lucio Costa*, sede do Museu das Missões⁶³, para outro tipo de coleção a ser exposta, mas sem modificar a sua função.

Entre estas duas possibilidades, para a realização da primeira o trabalho seria dispendioso, com grande probabilidade de fracasso, e mudaria de forma drástica esta obra que é patrimônio cultural tombado. Seria necessário, para alterar a obra de Costa, modificar a transparência dos vidros. Entra excessiva luminosidade, que estraga a pigmentação das madeiras policromadas, além de facilitar a passagem do frio e da umidade, característica desta região. As portas de vidro devem ser repensadas. As portas de madeira podem ser uma solução melhor para este caso. Impede a visão do visitante, mas salva o acervo. Além disto, a porta não pode ficar aberta todos os dias, pois facilita

⁶³ Em 1998, por ocasião de sua morte, o IPHAN nomeou a sede do Museu das Missões de *Pavilhão Lucio Costa*.

a entrada de insetos, e o clima altera totalmente o metabolismo da madeira e da pintura. É necessário colocar condicionadores de ar e impedir a entrada de insetos.

Se as questões técnicas mínimas de conservação parecem inviabilizar o projeto de modificar a obra de Costa, uma nova museografia seria mais complicada. É difícil imaginar que eum espaço tão pequeno, com tão poucos metros quadrados, se realize um trabalho diferenciado da curadoria atual. Mesmo porque os três cômodos não têm ligação entre si. Para ir de um cômodo para outro, é necessário sair de um e depois entrar no outro. A questão do espaço constitui-se em um desafio à imaginação dos curadores. O que se pode fazer é diminuir o número de obras expostas, mas não há reserva técnica para receber estas obras.

Ampliar o Museu das Missões pode ser uma alternativa, mas esbarra no tombamento da obra como Patrimônio Cultural Brasileiro, inserido dentro de um sítio tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO. A outra possibilidade de intervenção seria a construção de um novo espaço que tenha todas as características que perfazem um moderno museu de arte. Segundo Susan M. Bradley (2001), as finalidades de um museu são a proteção de objetos por meio da conservação e da segurança. Já em relação ao público, as finalidades são: a) curadoria – que inclui o estudo do acervo por parte de pesquisadores; b) exposição – que inclui o empréstimo de peças para outras instituições, nacionais ou estrangeiras; c) ensino, que “pode envolver o manuseio de objetos da coleção por estudantes, grupos escolares e, ocasionalmente, outras pessoas do público”, (2001, p. 19).

Somente com a construção do futuro Centro de Documentação poderão ser cumpridos estes preceitos mínimos de um espaço que pode ser chamado de museu, com áreas para a exposição permanente, e outra para exposições provisórias. O auditório (que atualmente fica na sacristia da igreja) deve ser o local onde palestras e cursos

podem ser ministrados para visitantes e funcionários. Uma reserva técnica deve ser ampla, com pé direito alto, visto que a maior parte das obras são de grandes dimensões.

Além disto, é urgente o laboratório para restauração em madeira. Condicionadores de ar, luz adequada, focos de segurança que impeçam o toque humano nas peças, formas diferenciadas de curadoria etc., tudo pode ser conseguido em um novo espaço adequado para a instalação destas obras. Há de se lembrar das lições de Lygia Martins Costa: “O acervo de um museu é um conjunto flexível, que, se manejado com inteligência e espírito criador, produz diferentes mensagens, dos mais variados efeitos” (2002, p. 69).

Um espaço para atividades didáticas também deve ser amplo. A maior parte dos visitantes das ruínas de São Miguel Arcanjo são estudantes das escolas gaúchas e, atualmente, não encontram um trabalho pedagógico que possibilite vivenciar a época missioneira. Como explica HORTA, “o Patrimônio Cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles” (1999, p. 08).

É triste ver isto acontecer em um local que já teve inúmeras atividades didáticas, com participação da comunidade, uso do mutirão de limpeza, guias-mirins e tantos outros projetos⁶⁴ que vêm lembrar uma das principais recomendações sobre o patrimônio: o seu cuidado é permanente! Estas atividades estimulam a conservação do patrimônio que lhe é vizinho e proporciona um aprendizado de educação patrimonial, que é, sem dúvida, o melhor caminho para quem deseja a preservação de um monumento cultural.

⁶⁴ Ver BATISTA NETO, 2003.

8. O PROJETO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Conscientes da necessidade de um local que abrigasse o aparelho burocrático e técnico que cerceia um monumento cultural declarado Patrimônio da Humanidade e visando a necessidade de criar novos espaços museológicos, funcionários do IPHAN sugeriram que deveria existir um projeto para um Centro de Documentação. Uma obra diferenciada, que agregasse várias unidades e que conseguisse dar uma solução para o inchaço no número de obras expostas no Museu das Missões, entre outros problemas.

Sob a responsabilidade do Arquiteto Luiz Antonio Bolcato Custódio – ex-Presidente do ICOM (seção brasileira) e funcionário do IPHAN –, o Centro de Documentação seria construído em uma quadra em frente ao sítio de São Miguel Arcanjo. A Avenida Antunes

Ribas, que atualmente separa este espaço, seria fechada. O visitante poderia sair deste Centro de Documentação e posteriormente se inserir na atmosfera que envolve as ruínas, fazendo a trilha da entrada principal da Redução.

Ao sair do Centro de

Documentação, o visitante encontraria o Museu das Missões, com as ruínas ao fundo. Esta proposta é melhor que a atual, na qual o turista vê as ruínas da igreja e a obra de Lucio Costa pela lateral, sem receber informação alguma. Só não é melhor do que a

Imagem 40: Igreja vista do lado de fora do sítio

proposta inicial de Costa, com o início da visita pela outra lateral do sítio. É esta estratégia da entrada que explica as suas inserções no sítio.

A nova obra proposta teria uma área total de 4.535,74 m², assim distribuídos:

❖ Área coberta externa
❖ Vestíbulo 1
❖ Área coberta (circ. laterais)
❖ Bilheteria
❖ Segurança
❖ Arcada do pátio central
❖ Pátio central
❖ Área coberta fundos
❖ Vestíbulo 2
❖ Museu do Mundo Guarani
❖ Museu de Arte Sacra
❖ Vestíbulo 3
❖ Museu da Arqueologia
❖ Museu de Arte Contemporânea
❖ Escritório administrativo
❖ Escritório técnico do IPHAN
❖ Laboratórios
❖ Reserva técnica
❖ Museografia
❖ Manutenção
❖ Copa – sanitários
❖ Hall
❖ Bar
❖ Manutenção
❖ Sanitários públicos
❖ Vestiários dos funcionários
❖ Auditório
❖ Biblioteca
❖ Salas de vídeo e cursos
❖ Loja

São muitas as inovações apresentadas neste projeto. Para começar, há um bar e uma loja. Pressente-se que estes itens provocarão algumas discussões. É possível que os *puristas* não aceitarão que um ex-presidente do ICOM projete um museu *mercenário* e o rejeitem. Mário Jorge Pires sempre defendeu que os *puristas*⁶⁵ não entendem de

⁶⁵ Em suas aulas no curso de Trusismo da ECA/USP, o Prof. Pires chamava de *puristas* as pessoas responsáveis pelos acervos culturais que tratam estes espaços como lugares sacros.

visitação. Pires afirma que é necessário ter um local de cafezinho, onde o visitante possa descansar e reabastecer as energias, antes de prosseguir para o resto da visita. Ele também defende que exista uma loja no museu, pois o visitante sempre leva uma lembrança para si ou para algum conhecido. Para museus brasileiros, que convivem com a fatal falta de verbas, as vendas da loja podem cobrir alguns gastos. O projeto de Custódio não é o de um museu mercenário. O bar e a loja do Centro de Documentação ficam no meio da passagem, entre os museus. Não compete com o espaço museológico e fica no caminho tanto de quem está indo quanto de quem está voltando da visita às ruínas e ao Museu das Missões. este tipo de infra-estrutura está presente em espaços culturais e museus no mundo todo. Muitos gestores de museus entendem estes espaço como áreas comunicativas e de lazer.

Uma discussão que tem de ser aprofundada é sobre as modificações que podem surgir com a construção do Centro de Documentação em relação a este Patrimônio da Humanidade. De fato, toda e qualquer construção nos arredores de um patrimônio preservado concorre com ele e, às vezes, torna-se seu rival. Depende da maneira como ele foi construído. O Centro de Documentação está distante das ruínas e, por se localizar em um terreno mais baixo, é provável que não altere a visão do turista em relação ao principal motivo da visita: as ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo. Porém, será que já não é alteração suficiente o fato de ele estar ali? Ainda mais em se tratando de uma construção cuja arquitetura não dialoga com a arquitetura jesuítico-guarani? O aprofundamento desta discussão passa pela necessidade de se realizar urgente um local para as obras do Museu das Missões e, ao mesmo tempo, não alterar o sítio histórico-arqueológico de São Miguel. Percival Tirapeli citou a experiência mexicana, em que o museu está localizado no subsolo e não concorre com as construções milenares dos

habitantes pré-colombianos⁶⁶. Trata-se de uma idéia que vem alimentar ainda mais um debate que merece ser aprofundado.

Pelo projeto do Centro de Documentação, serão quatro museus. Um Museu de Arte Sacra já é uma grande conquista, e qualifica o acervo de imagens missioneiras do Museu das Missões; dá-lhe uma nova identidade, que o torna próximo de outros museus do Brasil e do restante do mundo. Este projeto já alcançaria seus objetivos com a efetivação plena do museu. Colocam as obras em local apropriado, com algo que não existe atualmente: conservação. Ele será o principal espaço museológico e contará, como os demais, com reserva técnica, laboratórios para restauração e uma sala para museografia – espaços que fazem muita falta. Sonha-se com uma nova curadoria que, com uma iluminação adequada, possa refletir uma das principais característica do Barroco: a dramaticidade atingida pela semi-obscuridade mágica.

Um Museu do Mundo Guarani é uma proposta inovadora e rompedora de preconceitos. Figura como um espaço amplo, onde serão expostas peças que mostrem a cultura Guarani em seus vários aspectos. Por que não entrar no mundo Guarani e se aventurar no conhecer deste outro? É uma proposta que foge do kitsch da apresentação de uma aldeia em taquara e barro. Oferece à cultura Guarani um espaço equivalente aos outros museus, um conceito que deverá ser tratado pela visão antropológica moderna, fugindo de toda forma de folclorismo ou de peças para o turista ver. Nenhuma cultura merece ser tratada com tamanho simplismo⁶⁷.

⁶⁶ Durante o exame de qualificação, em junho de 2006.

⁶⁷ Chama-se Turismo Étnico aquele que é praticado por pessoas que viajam com o objetivo de buscar expressões culturais e estilos tidos como verdadeiros de populações diferenciadas do cotidiano do praticante. É muito distante da busca pelo exótico, pois este termo sugere o Imperialismo do século XIX, onde toda cultura diferente dos países europeus era tratada pela alcunha de exótica. A intenção é apresentar aspectos culturais de um determinado povo, sendo a sua existência a justificativa para a visitação. Algo que deve ser organizado pela própria comunidade e contar com antropólogos, sociólogos, historiadores e outros profissionais na elaboração do projeto de apresentação da comunidade viva como atrativo turístico. Criticar que uma cultura é vendida como atividade turística dentro do sistema capitalista

Um outro espaço projetado é o Museu de Arqueologia. E num ambiente chamado de *Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões* pode parecer necessário. Porém, uma vez que o sítio de São Miguel teve pouquíssimas áreas escavadas, de onde virá o acervo para o Museu de Arqueologia? Um museu não deve nascer no mundo das idéias. Deve nascer a partir de um acervo e não ser um museu em busca de um acervo. Peças arqueológicas existem, mas estão espalhadas. Será que os planejadores pensam em buscar nos sítios de São Nicolau, São Lourenço e São João Batista as diversas peças para compor em São Miguel este Museu de Arqueologia? Preferimos pensar que não. Cairíamos naquilo que o arqueólogo La Salvia (1993) já havia criticado: pegar peças de outras Reduções para enfeitar São Miguel.

O Museu de Arte Contemporânea não parece esbarrar na falta de um acervo. Durante a comemoração do evento *Missões 300 anos*, em 1987, ocorreu a mostra *A visão do Artista*. Solicitou-se a alguns artistas que dialogassem com o mundo missioneiro de forma contemporânea. Quadros, fotografias, esculturas e instalações foram expostas e estão guardadas no IPHAN. Seria interessante resgatar estas obras e colocá-las em um espaço expositivo. esta área poderia ser disponibilizada para exposições temporárias. Uma vez que não exista nada programado para ser exposto, voltam as obras da reserva técnica, e se expõe a arte contemporânea em diálogo com o mundo reducional.

Mas para um espaço que envolve quatro museus, o projeto tende a se tornar pequeno. Nem tanto na área expositiva, mas na burocracia que isto envolve. Para citar exemplos, ainda que haja uma sala para a museografia, ela ainda é pequena perto de

(GARCIA CANCLINI) tem sido o caminho comum entre os pesquisadores. Apresentar uma proposta que possibilite ao turista visitar uma comunidade, estabelecer relações com ela, de forma respeitosa, e que possibilite trocas de experiência, aprendizado e respeito é um caminho mais difícil de ser estabelecido. Porém, parece lógico que este deva ser o realizado. Antes que empresários que visem apenas o seu lucro façam.

uma proposta de quatro museus contíguos. Ainda faltam salas para a documentação e para a área educativa. Uma vez constituído, haverá a necessidade de um local para curadores e pesquisadores, pessoas que façam novas museografias ou que estudem as obras do museu. Isto não está contemplado no atual projeto. Contudo, quaisquer que sejam as polêmicas, o que não pode e nem se tolera é que as obras do Museu das Missões continuem expostas da maneira em que estão, sem conservação e em um ambiente nocivo para as imagens em madeira policromada.

Obras que ainda servem de discussões e polêmicas no mundo acadêmico: elas são sagradas ou de arte? Pode-se considerar o seu criador, o índio guarani missioneiro, um artista? Quais obras merecem destaque pela sua originalidade e criatividade? Sobre o estilo, que tantas páginas escritas já mereceram consideração? Ele pode ser considerado barroco? Este pode merecer um outro nome, tal como Barroco Guarani?

Porém, o que deve ser observado é que todas as teorias e hipóteses acerca das propriedades artísticas do acervo do Museu das Missões se perderão se não houver obras para mostrar. Sem querer fazer deste caso um apocalipse, mas já são 60 anos que as peças deste museu foram recolhidas e continuam expostas da mesma maneira. Um advogado e estudante de Mestrado, proveniente de Uruguaiana (RS) criticou o odor forte que sentiu dentro do museu, fato que pode afastar visitantes. Ele acha que deveria ser melhorado o sistema de ventilação. Além disto, o cheiro vai contra o esforço dos funcionários do IPHAN, pois demonstra que há degradação das peças. Neste sentido, o Centro de Documentação é uma resposta inteligente, nascido dentro do próprio IPHAN para resolver o problema. É uma solução adequada para que as obras tenham muito mais do que os possíveis 250 anos de vida que já possuem.

Afinal de contas, o mais importante no Museu das Missões é o acervo. Respeita-se a obra de Lucio Costa, mas a bibliografia especializada ressalta que a construção

arquitetônica não deve comprometer o acervo. Como bem lembram os autores King e Pearson, uma vasta gama de obras de arte, artefatos e outros objetos são comprometidos “em decorrência de considerações arquitetônicas rivais” (2001, p. 45). O Centro de Documentação, pelo projeto apresentado, não parece uma obra arquitetônica rival do acervo. Muito ao contrário.

Infelizmente, Lucio Costa soube da proposta do Centro de Documentação e a recusou. Segundo Luz, ele e outros dois companheiros conversaram com o arquiteto do Museu das Missões, dois anos antes de sua morte. Algumas pessoas comentaram que se Costa soubesse o quanto se perde com a exposição destas obras atualmente, não se posicionaria contra a construção do novo espaço. Mas soube, conforme este relato de Maturino da Luz:

Em depoimento dado aos arquitetos Maturino da Luz e Flávio Kiefer, e ao acadêmico de arquitetura Lauro Vianna Poletto, em 11 de janeiro de 1996, Lucio Costa questionou a construção de um Centro de Documentação sobre as Missões Jesuíticas, em São Miguel, no qual estaria inserido o novo museu, entendendo que o atual Museu das Missões, de sua autoria, ainda é capaz de suprir todas as demandas (LUZ, 2000, p. 36).

Costa não aprovou a idéia e achava que o Museu das Missões ainda dava conta do programa para o qual foi criado. Qual o seu engano. Talvez por não estar mais trabalhando para o IPHAN, ele não tenha percebido o quanto sua postura se tornou uma frustração para tantos que o admiram dentro do instituto que fundara⁶⁸. Sua postura não constitui uma mancha em uma carreira tão vitoriosa, uma biografia tão bem escrita pelos seus traços. Apenas deixa uma sombra. Os positivistas afirmavam que os vivos serão governados pelos mortos. No caso da reestruturação da proposta museológica nos remanescentes das ruínas de São Miguel, esta frase pode nunca ter sido tão verdadeira.

⁶⁸ Interessante como os funcionários do instituto, especialmente os arquitetos, seja nos textos escritos ou em conversas amistosas, protegem Lucio Costa. Há toda uma delicadeza e um respeito pelo mestre, mesmo sabendo que sua posição contrária ao Centro custa a conservação do acervo do Museu das Missões. Os funcionários não detratam nem sua pessoa nem sua obra. Um respeito digno de admiração.

Imagem 41: Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Lucio Costa

Imagem 42: Perspectiva de Lucio Costa, com a casa do zelador (à dir.)

Imagem 43: Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Paulo Thedim Barreto

Imagem 44: Museu das Missões, a partir da praça

Imagem 45: Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante Lucas Mayerhofer

Imagem 46: Planta baixa do Museu das Missões. Casa do Zelador e da igreja de São Miguel

Imagens 47/50: Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]

Legenda:

- A** – Administração - Área Técnica
- B** – Apoio - Bar – Sanitários
- C** – Informação – Divulgação
- D** – Biblioteca
- E** – Auditório
- F** – Museu de Arqueologia

- G** – Pátio Interno
- H** – Missões Arte Sacra
- I** – Museu de arte contemporânea
- J** – Acesso Principal
- L** – Mundo Guarani

Imagem 51: Visão da entrada original para visitar as ruínas

Imagem 52: Visão da entrada atual para as ruínas, a partir da portaria

Imagem 53: Possível visão da entrada, a partir do Centro de Documentação

Imagem 54: Museu das Missões - Visão noturna

Imagem 55: Imagens missioneiras

Imagem 56: Chafariz

Imagem 57: Sino

CAPÍTULO III: A PRESERVAÇÃO DAS RUÍNAS DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

“No que tange aos monumentos antigos, é melhor consolidar do que reparar, reparar do que restaurar, restaurar do que refazer, refazer do que embelezar: em nenhum caso se deve a acrescentar e, sobretudo, nada suprimir”.

ADOLPHE DIDRON

1. INTRODUÇÃO

A palavra patrimônio está relacionada à palavra “PATRIMONYO”, que surge na Europa no século XIII, proveniente da palavra em latim PATRIMONIUM. Vinculada à palavra “pai”, é um termo que dá origem a uma família de palavras: Padre, Padroeiro, Papa, Patrimonial, Pátria, Patrão etc. Entre os dicionários, quem melhor definiu o termo foi o *Dicionário Houaiss* (2006), que entre cinco concepções do termo – aliada à etimologia e à origem da palavra – apresenta a seguinte idéia de patrimônio: “bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país ou mesmo para a humanidade, que passa(m) por um processo de tombamento para que seja(m) protegido(s) e preservado(s)”. E exemplifica da seguinte forma: <a Floresta da Tijuca é um dos mais notáveis patrimônios do Rio de Janeiro> <Ouro Preto é uma das cidades históricas brasileiras tombadas pelo patrimônio da Unesco>.

Em outros dicionários, como no *Dicionário etmológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha (1982), não existe o verbete. No *Dicionário Latino-Português*, de Francisco Torrinho (1945) aparece como “[pater] conjunto de bens pertencentes ao *pater familias*: bens; haveres; herança”. Em outro dicionário homônimo, de F. R. dos Santos Saraiva (2000), o verbete se apresenta como “Pătrîmōnîŭm: (de *pater*) patrimônio; bens de família; herança; bens posses; haveres; teres; Cícero: Patrimônio, herança; Florus, historiador: Fazenda pública; os teres do Thesouro nacional”.

O patrimônio é quase sempre lembrado na área de Arquitetura, sendo pouco discutido na área de História. Nos últimos tempos, houve discussões sobre o patrimônio

na área da Arqueologia e no Turismo. Porém, em seus dicionários temáticos a situação parece surreal. Na área de História, o *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*, de Antonio Carlos do Amaral Azevedo (1999) não registra a existência do termo. Idem para o *Dicionário de Arquitetura Brasileira*, de Lemos & Corona (1972), com o agravante de ser Carlos Lemos um professor, consultor e escritor sobre patrimônio. A mesma crítica cabe a Américo Pellegrini Filho, que em seu *Dicionário enciclopédico de Ecologia e Turismo*, se esqueceu de anexar o verbete. Lemos e Pellegrini Filho possuem definições de patrimônio cunhadas em seus trabalhos, mas não se sabe porque não as incluíram em seus dicionários.

Definir o que vem a ser patrimônio não é tarefa fácil. E recorrer aos teóricos, aos dicionários, participar de encontros acadêmicos, ler dissertações têm se constituído em uma busca por uma definição que deste conta da complexidade que acompanha a questão patrimonial. Muito auxilia a compreensão mundial estabelecida pela UNESCO, a partir das suas *Cartas Patrimoniais*.

Em se tratando das *Cartas Patrimoniais*, a construção histórica da noção de patrimônio chega nas últimas discussões, no âmbito da UNESCO, na divisão entre **Patrimônio Cultural Material** (Igrejas, Palácios, Castelos, Sedes de Fazenda, Arcos Triunfais, Casarões, Senzalas, Terreiros de Candomblé etc.) e **Patrimônio Cultural Imaterial** – em boa parte um patrimônio vivo, frágil por natureza – (objetos de uso cotidiano [ex., pente], Documentos Escritos, Culinária, Festas, Pinturas, Desenhos etc.), também chamado de Patrimônio Intangível⁶⁹. A UNESCO chega a apresentar as maneiras em que estas manifestações culturais ocorrem: “Suas formas são, entre outras, língua,

⁶⁹ Entendo patrimônio cultural imaterial (opinião por mim elaborada) como o patrimônio que abrange, atualmente, o conjunto da produção artesanal, artística e/ou intelectual; tudo aquilo que é fruto do trabalho e do talento humanos, todo produto com valor simbólico que seja fruto da ação criadora de uma dada comunidade cultural, na em que medida que este saber-fazer e sentir humanos também reflitam sua identidade cultural, não se importando como a transmissão destas manifestações culturais ocorra.

literatura, música, dança, jogos, mitologia, rituais, hábitos, artesanato, arquitetura e outras artes. Além destes exemplos, serão levadas em conta também as formas tradicionais de comunicação e informação” (conf. BO, 2003, p. 78).

Pelos exemplos, percebe-se a diferença entre os dois tipos de patrimônio. Enquanto um se baseia na materialização (daí Patrimônio Cultural *Material*), o outro se baseia no saber-fazer, no pensar e agir humanos (daí Patrimônio Cultural *Imaterial*). O Patrimônio Cultural Imaterial só existe, em maior parte, quando um grupo de pessoas se dispõe a realizá-la. Exemplar é a Festa do Divino de São Luís do Paraitinga. É um patrimônio que só existe se for realizado pela coletividade daquela cidade. Trata-se de uma manifestação do Patrimônio Cultural Imaterial que virou atrativo turístico, e que não encontraria respaldo em outra comunidade, a não ser como um acontecimento kitsch.

O Patrimônio Cultural Imaterial ganhou ainda mais espaço com a entrada em vigor da Convenção para Proteção Patrimônio Oral e Imaterial no dia 20 de abril de 2006, sancionada por 47 Estados membros. A justificativa se baseia nas cartas patrimoniais, como na de 1972, que vem discutindo e comparando que a existência de línguas, tradições, rituais, festas e técnicas artesanais são tão importantes quanto Machu Pichu. E merecem ser respeitados e protegidos no mesmo nível em que as Cataratas do Iguaçu. O Brasil possui na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade a Arte Kusiwa, dos Índios Wajipã, Amapá – tombada no ano de 2003.

As atribuições dos órgãos da ONU para designar o que vem a ser patrimônio cultural, quais aspectos que lhe compõem, o que merece atenção, legislação protetora e obras de conservação e restauro não foram realizados de forma única. A história do patrimônio cultural e sua relação com a preservação em diferentes países vêm antes do surgimento da própria ONU, quando da Sociedade das Nações. Podemos apontar que

Percival Tirapeli, especialista em Barroco e autor de livros sobre patrimônio brasileiro, é quem melhor resume o pensamento da UNESCO e as atribuições necessárias que um bem cultural deve ter para entrar na lista de Patrimônio Cultural da Humanidade.

Por bem cultural de valor universal excepcional será reconhecido um monumento, um conjunto ou um sítio que sejam representativos de uma realização artística e estética única, uma obra-prima do espírito criador do homem. Mais que isto, esta obra porém deverá ter exercido influência considerável sobre um período ou região, bem como ter tido um desenvolvimento posterior de arquitetura, escultura e outras concepções artísticas. Sempre levando em conta o estado de conservação deste bem, ele pode ser apresentado como extremamente raro, único e de alta antiguidade. Outro fator que justificaria a inclusão na lista seria constituir-se como exemplar característico de um tipo de estrutura representativa de desenvolvimento de domínio cultural, social, artístico, científico, tecnológico ou industrial e que hoje esteja ameaçado por mutações sócio-cultural-econômicas irreversíveis, (TIRAPELI, 2000, p. 18),

Pode-se apontar estas atribuições como uma definição de patrimônio cultural, merecedora de elogios pela amplitude que o constitui. Outra passagem de um texto que também pode ser entendida como uma definição tão ampla quanta a de Tirapeli é a do turismólogo Haroldo Leitão Camargo:

Patrimônio cultural em qualquer sociedade é sempre produto de uma escolha e, como toda escolha, tem um caráter arbitrário. Resulta da seleção de alguns elementos, enquanto outros seriam passíveis de esquecimento e destruição. Considerando que artefatos culturais são, em princípio, objetos dotados de funcionalidade que se teriam obsoletos para nós, o patrimônio cultural só pode ser entendido como um conjunto de símbolos. Os símbolos precisam ser desconstruídos e interpretados para apreendermos o seu significado. Neste sentido são igualmente significativos os bens nacionais já consagrados, tanto quanto os regionais ou locais. O grau de importância quanto à atribuição, isto é, pequena, média ou baixa pode ser otimizada e não invalida a premissa (CAMARGO, 2002. p. 96).

Trata-se de uma boa abordagem do patrimônio cultural e seus significados. Porém, o nome do livro (“Patrimônio Histórico-Cultural”) é uma licença poética brasileira que não encontra respaldo na literatura sobre patrimônios. Outras expressões que se utilizavam para designar o que vem a ser patrimônio não deveriam ser utilizadas por seu anacronismo. Como a expressão “Patrimônio Histórico”, um conceito que hoje já não contempla as várias manifestações culturais já tombadas. Atualmente, prefere-se

chamar de *Patrimônio Cultural*. É uma expressão moderna e engloba os Patrimônios Artístico, Histórico, Arquitetônico etc. (LEMOS, 1981, p. 07).

Uma má orientação inserida sem contexto foi a classificação do funcionário do IPHAN, Átila Tolentino, que na apresentação da secretaria nacional dos Museus, Dia Internacional dos Museus (18 de maio de 2004), classificou o patrimônio como material, imaterial, natural e *emergente*. Questionado sobre a nova classificação, apresentou-a como uma divisão didática. Sem falar na sigla CONDEPHAAT, que protege o patrimônio turístico do Estado de São Paulo. Trata-se de uma nova licença poética sem nenhum respaldo, seja em que nível for.

Frágil é a definição de Karina Poli Lima da Cunha (2003, p. 71), que entende que patrimônio cultural compreende “(...) um conjunto de elementos materiais, de valores e crenças de uma sociedade”. Talvez não haja justiça na crítica de simplismo para esta definição, quando se compara com a pretensão de Margarita Barretto, que no seu livro *Turismo e Legado Cultural*, propõe uma troca do termo *patrimônio* pelo termo *legado*. Do ponto de vista do politicamente correto, pode até ser possível propor a adoção. Assim, de agora em diante, toda vez que se escrever sobre patrimônio, deve-se usar a expressão *legado cultural*. Acontece que a estratégia de Barretto para apresentar esta mudança é inconveniente. Não existe argumentação para tamanha mudança. Não se pode apresentar tal proposta colocando a opinião da autora em uma nota de rodapé.

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.

Nota de rodapé: Por isto, o conceito de “legado cultural” parece mais adequado do que patrimônio (BARRETTO, 2000, p. 11).

Quanto ao restante do que pode se entender como uma definição de patrimônio cultural por Barretto, vem ao encontro com o pensamento do Prof. de Turismo Américo Pellegrini Filho, que também apresenta “todo o fazer humano”, mas deixa claro que somente aqueles artefatos que tenham forte componente simbólico, que “seja de algum modo representativo da coletividade, da região, da época específica, permitindo melhor compreender-se o processo histórico” (PELEGRINI FILHO, 1993, p. 96).

Finalmente, a Constituição da República de 1988 apresenta no seu artigo 216 uma definição muito mais profunda e exemplificada do que muitas teses, artigos ou livros escritos sobre o patrimônio cultural. Começa o artigo esclarecendo que se constitui em como patrimônio cultural do Brasil “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Os exemplos são bem elucidativos. Os bens a serem protegidos são: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Uma observação nesta análise do patrimônio cultural são estas duas definições de patrimônio natural, que servirão de base para outra premissa sobre o patrimônio. Margarita Barretto não se conteve e expôs seu pensamento, afirmando que se entende por patrimônio natural “as riquezas que estão no solo e no subsolo, tanto as florestas quanto as jazidas” (BARRETO, 2000, p. 09). Pelegrini Filho apresenta sua noção de patrimônio natural (no dicionário de turismo de sua autoria, em que não consta o verbete “patrimônio cultural”), com a ressalva de que a definição foi baseada em textos

de reuniões da UNESCO. Portanto, patrimônio natural seria “o conjunto de monumentos naturais (formações físicas ou biológicas), acidentes geológicos ou fisiológicos, habitats de espécies ameaçadas de extinção, desde que apresentem valor científico e/ou estético excepcional” (PELLEGRINI FILHO, 2000, p. 201).

O que se pretende neste momento, antes de retornar ao pensamento sobre o patrimônio cultural, é designar que o patrimônio natural não parece ser um conceito de bases firmes, quando se levam em consideração as seguintes premissas:

1. O primeiro hominídeo surgiu há mais de 3 milhões de anos e não há região do planeta que não tenha a presença humana;
2. Ao cercar determinada área e dizer que ela é agora um patrimônio natural, já se trata de uma intervenção humana, portanto, cultural;
3. A nomeação de um elemento, seja ele qual for, como patrimônio, só pode ser cultural, visto que é o homem quem atribui valor simbólico a este elemento;
4. Daí toda e qualquer noção de patrimônio (com exceção dos inaptos) vem com a palavra “excepcional” ou a expressão “valor simbólico”;
5. No caso da UNESCO, em relação aos Patrimônios da Humanidade: “valor universal excepcional” – o que também é muito subjetivo;
6. Por outro lado, o que fazer com o patrimônio natural construído pelo homem? Por que classificá-la como “paisagem cultural”?
7. Em suma, tal classificação atual de patrimônio natural, separada do cultural, é inócua.
8. Enfim, em vários países já se faz presente uma discussão sobre o tema, (cf. BO, 2003, p. 31).

Analisando o surgimento da paisagem, Bolson (2004) explica que foi a partir do Renascimento, através da pintura das paisagens, que o conceito surge nas classes abastadas. Analisa-se o espaço natural, a paisagem, utilizando conceitos estéticos típicos do academicismo: cores fortes; cores fracas; ponto de fuga; forma; textura; escala; espaço; linha; unidade; intensidade; variedade; singularidade; escassez; raridade; valor estético; interesse histórico etc. A natureza sempre esteve presente na vida humana, inspirando o terror. Agora, ela salta aos olhos como uma representação pictórica. O que se modifica nesta situação é o olhar humano. Para Edvania Gomes (Apud BOLSON, 2004): “A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo que por sua vez é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente”. É a sociedade que dá sentido ao patrimônio natural e, obviamente, nunca se faz o caminho contrário. E para cada observador a paisagem tem um significado. Sua percepção se estabelece entre a contemplação estética até a completa indiferença.

Independente da cisão por onde se analisa o patrimônio (natural, cultural ou misto), observa-se que toda a assimilação ou compreensão do que é cognoscível se dá pela apreensão simbólica, entendendo por símbolo aquilo que “permite ao sentido engendrar limites e diferenças, tornando possível à mediação simbólica, que abre para o indivíduo a possibilidade de uma pré-compreensão do real (sempre único, singular e não-universal), moldando-lhe o comportamento social” (COELHO, 2004, p. 343). Ainda segundo Teixeira Coelho, sem o símbolo perde-se uma função básica e necessária para qualquer organização social.

Assim sendo, podemos apontar como características do patrimônio que fazem parte de sua idiossincrasia:

- Patrimônio só pode ser cultural;

- Patrimônio é um termo que engloba então os patrimônios natural, o material e o imaterial (inclusive o patrimônio oral);
- Ele é histórico (toda a sua simbologia é histórica);
- Torna-se a cada dia mais complexa e ampla a sua família;
- Em relação ao Turismo, somente se houver planejamento ele se destaca e não é destruído;
- Seu valor simbólico está perdendo-se, como se observa o não-lugar e a falta de simbolismos que um patrimônio carrega em si, por conta da crise do nacionalismo. Há casos particulares, como o caso brasileiro (ver PIRES, 2004, p. 77);
- E cada vez mais ele se insere na órbita do consumo.

Uma vez estabelecidas estas características, não se pretende neste momento apresentar mais uma definição de Patrimônio Cultural. Neste momento, importante é entender que as políticas preservacionistas e o Turismo surgiram na mesma época, durante o século XIX. A preservação de edifícios está associada a dois movimentos históricos: as revoluções Francesa e Industrial, que deram origem a um sentimento de proteção em relação aos edifícios antigos que estavam sujeitos ao desaparecimento devido às rápidas transformações sociais surgidas na Sociedade Industrial. Se a preservação começa no final do século XVIII na França revolucionária e na Grã-Bretanha industrial, então o conceito está amplamente relacionado com o nacionalismo, inserido na formação do Estado Nacional Burguês e na formação das Sociedades Nacionais. Isto se verifica ao notar-se que o patrimônio a ser preservado eram as construções que representavam a elite dominante e as igrejas. E quase sempre este patrimônio a ser preservado esteve vinculado à área da Arquitetura – o que explica que sempre as discussões giraram em torno da “pedra e cal”.

Beatriz Mugayar Kühl, professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP – publicou na sua tese de doutorado o livro *Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo*, várias contribuições teóricas que não se analisarão do ponto de vista do restauro, mas destacando as mudanças que o conceito de patrimônio teve através destas pesquisas em diferentes épocas. Acrescenta-se também a posição das cartas patrimoniais, especialmente as da UNESCO, que são tão usadas para definir e delimitar a situação do patrimônio cultural para o mundo todo.

A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, concluída e adotada na 17ª Conferência-Geral da UNESCO, em 1972, estabelece claramente os critérios para o tombamento de um Patrimônio da Humanidade. É a Convenção que seleciona e aprova os sítios que participam da lista do Patrimônio Mundial, devido ao seu valor excepcional e universal. São Patrimônios da Humanidade no Brasil cidades históricas, florestas tropicais, sítios de arte rupestre, regiões biogeográficas e até uma cidade moderna (Brasília).

A despeito do tanto que já se criticou a preservação do patrimônio no Brasil (e merece em boa parte as críticas dirigidas), a tão destacada falta de memória nacional – anunciada com tantas mortes que já nem existiria cemitério, e muito menos paciência para tanto enterro e velório – a imagem internacional da preservação do patrimônio brasileiro declarado Bens Culturais da Humanidade é destacada por sua qualidade – tanto na variedade como na idéia de continuidade dos bens protegidos: “O Brasil é um dos raros países a apresentar uma gama completa de patrimônio, da pré-história a Brasília. Completa e sem rupturas. Entre os homens da pré-história brasileira e os povos indígenas que aqui habitavam no momento da chegada dos portugueses é possível

identificar uma continuidade”, conforme Halévy (2000, p. 18, citado em BO, 2003, p. 146).

A criação da declaração do Patrimônio Cultural da Humanidade baseia-se na interpretação da ONU de que existem locais no mundo onde uma determinada coletividade humana alcançou um momento único e original. No Brasil, o primeiro bem cultural a receber a chancela de Patrimônio Cultural da Humanidade foi o centro histórico da cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Trata-se de um caso emblemático e que envolve o Turismo Cultural quando realizado em locais históricos. Ouro Preto é um atrativo turístico visitado desde 1930 e, como bem recorda Barreto (2000, p. 32), talvez a cidade nem existisse mais se não houvesse a valorização dada pelos turistas.

Esta relação é dialética e tem no simbolismo do título de Patrimônio Cultural da Humanidade um fator a mais para a divulgação de um atrativo turístico, naquilo que seus especialistas chamam de agregação de valor. Neste caso específico, o pensamento é obter o título para que haja maior visitação turística. No exterior, esta preocupação pelo título vai além da fogueira das vaidades. Trata-se de um processo mercantil⁷⁰ em que se busca capturar o simbolismo do bem cultural transformado em Patrimônio Cultural da Humanidade.

O que se pretende realizar neste capítulo é uma história narrativa das intervenções ocorridas pelos órgãos públicos nas ruínas de São Miguel Arcanjo, visando a salvaguarda do seu patrimônio e a sua transformação em Patrimônio Cultural da Humanidade. E sempre estarão em situação de privilégio as ruínas da igreja, pois de

⁷⁰ O caso do Parque Nacional da Serra da Capivara é sintomático. Conforme já é de conhecimento público, ali não existe infra-estrutura turística e ainda assim é visitado por 8.000 pessoas por ano. O título de Patrimônio Cultural da Humanidade faz a divulgação e a visitação aumenta. Só não é maior, porque nem aeroporto os governantes do Estado do Piauí se responsabilizaram em construir. Caso este parque estivesse em alguns países estrangeiros, como o Reino Unido, sua situação seria bem diferente – com milhões de visitantes/ano.

todo o conjunto que caracteriza uma redução, esta é o elemento arquitetônico principal e que recebe mais atenção das autoridades responsáveis por sua proteção – em um ato que aparenta certo desprezo por outros elementos.

Imagem 58: Foto aérea das Ruínas - 1982

2. INTERVENÇÕES

O que sobrou das Reduções Jesuíticas dos Guarani no Estado do Rio Grande do Sul estava em completo abandono, quando entre 1925 e 1928 ocorreram intervenções que garantiram sua salvaguarda. O governo do Rio Grande do Sul, através de sua Comissão de Divisão e Terras, executou obras de limpeza da igreja. Pela primeira vez, houve preocupação de um órgão público com as ruínas missioneiras. Nos trabalhos realizados foram usados trilhos de ferro no escoramento da fachada (janelas, portas e vãos das escadas), das arcadas internas e na amarração da torre (LEAL, 1994; LUZ, 1987). Lúcio Costa elogia a Comissão de Terras em seu relatório para o antigo SPHAN: “As providências (...) salvaram-lhe da completa destruição o pouco que ainda resta” (*Apud* PESSOA, 1999, p. 25).

Em 1937, foi criada a Secretaria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, o SPHAN. O decreto-lei que criou o instituto surgiu no governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930/45). Hábil politiqueiro, conseguiu modificar a ordem política nacional, nas vésperas de uma eleição presidencial. A invenção de um falso plano comunista de dominação do país, o Plano Cohen, serviu de pretexto para a instalação da Ditadura do Estado Novo (1937/45)⁷¹. Vargas era gaúcho, nasceu e se criou em São Borja, outrora uma das mais importantes reduções na região. Este fato possibilita entender que não foi por mero acaso ou inspiração divina que as primeiras obras em monumento nacional ocorressem justamente na igreja de São Miguel.

Atuaram em São Miguel as seguintes pessoas: o escritor Augusto Meyer, como diretor regional do SPHAN (logo depois substituído pelo historiador David Carneiro); o arquiteto Lúcio Costa, incumbido de realizar uma inspeção para a primeira intervenção

⁷¹ Chama-se “Era Vargas” o longo período governamental do Presidente Getúlio Vargas, dividindo-se em três fases: Governo Provisório; Governo Constitucional; e Ditadura do Estado Novo.

federal em um monumento, e o projeto para a construção de seu futuro museu; Lucas Mayerhofer, arquiteto que dirigiu a reconstituição do povoado de São Miguel e a construção do Museu; e João Hugo Machado, caseiro das ruínas e personagem instigante que conseguiu montar o acervo do Museu das Missões.

Neste primeiro trabalho de restauração de um monumento cultural no Brasil (1938/1940), sempre são destacadas as diferenças em relação ao trabalho realizado em outras reduções. Na Argentina, na mesma época, o cenário criado em São Inácio Mini pode ser chamado de “para turista ver”. Componentes foram retirados de outras reduções (balaustrada da casa dos padres, piso do colégio) para enfeitar São Inácio Mini. Afora todo o trabalho de reconstrução. Desde a época do antigo SPHAN, os brasileiros tiveram o cuidado de não reconstruir as ruínas. Iludido por algumas passagens do texto de Lucas Mayerhofer, eu julguei que houve reconstrução de partes de São Miguel⁷². O que se mostrou um equívoco da dissertação de Mestrado *Os Vestígios de um naufrágio*, da qual fica aqui o registro de *mea culpa*.

O primeiro diretor do SPHAN, Rodrigo M. F. Andrade (1987, p. 32), destacava as obras de restauração junto à imprensa, em que se registra o esforço para “estabilização dos vestígios do Povo de São Miguel e de recolhimento e preservação dos outros Povos das Missões Jesuíticas, com a construção de um museu para abrigá-los, reconstituindo-se, outrossim, alguns elementos das antigas habitações dos índios (...)”. Em outro momento, ressaltou a obra do Irmão Gian Baptista Primoli, “hoje reduzida a ruína imponente da obra hercúlea efetuada pelos padres da Companhia de Jesus naquela região”, (ANDRADE, 1987, p 61).

⁷² No Museu das Missões foi utilizado material de outras Reduções. Mas, no caso das ruínas da antiga Redução de São Miguel Arcanjo, isto não ocorreu. O que se vê nas ruínas é exatamente o que foi encontrado por Costa em 1937.

Mas é quando temos o relato de Lúcio Costa que podemos esclarecer melhor o espírito desta época e as diretrizes seguidas no trabalho do antigo SPHAN. Sua presença nas ruínas de São Miguel foi uma exigência do diretor do órgão, Rodrigo M. F. de Andrade. Mayerhofer foi incumbido de realizar e executar a obra. Os dois deixaram relatadas suas experiências. Mayerhofer no livro *Reconstituição do povo de São Miguel*, de 1947 e num artigo para a Revista do IEB/USP. Lúcio Costa no *Relatório SPHAN*, de 1937, e no artigo *Arquitetura Jesuítica no Brasil*, de 1941, publicado na Revista do SPHAN.

Costa solicitou alguns trabalhos no seu relatório que foram realizados, como a limpeza do terreno, a consolidação das ruínas, construção do museu e utilização de mapas e plantas que dêem conta de explicar ao visitante o que foram as Reduções Jesuíticas dos Guarani. Outras recomendações ainda esperam ser realizadas, como as escavações arqueológicas nos pontos principais do sítio de São Miguel. Uma solicitação que não foi das mais felizes trata da remoção para São Miguel do material encontrado em outras reduções. Como explica La Salvia (1983), vários objetos pertencentes a outras reduções, como São Nicolau, São Lourenço e São João Batista, foram levados para “enfeitar” São Miguel, sendo aproveitadas na construção do Museu das Missões.

O livro-tese *Reconstituição do povo de São Miguel das Missões*, de Lucas Mayerhofer, foi publicado em 1947. Nele, o autor explica todo o trabalho que teve durante a restauração de São Miguel. Relata como encontrou a redução, antes de indicar o trabalho que foi realizado; a numeração e cadastro das pedras para consolidação da torre, do pórtico e da fachada; a escavação das fundações e a construção de novos alicerces em concreto armado; a retirada de toda a vegetação que danificava o monumento; e tapar todos os buracos de escavações clandestinas que buscavam a lenda do *ouro dos jesuítas*. Um grande equívoco do autor foi a inclusão e comentários de

alguns desenhos que tentam reconstituir a antiga redução de São Miguel das Missões e sua igreja.

Não obstante as críticas que se possam realizar à forma como se conduziu a construção do Museu das Missões, do enfeite de São Miguel, ou às interpretações equivocadas de Mayerhofer, é notória que, se esta intervenção não ocorresse, o destino deste monumento cultural seria a total destruição. Afortunadamente, ali se realizou uma obra que salvou uma edificação diferenciada. Foi um trabalho árduo, de alta periculosidade e que muito exigiu dos funcionários e técnicos do antigo SPHAN.

Houve trabalhos de restauração e preservação entre 1954 e 1955, quando através da raspagem dos entulhos, pela primeira vez, chegaram ao nível primitivo do piso da nave. Em 1967 foram realizadas novas intervenções, com o capeamento dos respaldos na maior parte das ruínas (igreja, colégio e oficinas). A antiga sacristia recebeu uma cobertura com forro de madeira e telhas metálicas, abrigando imagens que estavam no módulo do Museu – que foi destruído neste período. Renovaram todo o sistema de drenagem, cujas falhas haviam comprometido as bases das paredes. De 1969 a 1973, realizou-se um trabalho específico de *arqueologia histórica*, em que algumas estruturas receberam tratamento de limpeza e nivelamento, visando mostrar os seus pisos originais. Em 1974, o IPHAN promoveu um levantamento gráfico das reduções de São Miguel e São João Batista.

Os projetos e trabalhos esporádicos de preservação conduzidos pelo IPHAN não significam total desprezo pelo monumento. Durante todo este tempo permaneceu como caseiro, cuidando do sítio, João Hugo Machado e sua família. Eles moraram até a morte de “Seu” Hugo, na Casa do Zelador. A casa passou por reformas em 2002 e hoje é a sede do IPHAN dentro do sítio de São Miguel.

Na década de 1980, Brasil e Paraguai passaram a ter orientação institucional e técnica da UNESCO para a salvaguarda do patrimônio missioneiro. Conhecimento científico e tecnologia européia especializada na conservação de ruínas foram usados na consolidação da igreja de São Miguel Arcanjo, visando a conservação permanente do monumento. Segundo Curtis, pela primeira vez será feita no Brasil uma restauração rigorosamente científica (cf. Boletim SPHAN/PROMEMÓRIA nº 17, 1982).

A consultoria técnica, indicada pela UNESCO, ficou por conta do engenheiro Roberto Di Stefano, professor de Restauração da Universidade de Nápoles. A empresa RESCON, de Salvador (Bahia), dirigida por Fernando Machado Leal, ficou responsável pela consolidação das obras. A equipe técnica era virtuosa e contou com a Diretoria de Tombamento e Conservação, coordenada por Augusto Carlos da Silva Telles⁷³ e com participação de vários arquitetos, como Odair Carlos de Almeida⁷⁴, Luiz Antonio Bolcatto Custódio⁷⁵ e Júlio Nicolau Barros de Curtis. O arquiteto Leal deixou registrado este trabalho no artigo *São Miguel das Missões*, na *Revista do Patrimônio*, nº 19, em 1994. No mesmo ano, Curtis e Custódio publicaram o levantamento cadastral, através do IPHAN, com o nome *Remanescentes da igreja de São Miguel Arcanjo*.

De acordo com o artigo de Leal, realizou-se um roteiro das tarefas a serem feitas, elaborado de acordo com a assessoria de Roberto Di Stéfano, que custou cerca de 18 meses de trabalho. Este roteiro nos remete imediatamente às observações de Tirapeli (2000, pp. 19-20) sobre os procedimentos a serem seguidos na apresentação de um monumento cultural no ICOMOS, com o objetivo de torná-lo Patrimônio da Humanidade.

⁷³ Autor dos relatórios que solicitaram o título de Patrimônio Cultural da Humanidade para São Miguel (1983).

⁷⁴ Quando da sua morte, o pedido realizado foi ser cremado e ter suas cinzas jogadas do alto da igreja de São Miguel. Um gesto que comoveu os funcionários locais do IPHAN.

⁷⁵ Ex-presidente do ICOM – Brasil.

Todo este trabalho é realizado pelo órgão federal responsável pelo monumento, no caso, o IPHAN.

As causas do arruinamento do monumento foram identificadas e destacadas no artigo de Leal. Os técnicos analisaram desde o sistema construtivo até a ação dos formigueiros na destruição lenta e contínua do patrimônio. Destaque para a ação humana, que desvaloriza e danifica o monumento: retirando materiais para alicerçar novas construções; cavando buracos em busca de tesouros inexistentes⁷⁶ e subtraindo ornatos e molduras como relíquias⁷⁷. Na conclusão, a descoberta mais óbvia: “o homem, responsável pela construção do monumento, foi o principal responsável pelo seu arruinamento” (LEAL, 1994, p. 90).

No dia 08 de dezembro de 1983, temos um fecho de ouro para todo este trabalho. A UNESCO, através do ICOMOS, reconhece o valor da redução de São Miguel Arcanjo, declarando-a Patrimônio Cultural da Humanidade (nº 64), vencendo concorrentes de peso, como o Mosteiro dos Jerônimos, em Portugal (cf. TIRAPELI, 2000, p. 171). As Reduções Jesuíticas dos Guarani foram consideradas Patrimônios da Humanidade, juntamente com as ruínas de Machu Picchu, no Peru, e a cidade da Babilônia, no Iraque.

⁷⁶ “Uma das causas da ruína (da igreja) consistia justamente nos muitos buracos cavados ao pé dos muros por pessoas em busca de ouro ou de relíquias”. MAYERHOFER, 1947, p. 37.

⁷⁷ “(...) há poucos anos estivera nas ruínas um pedreiro, que cortou a talhadeira os curiosos florões dos capitéis do corpo da igreja e os carregou para Porto Alegre”. MAYERHOFER, 1947, pg 25-6.

Imagem 59: Obras de consolidação da fachada na década de 1980

Imagens 60/1: Inclinação da fachada, restaurada na década de 1980

3. APÓS O TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE

Um monumento cultural declarado patrimônio cultural da Humanidade em pleno interior do Rio Grande do Sul. Foi nisto que se transformaram as ruínas da redução de São Miguel Arcanjo. Não há dúvidas de que o título é merecido, e que deveria abarcar as ruínas de São Lourenço, São João Batista e São Nicolau. Algo que o despreparo técnico do IPHAN na época não permitiu. Mais ágeis foram os argentinos, que tombaram tudo que podiam.

“Monumento” vem do latim *monere* e significa lembrar. Segundo o *Dicionário Houaiss*, tem sua origem etimológica no latim *monuméntum*, *moniméntum* e *moliméntum* (séc. XIV), que significa 'o que traz à memória, lembrança e penhor de amor, o que faz lembrar um morto, túmulo, estátua'. A definição geral é de que se trata de uma “obra artística (escultura, arquitetura etc.), geralmente grandiosa, construída com o fito de contribuir para a perpetuação memorialística de pessoa ou acontecimento relevante na história de uma comunidade, nação etc”.

Segundo Le Goff, o monumento surgiu no paleolítico inferior. Sua existência se refere ao espaço e ao tempo de algo no passado que deseja ser reverenciado, através dos seus símbolos, tornando-se uma referência para a memória coletiva de um grupo ou nação. É o que se chamou na França de um *lugar de memória*. “Os monumentos oferecem a possibilidade da referência espacial, através da percepção, e temporal, pela via da memória” (FREIRE, 1997, p. 41).

O monumento se refere a um ausente e cria elos entre o passado e o presente, entre o eu e os outros. Tanto os outros do grupo ao qual pertencço e daquele da qual sou herdeiro. Trata-se da identidade cultural através do monumento, cuja função também é didática, ao servir como método de ensino-aprendizagem para quem o visita, tornando-

se um suporte socialmente compartilhado da memória coletiva. Os monumentos propiciam uma “teatralização social de valores” a serem apropriados pelo público (JEUDY, 1990, p. 10).

Incentivados pela grande novidade de ter um monumento cultural reconhecido como da Humanidade, diversos órgãos públicos, principalmente do Governo do Rio Grande do Sul, se uniram em uma grande Comissão e criaram, em agosto de 1987, o projeto *Missões*. O objetivo era comemorar os 300 anos da fundação de São Miguel Arcanjo, São Nicolau e São Luiz Gonzaga. Integravam esta comissão vários representantes de instituições ligadas ao patrimônio cultural. O projeto visava difundir e aprofundar os estudos sobre a cultura missioneira, tais como encontros⁷⁸, lançamento de livros, seminários e exposições, que reuniram especialistas nacionais e internacionais em atividades multidisciplinares periódicas⁷⁹.

Uma sinalização com vários dados sobre o sítio foi instalada na redução, qualificando o conjunto arquitetônico e complementando as informações aos visitantes. Com a produção e distribuição de publicações didáticas, revistas, vídeos e discos, que sintetizavam as descobertas científicas e as tornavam acessíveis, o tema das reduções foi levado para as escolas gaúchas. A consequência foi o aumento no número de visitantes chegando em 1987 a mais ou menos 80.000 pessoas.

Depois de todo este trabalho nas áreas de eventos e divulgação, os índices de barbarismo subiram junto com o número de visitantes. Sobre as pedras, vândalos escrevem todo tipo de nomes, frases, desenhos de corações, flores e outras

⁷⁸ Vladimir Stello (1995), destaca que, de forma extra-oficial, nesta fase houve um intercâmbio técnico entre as equipes que trabalhavam nas reduções do Paraguai, Argentina e Bolívia.

⁷⁹ Na monografia *O Panorama de uma evolução*, sobre a historiografia contemporânea no Brasil, verificou-se que a maior parte dos incentivos a um determinado estudo histórico só ocorre em datas comemorativas, como os centenários da Abolição da Escravatura, da República, 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, etc... No caso específico deste Projeto, foram lançados quinze livros sobre o tema (BATISTA NETO, 1987).

manifestações. Parecem querer lembrar que o Turismo pode ser predatório quando não há o devido cuidado com o monumento cultural e o planejamento executado de forma impecável.

No campo artístico, diversas atividades marcaram os 300 anos de São Miguel, tais como a exposição *A Visão do Artista* ou a reinauguração do espetáculo de *Som e Luz*, com a apresentação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Porém, o momento que mais chamou a atenção do público e da mídia foi mesmo o show do tenor espanhol José Carreras, em 1997, tendo as ruínas de São Miguel como cenário.

Surgiu nesta época a Associação de Amigos das Missões, que participou e auxiliou alguns dos projetos referentes a São Miguel. Um deles é o trabalho de mutirão de limpeza do sítio missioneiro, realizado pela população autóctone. Incentivado pelas prefeituras locais, o primeiro mutirão ocorreu entre 10 e 21 de outubro de 1994. Suas ações foram efetivadas no aparelhamento técnico, paisagístico e ambiental de cada sítio, melhorando a visibilidade e o acesso, preparando uma infra-estrutura e um suporte necessário para os trabalhos de preservação.

Com a presença da IBM, verifica-se a participação da iniciativa privada na questão patrimonial missioneira. A multinacional possibilitou que o computador passasse também a ser utilizado na pesquisa arqueológica e, principalmente, na difusão do patrimônio missioneiro. Em conjunto com a Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – atualmente a reconstituição computadorizada da antiga redução de São Miguel pode ser acessada via internet. Através de uma simulação tridimensional e percursos com animação, é possível visitar a casa dos índios, a praça, o hospital e a igreja. Existe um computador na sacristia da igreja com este programa. E o livro

Missões Jesuítico-Guaranis, publicado pela Editora da UNISINOS, traz o cd-rom com esta simulação⁸⁰.

Desde dezembro de 1980 existe um trabalho de Conservação Permanente nas ruínas das Reduções Jesuíticas dos Guarani. São funcionários do IPHAN que realizam um processo de preservação, com identificação, proteção legal, conservação física, promoção e educação. É o grande diferencial na preservação do patrimônio missioneiro entre os quatro países gestores de seus restos arqueológicos e arquitetônicos. No Paraguai, Argentina e Uruguai não está efetivada esta proposta. A conservação permanente do monumento ficou sob responsabilidade dos arquitetos Ana Lúcia Meira (1982), Odair Carlos de Almeida (1982-86), Maturino Luz (1986-88) e Vladimir Stello e sua esposa, a arquiteta Matilde Villegas, desde 1987.

Outro trabalho diferenciado realizado foi o *Inventário dos Bens Móveis e Imóveis* produzido nas Reduções Jesuíticas dos Guarani. Projetado em novembro de 1989, tentando ser abrangente, envolvendo todas as imagens que existissem no Brasil, a ausência de verbas o fez ser reiniciado quatro vezes. A área de abrangência se restringiu ao Estado do Rio Grande do Sul e este trabalho foi publicado como *Inventário da Imaginária Missioneira*.

O Circuito Internacional das Missões – projeto conjunto de turismo internacional envolvendo as regiões missioneiras do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai – foi lançado em 1995, em Santo Ângelo (RS), e trata-se do primeiro roteiro turístico oficial do Mercosul. As Reduções Jesuíticas dos Guarani foram consideradas o único ponto

⁸⁰ Bruno Zevi (1986) analisa que as formas tradicionais de representar a arquitetura (planta, fotografia, elevações e cortes ou seções) não dão conta, de forma isolada, desta função. O cinematógrafo era, até então, a maneira mais completa de representação desta arte. Com a invenção do computador e o avanço da tecnologia da informática, a possibilidade de visualização de uma obra arquitetônica, melhorou substancialmente. Provavelmente em alguns anos poderemos visualizar um edifício dos mais diversos pontos possíveis.

cultural comum entre as nações citadas. Organizado por órgãos públicos e com apoio da sociedade civil local, o projeto não conseguiu firmar a região como pólo turístico internacional e nem se constituir numa alternativa para o desenvolvimento regional. Entre as grandes dificuldades, as maiores foram criadas nas alfândegas destes países (especialmente para entrar na Argentina) e a ausência de um espírito integracionista na região. Mas gerou outros frutos.

Surgidos no âmbito turístico e com apoio do SEBRAE, *O Caminho das Missões* e o *Rota das Missões* são roteiros com aspectos místicos, culturais e históricos realizados com caminhadas pela região missioneira nacional. Propõe-se a reproduzir em terras gaúchas o que os peregrinos realizam no famoso caminho de Santiago de Compostela. Os pacotes comercializados podem ser individuais ou em grupos, e levam o visitante a conhecer aspectos da vida missioneira; praticar um esporte saudável; realizar um encontro espiritual; e mostrar aspectos da vida gaúcha – como a apreciação do churrasco ou beber o chimarrão.

Muitos cursos e simpósios têm sido realizados em São Miguel das Missões. O ex-presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, o competente Luiz Antônio Bolcato Custódio, realiza trabalhos na região – como funcionário do IPHAN-RS – desde o final da década de 1970. Não por acaso, realizou-se em São Miguel das Missões, de 29 de abril a 1º de maio de 2006, o Encontro Nacional de Museus, em comemoração aos 60 anos de criação do ICOM.

As propostas de valorização do patrimônio missioneiro têm sido efetivadas pelos funcionários do IPHAN, em especial por Vladimir Stello e Matilde Villegas, casal de arquitetos responsáveis pelos sítios de São Nicolau, São João Batista, São Lourenço e São Miguel. Uma das iniciativas de valorização foi a parceria com a UNISINOS para a revitalização do repicar do sino do índio Gabriel Quiri, que se encontra no Museu das

Missões. Pesando 980 quilos, o sino foi elevado até a torre da igreja e colocado para tocar depois de séculos. O professor da UNISINOS, Edison Hüttner, apresentou como proposta o definitivo retorno do sino à torre e conta com apoio do IPHAN e da Prefeitura Municipal (IHU *On-Line*, nº 178, 2006)

O problema que ainda se mantém, especificamente no sítio de São Miguel das Missões a despeito do passar dos anos, é o trabalho em arqueologia⁸¹. Tema crucial na questão patrimonial missioneira e essencial para o estudo das Reduções Jesuíticas dos Guarani. Como esclarece Gutiérrez, sobre São Miguel, *la confluencia de la información documental histórica con el trabajo arqueológico en el propio sitio nos permitirán recuperar un conocimiento más preciso de esta obra paradigmática de la arquitectura jesuítica*⁸² (1982, p. 86).

A importância da arqueologia reside em desembaraçar as camadas de sedimentos que cobrem as estruturas arquitetônicas, transformando as ruínas em um museu ao ar livre, aberto à visitação para a população em geral, dotada de bens arqueológicos inéditos na região. Como isto não ocorreu, seria mais do que necessário, senão vital, que qualquer outro projeto de intervenção nas ruínas de São Miguel fosse além do âmbito da arquitetura, contemplando a arqueologia e também outras ciências⁸³ – o que vem sendo sistematicamente realizado, tendo a frente os arquitetos Vladimir Stello e Matilde Villegas.

⁸¹ Em 1980 foram realizadas as primeiras experiências em arqueologia histórica no Brasil, pelo arqueólogo Fernando La Sálvia, nas ruínas da redução de São Nicolau. Os sítios de São João Batista e São Lourenço também tiveram escavações, todas coordenadas pelo IPHAN. Infelizmente, em São Miguel, só se realizaram trabalhos esporádicos, e não no núcleo principal.

⁸² (a confluência da informação documental histórica com o trabalho arqueológico no próprio sítio nos permitirá recuperar um conhecimento mais preciso desta obra paradigmática da arquitetura jesuítica).

⁸³ Ressalta-se que a atual diretora do Museu das Missões, Letícia Bauer, é historiadora.

167

Imagem 62: Boné do Caminho das Missões

Imagem 63: Reconstituição virtual

4. VISITANDO AS RUÍNAS DE SÃO MIGUEL ARCANJO

Atualmente, das trinta Reduções Jesuíticas dos Guarani, segundo Di Stefano (1994, p. 189), somente dezoito podem ter garantias de salvaguarda. Neste cálculo, estão fora as reduções que viraram uma nova cidade e as que se encontram em completa destruição. Podem-se salvar, desde que se realize de forma correta a sua restauração e preservação, as seguintes ruínas missioneiras: São Inácio Mini; Santa Ana; Loreto; Santa Maria La Maior; Yapeiú; São Carlos; e Apóstolos, totalizando sete na Argentina; São Miguel; São Nicolau; São João Batista e São Lourenço, num total de quatro no Brasil; Trinidad; Jesus; São Cosme e Damião; São Inácio Guazu; Santa Fé; Santiago e Santa Rosa, chegando a sete no Paraguai. Destas ruínas, quatro são as mais visitadas pelos turistas: São Inácio Mini (Argentina); Trinidad e Jesus (Paraguai) e São Miguel. Visitá-las possibilita entender e vivenciar o mundo reducional. Ao conhecer apenas uma, algum aspecto da redução deixará de ser contemplado.

São Inácio Mini está inserida em um roteiro que inclui conhecer as Cataratas do Iguaçu, e é a mais visitada de todas. Porém, a cidade cresceu de forma desordenada ao redor das ruínas e muitos prédios de dois ou três andares estão a 30 metros do limite do sítio. Estes prédios chamam a atenção do visitante, mas estão ali justamente por sua causa. São lojas de souvenirs, restaurantes, lanchonetes, agências de viagens e todo o azar de comércio que existe nos pólos receptivos do Turismo de Massa. Encostados à cerca, em uma feira, os índios guarani comercializam seu artesanato e suas ervas. Outros são pedintes ao redor dos restaurantes ou dos ônibus de turismo.

Existe, do lado de fora, um Centro de Interpretação da História das Reduções Jesuíticas dos Guarani, em estilo neoclássico. Não há diálogo entre este prédio e os remanescentes da antiga redução. A curadoria é estranha. A proposta é reinterpretar a

história, começando com a sala indígena que possui uma canoa apresentada como original, mas que não pertence à época reducional. Passa-se para o pátio interno, onde a metade de uma nau simboliza a chegada de Colombo às Américas – vestes de marinheiros se espalham ao seu redor. Em outra sala, indumentárias dos monarcas e nobres da Corte da Espanha. Por fim, observam-se através de um tablado, em uma sala escura, vinte bonecos com hábitos negros representando os jesuítas que vieram para a América. O *gran finale* é a maquete gigante da antiga redução de São Inácio Mini.

Ao sair do Centro, logo na entrada das ruínas, o sindicato dos guias negocia a visita monitorada. Por dez dólares norte-americanos contrata-se um guia que leva o turista até às casas dos índios, à igreja com sua fachada e à sacristia em bom estado, ao colégio e à casa dos padres – todas as construções sem cobertura. Antes da saída, uma pequena casa imunda contém os apetrechos e peças que faziam parte da igreja. São os objetos originais. Em um estado precário, espalhados pelo chão, sem nenhum cuidado ou sinalização.

Mas nada é comparado ao tratamento dado pelo Paraguai ao seu único Patrimônio Cultural da Humanidade: as ruínas de Trinidad e Jesus. Há anos que Trinidad está incrustada em situação de descuido e fragilidade. Infelizmente, o sentimento provocado por sua visita é o de compaixão. É triste ver que existe apenas uma placa na auto-estrada indicando a entrada para as ruínas. A sinalização externa inexistente e a interna é calamitosa. Não há nada que explique como era a vida cotidiana no povoado. A pequena cidade da Santíssima Trinidad possui um pouco mais de 4.000 habitantes. Existe um hotel e um restaurante de qualidade duvidosa. Na portaria de acesso, o visitante encontra água e toaletes. Loja de souvenirs não existe, mas o turista pode encontrar um índio vendendo bugigangas. O estacionamento é dividido em metade para pasto de cavalos e metade para a prática do futebol.

A igreja não apresenta a fachada, mas ali existem peças que as outras não possuem. O púlpito, as pias laterais e a pia batismal, desgraçadamente, estão expostas sem nenhuma proteção. Na decoração da igreja em ruínas ainda existem santos realizados em pedra e peças talhadas, como as portadas e o friso de anjos musicais – obra máxima da arte jesuítico-guarani, segundo o arquiteto argentino Bozidar Darko Sustersic. A sacristia virou um museu, onde está localizada uma maquete da redução, caveiras encontradas na cripta e cabeças de anjos que enfeitavam a igreja. No imenso pátio do colégio, a visão do descaso. A parte construída em adobe virou uma sequência de montes de barro e as peças que esperam restauração estão trancadas no antigo cárcere ou expostas sem cuidado, amontoadas em prateleiras de madeira debaixo de um alpendre.

As casas indígenas estão invadidas pelo mato. No único campanário existente no mundo reducional, a madeira está apodrecida e impede a visita na parte superior. A outra igreja do povoado também está em ruínas. Por fim, a capela da cidade (fora do sítio) possui obras de arte missioneira, como os anjos tocheiros, a Santíssima Trindade, Corpus Christi e tantas outras peças que ainda são adoradas nas missas locais. Não se pensa em restringir as rezas para as imagens que são também objeto de culto, em um processo de sacralização no museu. Apenas espera-se que elas não sejam roubadas, pois não há segurança. E também que sejam restauradas, pois se no Museu das Missões a conservação é preventiva, em Trinidad ela simplesmente não existe.

As ruínas da redução de Jesus estão perto de Trinidad e sua visita é dificultada pela péssima via de acesso. São 12 quilômetros de uma estrada de chão batido que o turista tem de enfrentar para poder ver a ruína de uma igreja com decoração mourisca, chamada de arte mudejar – estilo que funde os estilos cristãos com

motivos ornamentais islâmicos da Andaluzia. Ela possui uma bela fachada e uma torre não concluída. Sua construção foi interrompida com a expulsão dos jesuítas, em 1768.

Em termos de conservação, o Brasil está em melhor situação que os seus vizinhos. Não está aqui a maior quantidade de peças líticas (estão em Trinidad), nem aqui a igreja tem uma bela ornamentação (a melhor também é a de Trinidad), mas pelo menos existe um museu e a conservação permanente, que os outros países não têm. Nem página oficial na Internet as outras ruínas possuem.

Em São Miguel, o visitante encontra um bom hotel e uma pousada vinculada à rede internacional de Albergues da Juventude. Dois restaurantes servem a gastronomia local que inclui carne assada. Pena que não exista o churrasco com costela de chão, método que os guarani usavam para comer carne. Índios são poucos e se dedicam à venda de artesanato, com autorização do IPHAN, no alpendre do museu. Estão ficando “mais espertos”, informam os seguranças – “agora eles cobram para tirar fotos”.

Na entrada, a guarita onde se cobra o ingresso possui água, toaletes, venda de salgados, refrigerantes, camisetas, livros, cd's e um ou outro souvenir com motivo das reduções. Muito mais pode ser encontrado nas duas lojas de artesanato que são vizinhas ao sítio, uma delas pertencente à família do falecido João Hugo Machado. Do lado, uma lancheria (como dizem os gaúchos) funciona de forma precária.

O visitante não demora mais de duas a três horas para percorrer o cemitério, a igreja, o colégio, ver a quinta, olhar o que sobrou das casas indígenas e contemplar as obras que se encontram nos três compartimentos do Museu das Missões. À noite, eles retornam e pagam outra entrada para ver o espetáculo de Som e Luz. No espetáculo criado por Darwin Gazzana, as vozes de Fernanda Montenegro, Lima Duarte e Armando Bógus são bem colocadas. Trata-se de uma técnica interpretativa cujo drama

sobre a redução de São Miguel é envolvente e a mitificação de Sepé Tiaraju muito destacada.

Sobre estas ruínas, Roberto Di Stefano destacou que “o Brasil é depositário de um monumento que não é apenas parte da história deste país, mas um marco importante na história mundial” e que “As ruínas da Igreja de São Miguel são tão importantes quanto às do Coliseu e da Acrópole (...) é o testemunho mais imponente e bem conservado da arquitetura jesuítica missioneira” (Boletim SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA nº 17).

Dos turistas que estiveram nestas ruínas, segundo a pesquisa de 2005, apenas 20% vieram através de uma agência de viagens⁸⁴. Entre os pesquisados por Franco (2000, p. 65), apenas 01 (um) turista manifestou ter visitado a região usando os serviços de uma agência. Se este dado é tão díspar entre as duas pesquisas, há uma semelhança bem próxima no quesito “Conhecer São Miguel”. Em sua pesquisa, Franco (2000, p. 67) aponta que 32% dos visitantes já conheciam a região missioneira. Na pesquisa de 2005, são 33% (158 pessoas entre 475 questionados) que estão retornando ao sítio.

É neste momento do questionário aplicado que começa a parte qualitativa da pesquisa. A pergunta *quais as diferenças que você percebeu entre estas visitas?* motivou 147 respostas, cujo resultado mostra que todo o empenho realizado pelo IPHAN nos últimos anos tem sido reconhecido pelos visitantes das ruínas de São Miguel. Palavras como “organização”, “limpeza”, “cuidado”, entre outras, se revezam na impressão do visitante.

Outras opiniões reforçam esta imagem: “A cada visita é possível notar que está havendo uma preocupação maior em preservar o que resta da história das missões”;

⁸⁴ Consideram-se agências de viagens as empresas “(...) prestadoras de serviços que informam, organizam e tomam todas as medidas necessárias em nome de uma ou mais pessoas que desejam viajar. Oferecem todas as prestações de serviços relativas a transporte, alojamento e manifestações turísticas em geral, e organizam viagens individuais ou coletivas a um preço determinado, através de programas estabelecidos por elas mesmas ou de livre escolha dos clientes” (BENI, 2003, p. 190).

“Era um campo na 1ª vez. Eu não gostei. Agora tá limpo, tá organizado”; “Há vários anos o local não estava tão bem conservado”; “Estive há 22 anos atrás. Agora há uma preocupação de preservar o patrimônio”; “Era tudo aberto, mato por tudo quanto é lado, há 40 anos atrás. Melhorou muito”; “Estive aqui, há 15 anos atrás. Tudo mudou para melhor. O que mais me encantou foi a apresentação do show e a presteza dos habitantes da cidade em nos receber”; “Eu sou da época que tinha campo de futebol, com trave e tudo, na praça. Agora tá muito diferente, tá organizado”; “Há 18 anos atrás, estava mais precária a conservação”.

Mesmo quando a pergunta era sobre o quê o museu ou a igreja despertou nos visitantes, algumas das respostas foram sobre a organização, limpeza, segurança, preservação e conservação do patrimônio. O pesquisado teve total liberdade para registrar o que quisesse no questionário, e muitos optaram por realizar evocações positivas. Um dos questionados registrou sentir “Orgulho pela preservação e comoção pela história em si”. Houve também muitas críticas e sugestões sobre a condução do trabalho nas ruínas. Porém, vários entrevistados que foram mais de uma vez a São Miguel, com um intervalo de anos entre as visitas, perceberam que a conservação do patrimônio é um fato.

Imagens 64/5: Pedra de moinho quebrada, em Trinidad – 1996 e 2002

Imagens 66/7: Parede em adobe do colégio, em Trinidad – 1996 e 2002

5. AVALIAÇÃO DE SÃO MIGUEL COMO ATRAÇÃO TURÍSTICA

O Turismo é um fenômeno surgido no século XIX, a partir da efetivação da Revolução Industrial. A revolução nas comunicações e nos transportes, e o crescimento urbano pavimentaram o seu crescimento. Assim como as discussões preservacionistas no âmbito do Patrimônio Cultural, a prática turística também é fruto da Sociedade Industrial. E desde seu surgimento, sua complexidade vem aumentando. Dentro da área acadêmica, somente na segunda metade do século XX ela se estabelecerá como área de estudos. No Brasil, provavelmente, “somos a somos a segunda geração de pensadores sobre o Turismo”, segundo o editorial do número inaugural da Revista Eletrônica de Turismo Cultural (abril de 2007)⁸⁵.

Existem inúmeras definições de Turismo. Em um livro de 1995, Barretto listou dezessete definições. Atualmente, este número é sensivelmente maior. Os conceitos de turismo são tão amplos quanto a variedade de áreas que o envolvem. Beni (2003) expressa que o fenômeno turístico é tão grande e complexo, que é praticamente impossível expressá-lo corretamente.

Pensa-se o Turismo nesse trabalho como um ato cultural. Em suma, que o indivíduo que sair de seu espaço e se aventurar na descoberta do outro - seja no bairro vizinho de sua residência, ao visitar o centro histórico de sua cidade, ao rever um parente em uma cidade próxima ou contratar uma empresa especializada que lhe venda um pacote – esteja fazendo um ato cultural, e, portanto, fazendo Turismo. Turista é o indivíduo que, por diversos motivos, sai da sua residência em busca do contato com o outro, com o diferente, com os locais.

⁸⁵ BATISTA NETO, 2007.

A tipologia do Turismo é muito vasta. A melhor maneira de poder estudar o fenômeno é através das suas segmentações, que criam dentro do mercado um nicho onde grupos homogêneos, marketing específico, canais de distribuição próprios e a pesquisa sobre tipos de transporte, características do praticante, faixa etária, níveis de renda e de escolaridade, estado civil etc. possibilitam estabelecer as preferências e motivações da demanda.

O fenômeno turístico é uma atividade multifacetada e multidimensional, em que pessoas, empresas, institutos, comunidades emissoras e receptoras interagem ao mesmo tempo, com diferentes interesses. A matéria-prima para sua realização está no imaginário e nos bens concretos que facilitam sua prática. O Turismo necessita de infraestrutura e equipamentos para sua realização plena, e isto o insere na órbita do consumo capitalista de serviços. Criticamente, pode-se afirmar que o Turismo é mais um produto disponível para o consumo no mercado de bens simbólicos da sociedade do espetáculo.

Por outro lado, viajar é um ato imaginário – um bem intangível. Neste caso, o sonho e o desejo de viajar é realizar o desejo de ser “livre e autônomo” (KRIPPENDORF, 2000, p. 49). O que se faz com este desejo de fuga do cotidiano é transformar as férias e o lazer também em produto de consumo. Na era do consumo, está-se totalmente condicionado quando não se compra apenas para satisfazer necessidades, “mas também para atender aos nossos desejos transformados em necessidades” (GASTAL, 2005, p. 69).

Neste mercado, o que pode ser oferecido para satisfação do turista é cada vez mais complexo. Existem as tendências que crescem no mundo todo, como o Ecoturismo. Existem segmentos que sempre contaram com um grande número de praticantes, como o Turismo Religioso. Existem tendências novas, como a visita aos locais de moradia popular, como a Favela-Tour. E assim como em outras propagandas,

o *site* da operadora explora o imaginário: “Se você realmente quer conhecer o Brasil, não deixe de visitar as favelas”⁸⁶.

O Turismo Cultural é um destes segmentos. Para Beni (2003, p. 422), refere-se “à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representando a partir do patrimônio e do acervo cultural”. O Ministério do Turismo aponta que o Turismo Cultural compreende as atividades turísticas “relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos de patrimônio histórico (*sic*) e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

De acordo com a OMT (2001), entende-se o Turismo Cultural como aquele: 1) “baseado nos atrativos culturais que possui o local, sejam permanentes ou temporários” , tais como patrimônios tangíveis, museus, orquestras, atrações teatrais ou musicais, etc., 2) “baseado nas características culturais ou sociais de uma população que dispõe de um estilo tradicional de vida ou com características próprias”. Em uma pesquisa de 2005, sua prática representava 13% (3º lugar) no ranking de “motivos para realizações de viagens domésticas” no Brasil⁸⁷.

Concorda-se com esta nomeação da OMT e acrescenta-se que quando há planejamento e implantação impecável, o Turismo Cultural pode trazer benefícios para as instituições e empresas ligadas a esta atividade, visto que sua prática enfrenta baixa sazonalidade (PIRES, 2001) e atrai um público com maior poder aquisitivo (SILBERBERG, 1995). E os recursos proporcionados por esta atividade econômica podem ser resguardados para a proteção do patrimônio cultural.

⁸⁶ <http://www.parati.inf.br/tour.htm>, acessado em julho de 2007.

⁸⁷ Pesquisa encomendada pelo Ministério do Turismo e organizada pela FIPE, demonstra que 53 % dos turistas domésticos viajam para casa de parentes e amigos, destes 41 % apresentaram como motivo o turismo de sol e praia.

Entre as vantagens possíveis de serem oferecidas, está na população local agregar valor à sua cultura ao torná-la um atrativo turístico. Muitas culturas redescobrem ou passam a valorizar ainda mais sua cultura após a visita turística. O mercado de bens simbólicos pode oferecer mais um produto para consumo cultural. Museus, Centros Culturais e outros espaços vêm aumentar o número de visitantes com a prática do Turismo e do Lazer (cf. TRENTIN, 2004, p. 11). As desvantagens, porém, são inúmeras. Desde a transformação do atrativo em Não-lugar (AUGÉ), até mesmo a cultura virar espetáculo kitsch para contemplação dos turistas⁸⁸.

Porém, segundo Murta e Goodey, “Seja qual for o tipo de patrimônio apresentado ao público como atração, o processo sempre exige uma clara concepção da interpretação e da comunicação que se pretende estabelecer com o visitante. É a partir daí que se desenvolve a apresentação e a promoção do produto” (2002, p. 43). É o que vem acontecendo na maior parte dos patrimônios culturais espalhados pelo mundo. Já não basta a sua existência ou preservação, é necessário que ele seja interpretado.

Segundo Mário Jorge Pires, a função da interpretação é tornar palatável a informação bruta⁸⁹. Após analisar as definições de Tilden (1957) e Morales (1998), optou-se por entender a interpretação como o “programa comunicativo planejado que forja conexões emocionais e intelectuais entre os interesses do público e os significados inerentes ao recurso” (NAI)⁹⁰.

⁸⁸ A maior parte das críticas ao Turismo observada no Brasil advém de um modelo de desenvolvimento turístico que segue à risca o modelo econômico que aqui viceja: ele também é excludente. De fato, o Turismo deveria proporcionar as localidades afastadas de grandes centros urbanos as suas vantagens, tais como oportunidades de trabalho, saneamento básico, educação e saúde de qualidade. Mas o que se observa é a marginalização da comunidade receptora, em qualquer local onde ocorra a prática turística.

⁸⁹ Entrevista concedida ao pesquisador (junho/2006), encontrada no site www.eca.usp.br/turismocultural.

⁹⁰ Segundo Costa (2001, p. 29), em 2000, adotando os parâmetros básicos propostos por Tilden em 1957, a *National Association for Interpretation*, dos Estados Unidos, atualizou o conceito, propondo como interpretação a seguinte definição: *Interpretation is a communication process that forges emotional and intellectual connections between the interests of the audience and the meanings inherent in the resource.*

Essa interpretação pode ser feita através de manifestações artísticas, tais como teatro, literatura, poesia, fotografia, desenho, escultura, arquitetura etc... Os meios de comunicação utilizados são geralmente placas, painéis, folders, mapas, guias impressos, guias humanos etc. Afora a utilização de centros interpretativos, tais como Centros Culturais, Museus, Centros de Interpretação Histórica etc. A Informática também tem sido utilizada como uma ferramenta para a interpretação do patrimônio cultural, variando dos *sites* com animação até o uso da reconstituição virtual. Murta e Goodey advertem que “nada substitui (...) a interpretação ao vivo, quando realizada por guias e condutores sensíveis ao ambiente e as necessidades dos visitantes” (2002, p. 14). A maior parte dos meios utilizados para interpretação do patrimônio está ausente nas ruínas de São Miguel. E os que existem, podem ser melhorados.

Um deles é o Espetáculo de Som e Luz. Pensar um espetáculo mais condizente com a história das Reduções não é tarefa fácil. Há de se entender que o campo artístico se apropria de no máximo 10% do que é relatado na História. Os outros 90% são criação do autor. E há de ter drama ou romance para que a peça, filme ou literatura tenham algum apelo. Na dissertação de Mestrado *Os Vestígios de um naufrágio*, a opinião do pesquisador foi realizada do ponto de vista do historiador. A crítica foi que a história ali apresentada:

(...) é linear, narrativa, usa apenas ponto de vista jesuítico na sua análise, não apresenta nenhuma contradição no processo histórico que envolve o surgimento das reduções, não faz críticas ao modelo reducional, é maniqueísta ao tratar os portugueses e espanhóis como maldosos e os índios como bonzinhos e corajosos, mitifica a figura de Sepé Tiaraju como herói da resistência guarani e dos jesuítas como heróis civilizadores (BATISTA NETO, 2003, p. 288).

Passado algum tempo, após muitas leituras na área do Turismo Cultural, a opinião continua a mesma. O que se modificou é que, analisando o panorama das técnicas interpretativas em São Miguel das Missões, ela é a principal. Ou seja, sem o

Espetáculo de Som e Luz, com todas ressalvas já elencadas, sobram como técnicas interpretativas para o turista as placas, os folderes e os cartazes no Museu das Missões.

Murta e Goodey advertem que a comunidade não deve estar ausente na elaboração do planejamento interpretativo. Como bem lembra a mensagem escrita nas antigas sacolas do IPHAN, “A comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio cultural”. Esta participação também é uma forma de Educação Patrimonial, entendendo-a como:

(...) um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, 1999, p. 06).

Necessidades de apoio da comunidade, de guias humanos, da melhoria nos meios interpretativos já existentes... são tantas coisas a serem feitas em São Miguel e tantas outras a serem aperfeiçoadas, que se resolveu avaliar com critérios específicos este patrimônio cultural. Boa parte dos itens veio do texto de Murta e Goodey, e também de Graham Black. Mas trata-se de um processo absolutamente original. Não se acredita que os critérios elencados pelos autores possam ser generalizados para todos os patrimônios. Analisando o caso de São Miguel, a proposta de avaliação de seu patrimônio cultural deve ser única, assim como são as suas ruínas. Os critérios estabelecidos abaixo (seguidos de sugestões) não fazem parte de uma lista típica de dicas para a prática do Turismo na região, tão comum em roteiros de viagens de revistas.

5.1. Propaganda

Ainda falta muito para que este patrimônio seja conhecido nacionalmente, mesmo porque este não é um problema que atinge somente o Rio Grande do Sul⁹¹. Faltava um *site* específico sobre o turismo, na época da pesquisa, que tivesse todas as informações necessárias para a visita. Atualmente, esta carência já foi suprida. A ausência se refletiu nos resultados da pesquisa de campo. Caso se pense em ousar no turismo virtual, a reconstituição em 3D pode ser acoplada ao *site*, com a utilização de programação de satélite que possibilite uma visão ao mesmo tempo aérea e digital. Não se trata de ficção científica. Isto já é realizado nas ruínas de Pompéia, Itália. Para alguns entrevistados, foi perguntado que impressão de São Miguel seria contada para seus amigos e parentes que não a conhecem. Os comentários foram delicados com o sítio e, como explicam os especialistas em marketing, “(...) contatos pessoais são publicidade eficaz” (MURTA e GOODEY, 2002, p. 44). Esta propaganda dos que já conhecem o local se percebe nos visitantes que trazem parentes e amigos, sempre tratando do assunto com orgulho e servindo como agentes de publicidade da localidade.

5.2. Imagem

A imagem a ser avaliada é a da propaganda em confronto com a localidade. Neste caso, a imagem de São Miguel propagada no pouco material acessado em

⁹¹ Já está funcionando, desde meados de 2006, no seguinte endereço: www.saomiguel-rs.com.br.

jornais, revistas e Internet corresponde ao local. Estas fontes de informação foram transparentes e todas as características da localidade, lidas antes da visita, coincidiram com as informações recebidas no trajeto. Um músico uruguaio também teve a mesma percepção: “impressão que tenho sempre quando vou num lugar que já vi muitas fotografias (...). De ter uma certeza de que isto existia, de como era isto, mais a... como se diz... a idéia de corroborar (confirmar) as expectativas, corroborar que as coisas que eu tinha visto eram reais”.

5.3. Acesso Externo

São Miguel está distante de centros urbanos maiores, como Santo Ângelo (58 km), Passo Fundo (238 km) e Porto Alegre (485 km). Por transporte terrestre em estradas de nível regular, através do uso de ônibus, o caminho percorrido é longo, e as empresas locais não são das melhores. De Santo Ângelo até São Miguel a linha de ônibus é precária, e mais lembra a literatura de García Márquez. De carro, a situação pouco se modifica. De avião, mesmo com vôos diários de São Paulo e Porto Alegre para Santo Ângelo, o custo é muito alto, e a distância de São Miguel até o aeroporto força o turista a locar um carro, pegar um ônibus ou comprar um pacote que dê direito ao uso de *van* e hospedagem em hotel. Uma entrevistada reclamou do alto custo da viagem (por fim saiu mais barato alugar um carro e repartir a gasolina com a colega de viagem). De forma generalizada, esta mineira de Belo Horizonte criticou o turismo interno, dizendo que “é mais fácil ir pra Paris do que conhecer outras regiões brasileiras”.

5.4. Acesso Local

Não há nenhum problema de as ruínas serem acessadas, visto que não existem prédios que concorram com a sua visualização. E por estarem no alto de uma colina, as ruínas da igreja são perceptíveis de longe. Dentro do sítio, tem-se acesso a quase todas

suas partes. A exceção fica por conta das escadarias da igreja. Por questões de segurança e preservação, não se pode mais entrar pela escadaria da fachada e passear por cima das pilastras em pedra. A ausência desta experiência foi colocada pelos visitantes que tiveram a oportunidade de passear nelas há alguns anos, quando não havia a proibição. Saudades “do acesso às escadas internas da igreja”; “O passeio pelo interior das paredes”; “Subir na torre da igreja”; “Subir nas escadas da torre”, entre tantas outras, foram manifestações escritas pelos entrevistados.

5.5. Sinalização Externa

Segundo o relato dos entrevistados, é ruim. Não é um mal que assola somente a localidade histórica de São Miguel, mas é evidente que um atrativo turístico tem de ter uma eficaz sinalização de acesso. Mesmo com o guia rodoviário nas mãos, as pessoas encontraram dificuldades em chegar ao sítio. Um entrevistado sentiu falta de melhor sinalização nas estradas para guiar o turista, assim como falta de divulgação do local. Como já foi enfatizado, outro entrevistado foi mais crítico e disse ter visto uma placa na cidade de Lajeado (350 km) e outra a pouco mais de 50 km. Aproveitou e deu a sugestão: poderiam colocar placas “nas rodovias de acesso para aumentar este clima da pessoa que está vindo para cá ver, placas do tipo: Missões a 150 km, a 50 km”.

5.6. Sinalização Interna

Um entrevistado manifestou que só viu “uma placa, um cartazinho pequeno, não me lembro o que dizia, mas indicava uma coisa, oficina ou casa assim, não me lembro o que era, é muito ruim a sinalização!”. Outro entrevistado, especialista em design gráfico, respondeu ironicamente “Que sinalização?”. Não é para tanto. Há uma sinalização que precisa ser melhorada, possuir mais informações – ainda mais quando se

sabe que a falta de guias é uma crítica comum dos pesquisados. As sinalizações têm de ser trilingües, e as línguas privilegiadas devem ser o inglês e o espanhol. Como se trata de um local de presença indígena, seria instigante conter inscrições em guarani.

Imagem 69: Placa na redução de São João Batista

5.7. Design

Existe um design empregado em todas as placas do patrimônio missioneiro, não só em São Miguel. Seu emprego é adequado, com um texto curto, claro, discreto, equilibrado com imagens e não concorre com a paisagem. Infelizmente, faltam guias, e as placas, embora sejam insuficientes, acabam tendo de solucionar os problemas da interpretação.

5.8. Folders

Um pequeno folder, distribuído na entrada, resumidamente explica o que foi a experiência reducional em São Miguel e as ações oficiais para sua preservação. Infelizmente, os folderes com explicações mais detalhadas foram escritos na Argentina, em espanhol, e referem-se especialmente à redução de São Inácio Mini. O mesmo ocorre nas ruínas do Paraguai. São produções escritas por padres, ricamente ilustradas, e referem-se aos jesuítas como heróis civilizadores. No Museu do Louvre, existe material didático escrito para crianças, folderes e mapas para o turista, e publicações especializadas para quem se dedica ao estudo acadêmico. Seria ótimo que isto acontecesse em São Miguel. Outra publicação que ainda não foi realizada é o catálogo do Museu das Missões. O inventário de Coutinho e Vieira refere-se às imagens de todo Rio Grande do Sul, e não apresenta a reprodução de todas as imagens – além de ser em preto e branco.

5.9. Recepção

O acesso ao sítio mudou três vezes desde sua organização pelo IPHAN. Destas, a pior localização para a portaria de acesso é a atual, pois não permite uma boa fruição pelo turista (ver Cap. II). O local possui toaletes em bom estado, bebedouro e um alpendre onde as pessoas podem se sentar em bancos de madeira. Existem informações suficientes para uma orientação inicial, com a distribuição de um folder gratuito e placa de entrada explicando os horários de funcionamento e o título de Patrimônio da Humanidade. Apesar das pequenas dimensões, é na portaria que o turista deveria ter contato com o vídeo ou a reconstituição computadorizada da redução. É no início da visita que isto deve ser contemplado. A sacristia (onde se encontra a sala de vídeo e computador com a reconstituição virtual) está muito longe e até chegar ao local, o turista já viu quase tudo sobre o sítio. Diferentemente de São Inácio Mini, onde o

Centro de Interpretação Histórica está localizado na entrada do sítio. O ingresso é impresso com logotipos da localidade, e sua cobrança é realizada de acordo com a idade. Com a carteira de estudante, cobra-se meia-entrada. Um entrevistado, que já havia visitado outras ruínas de Reduções, percebeu isto: “É como uma introdução geral pra gente ter, antes de conhecer o sítio mesmo”. “Eu vi o vídeo, mas o local onde é projetado o vídeo é o final do percurso...” Viu também “um computador com um programa com uma visita virtual nos sítios de Argentina, Paraguai e Brasil. Só dei uma olhada nisso. Tem fotos... nas fotografias tem fotos que não são boas...”. Não viu o programa com a reconstituição, devido à pressa: “Mas tinha três computadores, porém, só um funcionava”. Por se tratar de um olhar privilegiado (uruguaio especialista em música barroca), é bem provável que esta percepção não seja a do conjunto de turistas que visitam as ruínas de São Miguel.

Imagem 70: Funcionário Nelci na Portaria de acesso

5.10. Segurança

A equipe de segurança é coesa, terceirizada, trabalha 24 horas e tem identificação com o local. Na falta de guias, os guardas acabam servindo de intérpretes do patrimônio para os turistas. Uma médica curitibana disse que sentiu falta de um guia para tirar dúvidas e explicar detalhes da edificação e da história do local: “A gente perguntou pra um guardinha. E ele teve muita boa intenção, ajudou no que ele sabia. Mas não era um guia. Era um guarda”. Muitos entrevistados reclamaram que houve exagero por parte dos visitantes nas fotos com *flash*, nos toques nas pedras ou nas imagens do Museu. A questão da segurança não envolve apenas a proteção contra a criminalidade, mesmo porque São Miguel das Missões apresenta baixos índices de violência. Ampliando o conceito, pensa-se que para aliviar as tensões da viagem, e para que os visitantes se sintam fisicamente seguros, é necessário que o local seja de fácil acesso e saída, para não se vejam ameaçados. Em todos os aspectos, as ruínas de São Miguel são muito seguras. Não há problema no acesso de entrada ou saída e nenhum perigo é apresentado aos visitantes.

Imagem 71: Seguranças de São Miguel:
Antonio Carlos, João e a cadela Shana

5.11. Serviços e Qualidade

Os funcionários do IPHAN na portaria, e os seguranças, são atenciosos e fazem o serviço com dedicação. O número é pequeno para um atendimento adequado nos horários e dias de pico de visitação. Por falta de funcionários, dois problemas se apresentam na portaria: 1) no horário de almoço (12h-14h), ela fica fechada para visitação; 2) no pico de visitantes, o funcionário tem de vender camiseta, cobrar ingresso, dar orientações, atender telefone, indicar hotéis, explicar o horário do Som e Luz etc, tudo ao mesmo tempo e para muitas pessoas. Não se estabeleceu contato com o serviço terceirizado de limpeza e jardinagem, mas percebeu-se que as instalações estavam limpas e o sítio estava com o gramado cortado. Poderia ser uma sugestão colocar carneiros para pastarem neste espaço, visto que a redução de São Miguel era pecuarista. Porém, esta é uma característica que a chefia local do IPHAN preferiu incrementar na redução de São Lourenço⁹².

5.12. Percurso de Visitação

Quando se pensa no percurso de visitação, fica clara a liberdade que o turista encontra para começar por onde achar melhor, seja com o museu ou indo direto para a igreja⁹³. Não se pensa em uma seqüência rígida, em que o turista siga o fluxo tal como se estivesse numa procissão – mesmo porque não existem guias digitais. Estes guias portáteis, sonorizados, com pontos específicos para audições (também podem ser usados os repetidores de mensagem) são uma opção cada vez mais usada em patrimônios culturais, uma vez que contêm narrações profissionais, músicas,

⁹² Com o mesmo pensamento, na redução de São João Batista foi incrementada uma trilha ecológica. Desta forma, cada uma das ruínas agrega valor com características do antigo cotidiano do mundo reducional.

⁹³ Nas entrevistas, aqueles que estavam mais habituados com o Turismo Cultural (uma turista canadense, um músico uruguaio, entre outros), destacaram esta liberdade como algo positivo. Uma artista plástica curitibana foi além e comentou ironicamente que não desejava visitar as ruínas como “um gado tocado pelo guia”.

comentários e gravações que informam e orientam o turista ao longo do percurso. Foi inclusive alvo de sugestão de uma entrevistada. Este equipamento resolveria em parte o problema da falta de guias. Sobre a região missioneira, uma forma de percurso já comentado é ir a pé (Rota ou Caminho das Missões) ou, em uma nova alternativa, passear pelos sítios missioneiros a cavalo. De *van*, é uma proposta realizada pelas agências e não difere em nada de outras visitas típicas em patrimônios culturais.

5.13. Atividades Didáticas

Não se percebeu em São Miguel nenhuma atividade didática. É muito diferente do trabalho do MAE/USP, onde os professores são treinados antes da visita e, mesmo os que não participaram do treinamento, têm acesso a um material didático de qualidade. No entanto, por uma questão de logística, visto que os professores são de diferentes lugares do Rio Grande do Sul, é impossível o treinamento antes da visita. Mas o material didático pode ser preparado e distribuído pelas escolas – algo que foi realizado no Projeto Missões (1987). Uma possibilidade é disponibilizar no *site*. Segundo Jean Piaget, o lúdico é a melhor forma de aprendizagem. Não se percebeu a sua utilização no sítio de São Miguel, mesmo sabendo que a maioria de sua clientela é estudantil. Houve em São Paulo uma atividade chamada “Programa de Índio”, em que os índios Xavante (de Mato Grosso) passavam o dia com as crianças e as ensinavam o que era necessário saber para ser um índio Xavante. Como caçar, pintura corporal, dançar, montar arco e flechas... parecia um curso de imersão. Os valores eram altos e o público pertencia às escolas particulares. Não se pede que o mesmo seja implantado de forma literal com os Guarani que estão na região de São Miguel. Há de se ter cuidado com tal proposta. Não deve passar por uma forma de folclorismo e nem como um zoológico humano para turista ver e apreciar. Mas, com a presença de um antropólogo e longe de qualquer aparência de kitsch, este programa de índio implantado em São Paulo pode ser feito

em São Miguel de forma diferenciada e respeitando o modo de ser guarani. O sucesso deste projeto junto às crianças é o que motiva a sugestão para implantação desta prática lúdica como forma de interpretação do patrimônio das ruínas das Reduções Jesuíticas dos Guarani.

5.14. Absorção

O trabalho em uma localidade histórica deve ter como foco os diferentes públicos, com apelo tanto para o visitante casual quanto para o especialista. Facilitar a absorção da técnica interpretativa é uma tarefa árdua, que as poucas presentes no sítio de São Miguel cumprem com os seus objetivos. Uma sugestão que poderia ser efetivada é realizada em uma unidade do próprio IPHAN. No Museu Imperial foi instituído como recurso interpretativo o uso de desenhos e a figura do roedor Dom Ratão I. Não se trata de menosprezar a história ou fantasiá-la, mas facilitar a sua absorção pelas crianças. Dom Ratão I recria com imaginação a época do Império, abordando-o de forma lúdica, sempre com o Museu Imperial como eixo explicativo.

5.15. Agendamento e Monitoria

Ao contrário de outros atrativos turísticos com forte presença de crianças em idade escolar, em São Miguel não há agendamento de visitas e nem monitoria. Na Estação Ciência (USP) o agendamento da escola é obrigatório, caso contrário, não se entra no recinto. Mesmo que a excursão escolar tenha vindo do interior ou de outro Estado. Este rigor é para não desestabilizar o trabalho da Monitoria. Há uma escala de monitores e um índice de escolas para visitar em determinado horário, calculando que depois delas devem vir outras escolas com outros monitores, realizando um revezamento do trabalho e nunca deixando um escolar sozinho dentro deste museu de ciências.

5.16. Estacionamento

É gratuito, não é coberto e não tem revestimento. Infelizmente, está situado em uma área de preservação histórica, em frente à Portaria e possui o tamanho de um campo de futebol. Na mesma área estão os respectivos prédios: Secretaria Municipal de Turismo, loja de artesanato da comunidade e, do outro lado, uma loja de artesanato particular. Alguns meninos trabalham como flanelinhas e cuidam dos carros dos visitantes. Infelizmente, este desprezo à infância é uma herança da época colonial e se transformou em característica da cultura brasileira.

Imagem 72: Estacionamento em frente ao portão de acesso

5.17. Souvenires

Fazer compras é uma atitude unida à prática turística em qualquer lugar do mundo, porém enfrenta resistência por vários administradores das áreas culturais. Não é o caso de São Miguel, onde a própria portaria também é uma lojinha de souvenirs. Fora do sítio, três lojas de artesanato fazem o comércio de lembranças de São Miguel, sendo que uma delas pertence à associação de artesãos. Triste é ver meninos e meninas Guarani vendendo seu trabalho em mantas estendidas na entrada do museu. São cestas, arcos, flechas, animais representados em madeira, todos feitos de forma muito singela e que não dialogam com as peças que se encontram no museu. Até mesmo um entrevistado sugeriu que fossem realizadas outras peças, diferentes do que se imagina que os índios geralmente fazem. Os preços praticados são razoáveis e acessíveis para boa parte da população.

Imagem 73: Souvenir

5.18. Consciência de demanda

Talvez uma das maiores contribuições deste estudo seja apresentar para os administradores de São Miguel o perfil da demanda do público-alvo que faz sua visitação. De qualquer forma, pelo que os funcionários do IPHAN fizeram de mensuração da visitação, percebe-se que faixa do mercado visita a localidade. O público escolar é a maioria. E, fora deste público, a maior parte dos visitantes é de regiões próximas, dentro do estado do Rio Grande do Sul. Portanto, cabe aos administradores locais levarem em consideração estas características do público visitante.

5.19. Gastronomia

Antes de tratar sobre a gastronomia regional, cabe um esclarecimento: não é possível se alimentar com qualidade durante a visita às ruínas; não existe um restaurante, e a lanchonete (do outro lado do estacionamento) tem um serviço regular; na portaria, há somente salgadinhos. Sobre o sabor da cozinha gaúcha, reconhecido no mundo todo, o churrasco é sua principal iguaria e pode ser apreciado em diferentes cortes, temperos e formas de assar. O modo guarani é o fogo de chão. A carne é assada em estacas ao redor da fogueira. Enquanto uma parte está de frente para a fogueira, a outra é servida para os comensais. A carne está sempre no ponto e só esfria quando o fogo acaba. Infelizmente, os restaurantes de São Miguel não servem este prato. O churrasco servido aos domingos é o tradicional, encontrado em qualquer razoável rodízio de carnes. Comida por quilo é o que existe nos dias comuns. É, no mínimo, decepcionante.

5.20. Valores

Os valores cobrados para conhecer as ruínas são baixos. A entrada custa R\$ 5,00 (US\$ 2,00) e todos os outros preços praticados no sítio não são abusivos. Um

entrevistado, que fez questão de se identificar como Osvaldo, professor de Curitiba (PR), não quis entrar por achar um absurdo cobrar R\$ 5,00 de um professor, agente multiplicador do conhecimento adquirido na visita através de seu papel de educador. Para alguns, o preço pode ser alto, mas para outros já é questão de opinião. Cabe analisar que, mesmo assim, visitar São Miguel das Missões não é um privilégio para qualquer bolso. É muito longe dos grandes centros urbanos, é difícil o seu acesso, e as opções de alojamento e de gastronomia pesam no orçamento – enfim, como demonstra este estudo de demanda, não é por acaso que a maioria dos visitantes pertencem às classes A, B e C.

5.21. Manutenção

O cuidado de uma ruína deve ser permanente, e isto vem sendo realizado pelos técnicos do IPHAN. Eles foram capacitados pelos diversos cursos da UNESCO e demonstram realizar seu trabalho com apego. Os trabalhos de arqueologia são sazonais, visto que o órgão não contratou um arqueólogo para trabalhar no escritório técnico de São Miguel. O serviço de restauração das imagens é realizado de forma preventiva pela diretora do Museu das Missões, e, quando o trabalho requer intervenções, é realizada pelo escritório de restauração em Porto Alegre. O pesquisador presenciou o retorno de obras que estavam na capital e pôde comprovar o cuidado que os funcionários envolvidos tiveram com as imagens.

5.22. Repouso

Locais para sentar são apreciados por todos, não apenas por aqueles com dificuldade para locomoção. Em museus, os bancos têm dupla função: proporcionar a fruição com a obra e descansar o corpo durante a visita. O local do cafezinho também é um ponto importante para o visitante descansar antes de voltar ao passeio. Infelizmente,

em São Miguel só existe banco no alpendre da portaria e nas arquibancadas do Som e Luz. Café não existe e muitos entrevistados reclamaram da falta de água. Bebedouro existe apenas na entrada do sítio.

5.23. Capacidade de Carga

Ainda que não haja consenso entre os estudiosos sobre a metodologia e os parâmetros para aferir a capacidade de carga de forma plena e universalmente aceita (PIRES, 2001, p. 248), é senso comum na área de Turismo entendê-la como a utilização de um local turístico na sua máxima capacidade, sem causar efeitos negativos tanto nos recursos, quanto na satisfação do visitante, sendo de suma importância que a prática turística não provoque impactos adversos sobre a natureza, sociedade, economia e cultura do núcleo receptor. Nas ruínas da igreja não há grandes problemas neste sentido, visto que o local é amplo. O Museu das Missões não suportaria um alto índice de visitação. Mal cabem as 94 peças em madeira – as peças líticas não estão dentro dele –, quem dirá um número maior de visitantes. Faz-se necessária a construção do Centro de Documentação.

5.24. Hospedagem

Sobre a cidade, ao se observar o número de leitos, parece estar preparada para uma demanda maior do que a atual. O Wilson Park Hotel tem 78 quartos – equipados com TV a cabo e frigobar –, possui três grandes salas para reuniões com nomes em guarani e um bom restaurante. A Pousada das Missões pertence ao Vice-prefeito e Secretário de Turismo do município e está ligada a *Hostelling International*, contando com sala de estar com lareira, sala de TV e vídeo, cozinha com livre acesso, refeitório, churrasqueiras e lavanderia. Localiza-se ao lado das ruínas. Já o Hotel Barrichello é um

local modesto, muito utilizado por motoristas, vendedores e estudantes que visitam ou estudam as ruínas de São Miguel.

5.25. Pessoas com Necessidades Especiais

As ruínas de São Miguel oferecem o mínimo necessário para a visita de pessoas com necessidades especiais. O toalete é adaptado, é possível seguir a mesma rota e circular pelo local junto com os demais visitantes, e não há problemas de segurança. Porém, falta sinalização em braile para cegos, telefone público adaptado, monitoria especializada, oficinas e atividades didáticas. Um trabalho do MAC/USP poderia ser realizado em São Miguel. Os portadores de deficiência visual tocam as obras escultóricas e assim podem despertar sua sensibilidade estética pelo uso das mãos. Porém, as peças escolhidas eram as confeccionadas em materiais duradouros, tais como bronze, ferro ou cerâmica. Em São Miguel, obras como o sino ou algumas peças líticas podem fazer parte da experiência. Mas, para um local que não tem atividades didáticas nem para o seu principal público (as crianças em idade escolar), é difícil imaginar que esta experiência ocorra.

5.26. Sustentabilidade

A noção de sustentabilidade é uma das maiores discussões na área de Turismo. Como um local pode tornar-se atrativo e não correr o risco de ser destruído pelo Turismo mal planejado, o Turismo de Massa? O objetivo da sustentabilidade é buscar o desenvolvimento, atendendo aos objetivos da geração presente, mas sem comprometer este legado para as gerações futuras. Nesse sentido, tanto a cidade quanto o sítio de São Miguel têm garantidas a sua sustentabilidade do ponto de vista turístico. Bem cuidada e, tendo à frente neste momento autoridades locais responsáveis, os turistas encontraram um local agradável e sem perigo de destruição imediata pelo turismo mal planejado ou

com o planejamento não sendo aplicado. Isto foi notado por um pesquisado, que destacou que a “... a grande importância de preservá-lo para as outras gerações terem a oportunidade de conhecê-lo”.

5.27. Música

O já destacado olhar privilegiado do músico uruguaio foi bem explorado nesta pesquisa e novamente serve como uma ponte para analisar este lado da época missioneira. Ele reclamou que as músicas tocadas no Espetáculo Som e Luz são do Romantismo e da Renascença. Consegue passar um certo dinamismo a uma peça dramática, mas nada mais atemporal do que este tipo de música em relação ao que se tocava na época das Reduções. A crítica tem fundamento. Porém, o entrevistado não deve ter percebido que há sim música missioneira no sítio de São Miguel. Ela é tocada durante a visita, nas caixas de som que servem para o espetáculo. Visitar as ruínas escutando estas músicas aumenta o grau de magia que envolve o local.

Imagem 74: Centro de Informações Turísticas

Imagens 75/8: Som e Luz

Imagens 79/80: Som e Luz – problemas: trailer e caixas de som

6. DO QUE SENTIU FALTA NA SUA VISITA A SÃO MIGUEL DAS MISSÕES?

É necessário investir mais na qualidade do que no preço, dizem os especialistas ingleses. Mas até onde a realidade do turismo cultural na Inglaterra pode ser comparada com a do Brasil meridional? As diferenças são enormes. Os países anglo-saxões têm por postura deixar para a iniciativa privada a preservação do seu patrimônio. A orientação para o respeito a propriedade se constitui na base do direito consuetudinário anglo-saxão e também serve de referência para a questão patrimonial, totalmente orientada para a iniciativa privada. De forma diferenciada, a tradição latina considera a propriedade privada sujeita a restrições em prol da comunidade. No caso do patrimônio, ressalta-se que a sua proteção é derivada do Iluminismo e da Revolução Francesa e seu uso, mesmo particular, deve ser restrito em benefício da coletividade que o cerceia. Em termos mundiais, esta também é a orientação da UNESCO e o Brasil também a segue.

E ninguém melhor do que a população autóctone para designar os objetivos de um plano diretor de proteção ao patrimônio. Não se deve pensar que se apresenta este trabalho como uma proposta fechada de como gerenciar este patrimônio cultural, tombado como da Humanidade, pela UNESCO. Longe disso. Não se quer ensinar aos que se dedicam e que na pequena cidade de São Miguel das Missões fizeram a sua vida na defesa das ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo. Não é o caso. Trata-se tão somente de apontar sugestões e caminhos, que podem ser adotados. Vai depender muito mais dos meios possibilitados para sua execução do que da vontade das autoridades locais.

Esse foi o sentido utilizado na última pergunta qualitativa do questionário: “Do que sentiu falta na sua visita a São Miguel das Missões?”. Ali, repetiu-se como um mantra a crítica pela falta de um guia – uma pessoa que conhecesse a história das

reduções, os aspectos do sítio de São Miguel e as obras do Museu. Afora esta manifestação registrada (independente do sexo ou da classe social), muitos mostraram um sentimento de simpatia, ternura ou piedade para com a pequena cidade de São Miguel, e com os esforços do também pequeno escritório do IPHAN em proteger este Patrimônio Cultural da Humanidade. Da crítica pela ausência de lojas de câmbio até sugestões sobre como deve ser a música a ser tocada no sítio, muitos demonstraram estar satisfeitos com a receptividade.

Algumas destas críticas já foram solucionadas desde a realização da pesquisa. Já existe um *site* de turismo da prefeitura, o Banco do Brasil já foi instalado e possibilita acesso a um caixa 24 horas; o espetáculo de Som e Luz já foi realizado com atuação de atores e dançarinos (outubro de 2006); e foi construída uma casa de passagem dos Guarani dentro do sítio, atrás do pomar. Outras sugestões não serão realizadas, como possibilitar a subida até o alto da torre ou o acesso às escadarias internas da fachada. E algumas idéias nem foram contempladas pelos turistas, como subir com o sino até o alto da torre e fazê-lo ecoar pela colina onde está a Redução de São Miguel.

Restaurante e lanchonete, somente fora do sítio. Outras formas de lazer e programação noturna, somente em Santo Ângelo. Ficar aberto na hora do almoço, somente quando houver mais funcionários. Propaganda nas estradas de acesso poderia ser realizada sem maiores dificuldades. Uma divulgação maior e mais qualificada também é possível, desde que haja interesse por parte das diferentes autoridades federais e estaduais. Expor um pouco mais sobre a vida dos índios Guarani pré-reducional seria interessante.

Pode ser construída uma melhor acomodação para o Som e Luz, ter bebedouros portáteis na Casa do Zelador e na Sacristia, atrações além das ruínas, atividades didáticas para as crianças, um folder somente sobre São Miguel, guias portáteis, que se

passse o documentário na entrada do sítio (vislumbrado no futuro Centro de Documentação), de alguma outra atividade cultural durante o dia, explicações sobre as obras no museu, um novo museu, um DVD específico sobre São Miguel (com imagens aéreas), mapas rodoviários que realmente mostrem os locais de visita⁹⁴, livros sobre as ruínas, mais placas informativas, mais lixeiras, disfarçar os holofotes do Som e Luz, falar sobre os índios Guarani atuais etc. Em relação à cidade, bons restaurantes, deveria existir melhoria no transporte, bancos 24 horas, casa de câmbio⁹⁵ etc.

No questionário, destacaram-se três aspectos. O primeiro é a falta de guias, falada por inúmeras pessoas. O segundo é a ausência de um local para se alimentar (lanchonete e restaurante), de preferência que servisse a gastronomia autóctone. O terceiro aspecto é o curioso: cerca de ¼ dos pesquisados não sentiram falta de nada. E escreveram exatamente isto. Se unirmos com as não-respostas, que somam 106 ausências, podemos afirmar que no universo de 475 pesquisados, mais da metade parece estar satisfeita com a visita.

Por fim, uma médica radicada em Curitiba (PR) descreveu o atrativo como “um TESÃO, em todos os sentidos”. Entre risadas do pesquisador e da entrevistada, ela sugeriu: “Você já imaginou um espetáculo encenado com isto aí de fundo? Um balé? Nossa, ia ser uma coisa de louco. Eu ia sair voando na estratosfera. Então acho um tesão tudo”. Em comemoração aos 27 anos de instalação do Espetáculo Som e Luz, entre outubro e novembro de 2006, foram

⁹⁴ Um turista uruguaio tinha nas mãos um mapa com todas as 30 reduções e seus locais de acesso. Tomou um susto quando foi informado que elas não existiam. Foram totalmente destruídas, viraram cidades ou estão em ruínas. Somente quatro possuem vestígios que podem demonstrar o que foi o mundo reducional. O mapa que tinha nas mãos não falava nada disto.

⁹⁵ O turista uruguaio também criticou a falta de existência de bancos na cidade. Ele, como estrangeiro, não tinha como trocar seu dinheiro, e o único banco estava fechado porque era carnaval. Não tem caixa 24h. O entrevistador questiona: “Qual que é a sua dificuldade pra cambiar dólares aqui?”, e a resposta: “Toda, porque ninguém troca.” (e é uma localidade visitada por muitos estrangeiros...)

realizados cinco espetáculos com dança e encenação, chamado de “Espetáculo Som e Luz em Corpos”. Caso a médica tenha visto o espetáculo, com certeza ainda não teria descido da estratosfera.

Imagem 81: Guia e o clube de Mães de Liberato Salzano (RS)

Imagem 82: Espetáculo Som e luz em corpos

7. METODOLOGIA DA ALAVANCAGEM MÚLTIPLA

Escrito em 1990, por Mário Jorge Pires, a Metodologia da Alavancagem Múltipla pondera o cálculo da capacidade de atração turística de um bem cultural e foi utilizada na análise da cidade histórica de Tiradentes (PELLEGRINI, 2000, p. 46). Poucos vêm utilizando seus cálculos para avaliação do turismo. E, infelizmente, na autoria do livro aparece apenas o nome do organizador. Por conta disto, muitos estudiosos associam o método ao nome de Américo Pellegrini Filho. Sobre seu método, segundo Pires:

A grande vantagem deste método é a de valorizar o caráter plural de atrações em uma dada localidade, partindo-se da idéia-chave de que a presença de diversos recursos associados ou próximos a um recurso principal aumenta consideravelmente o poder de atração turística, ou a associação de vários atrativos de escassa importância pode ensejar um atrativo superior à soma de todos, desde que se utilize de forma consciente a técnica das “hierarquias primárias” (*apud* LAGE & MILONE, 2000, p. 111).

Analizando os atrativos de São Miguel, a partir da teorização e aplicação prática na cidade de Tiradentes, cujo resultado foi de 134,4, seguem abaixo as explicações e os valores específicos que estabeleceram como valor geral (fator de ponderação) a quantidade de 128. São Paulo, cidade que recebe mais de nove milhões de visitantes possui um Fator de Ponderação de apenas 24. E São João Del Rey obteve o resultado de 213,75.

Metodologia da Alavancagem Múltipla

São Miguel das Missões

$$\text{FÓRMULA} > FP = FCI \cdot FCG \cdot (X)FCR \cdot FUR^n$$

FP	=	Fator de Ponderação
FCI	=	Fator de Conectividade Intrínseca (Conectividade entre os atrativos)
FCG	=	Fator de Conectividade Geral (Conectividade entre a região emissora e receptora)
FCR	=	Fator de Concentração de Recursos (Concentração dos recursos)
(X)	=	Valor a ser atribuído em função da quantidade (Quantidade de atrativos)
FUR	=	Fator de Utilização de Recursos (Uso dos recursos)
n	=	Potência com base nos aspectos mais dinâmicos na utilização dos recursos (reflete o dinamismo da utilização)

FCI – de 1 até 4

FCG – de 1 até 4

FCR – de 1 até 4

(X) – de 1 até 4

FUR – de 1 até 4

n – de 1 até 3

$$FP = 4.2.(1)4.4^1 = 128$$

São Miguel apresenta a nota máxima no item conectividade [4] entre os atrativos (FCI) e média baixa [2] na conectividade (FCG) entre a região emissora e a região receptora, visto que parte dos visitantes é do próprio Estado do Rio Grande do Sul. A concentração de recursos (FCR) recebe a maior nota [4] visto que todos os atrativos encontram-se no mesmo local. A quantidade de atrativos (x) é mínima [1] e o uso dos recursos recebe a maior nota [4]. Por fim, o dinamismo da utilização (n) recebe a singela nota 1.

Imagem 83: Ruínas da igreja

(...) “muitos mostraram um sentimento de simpatia, ternura ou piedade para com a pequena cidade de São Miguel, e com os esforços do também pequeno escritório do IPHAN em proteger este Patrimônio Cultural da Humanidade”, p. 200.

CAPÍTULO IV: A RECEPÇÃO ESTÉTICA DOS MONUMENTOS CULTURAIS

MISSIONEIRO

“Os indivíduos fruem como podem e daquilo que podem!”

PAUL VALÉRY

1. A ESTÉTICA

A palavra “estética” vem do grego αισθητική ou aisthesis. A etimologia aponta que se trata da junção de duas palavras e que significa “relativo a sentimento”. Como disciplina, a Estética adquiriu autonomia, destacando-se da Metafísica, da Lógica e da Ética, quando da publicação, em 1750, da obra *Aesthetica* do filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762). Segundo o criador do termo, a estética é uma ciência das faculdades sensitivas humanas, investigadas em sua função cognitiva particular, cuja perfeição consiste na captação da beleza e das formas artísticas. No senso comum, refere-se à harmonia das formas e/ou das cores que refletem aquilo que se entende por beleza. Ou seja, a estética, no senso comum, é sobre o belo cuja harmonia impressiona os olhos. Já no campo acadêmico, a estética é entendida como parte da filosofia voltada para a reflexão sobre os problemas da arte. Estuda o julgamento e as emoções estéticas, bem como as diferentes formas do trabalho artístico, da idéia de obra de arte e de criação. Pensa a relação entre matéria e forma nas artes.

A estética sempre estará ligada e recorrerá à Filosofia ou a História da Arte, pois os valores estéticos não podem ser isolados do mundo que os enformou, sempre considerando estes valores “função dos valores morais e políticos” (BAYER, 1979, p. 13). Em seu livro *História da Estética*, Raymond Bayer se propõe a analisar como se dá a apreciação artística da pré-história até o mundo soviético no século XX. Trata-se de um trabalho de fôlego, de muita pesquisa, e que possibilita entender as diversas fases da concepção da Estética, como disciplina.

Segundo Bayer, a criação de uma obra de arte envolve sempre o direcionamento de todas as forças do homem em sua realização. Pode-se imaginar o índio guarani destinando toda sua capacidade, com tanto tempo livre disponível, para deslocá-la na

realização de uma obra de arte, completando no exercício de imaginação a sua satisfação na realização final do objeto. Aliás, nem precisa ser necessariamente uma obra de arte. O objeto hipotético pode ser projetado para uma determinada utilização e o índio guarani missioneiro dispôs seu intelecto e capacidade de realização. Uma vez atingido seu objetivo final, nada mais coerente que adornar o objeto tecnicamente mais perfeito. E novamente a arte se manifesta. Pena ter tão poucas peças desta arte cotidiana ligada à realização de utensílios dentro do espaço museológico do Museu das Missões e similares. Infelizmente, muito se perdeu nas destruições que marcam o mundo reducional. Os índios foram os primeiros a serem sacrificados. O etnocídio ocorreu depois.

Jean-Paul Weber escreveu um livro chamado *A Psicologia da arte* e nele apresentou logo nas primeiras linhas uma distinção entre a psicologia da arte – estudo dos estados de consciência e dos fenômenos inconscientes, relativos à criação e à contemplação da arte – e a estética – considerada a ciência que tem por objeto a apreciação (apoiada em juízos de valor) aplicada à arte. A psicologia da arte tem como objetivo primordial as reações do sujeito que não necessita ser um crítico de arte – um indivíduo que possui o olhar cultivado. Uma obra de arte é realizada para interagir com o outro, o receptor, não necessariamente no sentido de agradá-lo. E este outro é o foco desta análise no campo da recepção estética da arte. Em alguns momentos desta pesquisa pode-se estar tentado a acreditar que o olhar do visitante das ruínas de São Miguel das Missões pode lembrar o olhar cultivado de um crítico de arte. Não é o caso. Há uma semelhança somente na posição enquanto espectador.

O objetivo dos estudos de psicologia da arte é entender o receptor. Saber como ele reage a propósito das obras a que teve acesso e também do acesso aos códigos necessários para a interpretação de uma dada obra de arte. Os pontos de partida da

experiência estética são a sensação e a emoção. A sensação é periférica; a emoção é mais profunda e pode mudar o comportamento. Em relação a esta emoção, o indivíduo é a residência de uma metamorfose: a de um sujeito antes indiferente para um sujeito que se comove. Há nisto uma cumplicidade, um hipnotismo na análise da arte. E é neste momento que deve atuar o pesquisador que busca a recepção estética.

Mas não se estará trabalhando nesta pesquisa no nível da psicologia da arte, embora use em parte seu arcabouço teórico. E nem no nível da crítica de arte, pois se entende que a crítica se realiza a partir de estéticas particulares, do universo simbólico individual de um olhar privilegiado. Como bem observou Pierre Bourdieu, tanto no livro *O Poder simbólico*, como em *O Amor pela arte*, a obra de Arte só existe enquanto “objeto simbólico dotado de sentido e de valor”, isto se for apropriada por um sujeito dotado de atitude e das competências estéticas exigidas para a realização da análise de uma obra de arte. “Pode-se dizer que é o olhar do esteta que constitui a obra de arte como tal”, afirma Bourdieu, “mas com a condição de ter, de imediato, presente no espírito⁹⁶ que só pode fazê-lo na medida em que é ele próprio o produto de uma longa convivência com a obra de arte”, (1989, pp 285-286).

Jean-Paul Weber pensa arte sendo analisada não só pelo objeto em si, mas pelas percepção, lembrança e imaginação. E nesta análise há uma estética de tendência objetiva e formalista e outra, subjetiva de cunho psicológico. A partir destas vertentes se submetem os problemas da criação e da recepção da obra de arte. O artista se diferencia pela sensibilidade estética, aliada ao estudo das formas, fazendo-se de escrutinador do mundo que o rodeia, enquanto o crítico procura facilitar o encontro com o espectador, atuando como “leitor e avaliador, intérprete e juiz” (PAREYSON, 2001, p. 12).

⁹⁶ Talvez Bourdieu esteja se referindo à consciência.

Weber aponta que são dialéticas da estética o prazer e o desprazer, a ponto de o poeta francês Paul Valéry afirmar que o “belo é o que desespera”. Não se trata da concepção de belo da época clássica, na tentativa de imitar a natureza até a perfeição. Pode-se obter o prazer estético com a inquietude, com a angústia, a ironia, a desesperança, a nostalgia, a melancolia, etc. Pode-se dizer que o horrível ou o terrível também proporcionam a comoção estética. Algo que seria impossível de se imaginar nas estéticas anteriores ao mundo moderno.

A dialética da estética leva a outras oposições, ou, como pensa Mariza Bertoli, conduz a *sedução dos contrários*: “os sistemas dualísticos são estruturas simbólicas fundamentadas na tensão entre dois componentes onde o elemento isolado teria menor força” (2003, p. 237). E vai além, ao reconhecer que se busca o encontro com o herói mítico.

Buscamos sempre um jeito de suplantar o cansaço do cotidiano na banda obscura do símbolo, aquela que só pode ser revelada a cada um de nós, na intersubjetividade da emoção estética. Estamos sempre envolvidos com a questão dos contrários: a vida e a morte, o bem e o mal, o desejo e o dever, e até a alma e o corpo (BERTOLI, 2003, p. 237).

Entre as diversas oposições apontadas por Weber⁹⁷, chamam a atenção duas. A primeira é a oposição realizável/irrealizável. O sentimento estético pode ser realizável quando se percebe a realidade exposta na obra. Mas também pode ser irrealizável, já que se trata de uma obra de arte. Anedótica é a passagem do pintor Henry Matisse (1859-1954) quando uma espectadora manifestou que nunca tinha visto uma mulher igual àquela pintada no quadro do artista francês. Matisse retrucou no ato: “Nem eu. isto

⁹⁷ Weber apresenta também o sentimento estético em outras oposições, além do realizável/irrealizável ou o pessoal/impessoal. Existe também o prazer/desagradável, o interessado/desinteressado, a pureza/impureza, a perfeição/imperfeição, a presença/ausência, o original/originário etc. O problema do filósofo que se aventura nos caminhos do estudo da estética é se apropriar de uma dessas dimensões do sentimento estético e dar-lhe um maior destaque. O que, segundo Weber, aponta para a origem de toda uma série de teorias que se agregam em paralelo. Daí a impressão que se tem de que nenhuma teoria que aborda a emoção estética parece ser satisfatória.

é uma pintura”. Ou podemos recorrer a outro exemplo, quando René Magritte (1898-1967) pinta um cachimbo e escreve no quadro “isso não é um cachimbo”. Weber adverte que a experiência estética exige crer na realidade e conhecer a irrealidade. Ao não realizar isto, “corre-se o risco de cair no sonhar despertado e na loucura, que, sem dúvida, às vezes não estão longe” (1966, p. 28). Será possível que a alegoria de uma imagem se transforme em algo com maior presença do que a própria realidade?

Esta premissa é levantada a partir de uma passagem do texto de Ulpiano Bezerra de Meneses. Ele analisou uma imagem que não sabe onde viu, mas que acredita ser na revista *Paris Match*, onde, em uma história em quadrinhos da revista, o guia de turismo pede a uma senhora que está rezando para encerrar sua manifestação de fé, porque está atrapalhando o seu trabalho dentro da igreja. Posteriormente, Meneses se dedica a criticar o Turismo (1996, p. 96). Não se quer ser rigoroso com Meneses, inclusive em sua qualidade de professor de uma disciplina que trata do uso das imagens por historiadores. Discorda-se desta crítica. Se a premissa é uma imagem, então que a fonte seja segura. E mesmo que a fonte fosse segura, trata-se de uma imagem – é uma interpretação da realidade. E o que dizer da fragilidade da argumentação? Um guia de turismo que pede silêncio na reza dentro de uma igreja? Tem de ser penalizado. Isto é, caso tal fenômeno ocorra. Nunca um guia deve intervir, ainda mais desta forma grosseira, nas manifestações de fé da comunidade local. Um guia treinado, com cursos realizados, carteira do sindicato ou da EMBRATUR, nunca deve agir de maneira deseducada com os freqüentadores locais de um ambiente sacro.

A segunda dialética a ser destacada aponta para a oposição pessoal/impessoal. Weber afirma que ao se projetar sobre a obra de arte, o indivíduo faz uma abstração de si mesmo e passa a se tornar um outro eu – o “não-eu”, no dizer de Winnicott. Posteriormente, ele regressa a si de forma modificada. Já não é o mesmo, tal qual a

filosofia do devir de Heráclito de Éfeso. Ao narrar a entrada, saída e posterior regresso de um indivíduo que se banhara em um determinado rio. O filósofo grego conclui que o sujeito que se banhava no rio já não era mais o mesmo, tampouco o rio o era. Porém, a arte provoca mudanças no ser humano, estabelece confusões de sentimentos e não pode ser apegada somente a idéia clássica de belo. Existem “n” possibilidades nesta confusão de sentimentos.

(...) não há obra de arte em que não penetre a vida, arrastando os mais diversos valores consigo, e que não reingresse na vida, nela desempenhando as mais variadas funções além da artística, mas, por outro lado, a vida nela penetra precisamente sob forma da arte, e só como arte ela reingressa na vida, vindo ao encontro das mais diversas necessidades (PAREYSON, 2001, p. 205).

A experiência estética é democrática. É acessível a todos que podem sentir o gozo estético. Dá-se ou acontece uma catarse no indivíduo em contato com a arte. O problema dos códigos surge quando se trabalha com pessoas que nunca tiveram acesso as obras de arte, nunca estiveram em museus e exposições – locais onde estão reunidos objetos de arte. Mas, uma vez que vive a experiência, algo é despertado no indivíduo. O que é despertado e por que foi despertado? Estas são algumas das inquietações deste trabalho feito junto aos visitantes das Reduções Jesuíticas dos Guarani. Pois na experiência estética sempre há uma dimensão “catártica”, ao mesmo um tempo subjetiva e coletiva (cultural)

Nesse sentido, e voltando ao tema dos códigos, não importa se os entrevistados e consultados freqüentam museus e exposições ou se entendem o mundo da arte. O mais importante é que foram até um local reconhecido pelo seu valor simbólico – outorgado pelo título de Patrimônio Cultural de toda a Humanidade. Ali se depararam com as ruínas de uma igreja e um museu de arte sacra. O que sentiram? O que foi despertado a partir do contato? Podem-se desenvolver tais sentimentos sem iludir nuances importantes da sensibilidade?

O que deve ser entendido neste momento é que o patrimônio não tem valor intrínseco. Ele só passa a ter valor quando o olhar diferenciado o destaca. Os mecanismos de sua valorização simbólica são os mesmos que Bourdieu aponta para a obra de arte. Um entrevistado notou isto ao perceber a mudança de olhar no pólo receptivo, a partir do tombamento das ruínas de São Miguel Arcanjo como Patrimônio da Humanidade. De acordo com o entrevistado, “o tombamento [para as pessoas da região] foi um show”. Conta que tinha aproximadamente 18 anos, e lembra que foi uma festa. “E o pessoal comentava bastante: ‘vai vir turista pra cá!’”. Na época, devido à falta de preservação e proteção, achou surpreendente o tombamento das ruínas. “Eu achava que era muito”. “Eu perguntava: No caso de Recife (*sic*) era uma cidade inteira, mas ‘só as ruínas?’”. Ficava pensando, será que é por causa dos outros povos missioneiros?”. Dar um título honorífico para uma localidade que nem era município independente deve ter sido motivo para muita desconfiança. Não se valoriza o trivial, aquilo que está muito próximo.

Desta forma, a motivação da pesquisa foi procurar nos visitantes quais foram os valores, os juízos e toda e qualquer manifestação humana despertada por este monumento cultural, durante sua visita às ruínas da Redução de São Miguel. E aqui temos uma armadilha que pode ser apontada como um limite da pesquisa de recepção estética: o imediato. Quando se propõe a analisar os efeitos que a arte proporciona na pessoa, busca-se o imediato, a resposta deste encontro no calor da hora. As pesquisas sobre visitantes de museus atuam desta maneira. Ocorre que a arte não atua apenas no momento imediato. Ao longo da vida, sob diferentes situações, a partir de novas experiências e acúmulo de conhecimento, o sujeito-receptor da arte aprofunda e amplia a sua interpretação inicial. Como capturar este outro momento? Eis uma inquietação que se apresenta e que pode sugerir outro trabalho sobre recepção estética.

2. RECEPÇÃO ESTÉTICA

O termo recepção estética surgiu na aula inaugural da Universidade de Konstanz, na Alemanha, em 1968. O palestrante, o professor de literatura Hans Robert Jauss, definiu-a pela primeira vez como a pesquisa sobre a recepção da literatura e seus efeitos no leitor. Nesta nova análise o olhar da literatura está na recepção do texto pelo leitor, introduzindo uma nova estética: a relação do autor com a obra dentro de um contexto dado (cf. LIMA, 2002). Jauss propôs, como movimento, a análise da experiência do leitor ou da sociedade de leitores de um tempo histórico. Seu conterrâneo, Wolfgang Iser afirmou que o leitor, diante dos vazios do texto, deveria encontrar pontos de indeterminação, que preencheria de acordo com seu próprio imaginário.

Segundo Luís da Costa Lima (1997) “Iser e todo o grupo de Konstanz negavam uma concepção imanente da obra literária, segundo a qual seus parceiros ativos seriam apenas o escritor e o especialista. O intérprete difere do leitor não em natureza, mas apenas em grau”. Este pensamento de Lima relembra a distinção entre o crítico de arte e o espectador comum. Ambos sentem, ambos interpretam, porém o crítico de arte tem o olhar cultivado que a grande maioria dos espectadores comuns não têm.

O espectador é o objeto primordial da recepção estética. Na história da arte, ela surge como uma provocação e desafio à análise da obra de arte, passando a ser entendida como “o tipo de indagação em torno da obra de arte que tematiza o receptor, o leitor, o observador como parte fundamental da práxis da arte; estética da recepção é o trabalho de estudo teórico que indaga sobre o papel ativo deste integrante da práxis artística”⁹⁸ (GONÇALVES, 2001, p. 89).

⁹⁸ Definição baseada em LIMA (1997).

Na arte, os pesquisadores se apropriaram dos suportes teóricos da recepção estética para analisar desde a formação do público até cenografias das exposições. Em um destes trabalhos, Lisbeth Rebollo Gonçalves apontou duas direções para sua realização: voltada para si mesma e outra na direção do seu efeito – ocorrido nos “vazios” (lugares de indeterminação) –, “que funcionam como espaços para a atividade do leitor, que assim os preenche com significações por ele construídas” (2001, p. 89).

A disciplina “Recepção Estética” enaltece o papel do público, mas não se resume a este aspecto. Também significa discutir o papel da comunicabilidade da arte. Por mais que ainda se afirme o contrário, arte e comunicação representam conceitos inseparáveis. E a comunicação se faz na mensagem da obra de arte, na relação entre o trabalho criador do artista e o papel do público – que com ela interage. Esta visão da obra realizada pelo espectador é variável, conforme a época, os leitores e as interpretações. Ou seja, ela é histórica. O que leva a concluir que não há somente uma dimensão social envolvendo a interpretação, mas também uma dimensão histórica.

Já sobre a experiência estética como chave da recepção estética, explicita Lisbeth Rebollo Gonçalves que sua ocorrência primeira é com o efeito da obra de arte sobre o destinatário: “Inicia-se, portanto, na contemplação, na fruição primeira, no prazer”. Posteriormente, ocorre um segundo momento que é a interpretação do significado, “quando a vivência do sujeito, a sua visão de mundo é acionada” (2001, p. 92). Ou seja, o primeiro momento é o efeito e inicia-se com o prazer, “entendido como significado de apropriar-se, compartilhar, participar”, segundo Jauss (*Apud* GONÇALVES, 2001, p. 92) . O segundo momento é a interpretação, sempre a partir da sua história, vivência, conhecimento, visão de mundo, classe social, diversas variáveis.

Há portanto dois momentos a serem identificados e estudados: (1) na recepção primária, como se concretiza o efeito; trata-se do momento de condicionamento pela obra; (2) como se concretiza o significado, momento de condicionamento da obra pelo destinatário, pelo observador, quando é

fundamental a experiência vivida pelo espectador. Constatase que, quando se opera a comunicação da obra, a construção dos seus significados pelo receptor se faz com um certo grau de autonomia (GONÇALVES, 2001, p. 92).

O pesquisador da recepção estética deve estar atento a como o efeito da arte ocorre e também como ele se concretiza a partir da experiência do leitor, entendendo que existe um diálogo silencioso entre o leitor e a obra de arte. Não se esquecendo que as possibilidades da interpretação realizada são infinitas, tanto em quantidade quanto em seu processo (PAREYSON, 2001, p. 224). E conclui a autora que a comunicação visual também é uma criação humana: “A comunicação da obra de arte é um processo cultural” (2001, p. 93).

Para que uma obra de arte venha a existir, o fluxo-fantasia pessoal deve ser transformado de maneira a poder ser representado em um de tais materiais. O produtor de arte – não importa quão espontânea seja a fusão entre material e fantasia – constantemente tem que resolver as tensões que surgem entre ambos. Só então a fantasia pode tomar forma, tornar-se parte integral de uma obra e portanto tornar-se comunicável, capaz de produzir uma resposta em outros, mesmo que não necessariamente entre contemporâneos do artista (ELIAS, 1994, p. 65).

Kant, Hegel e tantos outros estetas escreveram sobre o gozo estético, entendendo-o como o prazer – uma verdadeira magia, margem para a fantasia – oferecido por uma obra de arte. esta margem para a fantasia é objeto dos estudos da Recepção Estética e também da Psicologia da Arte. João Frayze-Pereira, do Instituto de Psicologia da USP, no artigo *Recepção estética em exposições de arte*, começa seu trabalho citando Giulio Carlo Argan, quando o crítico italiano diz que arte é percepção – “uma obra é para ser percebida” (Apud FRAYZE-PEREIRA, 2001, p. 134).. Mário Pedrosa, psicanalista e crítico de arte brasileiro, também contribuiu para este trabalho esclarecendo “que a percepção visual não é apenas um processo sensorial e mental de superfície; é também um processo que vem do inconsciente para chegar à tona na região sensorial consciente, onde enfim se cristaliza, e só o consegue depois de uma luta entre as várias camadas perceptivas (...)” (Apud FRAYZE-PEREIRA, 2001, p. 134).

Como se percebe, Frayze-Pereira está discutindo sobre prazer estético do ponto de vista da psicanálise e nem poderia ser diferente, dada a orientação de sua reflexão. O gozo estético em relação à obra de arte não é sonho e nem fantasia consciente como querem alguns autores. O que se estabelece entre o espectador e o objeto de arte é uma percepção do tipo mágica, chamada pelo psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1886-1971) de *zona intermediária da experiência*: “É o acesso a esta alteridade imaginária, a este ‘não-eu’ que constitui o centro da questão” (Apud FRAYZE-PEREIRA, 2001, p. 135). Ou seja, aquilo que ocorreu entre o eu e o objeto foi descrito como sonho e devaneio, mas ele não se produziu por conta própria.

Trata-se portanto de uma “zona intermediária da experiência” em que não se põe em questão sua maior ou menor pertinência à realidade interna (subjetiva-individual) ou externa (objetiva-social), experiência transicional que pode se manter ao longo de toda a vida, sobretudo no campo que pertence ao domínio das artes (FRAYZE-PEREIRA, 2001, p. 137)

Uma lição de Frayze-Pereira é que o receptor interpreta a arte a partir do que ele conhece. E o que ele sabe está sempre inserido na História da Arte. Ele parte do conhecido (história da arte) para o desconhecido (obra de arte). Para expressar estas idéias, recorrem-se aos códigos. Os códigos realizam um trabalho de aproximação da obra, tais como comparações, apreciações de ordem técnica, classificações hierárquicas, exames psicológicos, considerações sociológicas, etnológicas, históricas etc. (WEBER,

1966, p. 20). Com os códigos, o receptor pode sentir a emoção estética, fruto do prazer diante da arte. A obra é legível a partir da distância entre a emissão e o nível de códigos apreendidos pelo receptor, entendendo que o código artístico surge “como um sistema de princípios de divisões possíveis em classes complementares do universo das representações oferecidas a uma sociedade dada, num momento específico da história” (GONÇALVES, 2001, p. 94).

Assim a legibilidade de uma obra por um indivíduo é função da distância entre o nível de emissão, definido como grau de complexidade e de discernimento intrínsecos ao código exigido pela obra e o nível de recepção, definido como grau de domínio que o indivíduo tem do código. A recepção estética tem, portanto, uma dimensão social implícita (GONÇALVES, 2001, p. 94).

Estes códigos que Gonçalves destaca na prática da recepção estética têm motivado debates que envolvem a questão museológica. Pierre Bourdieu e Alain Darbel pesquisaram os museus na Europa visando identificar os motivos e os sentimentos das pessoas que os visitavam. Suas conclusões formaram um marco nos estudos de Museologia. Diferente do trabalho que Frayze-Pereira irá realizar na década de 1980, esta pesquisa deu mais ênfase aos dados quantitativos.

Bourdieu e Darbel destacam que não basta a educação básica, por melhor que ela seja, para que o cidadão possa realizar uma visita em um dado museu e obter o gozo estético que a arte pode representar. Também depende de um hábito que a pessoa desenvolve desde a infância. Trata-se da educação pelo exemplo, onde uma família (notadamente burguesa) leva seus filhos a visitarem os museus. O que se estabelece é que os códigos e toda a simbologia necessária para reconhecer o gosto estabelecido nos museus está acessível e serve para marcar sua localização na sociedade.

O Museu fornece a todos, como se tratasse de uma herança pública, os monumentos de um esplendor passado, instrumentos de glorificação santuária dos grandes de outrora: liberdade factícia, já que a entrada franca é também entrada facultativa, reservada àqueles que, dotados de faculdade de se apropriarem das obras, têm o privilégio de usar desta liberdade e que, por conseguinte, se encontram legitimados em seu privilégio, ou seja, na

propriedade dos meios de se apropriarem dos bens culturais, ou para falar como Max Weber, no monopólio da manipulação dos bens de cultura e dos signos institucionais de salvação cultural (2003, p. 169).

A maioria arrasadora da população não tem acesso aos bens culturais porque ela não tem as chaves necessárias para decifrar o repertório visual que se apresenta em uma obra de arte. E que para chegarmos a magia da obra de arte – o gozo estético –, faz-se necessário ter o hábito arraigado de visita às exposições em museus e galerias. A questão que se levantou antes da pesquisa de campo foi, seja com os questionários ou com as entrevistas realizadas, como ocorreria a recepção estética em um ambiente visitado por turistas? E, como já se acompanha o caso de São Miguel desde ocasião em que se realizava a dissertação de mestrado (2002), sabia-se que a maioria destes visitantes é do próprio Estado do Rio Grande do Sul.

A partir destas informações básicas, outros questionamentos assumiram forma. Quais são as impressões provocadas pela arte barroca guarani? O que o visitante sente ao ver as ruínas da igreja da Redução de São Miguel? Que sentimentos as obras do Museu das Missões despertam no espectador/visitante? Como se configura a identidade cultural com este monumento? É uma identidade artística? É uma identidade histórica? O que representa este monumento cultural para o visitante? Este visitante sabe que a maioria dos artistas eram indígenas? Percebem os traços guarani neste monumento cultural? Percebe-se algum sentimento místico em relação a este patrimônio? O que buscam os visitantes quando visitam o único monumento cultural comum a três países latino-americanos? Foi com estas indagações primeiras que se realizou o presente trabalho.

Busca-se uma recepção estética da arte, mas não que a arte seja o único sujeito da pesquisa. Busca-se o que a arte despertou, seus efeitos que não se limitam à expressão dos valores, juízos ou interpretações intrinsecamente sobre a arte no momento

da experiência. Os entrevistados e consultados não trataram especificamente sobre a arte. Dada a liberdade que tiveram, muitos outros assuntos foram arrolados e evocados. E as manifestações consideradas válidas foram analisadas ao longo da tese e não somente neste capítulo específico sobre a análise de dados da pesquisa. Ousadamente, afirma-se que se trata de um estudo de recepção estética mais dinâmica, sem com isto emitir qualquer juízo de valor sobre as outras pesquisas realizadas na área.

3. PESQUISAS EM RECEPÇÃO ESTÉTICA

Estudos sobre o público dos museus vêm sendo realizados há décadas. Mensurar o público visitante auxilia o gestor do museu no planejamento das ações que constituem a política cultural da instituição. Em alguns casos, os princípios destes estudos são mercadológicos. Em outros, visam identificar quem é este visitante. Almeida já destacara isto em seus trabalhos comparativos sobre público de museus de arte e de ciência em São Paulo:

As pesquisas de público em museus, em geral, estão baseadas explícita ou implicitamente em modelos de comunicação, que norteiam metodologias específicas. Nas primeiras décadas do século XX, o chamado modelo 'hipodérmico' de comunicação era o mais aceito. Conforme este modelo, o visitante era encarado como um recipiente vazio, no qual as informações seriam introduzidas (MILES, 1989, p. 147; HOOPER-GREENHILL, 1994, p. 46). No decorrer do mesmo século novos modelos foram desenvolvidos, passando-se a evidenciar a complexidade da relação comunicacional, valorizando as mensagens, os códigos e, mais tarde, a figura do receptor como sujeito ativo do processo (WOLF, 1987; MARTÍN-BARBERO, 1995). Paralelamente, as pesquisas de público incorporaram novos modelos e aperfeiçoaram a compreensão da experiência museal. Tais estudos baseavam-se também em teorias e métodos da psicologia e da pedagogia, sendo apoiadas em teorias comportamentais, nas primeiras décadas do século passado, e mais recentemente em teorias sociointeracionistas (HEIN, 1998), (ALMEIDA, 2005).

O estudo já citado de Alain Darbel e Pierre Bourdieu – um clássico na área – é uma pesquisa inovadora na área da Sociologia e trabalha com dados quantitativos até a completa exaustão. Saber analisar estes dados é que faz um pesquisador se destacar.

Darbel e Bourdieu souberam fazer isto como poucos. Não se trata do único estudo sobre a formação do público em museus. Atualmente, “por meio de observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas telefônicas, estes estudos nos trazem a 'voz' do visitante, na busca do aperfeiçoamento do processo comunicacional promovido pelas exposições”, (ALMEIDA, 2005).

João Frayze-Pereira investigou o público em exposições de arte e divulgou suas pesquisas em diferentes trabalhos. O seu livro-tese *Olho d'Água* trata sobre a exposição *Arte Incomum*, editada na XVI Bienal de São Paulo, em 1981. Num artigo de 2001, intitulado *Recepção estética em exposições de arte*, o autor registra críticas ao trabalho de Darbel e Bourdieu, que não analisou a elaboração simbólica das experiências dos visitantes. Sobre a estética da recepção, registra que ela foi pensada com vistas à literatura.

Foi pensando nisso que passei a desenvolver na USP, no começo dos anos 80, uma linha interdisciplinar, especialmente voltada para as artes plásticas, com fundamentos em Psicanálise, História da Arte, Estética e Fenomenologia. Vários trabalhos foram realizados junto às Bienais de São Paulo – XVI (1981), XIX (1987), XXI (1991), junto aos espectadores de museus (MASP e MAC), junto ao público de obras e de artistas específicos. São pesquisas que se inscrevem no campo da recepção estética por ser o público um componente essencial do processo artístico, processo que os museus de arte, sobretudo, sacralizam e concretizam no plano institucional (FRAYZE-PEREIRA, 2001, p. 134).

Além de realizar suas investigações desde 1981, Frayze-Pereira orientou trabalhos no IP/USP, como a pesquisa *Olhar passageiro* – percepção e arte contemporânea na Bienal de São Paulo, dissertação de mestrado de Cristina Freire (1990). Freire também chama a atenção para o fato de a recepção ser mais trabalhada na Literatura e aponta que é uma tendência já identificada por Frayze-Pereira, em sua tese *Olho d'Água*, de 1981. A dissertação de Freire foi inspirada neste trabalho de seu orientador. Sua pesquisa investiga a relação do público com a arte contemporânea, analisando três instalações da Bienal de São Paulo de 1987.

Em 1997, Frayze-Pereira orientou a dissertação de mestrado de Maria Elvira Melo Vieira, intitulada de *Olhar Vassalo*. Nela, analisava o perfil do público na mostra da pintura francesa do Museu de Arte de São Paulo. Uma boa parte das obras do MASP são da escola francesa, com destaque à escola impressionista. A preocupação de Melo Vieira era analisar se este público tinha identidade com a exposição, com o museu e qual seu gosto ou preferência artística.

A busca pela representação social de monumentos culturais já foi realizada pela pesquisadora do MAC/USP, a já citada professora Cristina Freire. Em seu livro-tese *Além dos Mapas*, a pesquisadora da área da Psicologia Social da Arte diagnosticou como são representados os monumentos culturais no imaginário dos habitantes da cidade de São Paulo. Escolheu para efetivação da pesquisa o MASP (um museu-monumento) e o monumento ao arquiteto Ramos de Azevedo, que em nome do progresso saiu de sua localização original em frente à Pinacoteca do Estado e veio se transformar em ornamento de luxo na rotatória para carros da Cidade Universitária.

Os imaginários urbanos e a recepção estética foram os referenciais teóricos adotados por Freire. Porém, as diferenças entre seu trabalho e esta pesquisa demonstram que eles não são tão próximos assim. Freire analisou as relações dos habitantes de uma megalópole com seus monumentos, e usa como desenvolvimento de pesquisa a história e os mecanismos de formação da urbanidade moderna. A pesquisa aqui apresentada tem como arcabouço teórico a Recepção Estética, e tem como público-alvo os turistas e o monumento que é um patrimônio cultural da humanidade. Envolve, portanto, as ruínas de uma igreja e um museu de arte sacra. Cabe destacar que Freire fez um profundo levantamento teórico sobre a relação entre a memória e a preservação do patrimônio. Ela se baseia em Jeudy e Le Goff para discutir o que é um monumento, qual a sua

importância para a memória coletiva e como ele se estabelece na cidade, a ponto de a cidade parecer um museu a céu aberto.

Outro trabalho de Recepção Estética foi realizado por Lisbeth Rebollo Gonçalves, no seu livro/tese de 2003, intitulado *Entre cenografias*. Porém, não foi abordado o perfil do público. A ênfase era na comparação sobre a tipologia das exposições de arte que marcaram o Século XX, na França, EUA e Brasil. A autora entende a exposição em museus como um espaço libertário e democrático para a realização da prática da recepção estética. As outras considerações pertinentes sobre este trabalho já foram expostas anteriormente.

Neste estudo, a recepção estética desloca-se da literatura para o campo artístico-cultural, entendendo a estética com um sentido muito mais amplo do que o usual, devolvendo “... *al término estético (aisthesis) su acepción original y real de percepción sensorial para, de aquí, derivar el derecho a identificarla con sensibilidad o sensorialidad, capacidad humana que es sinónimo de gusto*”⁹⁹ (ACHA, 1988, p. 18). E como esclarece Pareyson (2001, p. 245), o gosto é mutável e pertence à órbita da interpretação, diferente da noção de juízo – uma avaliação de caráter única e universal.

4. COMO A ARTE INTERFERE NO EMOCIONAL DO RECEPTOR?

Na realização deste trabalho foi aplicada uma pesquisa mista em 475 questionários e entrevista diretiva junto a 35 visitantes das ruínas da Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo, na cidade de São Miguel das Missões, na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, nos meses de janeiro e fevereiro de 2005.

⁹⁹ “(...) ao termo estético (*aisthesis*) sua concepção original e real de percepção sensorial para, daqui, derivar o direito a identificá-la com sensibilidade ou sensorialidade, capacidade humana que é sinônimo de gosto”.

Porque os monumentos são símbolos sociais, portanto mutáveis em sua interpretação no tempo e no espaço, é óbvio que outra pesquisa, realizada com a mesma metodologia e aplicada ao mesmo grupo social, trará resultados diferentes.

No questionário aplicado junto aos visitantes, optou-se por uma abordagem mista. Os dados quantitativos serviram para analisar o perfil do turista, através do uso da estatística, buscando padrões e desvios a partir de dados numéricos. Já as questões qualitativas do questionário buscavam com maior riqueza de detalhes a recepção estética do visitante em relação às ruínas e ao museu. A pretensão deste questionário é compreender como a arte interfere no emocional do receptor.

A bibliografia na área da Metodologia Científica apresenta modelos que podem ser utilizados em diferentes tipos e níveis de pesquisa. Estes modelos auxiliaram a elaboração de um modelo próprio que pudesse alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa. O Prof. João Frayze-Pereira auxiliou este momento da pesquisa, indicando autores e modelos de questionário de pesquisa qualitativa. O próprio modelo, usado na sua tese *Olho D'Água*, e o de sua ex-orientanda Maria Elvira Melo Vieira, na tese *Um Olhar vassalo*. Revisou e também contribuiu para sua formatação final o Prof. Mário Jorge Pires, do curso de Turismo da ECA. Este questionário foi testado antes de ser aplicado no próprio local de sua execução, em janeiro de 2005.

Com relação às 35 entrevistas¹⁰⁰, a princípio adotamos como metodologia a entrevista não-diretiva, como ensina o sociólogo francês Guy Michelat, em seu texto *Sobre a Utilização da entrevista não-diretiva em sociologia*. Infelizmente, a falta de traquejo e a ausência de experiência no trato com este tipo de entrevista fez o pesquisador mudar sua postura como tal. Nesta mudança de rumo, optou-se por utilizar como método o modelo de entrevista apresentado no livro *Entrevista – O diálogo*

¹⁰⁰ Este número é o mínimo recomendável por Michelat.

possível, da professora de jornalismo Cremilda Medina (ECA/USP). De acordo com a autora, em uma entrevista, o entrevistador tem de ir livre da idéia de fazê-la para um objetivo supérfluo. Deve ir preparado para um diálogo, para novos aprendizados, para vivenciar algo novo. Neste caso, é necessário que o entrevistador tenha uma relação humana com o entrevistado, procurando identificar-se com ele através de vivências em comum: ideologias, gostos, convicções. Segundo Medina, esta é a forma mais adequada de comunicação, visto que o entrevistado explicita, argumenta e se sente mais à vontade para expor melhor as suas idéias.

De posse destes argumentos, optou-se por fazer uma entrevista diretiva, pois assim como Medina, acredita-se que com perguntas abertas o entrevistado possui mais liberdade para expor suas opiniões de forma clara e mais objetiva, podendo assim transmitir mais informações. Este trabalho exigiu muita habilidade para extrair do entrevistado suas idéias, opiniões e argumentações que sustentassem suas declarações. Para realização deste tipo de pesquisa, o entrevistador utilizou-se de um roteiro que permitisse investigar temas previamente determinados e temas identificados no desenrolar da entrevista.

Após a realização desta investigação, pôde-se verificar que o turista que frequenta o espaço missioneiro não mora em cidades industriais. A maioria dos entrevistados é do interior do Rio Grande do Sul, morando em cidades cuja característica econômica principal é a agropecuária. Pelas entrevistas realizadas, percebe-se que o consumo de bens culturais ocorre através da televisão. Esta população é alfabetizada, mas não possui repertório visual e nem hábito arraigado de visita aos museus e exposições. Mesmo que tivessem tal hábito, não teriam onde praticá-lo. Não há – na grande maioria das cidades – centros culturais, cinemas, teatros ou museus. Este público é diferente do abordado nas pesquisas sobre público de museus europeus em

Bourdieu e Darbel, dos freqüentadores da Bienal da pesquisa de Frayze-Preira, dos visitantes do MASP no trabalho de Melo Vieira, e também dos transeuntes da megalópole no *Além dos Mapas*, de Cristina Freire. Embora a premissa de todas estas pesquisas e desta tese de doutorado seja a mesma: como a arte interfere no emocional deste receptor/leitor.

5. ANÁLISE DE DADOS

Nos questionários foram realizadas perguntas que buscavam a percepção estética provocada pelas ruínas e pelo Museu das Missões. Neste caso específico, entende-se a percepção como um trabalho, uma elaboração que envolve aspectos tanto subjetivos quanto sociais no contato com uma obra de arte¹⁰¹. A primeira pergunta na parte qualitativa era “Qual o motivo da sua vinda para São Miguel?”. A maioria apontou uma busca pela história como a motivação para a viagem. Trata-se da busca pela *herança cultural de um povo*, segundo Franklin Adejuvon.

Entre os consultados, na pergunta “O (a) senhor (a) poderia colocar em palavras o que as ruínas da igreja te despertaram?”, 55 não responderam. Não se pode dizer que entre eles não haveria sensibilidade aflorada na percepção das ruínas de uma igreja de mais de 200 anos. Teria sido o tempo, a pressa para ir embora do sítio, a forte motivação para a não-resposta a esta questão. Novamente, a curiosidade sobre como

¹⁰¹ Uma distinção necessária: A **percepção** vem do latim *perceptio* e significa o ato ou efeito de perceber, sendo também entendida como a faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente. A percepção é interna e realizada através dos sentidos. Também pode ser entendida como a função ou efeito mental de representação dos objetos. Já a **recepção** é uma palavra também de origem (*receptio*) e significa o ato ou efeito de receber. No esquema da comunicação, o ato de receber a mensagem, e que corresponde à parte final da transmissão; entre falantes, cabe ao interlocutor ou destinatário. Nesse texto sempre se estará se referindo as duas palavras com estas definições originadas no *Dicionário Houaiss* (2006)

esta obra foi realizada se manifestou, junto com a emoção provocada pela grandiosidade do monumento.

Na terceira pergunta de caráter qualitativo, “O (a) senhor (a) poderia colocar em palavras o que as obras do Museu das Missões te despertaram?”, muito mais respostas enfatizando a arte foram evocadas em relação à pergunta anterior. Talvez seja porque o museu é entendido como espaço sacralizado – local da arte –, enquanto que as ruínas não possuem tal característica.

Ainda sobre o Museu das Missões, esta pergunta motivou 79 não-respostas e 14 simplesmente disseram não sentir nada. Apesar disso, 54% dos consultados afirmaram estar totalmente satisfeitos com a visita ao museu, e 36%, parcialmente satisfeitos. O que se deduz destas informações é que o Museu das Missões atinge os objetivos prescritos pelo ICOMOS, sobre como deve ser entendido um museu¹⁰². Afinal de contas, um terço dos entrevistados não o conheciam e um quarto não registrou sentimento algum ao conhecê-lo. E, mesmo assim, mais da metade se satisfaz com a visita.

No caso das ruínas das Reduções Jesuíticas dos Guarani, simbolizada no sítio de São Miguel Arcanjo, pergunta-se: por que a igreja chama muito mais a atenção dos entrevistados do que o Museu das Missões? Como uma pessoa prepara uma viagem, sabe que vai visitar as ruínas de uma Redução Jesuítica dos Guarani e não faz idéia de ali existe um atrativo turístico chamado Museu das Missões?

De fato, não poderia se esperar um resultado diferente. A oferta turística vendida são as ruínas. O Museu das Missões pouco aparece nos folhetos de divulgação, o que resulta no espantoso número de 35% dos turistas não saberem de sua existência antes da visita. Só pode ser reflexo da falta de divulgação. A despeito disto, uma agricultora de

¹⁰² Para o ICOMOS, “Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e de seu meio, para fins de estudo, educação e lazer”.

Liberato Salzano (RS) registrou que “As imagens chamaram atenção muito mais que as ruínas”, o que comprova que o poder de surtir efeitos e de persuadir o olhar, característica das obras barrocas, ainda não se perdeu com o tempo, mesmo estando estas obras amontoadas e sem a museografia mais adequada. O tipo de relação que se estabelece com um objeto cujo valor simbólico primordial é ser suporte de fé.

Gráfico nº 08: Qual o grau de satisfação com a visita ao Museu das Missões?

Todas as evocações foram transcritas das fitas cassetes e dos questionários escritos para planilhas em *Microsoft Excel*. Posteriormente, elas foram divididas em temas que pareceram ser mais pertinentes ao objeto de pesquisa. Foi o mesmo método utilizado em pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Armando Silva (Colômbia), para a realização da análise de dados do capítulo “Os Outros”, escrito em co-autoria com Mariza Bertoli para o livro *São Paulo Imaginado* (2006). Os temas que seguem são

aqueles que mais apareceram nos questionários e nas entrevistas, afora um ou outro tema sugerido por uma ou outra evocação e que mereceu destaque pelo pesquisador. Justifica-se o foco dado aos mesmos (que pouco apareceram em termos de quantidade) pela qualidade da informação. Sugestionado pelas manifestações de alguns turistas de São Miguel, estes temas mereceram destaque tanto quanto qualquer outro tema destacado em tom uníssono pela massa de visitantes.

Imagem 84: Visitante respondendo o questionário na portaria

6. A ARTE: “RESUME-SE EM MARAVILHOSO”

Poucos consultados e entrevistados destacaram a arte como motivo para a visita às ruínas de São Miguel. Uma empresária entrevistada foi além e declarou o seu desejo em rever as imagens apresentadas na Mostra “Brasil 500 anos”, editada no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, em 2000. Entre estes poucos que ressaltaram a arte, expressões como “beleza das formas”, “perfeição das obras”, grandiosidade ou construção majestosa, se alternam e oferecem um painel de recepção estética que, para um número pequeno de pessoas, causam “um nó na garganta” – no comentário de uma comerciária de São Gabriel (RS). Ou retoma o pensamento primevo da arte como magia: “Magia, retrospectiva do passado, encantamento, sofrimento... Enfim, um mundo de sonhos, magias e a dura realidade”, como escreveu um professor de Nova Prata (RS).

Raymond Bayer traz em sua história da estética a compreensão dos valores estéticos em várias interpretações ao longo do tempo, começando com a Pré-História. Os especialistas na arte rupestre e outras manifestações da arte na pré-história apontam a magia como componente primordial para sua realização. Os desenhos de animais encontrados em cavernas como Lascaux (França), Altamira (Espanha) ou Serra da Capivara (Brasil) servem como propiciação ou magia propiciatória – são os animais desejados, representados para serem caçados. Também está presente nas representações femininas em um mundo essencialmente matriarcal. As idéias de fertilidade e fecundidade mostradas nestas representações femininas também são idéias vinculadas à magia e a religião. Desde esta interpretação do mundo pré-histórico que a arte vem sendo relacionada com a magia. Não poderia ser diferente no caso das Reduções.

Na pergunta sobre o que as ruínas despertaram no visitante, poucos manifestaram o despertar da arte. Um se sentiu *inspirado* após a visita, enquanto que uma jovem senhora (do lar), de Caxias do Sul (RS) deixou claro que as ruínas despertaram nela “o espetáculo das obras e das esculturas”. Espetáculo que motivou outros visitantes a dizerem que aquelas ruínas são realmente obras de arte. Esta interpretação vem acompanhada de um misto de admiração pelas obras e também pelas pessoas que a realizaram, como demonstra o dentista de Diamantina (MG): “Muito bem preservada e limpa. Visitar um lugar em que viveram milhares de pessoas e que já foi destruído pelas mãos dos homens deixa um certo sentimento de culpa. Por outro lado, como há 400 anos atrás houve um desenvolvimento artístico tão grande?”.

Ou no dizer de uma senhora de Niterói (RJ), “A perseverança dos jesuítas na orientação dos índios para o trabalho de construção da igreja, a delicadeza dos desenhos, do acabamento; a arquitetura, a engenhosidade, a capacidade da elaboração dos detalhes, tudo verdadeiramente obra de arte”. Uma senhora de Belo Horizonte (MG) destacou que “A qualidade das obras demonstra o impressionante grau artístico atingido”. Já um engenheiro florestal de Canarana (MS) ressaltou que: “Os índios Guarani eram verdadeiros artistas plásticos, uma vez que as obras são ímpares, magníficas”. Sim, os índios eram artistas. Porque como explica Pareyson, a arte só pode ser realizada por um artista:

A arte é sempre feita por um artista, que nela derrama a própria espiritualidade, muito singular e irrepetível, ainda que nutrida pelo ambiente e pela sociedade em que vive; e a arte transfigura sempre as próprias condições, superando-as ou sublinhando-as e delas se encontra separada por uma distância que somente o gênio criador do artista sabe preencher (2001, p. 112)

Deve ser por isto que a palavra *admiração* foi muito evocada na parte qualitativa do questionário (71 vezes). Sozinha ou acompanhada de especificações (*admiração* pela beleza, pela capacidade do Guarani, pela sensibilidade, pelo talento dos artistas etc.), ela

destaca um sentimento de emoção e respeito pelas ruínas e pelas imagens expostas no museu. A comerciária de São Gabriel (RS) declarou no questionário que ao ver as obras do Museu das Missões, “A sensibilidade aflora. Por mais “pêlo duro”¹⁰³ que seja o visitante, não tem como não se emocionar com tamanha sensibilidade”. *Pêlo duro* é uma expressão regional. Segundo um advogado da região, na entrevista ele esclareceu que

“O “pêlo duro” é uma mistura do nativo daqui, mas que não é Guarani. Uma mistura do português com o negro. E a gente chama de pêlo duro. Porque depois, perto dos anos 1920, houve uma colonização germânica e eslava aqui na região, e eles que criaram a expressão pêlo duro”.

Barbaridade é uma expressão regional bem mais conhecida e foi usada por um missionário mórmon norte-americano, que registrou no questionário a seguinte resposta sobre o que as obras do museu lhe despertaram: “Barbaridade! Eu gostei muito das obras. Os santos que criaram esta arte foram inspirados (*sic*)”. E assim se processa a admiração dos visitantes por este monumento cultural. Os gaúchos falam suas expressões, usam-nas em propaganda, mas não a escrevem.

Vários consultados reconheceram o índio como um verdadeiro artista: “São artistas incríveis. Grandes artistas”, registrou uma senhora enfermeira do Rio de Janeiro. Outros chamaram de artesãos os Guarani missioneiros. Destacaram a perfeição das imagens e o esforço para erguer a igreja. Um padre de Astorga (PR) foi inspirado pelo sítio de São Miguel e declarou no questionário que “a minuciosidade dos trabalhos realizados com perfeição daqui da terra” representam “um olhar para os céus”. Questionado sobre o que o Museu das Missões lhe despertou, um administrador de Florianópolis (SC), fez poesia: “Resume-se em maravilhoso”.

¹⁰³ Pêlo duro é também uma expressão racista para identificar negros e mestiços, considerados menos capazes.

Reconhecida por alguns como obra de arte, as ruínas levaram uma entrevistada às lágrimas. No hall do hotel, quando perguntada sobre o que as ruínas de São Miguel lhe passaram de sensação, esta artista plástica curitibana disse sentir gratidão por estar no local e poder ver estas imagens e edificações: “agradeço cada vez que eu posso passar num lugar assim e recuperar na memória alguma coisa mais antiga que foi esquecida. Gratidão por eles [os Guarani]”. Balbuciando pensamentos incompletos entre lágrimas, ela continua em sua fala: “porque se perdeu tanto da nossa cultura, sabe? esta descendente de índio se perdeu tanto da nossa cultura... Da nossa toda (*sic*) aqui da América do Sul...”.

A arte provoca nas pessoas uma mudança de atitude. E isto foi percebido por poucos consultados. Uma técnica administrativa de Florianópolis (SC), na pergunta sobre o que a igreja lhe despertara, disse se sentir alegre por estar nas ruínas; posteriormente, se sentiu “como os artesãos entalhando cada uma das peças” na visita ao Museu das Missões. Pode-se afirmar que ela sentiu o gozo estético, este sair de si, dialogar com as obras e se surpreender vendo-se dentro da obra, sendo um outro eu. O mesmo ocorre com uma funcionária pública de Diamantina (MG). Em relação às ruínas sentiu-se “como se estivesse vivendo naquele tempo, sofrendo tudo aquilo a que os seus antepassados se sujeitaram. Parece que aquele lugar está impregnado de uma magia inexplicável”. Em relação às obras do museu, sentiu “(...) muita vontade de voar, de atingir quase o impossível”. Já uma jovem estudante de São Miguel do Oeste (SC) sentiu aflorar o seu “lado artístico” ao tomar contato com as ruínas.

O que surpreendeu nesta análise de dados, tanto no questionário quanto nas entrevistas, foram as tentativas dos visitantes de pensar o povo Guarani missioneiro através das imagens que eles realizaram. O alemão Erwin Panofsky (1892/1968), ensaísta e historiador da arte, assim definiu a Iconologia: “o conteúdo das imagens é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, de uma classe social, a crença religiosa ou filosófica, qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (1991, p. 52)¹⁰⁴.

O que se observou foi que entrevistados e consultados perceberam este princípio demonstrado por Panofsky. “É chocante. São fisionomias muito tristes. O povo daqui

¹⁰⁴ Pareyson (2001) pensa a obra de arte como fruto de seu tempo e também passível de servir como documento histórico de uma nação ou período. Muitos historiadores se dedicam a estudar a arte como um documento, uma fonte histórica. Porém, ainda persiste a utilização da arte apenas como ilustração do texto escrito, como a confirmar aquilo que o historiador já escreve. Ver críticas sobre o uso da imagem como fonte para o historiador em MENESES, 2003.

era muito sofrido - esta é a sensação que eu tive”, registrou uma entrevistada. Outra recordou que em sua visita ao Museu, arrepiou-se e teve a mesma impressão: “Eu vi as imagens, vi muita tristeza na fisionomia das imagens. Não tem nenhuma alegre. Todo mundo com aquela fisionomia triste, sem perspectiva nenhuma. Eu falei: ‘puxa, o povo sofria muito aqui’. Era um povo sofrido, mas pelas imagens que eu vi (...)”. Ela não percebeu a mão Guarani na realização das obras, “apenas o sofrimento deles”. “Muita tristeza” foi percebida por uma viúva de Diamantina (MG) e um “Sentimento de dor, de desespero, de luta” foi percebido por uma economista de Nova Prata (RS), em relação às imagens do Museu. Para estas quatro mulheres, as imagens passam uma idéia de tristeza e sofrimento. Mas isto não é compartilhado por todos.

Um entrevistado, padre escocês, morando há anos no Brasil, percebeu que a fisionomia dos santos lembravam mais a fisionomia dos índios que a dos europeus, bem como o corpo das esculturas: “Mas eu senti as mulheres bonitas, os homens com sua masculinidade, os anjos aqui brincando. Eu gostaria de pensar que esta é uma visão Guarani da realidade”. Pessoas bonitas e anjos brincando? É uma visão bem diferente da anterior.

Outros arriscaram uma interpretação histórica, como se observa nesta advogada entrevistada no hall da pousada. Ela sentiu a presença do guarani como energia, mas também percebeu, nas formas das esculturas, a influência da percepção guarani. Em uma interpretação discutível, para ela os músculos ressaltados destacam a capacidade para o trabalho do índio Guarani missioneiro:

(...) a gente vê os corpos redondos né, as pernas são todas pernas gordinhas, braços curtos... as pernas são todas trabalhadas, são musculosas, por quê? Porque a distância que eles andavam pra carregar as coisas – tinha que ser forte, né, pra pegar água – nós fomos nas fontes! Então tinham que andar, tinha que ter músculo [...] então a gente tem que ter a cultura nossa,

valorizar as formas que eram, né, dos índios mesmo, dos próprios índios, dos próprios colonizadores.

Já com o músico uruguaio, especialista em música barroca, visitante de várias ruínas de reduções no Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia, a opinião é outra. Este olhar cultivado tem outros parâmetros para sua análise. Ele gostou da imagem de um anjinho (um voando), que achou bem *naïf*: “Acho que este anjinho mostra, como se diz, uma ingenuidade dos índios, é bem ingênua (...)”. Apenas em uma imagem reconheceu tal característica. Diz perceber a influência dos Guarani nas obras, principalmente porque conhece as obras de outras reduções: “(...) mas acho que 90% das peças que tem aqui, são, tem características não indígenas, mas tem características das peças feitas nas missões, então se você conhece algo das peças, você sabe que são peças feitas pelos indígenas”.

Analisar estas obras pela via panofskyana da Iconologia é muito difícil. E o limite se encontra na dificuldade em encontrar as obras. Afinal de contas, o que se vê em São Miguel são as ruínas de uma igreja sem ornamentação, seja em baixo ou alto relevo. A ornamentação era de esculturas e quadros. Os quadros inexistem¹⁰⁵ e as esculturas vistas, não se sabe se são da igreja em questão. Afinal, o que restou são as sobras de três grandes saques em toda a região no início do século XIX. Em relação às outras ruínas, as perspectivas são semelhantes. E não se sabe quem foram os autores destas obras, porque o ateliê era coletivo. Pode ser que tenham sido somente os Guarani. Talvez aquele anjinho seja todo realizado por mãos Guarani. Mas, por outro lado, pode ser que tenha sido realizado por um mestre jesuíta. A análise estilística também esbarra

¹⁰⁵ Uma turismóloga de Curitiba (PR) disse ter sentido falta de “pinturas realizadas pelos guarani”. Os estudiosos também. Afinal de contas, como explica Josephina Plá, a análise da pintura é realizada pela analogia do que se vê na produção das esculturas, visto que as igrejas missioneiras foram destruídas em sua maior parte por incêndios.

na falta de documentação sobre estas imagens na época reducional. Os jesuítas estavam preocupados com outros assuntos muito mais do que com a arte. Como nada ajuda, os pesquisadores que se aventuram a explicar a arte barroca guarani fazem análise estilística a partir das obras. E somente por elas.

Outras pessoas se interessaram em destacar a capacidade do Guarani missioneiro em realizar estas obras. A espiritualidade e a fé são as explicações dadas para que estes trabalhos fossem realizados. Uma viúva de São Paulo assim interpretou a arte: “Eu acho que quem fez este trabalho deveria ter um espírito muito evoluído para construir uma coisa tão perfeita, uma imagem tão bonita, esculpir na madeira. isto é uma obra divina”. O destaque para a fé também foi manifestado por um padre de Florianópolis (SC), que respondeu à pergunta sobre as obras do museu: “Bem, uma emoção por ver a fé expressada por estas obras de arte. Mas, também, sua riqueza no próprio talhar da escultura”.

Um outro padre, do Paraná, respondeu que somente o amor explica a realização destas obras. Ele acredita que os índios fizeram o trabalho com o “coração”, que não foram forçados a fazer isto. “Acredito que não foi uma coisa forçada. Acredito que foi uma coisa que saiu lá do coração deles de fazer este trabalho. Porque, além disso, é um dom (...) não é todo mundo (...) a gente sabe que não é todo mundo que tem capacidade de fazer isto, de esculpir alguma coisa”. Este amor é também destacado por um consultado, procurador de justiça, da vizinha cidade de Panambi (RS): “O grande amor colocado nas obras”.

Uma professora de Itapetininga (SP) respondeu no questionário que sentiu “Admiração pela maneira como os índios artistas, por meio das obras, transmitiram todos os sentimentos atribuídos aos santos”. Caso fosse entrevistada, ter-se-ia pedido uma explicação sobre a que sentimentos se referia. Uma resposta mais minuciosa foi a

do professor da cidade de Pelotas (RS), que interpretou a sociedade antes de explicar o que percebeu nas imagens de Cristo expostas no Museu: “O contato com uma forma de arte que mescla duas mentalidades humanas: a européia e a ameríndia (no caso, a guaraníca). O trabalho na madeira demonstra a graça, a habilidade e o puritanismo associado aos martírios das imagens de Cristo”.

O paraguaio Tício Escobar (1980), ensaísta e crítico de arte, escreveu que nas Reduções foram introduzidas imagens que representavam aspectos que não faziam parte do cotidiano do antigo Guarani. É o caso do Cristo martirizado, que ainda pode ser visto no Museu das Missões, na igreja da cidade de Santo Ângelo e na pequena igreja da cidade de Trinidad, no Paraguai. São imagens fortes, onde o sangue derramado por Cristo jorra aos borbotões. Dão uma idéia de dor e sofrimento pelo martírio que os Guarani desconheciam. Certamente conheciam dor e sofrimento, mas pelo martírio – pelo viés hebraico-cristão.

Um motorista de Mafra (SC) ficou emocionado, destacou como muito bem realizada as obras dos índios e depois notou o “Trabalho em madeira bem feito, hoje os santos são de gesso e não tem graça nenhuma”. Pode-se pensar que esta opinião não tem valor interpretativo algum, mas não é o caso. Uma obra de madeira é original, enquanto obras em gesso e resina são massivas. E também pode-se apontar que a admiração por tais obras apresentam uma tendência de contínuo aumento conforme o passar do tempo, devido à industrialização e conseqüente pasteurização das imagens de santos¹⁰⁶.

Nem todas as opiniões sobre a arte do sítio de São Miguel foram aproveitadas. Muitos não responderam às perguntas nos questionários ou escreveram opiniões de

¹⁰⁶ E ainda há de se acrescentar que o gesso não ocupa mais a posição privilegiada do mercado. Assim como as bonecas e brinquedos para as crianças, os santos de hoje são feitos em resina. O acabamento é mais colorido, com mais detalhes e são muito mais duradouros. Afora o fato do custo, visto que sua produção *made in China* barateou a produção e comercialização das imagens.

pouca validade, como a palavra “interessante”. Nas entrevistas, nem todos tiveram êxito na colocação das palavras do que sentiram ao ver as ruínas e o museu, no que tange ao aspecto artístico. A orientação dada por Bauer *et alli* (2002, p. 21) é que o pesquisador não deve induzir o entrevistado a falar aquilo que ele (entrevistador) deseja ouvir, corroborando as suas opiniões, já formadas. O consultado deve ficar à vontade para tecer suas opiniões. Procedendo desta maneira, percebeu-se que, em sua maioria, os visitantes não destacaram exclusivamente a arte. Outras opiniões foram surgindo e foram submetidas à crítica, independentes de ser uma evocação intrinsecamente artística, a partir deste momento.

Imagem 86: Egos Sum [na próxima página]

“A sensibilidade aflora. Por mais “pêlo duro” que seja o visitante, não tem como não se emocionar com tamanha sensibilidade”, p 233.

7. A EMOÇÃO: “DESPERTOU MARAVILHAS”

Se emocionar ao ver as ruínas da igreja ou o Museu das Missões foi uma constante. A palavra “emoção” é repetida 59 vezes nas respostas do questionário e bem menos nas entrevistas. De fato, na entrevista a ênfase foi outra. É óbvio que os entrevistados também se emocionaram com a visita, mas esta evocação não foi a mais despertada após ligar o gravador.

Alguns foram além de um mero registro e resolveram dissertar sobre sua emoção. No questionário, uma artista plástica de Diamantina (MG) comentou sobre o espetáculo de som e luz, tal qual uma repórter: “A emoção que sentimos ao ouvir a narração histórica é imensa. A figura e valentia do índio Sepé Tiaraju nos leva às lágrimas. Eu vi lágrimas escorrendo no rosto de jovens que estavam do meu lado”. A necessidade humana de heróis míticos assegura a figura de Sepé Tiaraju o destaque na representação do mundo reducional. Pois os fatos históricos e concretos são os de menos na elaboração das representações imaginárias.

Imagem 87: Estátua de Sepé Tiaraju, em S. L. Gonzaga

espiritualidade, muito mais do que a religião católica. Pode-se apontar como outra tendência, algo a ser discutido na parte que trata sobre espiritualidade.

Entre os emocionados, chama a atenção a sensação de alegria que é evocada por estar “num lugar tão bonito” ou a “felicidade pela conservação e beleza das obras”. Um homem casado, de Foz do Iguaçu, registrou que se sente “mais alegre e feliz ao encontrar tanta beleza nas terras das missões”. Três pessoas escreveram que o monumento cultural “despertou alegria”. É bem diferente do pensamento do poeta Armindo Trevisan. Pesquisador da arte escultórica missioneira, ele pensa que a emoção do barroco trazida pelos missionários de seus países de origem não é efervescente, a não ser em um ou outro caso: “A emoção, no coração da Arte Missioneira, tem qualquer coisa do silêncio, da distância, e por vezes da altivez do índio, inclusive do índio contemporâneo, que sobreviveu a todas as humilhações e massacres” (S/D, p. 06).

Alguns chegaram a não acreditar que ali estavam visitando as ruínas da Redução de São Miguel. Uma senhora casada, de Diamantina (MG) registrou ao ver o museu, que suas obras despertaram “muitas coisas, que eu já tinha ouvido dizer, mas não acreditava que fossem estas maravilhas”. “Despertou maravilhas” foi a impressão de um jovem operador de máquinas da cidade de Santa Rosa (RS), que aproveitou o horário do almoço para sair da reforma da estrada e visitar as ruínas. “Uma coisa que eu não acreditava que os outros falavam e que agora eu acredito”, foi a opinião de uma empregada doméstica de Liberato Salzano (RS).

A palavra “encanto” também teve seu destaque, e pode se unir às palavras “magia” e “fantasia” para tentar descrever ou, se quiser, desvendar o que ocorre quando uma pessoa se aproxima de um monumento cultural. De fato, parece que a pessoa é transportada no tempo e se encontra com este local, através de sua imaginação, como se ali ainda existissem os Guaraní missioneiros, e fizessem parte deste cenário.

Um professor de Nova Iguaçu (RJ) declarou sentir “Um misto de prazer (pela contemplação da beleza) e raiva (pelo abandono das autoridades federais e pela covardia narrada na história)”. Esta mistura de prazer e raiva é bem típica das pessoas que visitam um patrimônio cultural material destruído, e que se observa com uma frequência maior nas ruínas das Reduções. Pode-se afirmar que em relação à sua história, não se pode passar por indiferente. Uma vez conhecida, sentir raiva é apenas mais um dos sentimentos despertados. Em um exercício de imaginação, qual seria o sentimento do visitante caso estivesse em São Miguel quando era tudo cercado por mato? Lucio Costa registrou que se sentiu com mal-estar:

Em 1937, minha primeira tarefa no “Patrimônio”, SPHAN, foi projetar [um] pequeno museu alpendrado pra recolher em São Miguel o material avulso – imagens e pedras lavradas – remanescente das Missões: capitéis, emblemas partidos, ainda com o IHS, os três cravos e a cruz; santos mutilados e já sem cor; peças perdidas no meio do mato, cuja vista me causava penosa impressão e certo mal-estar, como se estivesse diante dos destroços de um naufrágio (1987, p. 04)

Imagem 88: Sino

8. A QUESTÃO DO BELO: “PENSAR NA CAPACIDADE QUE DEUS COLOCOU NO HOMEM EM FAZER O BELO”

Não será de todo incorreto escrever que o maior estigma da arte ocidental seja a questão do belo. E ela não poderia ficar sem se apresentar nas evocações dos turistas desta pesquisa. O mundo grego produziu filósofos que discutiram a questão da estética e o sentimento do belo. O que caracteriza esta discussão é o conceito de belo e a admiração da beleza natural como superior à beleza artística. Aristóteles concebia a arte como uma criação especificamente humana. O belo não pode ser desligado do homem, está em nós e se observa que todas as artes são imitativas da natureza.

Sobre a Estética na Idade Média européia, a idéia essencial é justificar a fé. Deus é o foco das verdades, superior ao universo e aos homens. Durante a Idade Média, o cristianismo difundiu uma nova concepção da beleza, tendo como fundamento a identificação de Deus com a beleza, o bem e a verdade. Santo Agostinho (354-430) concebeu a beleza como um todo harmonioso, isto é, com unidade, número, igualdade, proporção e ordem. A beleza do mundo não é mais do que o reflexo da suprema beleza de Deus, onde tudo emana. A partir da beleza das coisas podemos chegar à beleza suprema (a Deus).

Em seu livro *Confissões*, deixou registrada sua impressão sobre a beleza: “Que amamos nós que não seja belo? Que é o bem? E que é a beleza? Que atração é esta que nos liga aos objetos de nossa afeição? Se não tivessem encanto nem beleza, não fariam nenhuma impressão sobre nós” (Apud BAYER, 1979, p. 87). São Tomás de Aquino (1225-1274) identificou a beleza com o Bem. As coisas belas possuem três características ou condições fundamentais: a) Integridade ou perfeição (o inacabado ou fragmentário é feio e não é obra de arte); b) a proporção ou harmonia e c) a claridade ou luminosidade. O belo está na forma, porque a forma é divina. Para São Tomás de Aquino, a arte é uma

virtude e, nesse sentido, aproxima-se de Deus, o artista supremo. E de alguma maneira, este artista é o intérprete e o arauto da natureza.

Este pensamento da obra de arte representar fielmente os fenômenos naturais é uma das premissas do Renascimento. Mas não só tais fenômenos. Os valores miméticos estão em cena também na valorização do homem. Segundo Hauser, o Renascimento processa no campo da arte a racionalização capitalista do planejamento, do sistema de pesos e medidas – que se relacionam à nova forma de trabalho, ao comércio e à contabilidade de um mundo burguês incipiente.

Na mentalidade dos jesuítas, vigente durante o período reducional, estas idéias sobre o belo nortearam o trabalho artístico. Também se discute muito sobre a utilidade da arte. Uma discussão em que se insere o mundo das Reduções Jesuíticas dos Guarani. O filósofo grego Sócrates disse que o importante em uma faca é que corte bem. Portanto, a importância da arte está relacionada à sua utilidade e a sua participação nas necessidades humanas. Este pensamento vai servir para Guillaume Durand afirmar que a pintura é leitura dos iletrados. Logicamente, as artes são úteis e sua função é pedagógica, ligada ao ensinamento. No caso, o ensinamento religioso. É o mesmo caminho tomado pelo papa Gregório Magno: “o que a escrita é para aqueles que sabem ler, a pintura o é para aqueles que não sabem ler”, (*apud* BAYER, 1979, p. 96). Os jesuítas que ensinaram as técnicas de diversas manifestações artísticas nas Reduções partiram do mesmo princípio. Porém, de forma diferenciada. Já não é apenas para a imagem servir de leitura para os ensinamentos, mas também que sua confecção seja usada como pedagogia. Como lembra Pareyson, a obra pode ser funcional do ponto de vista das exigências do culto, sem, no entanto, elevar-se ao nível da arte (2001).

A arte nas Reduções era dirigida, programada, vigiada, anti-individualista (o índio nunca trabalhou sozinho) e visava o maior respeito aos preceitos

evangelizadores¹⁰⁷. Seu cotidiano era cerceado pelo trabalho (06 horas por dia), afazeres domésticos, tarefas particulares e rezas. Tudo controlado pelo repicar dos sinos. Inexistia autonomia não só na arte, mas na vida pessoal do guarani reduzido. Porém, isto não limitava a sua criatividade. Como explica Pareyson, o arquiteto não é limitado pelo limite da régua. Estas obras tinham função pedagógica, mas não significa que os jesuítas fossem cegos para sua qualidade. Caso uma imagem fosse artisticamente melhor do que outra, que tinha uma função didática mais adaptada, esta era a escolhida.

Tais obras causaram nos visitantes diferentes manifestações de estupefação e admiração em relação ao belo. Os pesquisados destacaram a beleza (“as obras são belíssimas”) e a perfeição (“São obras magníficas feitas com extrema perfeição”). No dizer de uma estudante menor de idade de Liberato Salzano (RS), trata-se da “buniteza” (*sic*). Uma professora de Blumenau (SC) chamou a atenção para a capacidade de o homem poder realizar o Belo com materiais considerados por ela como simples. Como explicar isto? Em sua singeleza, é a capacidade divina outorgada ao homem: “Pensar na capacidade que Deus colocou no homem em fazer o Belo, com matéria simples (pedra, madeira)”.

De fato, no senso comum, ainda é difícil entender a arte fora do padrão da beleza, a despeito de ela ter sido uma lei da arte até o Romantismo (PAREYSON, 2001, p. 181). Desde a inovação técnica do cavalete, que fez os artistas parar de produzir somente para a igreja e passarem a adornar as casas burguesas com sua produção, houve uma cisão: as pessoas comuns perderam a familiaridade com a arte, e os poucos freqüentados museus e galerias não resolveram o problema. Os quadros do Impressionismo são os mais reproduzidos. Não pela ruptura que causaram, mas pela beleza que se emana em sua pintura. Pode-se afirmar que ainda está se processando nas

¹⁰⁷ Ver BATISTA NETO, 2003.

mentalidades humanas a aceitação da arte moderna. Pablo Picasso está sendo assimilado pela massa nos dias atuais. Imaginem quando irá ocorrer a compreensão da arte contemporânea?

Imagem 87: Anjo

“São obras magníficas feitas com extrema perfeição”, p 247.

9. A ADMIRAÇÃO PELA FALTA: “PARA A ÉPOCA...”

Lucio Costa já havia percebido a grandiosidade das obras realizadas em solo gaúcho a despeito da ausência de recursos. Um pensamento que não é referido apenas à arte barroca guarani. Em outros momentos da arte latino-americana colonial também se recorreu a este argumento como forma de engrandecimento. O discurso da admiração pela falta passa sempre pela ausência de materiais, de mestres, e por estar longe do que se considera o centro produtor de uma suposta e verdadeira arte: a Europa. “Admiração pelo que foi feito por índios no Séc. XVII, tão longe dos grandes centros urbanos da época”, foi o que escreveu uma professora de Santa Maria (RS).

Em visita com os alunos do Colégio Objetivo, de Foz do Iguaçu (PR), na subida do campanário das ruínas da Redução de Trinidad, uma aluna disse estar espantada com aquelas obras. E completou seu raciocínio dizendo: ‘isso era obra de bugre’¹⁰⁸. Na época, não se atentou para o fato de que este fosse um eixo explicativo para a admiração das obras dos Guarani Missioneiros. Anos mais tarde, nas ruínas de São Miguel, os turistas manifestaram o mesmo pensamento. Uma professora de Itapetininga (SP), na entrevista, se emocionou com as ruínas da igreja e elogiou os jesuítas que contaram com o auxílio (*sic*) dos índios. Ela também se referiu às obras do Museu,

(...) aquelas fisionomias perfeitas, que parece que vão falar. Parece que já vai sair um som, uma palavra, parece que elas vão caminhar. Parecem vivas, e dos dias de hoje, vivas. Nem hoje a gente não vê assim. Não vê, claro que não vê. Então eu não entendo como que foi possível eles realizarem tanta coisa assim, como os índios, e que a gente sabe que vivia uma vida livre, caçando, pescando. Né, bem assim no meio da natureza. E com certeza foi com o auxílio do índio que eles fizeram tudo. Eu penso assim, tem que ser, os jesuítas mais os moradores, que seriam os índios.

¹⁰⁸ Longe de ser rigoroso com uma aluna do Ensino Médio, mas a História ensina que bugre é uma expressão racista – significa aquele que pode ser apresentado como um animal – como pensavam alguns colonos europeus, principalmente no Sul do país.

Segundo um consultado, agricultor de Santa Rosa (RS), é “todo um trabalho feito por primitivos (mão-de-obra)”. Uma empresária do Paraná havia visitado, no ano anterior ao da entrevista, as cidades históricas de Minas Gerais. Ao falar da diferença que viu entre o barroco de Minas e o das Reduções, disse:

(...) o barroco que se vê lá é um barroco rico, muito colorido né, mas este barroco que vemos aqui em São Miguel é um barroco que emociona, quando a gente pensa de que participaram da construção e destas obras pessoas que estavam sendo aculturadas ainda, então isto me emociona muito, saber das limitações que este povo guarani tinha e que em tão pouco tempo conseguiu assimilar tanta coisa.

Mas a maioria não pensou nos índios como primitivos, limitados ou em processo de aculturação. Por esta razão, o monumento é uma lição de humanidade. Ao contrário, elogiaram e se admiraram de sua capacidade. Um vendedor de Ijuí (RS) elogiou a capacidade intelectual dos Guarani missioneiros, quando perguntado sobre o que a igreja lhe despertara: “Despertou a inteligência dos guarani para a construção dos monumentos”.

Ocorre que estes elogios vêm, na maior parte das vezes, sempre com um pensamento voltado para a época em que as obras foram erguidas. Tanto assim, que a palavra época é evocada 63 vezes. Isto vale tanto para as ruínas (“A inteligência do povo daquela “época” e a capacidade de construir estas construções”) quanto para as imagens (“A perfeição das esculturas para a época”). Pode-se apontar pelos questionários que há um consenso nesta admiração, tendo sempre como parâmetro a época em que obras foram realizadas. Pelas respostas, vê-se que as idéias vigentes, hoje, ainda são as do século XIX. Observem estas respostas aos questionários para as imagens do museu:

- a) “A qualidade dos artesãos em esculpir a madeira, mostrando que eram grandes mestres para a época”.
- b) “Admiração pela sensibilidade para a época em que foram realizadas”.
- c) “As imagens têm alto grau de elaboração artística, espantoso para a época”.

- d) “Bonito, de boa qualidade para a época”.
- e) “É impressionante a criatividade e o trabalho dos artesãos daquela época, sem qualquer recurso talhavam em pedras esculturas belíssimas”.
- f) “Fiquei admirado pela capacidade dos escultores da época”.

Ainda nos questionários, o mesmo se observa em relação às ruínas da igreja:

- a) “Admiração pela capacidade da construção de uma obra arquitetônica grandiosa com os recursos disponíveis na época”.
- b) “Admiração pela capacidade de realização de uma obra esplêndida, não dispondo de recursos como hoje”.
- c) “Admiração pela tecnologia da arquitetura da época”.
- d) “Admiração pelas técnicas de construção daquela época”.
- e) “É uma obra de estrutura muito forte. Para uma construção de 250 anos atrás, é de se admirar”.
- f) “Emoção. E impressionou pela arquitetura e engenharia aplicada a 250 anos atrás”.
- g) “Grande obra de engenharia com o material existente na época”.
- h) “Me chamou a atenção como naquela época já havia projeto para constituição desta grandeza, com tão poucos recursos da época”.
- i) “Muita admiração ao ver tanta obra feita com perfeição há tanto tempo atrás, sem muitos recursos na época”.
- j) “O tipo de engenharia e organização dos povos para a época”.
- k) “Reflexões sobre o conhecimento existente já naquela época”.
- l) “Sim, me chamou a atenção a arquitetura e inteligência da época”.
- m)

O que se observou nas respostas dadas aos questionários não foi muito diferente do que se percebeu nas entrevistas. Quanto à sensação de entrar na igreja e visitá-la, um funcionário público do Rio Grande do Sul considerou-a fantástica. Acha incrível terem realizado uma obra tão detalhada na época em que foi construída. Diz que se fizessem isto hoje, não chamaria tanta atenção, mas por ser antigo é incrível. “Fico pensando, se isto fosse construído hoje a gente não ia dar a mesma (atenção). Mas (foi construído naquele)... tempo. Tantos anos atrás. Aquelas pessoas, sei lá, comandavam umas outras que chegaram a coisas fantásticas, a umas obras de arte que é fora de sério nos detalhes”. “Como existiu este povo tão desenvolvido naquela época, assim?”.

Uma vez estabelecido o pensamento de que eram os índios pessoas capacitadas (mesmo para a época), os turistas também divagaram sobre o trabalho

ali realizado, que exigiu não só a inteligência ou a fé, mas muito sacrifício para o seu feitio. A pedra grés, utilizada na construção da igreja, era encontrada há mais de 20 quilômetros de distância, em uma pedreira chamada Santa Bárbara. Algumas ainda podem ser encontradas no caminho que leva a pedreira ao povoado. “Vendo agora estes blocos enormes, dos quais alguns de certo pesam mais de uma tonelada, a gente se põe sem mais a imaginar como eles teriam chegado a seu lugar de destino” (RABUSKE, 1985, p. 20). Na construção do Museu das Missões, a antiga pedreira foi reutilizada pelos operários da primeira intervenção federal.

Sem conhecer esta história da pedreira e do transporte em carro de boi até o local, um técnico de comunicações de Santa Cruz (RS) achou a construção da igreja impressionante, especialmente a engenharia e a perfeição da obra. “Como é que o povo conseguiu fazer isto? A engenharia, levar estas pedras lá pra cima. Impressionante.” O que mais despertou sua atenção foi a própria construção, sua fundação: “Eu fico só imaginando assim, na época este pessoal deve ter passado um sacrifício muito grande para fazer isto. Você tem idéia de quantos anos levaram para fazer isto? Não tinha recurso nenhum, na época?”. Uma consultada registrou: “Admirei muito o trabalho feito por eles. Devem ter se sacrificado muito com o peso das pedras e o trabalho feito nas pedras é bastante interessante”. Um entrevistado, missioneiro de origem e atualmente morando em Joinville (SC), uniu todas estas percepções ao afirmar que construir a Redução de São Miguel “(...) foi um trabalho sofrido. Fazer isto aí, erguer isto manualmente. Hoje tem máquina, tem tudo, e é bem mais fácil para fazer. Mas na época que foi construído isto aqui, foi muito sacrifício”.

Sem muitos recursos, com pouca tecnologia e contando com uma mão-de-obra qualificada, os jesuítas introduziram uma nova forma de trabalho braçal. Para evitar o ócio, segundo Escobar (1980). Mas não se deve ocultar que, independente da função

pedagógica da arte ali realizada, os trabalhos foram feitos com sacrifício e dedicação. Uma estudante de Itaqui (RS) percebeu isto e ressaltou a capacidade criativa guarani: “Representam a obra produzida por artistas de tempos remotos, e que pouco tinham de materiais. E mesmo assim, com sua criatividade, conseguiram traduzir a riqueza da cultura através de suas mãos”.

Imagem 890: Anjos

“As imagens têm alto grau de elaboração artística, espantoso para a época”, p 250.

Imagem 91: Fachada da igreja em ruínas

“A inteligência do povo daquela ‘época’ e a capacidade de construir estas construções”, p 251.

10. A ARQUITETURA: “SENSAÇÃO DE PEQUENÊS PERTO DESTA IMENSIDÃO”

Não se constitui em algo extraordinário, mas é interessante observar como estas divisões das evocações aparentam ser mais didática e apenas facilitam a logística da análise de dados. Estão longe de serem formas rígidas onde elas se enquadrem de maneira unilateral. No caso da análise das evocações que tratam da arquitetura, isto é mais evidente¹⁰⁹. Os turistas consideram as ruínas de São Miguel uma bela obra de arte, se emocionam com seu tamanho e a admiram ainda mais por ser uma obra de “indígenas”, realizada no século XVIII. Tudo isto os instiga a querer saber mais sobre a história do local: “O quanto foi pesado para construir as vilas, uma obra de engenharia muito interessante como esta, fico imaginando como seria a vida naquele tempo”.

¹⁰⁹ A arquitetura, como já ensinava Bruno Zevi (1996, p. 05), não deve ser avaliada pela metodologia das artes figurativas, reduzindo tudo aos valores pictóricos. A dissertação de Mestrado *Os Vestígios de um naufrágio* (2003) foi disposta de uma maneira que pudesse entender a arquitetura missioneira sem utilizar os métodos avaliativos da pintura, como criticava Zevi. Esta tese não pretende voltar ao assunto. Apenas esclarecer um fato que pode ter passado despercebido no trabalho anterior.

Por não ser arquiteto de formação, o pesquisador não quis, naquele estudo sobre a construção das igrejas de Gian Battista Primoli, estabelecer novos critérios para análise da origem do urbanismo missioneiro. Trata-se de uma discussão que parecia ter sido esgotada por Ramón Gutiérrez. Porém, em uma conversa informal com Kern, a conclusão a que se chegou foi que as Reduções tiveram múltiplas origens. Não está apenas na carta do Provincial Torres ou nos trabalhos do Pe. Sepp durante a migração dos miguelistas para a Redução de São João Batista, como querem alguns. Também não se trata de tentativa e erro. Posteriormente, nova tentativa. esta limitada dialética não explicaria o resultado final.

O traçado das Reduções Jesuíticas dos Guarani foi estabelecido a partir de um núcleo central, a saber, o colégio, a igreja e o cemitério. Trata-se de uma típica abadia medieval, e igual a este núcleo existem centenas de exemplares na Europa. Ao lado, o problema das viúvas e órfãos das Reduções foi resolvido com a construção de uma casa fechada com pátio interno – o Cotiguaçu –, um solar espanhol de influência árabe. Ao redor, as casas aparentam ser barracões alpendrados, com sete unidades de cerca de 25 m² cada uma. Trata-se da antiga casa grande Guarani, com divisória em parede separando cada família. Dentro, poucos utensílios e móveis, visto que a vida cotidiana ocorria fora deste ambiente. A praça era um espaço presente tanto no pensamento espanhol quanto na cultura Guarani. Por fim, a disposição dessas estruturas, como se fosse um jogo de xadrez totalmente quadriculado, remete a um pensamento clássico da Europa Ocidental. A tradição foi retomada, com força, pelos renascentistas e esta é sua origem.

O mais instigante na discussão que ocupa páginas e mais páginas nos textos de Gutiérrez ou de pessoas que também escreveram sobre o assunto (BARCELOS, 2000), é de que a vida cotidiana do Guarani missioneiro ocorria muito mais fora deste contexto urbano do que dentro dele. Ele estava muito mais presente nas roças e estâncias do que no povoado. A idiosincrasia deste povo também explica esta postura. Na análise do mundo guarani, percebe-se que a aldeia não está dissociada da natureza que a rodeia. Segundo Medrano, em relação ao observador, podemos afirmar que enquanto o que nós vemos são aldeias, com a selva em volta, os Guarani vêem a selva com as aldeias dentro (*apud* BARCELOS, 2000, p. 74).

Um turista argentino que veio de Córdoba, engenheiro cuja família mora em uma estância jesuítica, viu as reduções como uma miragem. Impressionou-se com a engenharia, com a capacidade de os padres criarem coisas tão grandiosas. E é por causam desta grandiosidade que a engenharia e a arquitetura desta ruína causa admiração aos visitantes. Uma estudante de Florianópolis (SC) ficou impressionada com a grandeza do monumento e registrou no questionário: “Me senti pequena diante da magnitude da construção”. Uma professora de Panambi (RS) registrou o mesmo sentimento, ao presenciar uma “Sensação de pequenês (*sic*) perto desta imensidão”. As ruínas da igreja, por maiores que sejam, têm ao mesmo tempo aspectos físicos e psicológicos. Em sua forma material, são elementos arquitetônicos dentro de um plano urbanístico carregado de símbolos e histórias. Conhecê-las estabelece vínculos entre as histórias de vida de seus visitantes, suas tramas pessoais, e também com a história ali vivida.

Por isto, um monumento cultural, como as ruínas de uma redução jesuítica, também deveria ser interpretado pela vida que ali se estabeleceu. Para a atividade turística, tão importante quanto o monumento em si, são o modo de vida dos indígenas que ali viveram, a utilidade da arquitetura para sua vivência, e todo o contexto cultural e social que se estabeleceu neste conjunto arquitetônico. Não é apenas informar o turista sobre o material utilizado na construção da igreja ou o nome dos mestres jesuítas que ensinavam os Guarani na época missioneira. Estas informações são possíveis de serem obtidas em catálogos, cartazes ou outros meios. Mais interessante ao turista são os mitos, lendas, curiosidades, histórias que agregam valor aos monumentos e proporcionam vida ao seu entorno¹¹⁰.

¹¹⁰ Sobre este tema, ver SILVA, 2006.

Imagem 92: Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo

Imagem 93: Fachada da igreja

Imagem 94: Pedra Grés

Imagem 95: Pedra Arenítica

Imagem 96: Colunas da igreja

“Sensação de pequenês (*sic*) perto desta imensidão”, p. 256.

11. A PRESERVAÇÃO: “UM AGRADECIMENTO FARIA ÀS PESSOAS QUE FIZERAM E ÀS PESSOAS QUE AS CONSERVAM”.

A rigor, os órgãos responsáveis pelo tombamento e preservação do patrimônio trabalham em sintonia, e procuram preservar a memória de uma dada comunidade. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, cabe às três esferas do Executivo a proteção dos bens culturais. Caso o município seja de nível médio, deve haver uma subsecretaria no Departamento que cuida da cultura para tratar da questão do patrimônio cultural municipal. No município de São Paulo, este órgão chama-se DPH – Departamento do Patrimônio Histórico. Em nível estadual, caso seja um Estado organizado, vinculado ao órgão que cuida da pasta da cultura, deve haver um departamento somente para tratar do patrimônio cultural estadual. No caso de São Paulo, este órgão se chama CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo. O IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é o órgão nacional, sediado em Brasília, vinculado ao Ministério da Cultura

Visando esclarecer a população sobre como deve ocorrer um processo de tombamento, o DPH publicou a cartilha *Tombamento e participação popular*. De forma didática, o cidadão consegue descobrir quais são os caminhos que podem levar um bem a ser protegido pelos órgãos do Executivo. Tudo começa com o pedido de abertura do processo, que pode ser realizado por qualquer cidadão maior, ou uma instituição. Após avaliação técnica preliminar, é submetido à deliberação dos órgãos responsáveis pela preservação (DPH, CONDEPHAAT ou IPHAN). Caso seja aprovada a intenção de proteger um bem cultural ou natural, é expedida uma notificação ao proprietário. A partir desta notificação, o bem já se encontra protegido legalmente, contra destruições

ou descaracterizações, até que seja tomada a decisão final. O processo termina com a inscrição no Livro Tombo e comunicação formal aos proprietários.

As normas para o tombamento são relativamente simples. Um cidadão envia um ofício solicitando a proteção de um determinado bem. Por exemplo, um antigo casarão. O que os órgãos fazem é investigar sua importância através da documentação. Uma vez elaborado o relatório sobre o bem, ele passa por um conselho para ser votado. Se aprovado, o bem passa para o *Livro do tombo*. Ou seja, agora ele está tombado e este processo se chama *tombamento*. Agora o casarão está protegido, e qualquer alteração em sua construção deve ser comunicada e autorizada pelo órgão responsável. Ele pode ser vendido ou alugado, desde que mantenha suas características construtivas que justificaram o tombamento. O custo de uma restauração pode variar, entre ser o mesmo valor de uma reforma comum até um valor absurdo que envolve a contratação de especialistas, quando o imóvel contém muitos elementos decorativos e artísticos, e técnica construtiva excepcional. Ele também pode ser usado de forma diferenciada do que originalmente foi projetado. Muitos casarões viraram Centros Culturais a partir desta premissa.

Vamos supor que o dono do casarão protegido destruiu-o para fazer um estacionamento. O cidadão é acionado na justiça. Multas e outras penas são as formas que impedem que o proprietário de um patrimônio preservado o destrua, mutile ou desconfigure. Mas, dependendo do caso e da complexidade que o envolve, este processo pode demorar anos. Muitos cidadãos denunciam estas construções, e os órgãos responsáveis convocam outros órgãos do Executivo para realizar a interdição nas obras irregulares.

O problema desta forma de proteção é que mais se pune do que se ajuda ao proprietário de um bem tombado. A única vantagem oferecida é a isenção do IPTU, no

caso de São Paulo. Não há valorização imobiliária com o nosso suposto casarão tombado. Ao contrário, há uma tremenda desvalorização. A única forma de ajuda é buscar na iniciativa privada alguma verba para restauração, desde que haja isenção fiscal para o empresário. Mas qual empresário vai investir em um casarão particular? Somente se ele virar o Centro Cultural da empresa, como outros tantos que surgem todos os dias nesse país.

As verbas da iniciativa privada para a cultura são escassas, e o patrimônio tem de concorrer com cinema, teatro, exposições, museus etc. para obter a verba. Faz-se necessário que o projeto a ser enviado para o empresário seja estabelecido em um regime de parceria, em que a presença da empresa esteja destacada e possa ser lembrada como gestora da preservação patrimonial, e identificada como marketing de uma empresa com responsabilidade social.

Muitos responsáveis pela preservação do patrimônio brasileiro são contra a presença da iniciativa privada como responsável pela conservação e valorização da cultura nacional. Mas a outra opção, que seria responsabilizar o Estado e exigir que ele arque com as exigências da conservação permanente de um bem cultural, não tem sido uma das melhores. O Estado, seja em qual nível for, encontra dificuldades em resolver problemas como a manutenção de um bem que rememora o passado da cidade, do estado ou do país. Mesmo que este bem seja vinculado à elite dominante.

Caso sintomático é verificar que dois casarões na Av. Paulista são protegidos pela iniciativa privada internacional. Um dos casarões adaptados virou mais uma lanchonete da rede norte-americana McDonald's. O outro casarão se transformou em agência do Bank Boston. Na mesma avenida, existem dois casarões que pertencem aos Governos estadual e municipal. Somente em 2005 o Estado de São Paulo conseguiu dar uma destinação (até quando?) para a Casa das Rosas como biblioteca pública, contendo

o acervo do crítico literário e poeta Haroldo de Campos. Mas o casarão da família Matarazzo ainda continua sem utilização adequada pela Prefeitura Municipal. Atualmente, é utilizado como estacionamento. O que concluir destes exemplos? Que se deve agradecer aos norte-americanos pela proteção do nosso patrimônio? Se isto ocorre com os bens identificados com a elite dominante, imagine o que deve ocorrer com os bens culturais identificados com os dominados.

Outro fator a ser levado em consideração é a seleção do patrimônio. A escolha de qual bem deve ser ou não tombado como patrimônio é sempre uma decisão arbitrária. Como selecionar qual bem é importante e deve ser tombado? Esta questão movimenta o pensamento dos teóricos do patrimônio, e também é uma fonte de grandes debates na academia. Todo este pano de fundo sobre como proteger um bem, do ponto de vista legal, foi escrito para demonstrar que ainda se trabalha com o pensamento da preservação da “pedra e cal”, ou seja, dos monumentos arquitetônicos. E que a maioria arrasadora da população associa preservação do patrimônio cultural com preservação de um bem arquitetônico. Mesmo no IPHAN, órgão criticado por esta postura durante anos, ocorre uma certa confusão¹¹¹. Que o digam os tombamentos do terreiro da Casa Branca, em 1986, Salvador – BA, e o da Fábrica de Vinho de Caju, em 1996, em João Pessoa – PB.

No primeiro caso, o Candomblé não pode sofrer um processo de congelamento por parte do Estado, que pensa em manter inalterada sua prática como forma de preservação. Como aceitar tais modificações em um espaço preservado de uma religião? A solução seria a mesma para quando se faz intervenções em um bem arquitetônico? Já o caso do tombamento da Fábrica de Caju Tito Silva é exemplar para explicar as contradições do órgão. O que foi tombado em 1996 foi a última e mais antiga fábrica de

¹¹¹ Ver críticas à ênfase na defesa da arquitetura no IPHAN em MICELI, 1987.

vinho de caju do Brasil, com a preservação para sempre do prédio e dos equipamentos. Esqueceram do vinho e do saber fazer a sua elaboração, fator que motivou a preservação.

Isto posto, se no principal órgão preservacionista do Brasil há contradições, não se pode desejar da população em geral que entenda o que vem a ser Patrimônio Cultural Imaterial, mesmo com o tombamento do Frevo, do Círio de Nazaré, do Samba de Roda etc. Os turistas que visitaram São Miguel retrataram uma preocupação maior com a preservação do bem arquitetônico. E, mais do que isto, se preocuparam em destacar a qualidade desta preservação.

Pois, o que esperar de uma pergunta direta sobre o que a visita às ruínas da igreja despertou nos visitantes? Talvez, que se fale de arte ou de espiritualidade. Surpreendeu que as evocações relacionadas à história do local fossem em tão grande número. Mas, que um ou outro destacasse a preservação do sítio de São Miguel, também pareceu um pouco inusitado. Afinal de contas, são ruínas. Ver uma cidade histórica e perceber que a pintura é recente, que o local é limpo e que há placas indicando os procedimentos adequados para visita é uma situação merecedora de elogios. Ver o mesmo em um local em ruínas sugere estranheza.

O pequeno escritório do IPHAN, chefiado pelo casal de arquitetos Vladimir Stelo e Matilde Villegas, deverá ficar feliz com alguns elogios rasgados. São opiniões sobre “preocupação em conservar obras tão importantes”; manifestação de “alegria em ver algo tão antigo e bem conservado” junto com a “felicidade ao saber que temos acesso a lembrança do passado”, possível apenas porque o local está preservado; uma “grande satisfação em saber que tem pessoas que cuidam da história de nossos antepassados”, escreveu um jovem operador de máquinas de Caxias do Sul (RS); um estudante de Santo Ângelo (RS) destacou o “espírito de preservação”; “O que despertou foi a

qualidade da manutenção das antiguidades”, registrou um comerciante ao ver o Museu; um sentimento de gratidão é notado no comentário de um representante comercial de São Borja (RS): “Um agradecimento faria às pessoas que fizeram e às pessoas que as conservam”. Por fim, uma técnica em enfermagem, de Caxias do Sul (RS), sentiu “orgulho pela preservação e comoção pela história em si”. Sentir orgulho pela preservação também demonstra o forte regionalismo gaúcho. Trata-se de uma relação afetiva entre monumento e visitante, que deixará marcadas lembranças em sua vida.

Como já foi ressaltado anteriormente, muitos visitantes que retornaram a São Miguel depois de anos destacaram a preservação. Especialmente nas últimas duas décadas, após a UNESCO ter outorgado o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. O pior momento para a questão do patrimônio foi o governo Collor de Mello, em que Ministério da Cultura foi totalmente desprezado e houve um desmanche do IPHAN. Técnicos do instituto foram demitidos e somente os técnicos de São Miguel foram mantidos, através de ação na justiça. Para quem conhece a história, mais um motivo para o orgulho dos gaúchos na defesa de o seu patrimônio. Apesar de alguns hiatos, desde a década de 1920 que São Miguel tem sido objeto de intervenções para sua preservação, entendendo este conceito como o conjunto de medidas de ordens jurídicas, administrativas, urbanísticas, arquiteturais ou de outra natureza técnica que visa resguardar uma edificação, sítio urbano, obras escultóricas, locais públicos ou ambientes naturais, e promover-lhes a eventual restauração ao *status quo* anterior (COELHO, 2004, p. 314-5)¹¹².

¹¹² Como já foi evidenciado em Batista Neto (2003), Coelho entende o conceito de conservação como relacionado ao conjunto de prática de variada natureza (administrativa, técnica etc.) desenvolvida em instituições como museus, bibliotecas públicas, centros culturais, centros de referência, centros de documentação e que visam o resguardo e a recuperação de livros, obras de arte, fitas cinematográficas etc. (COELHO, 1997, p. 99).

Em relação a São Miguel, além do conceito de preservação, para as ruínas, e de conservação, para as obras do museu, se utilizará muito o conceito da *Conservação Permanente*, entendendo-a como a manutenção em bom estado dos imóveis tombados como patrimônio cultural, realizada pelo Estado, através de trabalhadores especializados, técnicos que saibam os procedimentos teóricos e metodológicos para realizar intervenções em dado monumento cultural. A presença destes trabalhadores de forma pontual no sítio é uma das principais diferenças entre a preservação brasileira da região missioneira em relação ao Paraguai e a Argentina.

Poucas críticas realizadas pelos visitantes foram realmente ácidas. E, para cada crítica realizada, evidenciam-se outras opiniões exatamente ao contrário do que se disse ou registrou. Uma aposentada de Niterói (RJ) ficou “... triste em ver que um patrimônio histórico foi segregado e não respeitado por habitantes do lugar”. Uma aposentada de Água Boa (MG) achou exatamente o contrário. Em sentimento de gratidão, manifestou que teve um sentimento de “Louvor. Pensar que uma cidade tão pequena tem o senso de valorização do patrimônio histórico”. Pelo que se percebeu na pesquisa de campo, os habitantes da pequena cidade de São Miguel das Missões respeitam o local.

Um professor de São Paulo (SP) achou que a igreja é “Uma obra magnífica, mas não respeitada, própria do patrimônio histórico brasileiro” (é uma crítica pertinente... para Minas Gerais). Não se ilude o pesquisador de que o IPHAN tenha problemas, como qualquer outro órgão público vinculado à cultura. Além da fatal falta de verbas, é lógico que muitos funcionários entendem este trabalho como emprego para a aposentadoria, pensando que estão prestando um favor ao atender o cidadão. Porém, o trabalho do pequeno escritório do IPHAN em São Miguel também tem seus méritos. E

parecem não fazer parte do que se conhece do IPHAN em Brasília, Ouro Preto e São Paulo¹¹³.

Em bate-papo após uma das entrevistas, animados pela oportunidade de conversar com um pesquisador da USP, jovens estudantes de Administração da UNIJUÍ deram uma idéia sobre a história da preservação de São Miguel. Por que não há no sítio mais imagens fotográficas do processo de preservação? Afinal de contas, os processos de restauração foram tão grandiosos, deram tanto trabalho e são tão inovadores, originais e diferenciados. Foi a primeira intervenção federal em um monumento nacional, primeira grande obra do IPHAN, teve a primeira restauração científica do país (década de 1980) e ali existe a Conservação Permanente. Talvez, este tipo de exposição possa ocorrer quando houver o Centro de Documentação. E ajudaria a expandir a idéia de que trabalhos foram realizados em prol destas ruínas. E, com certeza, seria um estímulo a mais para o sentimento gauchesco.

Imagem 97: Operário trabalhando na restauração, durante a década de 1980

¹¹³ Os comentários sobre o órgão citado constam em Batista Neto, 2003.

12. CONSTRUÇÃO/DESTRUIÇÃO: “QUÃO DESTRUIDOR É O HOMEM!”

A escolha se deve ser ou não tombado como patrimônio é sempre uma decisão arbitrária. Como selecionar que bem cultural é importante e deve ser inscrito no Livro do Tombo? A questão movimenta o pensamento dos teóricos do patrimônio. Françoise Choay e Henry-Pierre Jeudy atuam na percepção da destruição/preservação como faces da mesma moeda chamada patrimônio, cuja ruína é seu símbolo. Marly Rodrigues (2003, p. 18), professora da UNICAMP e conselheira do CONDEPHAAT, expõe que sempre trabalhamos no eixo

PRESERVAÇÃO = memória *versus* NÃO-PRESERVAÇÃO = esquecimento

Para entender melhor este eixo, basta verificar os bens preservados do nosso passado colonial. Quando se tomba uma igreja católica, deixa-se claro que esta faz parte da memória da comunidade. Mas, se não se preserva com o mesmo rigor e exigências o terreiro de candomblé, este bem cultural vira esquecimento. Ou seja, passa-se a pensar que no nosso passado colonial as pessoas iam à igreja (memória), mas não se sabe se elas iam aos terreiros de candomblé (esquecimento). O fato de você visitar as sedes de fazenda centenárias, onde não existem senzalas, significa que em seu passado colonial não houve escravos trabalhando nas lavouras e na casa-grande? E qual família manteria a senzala como marca do período escravista em sua propriedade rural?

Este caso exemplar se explica historicamente. O romantismo francês foi um movimento, do início do século XIX, que glorificou o passado medieval da França, algo até então impensado. Segundo Umberto Eco (2003), em uma palestra sobre a imprensa e a Internet na Biblioteca de Alexandria, no Egito: “Uma catedral medieval era uma espécie de programa de tevê permanente e imutável, destinado a transmitir às pessoas tudo o que era indispensável para a sua vida cotidiana, assim como para a sua salvação

eterna”, (2003). Os românticos admiravam aquilo que foi caracterizado pelos renascentistas como a arte dos bárbaros. Daí a expressão arte gótica, de *godos* (bárbaros). Sintomático é fazer a análise do livro *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo. Infelizmente, nossas gerações midiáticas conhecem o livro pela alcunha de *O corcunda de Notre-Dame*¹¹⁴.

O enredo da história se passa na catedral de Notre-Dame e mostra a paixão da cigana Esmeralda, uma mulher morena muito bonita, pelo jovem e belo capitão Phoebus. Porém, são apaixonados pela jovem Esmeralda o seu protetor, juiz e padre Claude Frollo – um homem triste, sonhador e maldoso; o jovem poeta tímido Pierre Gringoire, e Quasímodo – um homem feio e forte, que mora na Catedral. Estabelecida a rede das relações perigosas, entre tantos lances em que a Inquisição tem presença marcante, o livro nos leva à proteção de Esmeralda pelo apaixonado Quasímodo dentro da Catedral. Quem observar o texto de Victor Hugo com um pouco mais de atenção, notará que nenhum dos personagens descritos acima é o principal. Quem brilha soberana, descrita em seus mínimos detalhes – da construção à decoração –, é a Catedral de Notre-Dame de Paris. E assim se recupera no pensamento romântico um imaginário medieval de cavaleiros, damas e construções grandiosas que nunca mais seriam erguidas, a não ser em uma versão kitsch.

No Brasil, o romantismo não encontra no passado colonial os castelos medievais, as igrejas góticas e nem os cavaleiros de armadura. Mas nem por isto o romantismo nacional deixará de olhar para nosso passado colonial e resgatar a figura do cavaleiro tupiniquim: o indígena. Isto ocorrerá na primeira fase do Romantismo Brasileiro e o índio apresentado como o “bom selvagem” será merecedor de elogios por

¹¹⁴ E para piorar, nunca houve uma adaptação fílmica merecedora de elogios. Mesmo na versão que teve no papel principal o ator Anthony Quinn.

parte dos historiadores, como Francisco Adolfo de Varnhagen, de inspiradas poesias, como as de Antonio Gonçalves Dias, e os romances de folhetim de José de Alencar.

A trilogia, tendo como temática a causa indígena, tornará o escritor cearense José de Alencar conhecido nacionalmente. A primeira parte da trilogia é o livro *Ubirajara*, que trata do índio homônimo que consegue unir duas tribos guerreiras e tornar-se seu chefe. O segundo é o livro que mais fez sucesso e trata da paixão da jovem sinhá Ceci pelo índio fidalgo Peri. O livro *O Guarani* termina com a morte trágica dos dois personagens. Por ser um folhetim acompanhado com entusiasmo, os leitores não se conformaram com o final infeliz desta paixão. José de Alencar modificou seu final, mas suas últimas frases “A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia (...) / E sumiu-se no horizonte” não dá margem para muitas dúvidas. Os dois morreram na inundação. Por fim, resta o romance *Iracema*. O nome da indígena é um anagrama que significa AMÉRICA. Ao contrário do romance anterior, a paixão de Iracema pelo português Martins Soares Moreno será completamente correspondida. E Iracema gerará Moacir, filho mestiço que simboliza o nascimento da América, justamente no litoral do Ceará – Estado natal do autor.

O que se passa nestes livros, e também nos textos de Varnhagen, ou as poesias de Gonçalves Dias, é a idealização de um passado colonial com menos conflitos entre indígenas e brancos, do que realmente ocorreu de fato. E este passado idílico que resgata o índio e o transforma em “bom selvagem” nega a presença negra na construção da nação brasileira. E desde este momento temos a explicação simplista para as questões escravistas, que tomam corpo no senso comum: “o índio era bobo e não se acostumava a escravidão, ao contrário do negro”.

Essa falácia não encontra ressonância com a história da escravidão indígena, implantada com toda carga de violência, *modus operandi* do sistema, na antiga

Capitania de São Vicente (São Paulo) e na região amazônica. A escravidão do índio foi mais freqüente e mais longa do que dão a entender os textos que falam de sua suposta “inadaptação” ao trabalho escravo. Durante todo o século XVII, São Vicente e a vila de São Paulo cresceram à custa do trabalho escravo indígena. Como explica o historiador da UNICAMP, John Monteiro, não é porque nos livros didáticos a escravidão indígena desaparece no século XVII que significa que isto tenha ocorrido na realidade. Tanto que o ouro extraído em Cuiabá e região se utilizou de mão-de-obra indígena. O escravismo de índios só começaria a declinar a partir de 1755, quando o Marquês de Pombal decretou sua proibição.

E, na história da escravidão africana, como explicar as constantes fugas? E os quilombos urbanos e rurais, que segundo a historiadora Kátia Mattoso, “(...) surgem da própria instabilidade do regime escravista, do trabalho organizado sem qualquer fantasia, da severidade rígida, das injustiças e mal-tratos” (1990, p. 158). Mas a farsa da adaptação do negro ao regime forçado serve de instrumento ideológico para justificar a opção pela escravidão. Se o africano se adapta à escravidão, nada mais natural que sua sujeição ao sistema. Ocorre que nenhum ser humano, independente de cor da pele, credo, idade ou sexo se sujeita naturalmente à escravidão. O próprio da humanidade é a liberdade. E seu contrário, o trabalho compulsório, é uma mancha que ninguém deseja ostentar como característica de uma família, imagine de uma região ou de uma nação.

Existe esta preocupação em apresentar nosso passado como idílico, e neste passado negar tudo que não o fosse, como se exemplifica com a escravidão. Como esclarece o professor Jaime Pinsky, historiador e professor da UNICAMP, “Daí se chegar ao limite de negar, não a escravidão como sistema, mas o próprio negro por sua pretensa passividade perante o cativo” (1988, p. 53). E nesta negação do negro e da escravidão que existiu por 350 anos no país, há de se notar que o movimento começa com o

romantismo, mas que na implantação da República tem um dos momentos mais significativos desta amnésia. O hino da República traz os seguintes versos: “Nós nem cremos que escravos outrora / tenha havido em tão nobre País (...)” O tão nobre país havia acabado com a escravidão apenas 18 meses antes.

Esta negação com toda carga ideológica, entendendo que a ideologia “(...) consiste na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político), também domina no plano espiritual (das idéias)” (CHAUI, 1980), que existem em uma dada sociedade, serve para justificar também a escolha dos bens culturais a serem representados como materialização da nação brasileira. Como se pode ver, há sempre uma seleção arbitrária do patrimônio que deve ser preservado. E com ele, que tipo de memória deve ser lembrada como característica da nação.

E isto também irá refletir na construção da memória e na instalação dos locais de memória (*lieux de mémoire*) no Brasil. Esta denominação do historiador francês Pierre Nora será utilizada para designar os lugares públicos de alto valor simbólico, como os monumentos, museus, arquivos, bibliotecas e institutos – todos querem perpetuar algo. Todos querem parar o tempo passado, que simplesmente inexistente. Os lugares de memória tentam imortalizar a morte, segundo Nora (1993, p. 26). Para o tempo só é possível nas licenças poéticas do Cinema e da Literatura.

Afora estes momentos de lirismo, dos roteiros fílmicos ou da literatura, não existe como voltar ao passado. O que se fez ontem, não se recupera hoje. Como aborda Heráclito de Éfeso, ao entrarmos no rio novamente, nem o rio é o mesmo e nem a pessoa que nele mergulhou. Lucio Costa, no catálogo da exposição “A Visão do Artista”, percebeu isto ao explicar que as ruínas das Reduções Jesuíticas dos Guarani são os destroços de um naufrágio. E é pelo que veio dar na praia que se analisa o que

deve ter sido este barco. Proteger o que sobrou dos diferentes naufrágios da aventura humana é que nos faz entender a vivência cultural que ali existiu.

Muitos pesquisados ressaltaram a capacidade humana de construir e destruir. isto vale tanto para as ruínas da igreja (“Grandeza e pequenez pensar há muito tempo atrás viveram aqui gerações de povos que ao mesmo tempo construíram/destruíram”) quanto às imagens do Museu (“Grande emoção em saber que o ser humano é capaz de destruir/reduzir obras de fino acabamento”). O muito citado músico uruguaio também ficou impressionado. As ruínas de São Miguel despertaram nele “o mesmo que todas as outras ruínas jesuíticas (Bolívia, Argentina, Paraguai), uma sensação de incredibilidade, deste esplendor todo virar ruína”. Evocações semelhantes se seguem:

- a) “Emoção de ver tantas coisas construídas e depois destruídas pelo homem”.
- b) “Indignação! Quão destruidor é o homem. Além de destruidor, explorador. Mas o maior sentimento é de paz”.
- c) “O quanto o ser humano se auto-destrói, pois ao mesmo tempo ele faz tanta beleza e ele próprio acaba com ela”.
- d) “O sacrifício dos índios. Construíram e depois foi tudo destruído”.
- e) “Poder do ser humano de construir obras grandiosas, e belas, e de destruí-las”.
- f) “Tristeza em vê-las mutiladas e através desta mutilação mostrar o poder de destruição dos homens”.
- g) “Um sentimento de ‘revolta’. Por que um dia tudo isto foi destruído? Não conheço profundamente toda a história, mas acho que isto foi uma barbaridade”.
- h) “Um verdadeiro desastre, depois de longo tempo para sua construção, um desmoronamento quase que total”.
- i) “Uma emoção forte, sem explicação. Uma coisa de primeiro mundo e agora está nesse estado”.
- j) “Uma grande tristeza por ver este patrimônio destruído, acabando com a civilização guarani”.

Walter Benjamin foi um filósofo e historiador marxista alemão, da Escola de Frankfurt. Por ser judeu, fugiu da Alemanha na época do nazismo e acabou cometendo suicídio na fronteira da França com a Espanha, quando os nazistas invadiram o país gaulês. Ao expor uma análise do que seria a história, ele se aproveita de um quadro de Paul Klee, pintor de origem suíça. Enfatizando a expressividade da linha, Klee fez a sua

tela *Angelus Novus* (31,8 cm x 24,2cm), em 1932, que atualmente se encontra no Museu de Israel, Jerusalém:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se com tanta força que ele não pode mais fechá-las. esta tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. esta tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1985 p. 226)

Assim como Benjamin, pede-se passagem para a análise de seu escrito com o recurso da arte. No caso, uma imagem fotográfica que consta no livro *Além dos mapas*, de Cristina Freire, realizadora desta interpretação. Trata-se de mais um casarão na avenida Paulista, destruído para dar lugar a mais um arranha-céu nesta cidade reconstruída três vezes em um século, no dizer do professor da FAU/USP Benedito Lima de Toledo¹¹⁵ – tudo em nome do progresso. No grafite, um verso da música “Sampa”, de Caetano Veloso, “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”.

Portanto, a idéia de uma aliança entre os contrários construção/destruição, que está presente nos textos de Choay, Jeudy e na análise benjaminiana que Freire fez de São Paulo, também ocorre nas evocações dos turistas de São Miguel. Tal qual em outras destruições, foi o ser humano seu principal agente. O padre jesuíta Artur Rabuske (1985, p. 35), pesquisador da história missionária em São Leopoldo (RS), concluiu, de forma intrigante, que: “Certo que ruínas como as de São Miguel ali estão para falar, alto e bom som, contra o homem destruidor do seu igual, de ontem, hoje e sempre, constituindo-se elas em monumento de acusação constante para toda a Humanidade”.

¹¹⁵ Esta expressão de Benedito Lima de Toledo refere-se às construções paulistas, que mudaram da Taipa de Pilão para os edifícios feitos de tijolos e, posteriormente, do tijolo para as construções em concreto – “tudo isto em apenas um século”. TOLEDO, 1983. O Prof. Mário Jorge Pires informou que o Prof. Dr. Eurípedes Simões (FFLCH-USP) sempre usou esta expressão, bem antes do livro de Toledo.

Imagem 98: Ruínas das casas indígenas

“Quão destruidor é o homem”, p. 273.

13. A HISTÓRIA: “PARA VIAJAR NO TEMPO”

Afora os turistas incidentais, aqueles que transportaram algum parente ou amigo para visitar e os dezenove que não responderam à pergunta por que vieram visitar São Miguel, verifica-se entre os que responderam a curiosidade e a busca pelo conhecimento da história e da cultura do local. A hipótese que se apresenta nesta pesquisa é que a arte não é a principal motivação para a viagem até a região. Franco (2000) já abordou esta problemática e citou inúmeras possibilidades para as motivações da visita (fuga das grandes cidades, espírito de aventura, status, hedonismo etc.), e concluiu que

Dentre os vários fatores motivacionais de viagens destaca-se a *herança cultural de um povo*, termo cunhado por Franklin Adejuvon (1985), constituído de fatores inerentes, de hábitos ou lendas instituídas pelo homem e que se difundiram, consciente ou inconsciente, numa sociedade, através dos anos, de tal forma que delinearam seu estilo de viver, as formas de morar, as obras e os monumentos (FRANCO, 2000, p. 51).

Frases como “Conhecer as ruínas, a história da vida dos índios e das missões para compreender a história do Brasil” ou “Conhecer as ruínas e aumentar meu conhecimento histórico” se alternam e demonstram que o que mais provoca ou desperta o sentimento no visitante é a questão da história. Ou, se quiser, da busca pela história. É o que a consciência histórica que a ruína-monumento provoca. É o que se revela com os seguintes comentários: “Sou gaúcha e desde a infância tive informações sobre as reduções e vontade de visitá-las, mas não tinha tido oportunidade”; “Interesse histórico. Gosto muito de história e há muitos anos, ainda estudante, este capítulo da história do Brasil despertou meu interesse e a vontade de conhecer o local onde os fatos se passaram”.

Um professor de Cascavel (PR) teve uma evocação pela história cotidiana, ao responder o que as ruínas da igreja lhe despertaram: “Foi muito emocionante saber que eu estava no local de tantos acontecimentos. Quantos amores, quanto ódio, quanta

esperança, tristeza, medo, alegria, as pessoas que ali viviam, sentiam. Transporte-me à época dos acontecimentos e tentei sentir-me um dos integrantes”.

Em outro sentido, o comentário deixado escrito no questionário, pela estudante de Itaqui (RS): “Conhecer nossos antepassados de forma a aumentar o conhecimento histórico-cultural” marca com maior solidez esta busca. Mas quem é este antepassado? Interpretar o índio guarani missioneiro como antepassado dos moradores atuais do Estado do Rio Grande do Sul tem sido evocado não só por esta consultada. Encontra-se inclusive na propaganda para o turismo no local, veiculado no *site* da Prefeitura na Internet. E esta interpretação da história do gaúcho como herdeiro da cultura guarani missioneira é muito forte, especialmente nesta parte do Rio Grande do Sul. A região missioneira é interpretada como o local de pessoas valentes e que nunca se entregam diante da luta. Isto está no imaginário dos autóctones e tem sido muito utilizado até na propaganda dos candidatos aos cargos políticos na região e no Estado.

Imagem 99: Placa na entrada do Hotel Barricello

Instigantes são as informações obtidas na entrevista com um jornalista da cidade de São Sepé (RS). Ele acha que o gaúcho “tem várias origens, assim... Aqui, acho que a figura do gaúcho nasce aqui, porque é uma mistura meio do índio com o português né, a figura do gaúcho, ‘pêlo duro’, como a gente chama”. Posteriormente, fica em dúvida e reconhece que o gaúcho “nasce aqui, de certa forma, mas há outras origens também”.

Politizado, o jornalista aponta o uso da frase “essa terra tem dono” do santo popular Sepé Tiaraju (não reconhecido pela Igreja Católica), tanto pelos latifundiários, como pelos sem-terra. No caso dos sem-terra é óbvio. No caso dos latifundiários a interpretação é que, se a terra tem dono, logo ela não pode ser invadida. Por fim, o jornalista destaca a mentalidade da região missioneira como um local de gente batalhadora, que nunca se entrega. O jornalista fala do uso de termos como “galo-missioneiro”, que “tem alguma coisa a ver com bravura, com valentia”. “(...) no Rio Grande do Sul, sim. Se usa ‘esse é missioneiro’, se usa muito isto”.

Eu não sei qual é a origem desta ideologia que tu chama, mas que existe esta figura de "galo-missioneiro", como existe também, quem é da fronteira, por exemplo, com o Uruguai, com a Argentina, tem esta coisa "eu sou da fronteira". Eu que sou do centro do Estado a gente não "ah, eu sou da região central", a gente não diz isto, mas quem é da fronteira, que eu acho que tem a ver com a questão de conflitos de fronteiras lá e de divisas, e a mesma coisa aqui que eu acho que tem a ver com estes conflitos, não sei também, posso estar chutando, mas acho que tem um pouco desta origem assim destas regiões belicosas, onde teve resistência, tudo, que na minha região, que é central, não tem uma história assim tão viva quanto a das Missões por exemplo, então a gente não fica dizendo "eu sou da região central do Estado", a gente não diz isto. Se diz muito "eu sou das Missões", "galo, este é missioneiro", "galo-missioneiro", ou "da fronteira".

Pode-se apontar sua origem na literatura. Simões Lopes Neto não foi o primeiro a tratar dos valores morais do índio Sepé Tiaraju, alferes de São Miguel e líder dos indígenas nas Guerras Guaraníticas (1754/1756). Mas foi ele quem o destacou no poema narrativo “O Lunar de Sepé”, no livro *Lendas do Sul* (1913). Uma marca interpretada como lunar na testa do índio, a possível identificação deste lunar com a constelação do Cruzeiro do Sul, sua devoção cristã, principalmente a São Miguel e as

frases atribuídas a Sepé Tiaraju, tais como “Alto lá! esta terra tem dono”, tem ajudado a transformá-lo em mito. E também em santo, pois até já existe uma cidade chamada de “São Sepé”. Local de pessoas que nunca se entregam e do mito Sepé Tiaraju. As pessoas têm buscado visitar São Miguel para vivenciar o passado e, quem sabe, encontrar soluções para os problemas atuais.

É o que se percebe em frases como “Curiosidades históricas reais - sentir o que o povo indígena passou, observar a realidade vivenciada pelo povo guarani” ou “Para viajar no tempo. Conhecer melhor a história do povo indígena”. Viajar no tempo em busca de uma história que passa a ser identificada como sua, e entender a vivência atual como herdeira cultural daquele povo são pontos observados diversas vezes, tanto nas entrevistas quanto nos questionários. Por isto aparece em outros momentos a palavra orgulho, demonstrando o sentimento que este povo – marcado por um alto grau de ufanismo – possui em relação a estas ruínas, simbolizadas nas frases “Orgulho de ter um pouco deste sangue”, “Orgulho por ser gaúcho” ou “Um sentimento de orgulho”.

O que chama a atenção nesta transição entre a História e o Patrimônio está na sensação de imersão no passado que o visitante experimenta. Não se trata de uma exclusividade das ruínas missioneiras, e pode ser presenciado também em outras localidades históricas. As pessoas têm um encontro com o passado nestas visitas. Algumas opiniões expressadas refletem este comportamento, tais como “As ruínas despertam um sentimento de orgulho nas pessoas. É algo inesperado. É como voltar ao passado, você imaginar o que acontecia ali e se emociona, é algo realmente inesperado que mexe com a gente”. Ou este sentimento que une o tempo e o espaço: “A sensação de estar em 2005 na cidade há 100 m de um local histórico dos idos de 1700. A tentativa de transportar-se no tempo e ver que a qualquer época o ser humano continua brigando por ganância, passando por cima de povos e culturas”.

A visão deste monumento cultural provoca tal sentimento imediato nas pessoas, pelo que se percebe na sondagem realizada pelo questionário. Chama a atenção do visitante que assim se manifestou: “É arrepiante chegar aqui e encontrar tamanha obra, sua exuberância impressiona a todos e o fato de toda a carga histórica destas ruínas são o mais belo do local”. O mais belo do local não é o Museu das Missões. O que mais chama a atenção são as ruínas da igreja, mas não como uma obra de arte, e sim pela carga histórica que ela possui e repassa ao visitante. No diálogo entre o visitante e as ruínas, o objeto representa a História – é o que se chama de monumento, que poder ser tanto a ruína quanto um fragmento.

Esta perspectiva do turista se expressa na evocação do seguinte visitante, um financeiro de Porto Alegre (RS): “Um sentimento de nostalgia/saudade. Deu a impressão que tudo isto faz parte da minha história, da minha vida”. Saudade de algo que nunca viveu, nostalgia daquilo que nunca poderia ter presenciado e mesmo assim tem a impressão de que aquelas ruínas fazem parte de sua vida. De alguma forma, o visitante encontrou entre ele e as ruínas uma ligação de herdeiro da história das Reduções Jesuíticas dos Guarani. E neste envolvimento mágico sentiu saudade. “A imaginação ganhou asas, me fazendo retornar ao passado”, registrou uma estudante. Assim como uma recepcionista de Santa Rosa (RS), que escreveu: “Despertou uma viagem ao passado. Me deu a impressão de fazer parte da história”. Um professor do Rio de Janeiro (RJ), afirmou ter percebido “Um sentimento de amor a um passado que, apesar de não ter vivenciado, me toca muito. Foi um transporte àquela época”.

Este reviver o passado leva a uma reflexão sobre o mesmo passado, a partir das informações que possui. Como o sítio não satisfaz esta curiosidade do visitante através dos meios de interpretação do patrimônio e também por causa da ausência do guia – não significa que os guias sejam bons ou ruins, eles simplesmente são poucos e não

trabalham na entrada das ruínas, como na Argentina –, fica o visitante fazendo elucubrações sobre o que teria sido esta área urbana no século XVIII. Isto acaba dando outro significado às opiniões dos visitantes. Não se trata de mera repetição do que o guia falou. Não é um reflexo da boa ou má atuação tanto do guia quanto dos poucos meios de interpretação do patrimônio.

Esse querer saber sobre a história da localidade foi um sentimento despertado pelas ruínas que proporcionou 144 repetições da palavra *curiosidade* nos resultados coletados nos questionários. Será que tanta *curiosidade* ocorre justamente porque a forma de apresentação das ruínas ao visitante não sacia? Parece não haver dúvida sobre isto. A hipótese que se apresenta é de que se tratam de curiosidades históricas.

Visitar as ruínas tem trazido a vontade em saber como os indígenas viviam nas Reduções, sobre como as pedras foram talhadas, como estas terras foram conquistadas, como os jesuítas trabalharam; é querer estudar a história missioneira. Além das críticas sobre a falta de “divulgação desta riqueza histórica e cultural”. Estas foram respostas que apareceram com frequência nas perguntas qualitativas do questionário, acompanhadas pelo desejo de voltar para aquela época, de retornar no tempo. esta evocação se repete ao longo das respostas da pergunta e duas frases merecem destaque. A primeira, de um sociólogo paulistano, que assim se manifestou: “Enlevo, causado pela imaginação despertada pelas ruínas. É interessante imaginar a vida naquela época, as conseqüências culturais das Missões, a disputa por poder entre os conquistadores e a Igreja”. Na outra, um empresário de Venâncio Aires (RS), que estava fazendo um tour pela região missioneira de bicicleta, afirmou ter “Um sentimento de pequenez diante de uma obra tão grandiosa e uma imaginação de como o povo da época vivia nesta comunidade”.

O mesmo se percebe nas entrevistas. Um funcionário público gaúcho, visitante há anos de São Miguel, reconheceu que na primeira visita, em excursão com a escola, tinha mais a sensação de um passeio, meio superficial, uma curiosidade. Hoje, com mais maturidade, quer mesmo conhecer “saber como foi a história, o que se passou. Então, já marca mais”. Antes de ir para as ruínas, parou a uma certa distância e ficou admirando com curiosidade e ansiedade para chegar perto, e ver os detalhes.

Volta praquela época. Porque daí tu só tem aquela luz que te dá uma noção da (época) e a tua cabeça que vai pensando, vendo, voltando (acompanhando) o cara contando. Que faz tu voltar no tempo. Que é uma das partes que eu acho também mais interessante. Que nos ajuda, pelo menos. Durante o dia a gente não tem esta coisa de te ajudar. Infelizmente nós vamos lá ver isto. Depois de ter visto isto (o show de luzes?) e de aprender um pouco mais, a gente vai poder dar mais uma olhada, com outros olhos, quem sabe?

Uma secretária escolar, de Machadinha (RS) sentiu como se houvesse voltado ao passado. Mesmo arrepiada de emoção, seu discurso foi sempre de justificativa para sua falta de conhecimento, para sua ignorância e por não saber se estava dando uma boa contribuição para a realização da pesquisa. Independente de sua análise pessoal sobre si mesma, o que se observa não é um comportamento diferenciado de outros que destacaram a história e o voar no tempo no contato com as ruínas:

Quando você entra te dá uma impressão que não é o presente que você está vivendo, você consegue imaginar um monte de coisas. Tu fica sem querer (emocionado?) porque te dá um arrepio. É muito bom. Eu achei lindo, lindo mesmo, tu fica imaginando tudo. Eu não tenho muito conhecimento, mas, é bem bonito mesmo.

Uma corretora de seguros proveniente de Balneário Camboriú (SC) realizou um procedimento típico em alguns turistas: o ser minucioso. Enquanto não descobre o maior número de detalhes possíveis, ela não termina a visita. Foi o que ocorreu em sua busca pela história e arquitetura de São Miguel: “Aquilo ali eu

achei legal (a redução virtual), porque aqui está a arquitetura. Lá conta como foi. Não adianta vir aqui e não saber.” “Até demorei bastante porque fiquei vendo um por um. Deu pane no computador <risos>”. “Eu tinha que saber a história, como foi a essência do que eu estava vendo”.

Outros visitantes tiveram o desejo de conhecer a história de forma mais específica. Assim como o professor de Cascavel (PR), que desejava saber mais sobre a vida cotidiana, um administrador de empresas na área da construção civil de Ijuí (RS), sentiu que as ruínas da igreja despertaram curiosidade

(...) para saber mais sobre quantos anos levaram para construir, quantas pessoas trabalhavam, de onde carregavam as pedras, como ruiu, em que ano começaram a restaurar, se foi roubado muito material para construção das casas ao redor. Que, acredito eu, na época, os imigrantes da região chegavam aqui, e não tinha como mover material, não tinha olaria, então pegavam material daqui e construía suas casas na redondeza. Acredito eu, esta é curiosidade de ter uma informação mais científica sobre um dado (...) ter mais informação.

É diferente da posição de um padre de origem escocesa, naturalizado brasileiro após anos atuando no Pará, que no momento se encontra em Pernambuco. Veio participar do Fórum Social Mundial em Porto Alegre e realizou esta viagem até São Miguel para tentar entender o que foram as Reduções Jesuíticas dos Guarani: “Eu gostaria de saber se era uma cultura de partilha, uma cultura que respeitava a viúva, que respeitava o menino órfão, uma cultura onde os doentes e os mais velhos chegavam primeiro na mesa. Uma cultura que preciso lembrar, porque a sociedade de consumo tem pouco a ver com isto”.

Se a sociedade atual não consegue oferecer perspectivas melhores, volte-se para o passado. Especialmente o representado nos monumentos culturais. Trata-se de um eixo explicativo para a crescente procura pelo Turismo Cultural. O monumento evoca a consciência da História. As pessoas só pensam na História

quando estão defrontes a um monumento cultural, mesmo que em ruínas, e a consciência histórica serve como lição do passado para o futuro.

Mas não se reduzem a isto estas diferentes opiniões sobre especificidades da história missioneira, que alguns despertaram na visita a São Miguel. A arte provoca no sujeito-receptor uma busca em seu universo simbólico por aproximações que encurtem a distância daquilo que se observou. E este *modus operandi* da Recepção Estética que explica porque um administrador da construção civil buscou entender como são os alicerces da igreja, e um padre socialista queira entendê-la como uma sociedade da partilha.

Imagem 100: Fachada da igreja – visão noturna

“Para viajar no tempo”, p. 279.

14. REGIONALISMO: “A LUTA COMO HERANÇA”

Uma das passagens mais intrigantes da pesquisa de campo foi ver nas entrevistas que muitos gaúchos sentem as ruínas da Redução de São Miguel como sua herança cultural, interpretando-a como um local de seus antepassados e a figura de Sepé Tiaraju, principal personagem no espetáculo *Som e Luz*, como um verdadeiro gaúcho. Estes são os mecanismos de identidade cultural deste povo, independente de sua localização no Estado do Rio Grande do Sul.

Posteriormente, na passagem dos dados coletados nos questionários para as planilhas, novamente aparecem evocações de orgulho de ser possuidor de um monumento cultural como as ruínas e verificar que ali estão as “nossas origens”, como escreveu uma secretária de Caxias do Sul (RS). Um professor de Tapejara (RS), na questão sobre o que as obras do museu despertam, registrou a “valorização pelos que lutaram pela história do Rio Grande do Sul”. Na mesma pergunta, uma técnica de enfermagem de Porto Alegre (RS) registrou existir na localidade “uma estrutura impressionante, a história do povo, a luta como uma herança”.

Estas opiniões trazem à tona a identidade cultural do gaúcho, maioria de visitantes das ruínas, com este monumento cultural. Ter orgulho por este monumento estar em solo rio-grandense também é entendido como uma marca de ufanismo. Se estivesse em outro local, as pessoas talvez se manifestassem em ter orgulho de possuir em seu Estado um Patrimônio Cultural da Humanidade. Quiçá nem tanto como o gaúcho, mas é provável que tal evocação surgisse em questionários qualitativos sobre Recepção Estética. Porventura, poderia aparecer – embora não tenha acontecido na pesquisa de campo – um orgulho em possuir este patrimônio no Brasil. Mas não foi o caso.

Mas o que chama a atenção são as outras duas evocações. Sobre a primeira, é estranho imaginar o índio guarani missioneiro, vinculado à América Espanhola e súdito do Rei da Espanha, lutando pelo Rio Grande do Sul. Não há nenhuma fundamentação de base histórica para tal afirmação. Já a segunda, que entende que a herança deixada pelos Guarani missionario é a luta, se encontra no imaginário das pessoas que habitam ou nasceram na região missioneira. Um ex-morador da região, que atualmente vive em Joinville (SC), durante a entrevista destacou que não só a luta, mas a generosidade também faz parte da idiossincrasia de ser missioneiro. Ele viaja praticamente todo ano para São Miguel e sempre leva alguém da família ou amigo junto:

(...) é que eu sou da região das missões, então a gente nunca esquece o nosso (a nossa origem). Tem aquele toque de missões, de ser generoso com todo mundo, então até meu pai era muito missioneiro, nasceu aí na região das missões, então a gente cultiva isto aí. Eu tenho tudo minha parentela que mora aqui na região das missões.

Diz que ser gaúcho é ter generosidade, é ter orgulho da própria cultura. Quanto ao ditado “missioneiro nunca se entrega”, confirma que “é lutador, é persistente, vai à luta sempre. Missioneiro é persistente. Em luta contínua”. Afirmar que esta característica vem dos índios guarani e ele se sente herdeiro desta cultura. Assim como outros que sentiram orgulho em serem gaúchos ao olhar a igreja, como escreveu um técnico em Internet de Cachoeirinha (RS). Ou o “orgulho por ter este sangue”, na escrita de uma comerciária de Porto Alegre (RS).

Entender como se estabelece esta identidade cultural do gaúcho pela Redução de São Miguel Arcanjo foi um desafio que incomodou o pesquisador. Aquilo que aparenta a irreabilidade ou a apropriação indevida da história do outro para transformá-la em sua, buscou respostas no livro *A Invenção das tradições*, especialmente na introdução realizada pelo historiador inglês Eric Hobsbawm. Por tradição inventada, Hobsbawm entende-a:

(...) um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (2002, p. 09).

Surgida após a Revolução Industrial, a tradição inventada se diferencia dos costumes antigos de várias maneiras. Os costumes estavam mais vinculados às sociedades agrárias e tratavam de ritos de passagem como a iniciação ou a morte. As tradições aparecem em sociedades industriais e buscam agregar diferentes grupos e pessoas em uma mesma identidade cultural, como o pertencer à pátria ou ser gaúcho. Interessante notar que a capa é a figura de um escocês vestindo *kilt* e tocando gaita de fole. Nada mais inventado. Aparentemente antigos, são invenções do século XIX. No caso da vestimenta, uma invenção dos rivais ingleses.

Este tipo de estudo sobre as tradições inventadas já foi realizado por pesquisadores do Rio Grande do Sul. Existe até mesmo um livro que trata somente sobre o que é ser gaúcho, com a presença de artistas, regionalistas e intelectuais, intitulado *Nós, os gaúchos*. Uma das mais ativas intelectuais deste país, detentora de uma extensa produção bibliográfica, a historiadora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento, pensa que

O Rio Grande do Sul identifica-se com sua dimensão rural, e o gaúcho, personagem-símbolo da região, é, por excelência, um homem do campo. Em uma evocação telúrica, fundem-se a imensidão do campo e o caráter “indômito” do personagem típico. Monarca das coxilhas ou centauro dos pampas, ele é algo que mistura o componente selvagem, de exacerbação permanente, com a altivez inata de quem habita imensidões sem fim. As coxilhas estendem-se na paisagem sem limites do pampa, da mesma forma que o seu habitante é um ser criado sem restrições (2004, p. 229).

Maria Eunice Maciel apresentou no colóquio “Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível”, na UNICAMP, uma investigação sobre o regionalismo e a formação da identidade local, tendo o gaúcho como um dos eixos principais, através dos movimentos tradicionalistas. Conclui a autora que

(...) o gauchismo constitui uma atualização do passado que pretende a autenticidade, mas implica a criação e recriação, a cultura tradicionalista. Implica, de fato, permanente transformação, na qual, cada vez mais, surgem novas formas, novos termos, novos sentidos. A capacidade de viver “um outro”, quase como num processo de “carnavalização”, propiciando que os gaúchos vivam “um gaúcho”, ou no caso, “o Gaúcho”, a partir de um modelo – a figura emblemática – livre das amarras dos cotidiano, cantado e glorificado, é um de seus principais atrativos, e não é por acaso que o gauchismo, assim, tem tanto sucesso (2004, p. 261).

Arno Kern, um dos principais estudiosos das Reduções Jesuíticas, fez uma aproximação instigante entre o ser gaúcho e seu objeto de estudo:

A mesma combatividade do gaúcho na defesa da fronteira e que as Missões em inúmeras oportunidades demonstraram, não se devem apenas a uma necessidade de defesa física de um limite político, mas igualmente, à necessidade de preservação de uma tradição própria. Mesmo que ela tenha nascido de mitos e realidades mesclados, e nem sempre seja muito clara mesmo para os que a defendem, esta tradição cultural e os valores que lhe são intrínsecos, são uma razão tão grande como o serão o nacionalismo e a ideologia no mundo contemporâneo (1982, p. 206).

O que se pretende com estas quatro citações é demonstrar que a figura do gaúcho está destacada na região como uma tradição inventada e, acima de tudo, ocupando uma parcela significativa da mentalidade e do imaginário do habitante do Estado ou de seus descendentes, que se espalham pela região fronteira do oeste brasileiro (de Santa Catarina até Rondônia), incluindo os países vizinhos, como o Paraguai e a Bolívia.

Neste arcabouço de interações, as Reduções deixam de ser dos Guarani missioneiros súditos do Rei da Espanha, para ingressar de forma mágica como lutadores do Rio Grande do Sul. Não é uma questão de ser brasileiro. É ser gaúcho, o que é bem diferente. E Sepé Tiaraju, também objeto de estudos de vários pesquisadores locais, já não pertence mais ao âmbito espanhol. Ele é bravo e guerreiro, um homem que nunca se entrega. Como o bom gaúcho, especialmente o galo missioneiro – habitante da região das Missões.

Por fim, as ruínas da Redução de São Miguel devem figurar neste emaranhado imaginário como o palco das lutas, onde seus antepassados guerrearam pelo direito à terra. Assim se faz o herói mítico dentro do imaginário de um povo – indispensável para qualquer civilização. Dentro deste ufanismo, o monumento cultural sai de seu contexto histórico e ingressa nas mentalidades como um símbolo poderoso e agregador daqueles que haviam deixado para o gaúcho a luta como herança.

Imagem 101: Festa nas missões

“Orgulho por ter este sangue”, p. 287.

Imagem 102: Espetáculo de Som e Luz

“A história dos Sete Povos é contada através do Espetáculo de Som e Luz há 27 anos, é apresentado diariamente ao anoitecer no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo em São Miguel das Missões. O espetáculo narra em 48 minutos o nascimento, o desenvolvimento e o fim da civilização criada no Rio Grande do Sul por Jesuítas e Índios Guarani. A produção e a direção geral do espetáculo é de Darvin Gazzana. As vozes que contam a história são dos atores Paulo Gracindo, Lima Duarte, Armando Bógus, Fernanda Montenegro, Maria Fernanda, Juca de Oliveira e Rolando Boldrin”.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões

Imagem 103: Pórtico na entrada da cidade

“O Pórtico de acesso a São Miguel das Missões, foi inaugurado no ano de 2001. Nele encontramos vários painéis que retratam várias etapas da história missioneira. Têm esculturas que representam o Índio Sepé Tiarajú cacique da redução de São Miguel Arcanjo, Pe. Jesuíta e São Miguel Arcanjo padroeiro da redução”.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões

Detalhe: A frase *Co yvy oguereco yara* significa “Esta terra tem dono”, brado atribuído a Sepé Tiaraju.

Na mesma pergunta, uma técnica de enfermagem de Porto Alegre (RS) registrou existir na localidade “uma estrutura impressionante, a história do povo, a luta como uma herança”, p. 286.

15. A ANTROPOLOGIA: “... SUPERIORES AO JULGAMENTO DOS CIVILIZADOS”

Vários são os estudos que investigam os Guarani e a maneira como foram reduzidos. Pode-se apontar como um estigma dos estudos antropológicos neste assunto. Nota-se na visita a São Miguel que não há explicação de como o indígena foi introduzido no modelo reducional. Ali encontra-se o modelo pronto, sem nenhuma relação com o mundo Guarani pré-reducional. Uma falha que somente o olhar cultivado do músico uruguaio (citado diversas vezes) percebeu. A novidade nesta análise dos dados foram os visitantes terem percebido e destacado a exploração do Guarani missioneiro, e a opressão de sua cultura pelos europeus, via dominação jesuítica. A despeito da resistência dos Guarani.

Os jesuítas formavam uma ordem transnacional, militarista, mais hierarquizada que um quartel, com presença ativa em todos os continentes e, especialmente, na classe dirigente. Ocupavam o foro privilegiado da educação e a utilizavam para o aliciamento de simpatizantes e suas causas. Um dos diferenciais em relação ao Guarani reduzido foi a sua introdução paulatina na concepção europeia de trabalho. Explorado em nome de Deus e para o bem da comunidade, o Guarani missioneiro cultivava especialmente a erva-mate ou pastoreava nas estâncias, em busca do acúmulo de capital e da comercialização de seus produtos.

Neste sistema regado e cristão, aos poucos os padres modificavam o modo de ser guarani, transformando-o não em um europeu típico e muito menos em um Guarani tradicional. Desta transculturação surgiria um Guarani chamado de missioneiro, cuja

extinção não permite evidenciar em todos os detalhes como era seu modo de vida¹¹⁶. E a documentação histórica auxilia apenas aqueles que sabem investigá-la. Como já escreveu Marc Bloch, os documentos são testemunhas do passado. O segredo do historiador é saber interrogá-los a partir de sua vivência e de seu tempo. Se formos ler um monumento cultural como as ruínas da Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo, faz-se necessário saber interrogá-la. Caso contrário, sua serventia como testemunha do passado será nula. Daí chamar a atenção ao título do livro do historiador Peter Burke que trata sobre história e imagem, chamado de *Testemunha ocular*.

Uma discussão provocante foi realizada em torno do segredo ou do silêncio da documentação escrita entre alguns estudiosos. As posições unilaterais do debate não permitiram visualizar que os dois aspectos existem e persistem na investigação histórica. De fato, os jesuítas não escreveram tudo o que viram. Ordem letrada, que tinha na palavra escrita¹¹⁷ uma arma para a sua propaganda, ocultaram as enormes dificuldades que tiveram em estabelecer uma nova ordem na América do Sul. Segredos levados para os túmulos. Os silêncios se apresentam na destruição desta documentação. Expulsos das Reduções, deixaram os jesuítas uma documentação preciosa que se perdeu no abandono e nas constantes guerras pela afirmação dos Estados Nacionais latentes.

Os visitantes que destacaram a ação dos jesuítas como uma violência cultural olharam os índios com carinho. Os Guarani missioneiros são chamados de inteligentes, qualificados, ilimitados, organizados, persistentes e corajosos. Um técnico em eletrônica

¹¹⁶ Um estudo interessante sobre este assunto foi a Dissertação de Mestrado de Maria Teresa Bortolini, intitulada *Entre o temporal e o eterno: corpo e sentidos nas Missões Jesuíticas do Paraguai – séculos XVII e XVIII*, da UFSC (2003).

¹¹⁷ Os Guarani também utilizaram a escrita, quando das Guerras Guaraníticas, para trocar correspondências entre os diversos povoados durante os avanços das tropas luso-espanholas. Ver "Mientras volaban correos por los pueblos": autogoverno e práticas letradas nas missões Guarani — século XVII, de Eduardo Neumann. *Horizonte Antropológico*, vol.10, no.22 Porto Alegre, Jul/Dez. 2004.

de Curitiba (PR), ao ver as obras do Museu, disse ter sentido “Surpresa e curiosidade pela capacidade humana, especialmente nas pessoas indígenas, que eram seres muito superiores ao julgamento dos civilizados espanhóis e portugueses”.

Acompanhado destas evocações carinhosas com os indígenas, aparecem outras que os reconhecem, através das suas obras, como pessoas que sofreram muito, são pobres coitados, explorados, padeceram com “o trabalho escravo” (*sic*) e que causa revolta ver tudo que ergueram estar destruído. A partir daí, se observam críticas a “indução jesuítica”, os turistas acham “errado o que os padres fizeram com os índios, impondo sua cultura” ou “uma prova da história trágica que os nossos povos indígenas sofreram com a dita ‘civilização’, que tanto castrou a nossa cultura”. Uma entrevistada, comerciária de Caxias do Sul (RS) faz uma crítica aos jesuítas dizendo que eles não eram bondosos. “porque eles tentaram introduzir na cultura indígena uma religião que não era da cultura deles. Eu não vejo que existam os jesuítas bonzinhos (...)”.

295

Nas entrevistas, este tipo de pensamento apareceu com mais frequência do que nos questionários. Um padre, em relação à igreja, embora ache triste ver um patrimônio, “um edifício sagrado”, destruído, critica os jesuítas que usaram da força indígena para edificá-lo:

(...) foi uma exploração de certa parte dos jesuítas em relação aos indígenas... puxa, fazer eles edificarem tudo isto né, foi às custas deles que fizeram toda esta grandiosidade que é aqui São Miguel (...) mas, mas é triste, de toda forma é triste ver um patrimônio, um templo, um edifício sagrado como uma igreja que foi por tanto tempo usada ai ser destruída por mera cobiça humana.

Dois consultados reconheceram que estas modificações são imprescindíveis no encontro cultural (“sei que isto é inevitável o encontro de culturas diferentes”), com a predominância da cultura do dominante. Uma psicóloga de Chapecó (SC) fez exatamente esta análise: “São obras ricas e cheias de ‘vida’ daquele tempo. Apesar de

discordar da questão da catequização dos indígenas, pois acredito que a cultura tem de ser respeitada e a dos indígenas não foi. Predomina sempre a cultura dominante, é mais forte no momento”.

Sempre que se olha o passado, olha-se com a perspectiva do tempo presente. Isto, que é uma regra de ofício do historiador, é visível no comentário de um estudante de Pedagogia de Curitiba (PR). Ele acredita que hoje, ao invés de fazer uma interferência direta na cultura dos outros, ao invés de impor sua ideologia, se deveria “aprender com a cultura deles, para depois fazer esta interação e dar o teu recado como você deseja”. Em outro momento, afirma que “se você conhecer como é que eles agem, como é a cultura deles, você nivela, até (no) nível (da) linguagem, e faz de um processo tal que fica mais fácil deles entenderem. É mais inteligível, a linguagem inclusive”.

Mas não é possível modificar o passado. Apenas interpretá-lo, o que já se constitui em modificação. Uma das críticas mais ácidas ao modelo reducional foi de uma indigenista, membro de uma ONG. O que lhe chamou mais atenção foi o fato de os jesuítas criarem os aldeamentos para os indígenas, no intuito de evangelizá-los. O que não considerou um fator positivo. Ela deixa claro sua revolta quanto ao tratamento dado aos índios, da imposição da cultura branca sobre eles, e a desvalorização de sua “raça”:

Eles (os Guarani) têm o direito de pensar, de responder por si, de dizer o que eles querem, e não o que os outros querem pra eles. Eu acho isto um absurdo. Tratar eles como se eles fossem uma raça inferior, como se eles fossem animais, não pensassem, não tivessem sentimento. Eu acho que eles tem que ter a oportunidade para eles terem conhecimento. O que falta para os indígenas, acho que são informações, conhecimento sobre o que se passa ao redor deles. Porque o conhecimento que eles têm dentro da tribo deles é um conhecimento válido. Mas seria importante que eles conhecessem um pouco do que está ao redor, o que está em volta deles. Acho que seria importante eles estarem sempre informados dos direitos deles, do que eles podem.

Imagem 104: Índia Guarani vendendo artesanato no Museu das Missões

“Surpresa e curiosidade pela capacidade humana, especialmente nas pessoas indígenas, que eram seres muito superiores ao julgamento dos civilizados espanhóis e portugueses”, p. 294.

16. VAIDADE E PODER: “... QUE COISA GRANDE QUE FIZEMOS AQUI”.

Diferentemente de todos, uma pedagoga de Santo Ângelo (RS) disse que “fica imaginando a vaidade dos moradores da época, índios e padres”. Esta percepção da vaidade que cerca a produção de obras de arte não foi alvo de comentário em nenhuma outra parte da pesquisa. Assim como o comentário da médica espanhola, que veio participar do Fórum Social Mundial, representando a ONG “Médicos sem Fronteiras”, registrou sua percepção das ruínas: “Poder. Os jesuítas devem ter pensado: que coisa grande que fizemos aqui!”.

E, de fato, encontram-se na produção historiográfica das Reduções alguns estudos que tentam captar o cotidiano de vaidade e poder, especialmente na construção das igrejas. O destaque fica por conta do trabalho do Prof. Darko Bozidar Sustersic, arquiteto argentino, que em seu livro *Templos jesuítico-guaraníes*, escreveu uma obra rica tanto na documentação escrita quanto na visual. Em algumas partes é subjetivo, tanto quanto em outras a paixão por seu objeto de estudo é exagerada. Insiste na tese de que a documentação jesuítica tem segredos, o que não deixa de ser verdade. Mas ela também contém silêncios.

Em seu trabalho, usa a igreja como cenário para tratar tanto de quem a descreveu quanto de quem a construiu. Neste sentido, dialoga com Hernan Busaniche em sua cronologia e a rejeita, pois tem na construção da igreja a base de sua cronologia. Dialoga, mas não refuta outro argentino, o historiador Guillermo Furlong. Leitor atento, narra contradições em seu texto, e a ausência de fontes para suas afirmações. Íntimo de seu objeto de estudo, traça um perfil psicanalítico dos principais personagens de seu objeto de estudo. Baseado em cartas, nos processos judiciais, textos jesuíticos e na documentação visual, Sustersic aponta para o caráter temperamental de Primoli, o

ardiloso de Danesi e o invejoso de Ribera. É neste cipoal de interações que se estabelecem níveis de interdependência em que estão inseridos estes artistas.

Clientes das obras de arte produzidas na época reducional, estes padres estavam inseridos em um mundo religioso onde tudo era feito para maior glória de Deus. Trata-se da *ilusão* (Bourdieu) da época reducional. O que mais se observa, principalmente nos processos judiciais entre os próprios membros da Companhia de Jesus, é uma disputa na fogueira das vaidades para saber quem teria a mais bela igreja das Reduções. De onde Sustersic tirou suas impressões sobre o caráter ardiloso do Pe. Danesi, senão desta documentação? Sustentou durante anos uma pendenga judicial contra o vizinho povoado de Jesus pela posse da caieira de Itaendy. Enquanto o processo, dado como perdido, corria nas instâncias judiciais jesuíticas, ele se aproveitou da caieira o quanto pôde, para reconstruir a igreja de Trinidad. Uma vez derrotado finalmente, entregou a caieira para o povoado de Jesus poder também terminar sua igreja, que partidários adversos dos padres de Trinidad afirmavam que seria muito mais bonita. Nas páginas dos processos judiciais jesuíticos percebe-se que não se busca apenas a glória de Deus nas Reduções.

Le Goff expõe que todo documento é um monumento, pois quer desejem ou não os seus realizadores, fica para a eternidade. Tal qual um monumento, ele “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias” (2003, p. 538). Se prestarmos atenção no comentário de Lucio Costa a seguir, verificar-se-á uma marca da mão dos jesuítas europeus em terras platinas. Pois sobre os escombros do naufrágio chamado reduções, Costa afirma que “apesar do atual dismantelo, ainda se adivinha, nos menores fragmentos, uma selva, um vigor, um ‘impulso’, digamos assim, que os torna – estejam onde estiverem – inconfundíveis” (1987, p. 04). Le Goff explica que ao historiador não

cabe fazer papel de ingênuo e verificar que não existe um documento verdade. Sua postura deve ser crítica e desmontar sua montagem, e analisar suas condições de produção. Modestamente, é o que se tenta realizar neste trabalho.

Imagem 105: Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo

Fico “imaginando a vaidade dos moradores da época, índios e padres”, p. 297.

17. INFÂNCIA E FINITUDE: “NÃO QUERIA MORRER SEM VER ESTAS RUÍNAS DE SÃO MIGUEL”.

Esta percepção do visitante, procurada avidamente nesta pesquisa, passa por caminhos que surpreendem pela singularidade. É o caso da percepção de finitude da vida, em que um homem e uma mulher com mais de 65 anos apontaram o desejo de não morrer sem antes poder ver as ruínas. Esta emoção produzida na visita não é apontada por outros consultados ou entrevistados. A vida se esvai com o tempo, e estas pessoas não gostariam de terminá-la morando perto (no caso do agricultor, morador da vizinha cidade de Ijuí) e não terem tido a oportunidade de conhecer as ruínas. No caso da senhora agricultora, ela só conseguiu visitar as ruínas porque o Clube de Mães da cidade de Liberato Salzano patrocinou a viagem.

O que se esperava era que os resultados fossem parecidos com a pesquisa de Freire, no livro-tese *Além dos mapas*, em relação a São Paulo. Porém, para poucos, este monumento cultural representa um gosto de infância. O máximo que se conseguiu foi que alguns, impossibilitados de acessarem as escadarias internas da fachada (que levam ao topo da igreja), reclamassem e sentissem saudades de poder entrar neste recinto. Relembrem com nostalgia as caixas com marimbondos, a escuridão, e o cuidado para não escorregar.

Alguns lembram dos piqueniques e das excursões das escolas. Naquela época, era como um passeio realmente especial. Hoje, praticando o Turismo Cultural, eles observam as ruínas de outra maneira. Os mais antigos lembram dos jogos de futebol. Mesmo havendo um caseiro e sua família cuidando das ruínas, é interessante notar que havia um campo de futebol na praça, com direito as traves. E, como não poderia deixar de existir, houve quem sentisse saudades dos churrascos realizados embaixo das árvores, ao lado do cemitério.

Imagem 106: Igreja a partir do cemitério

Imagem 107: Reconstituição virtual do mesmo ângulo

“Não queria morrer sem ver estas ruínas de São Miguel”., p. 300.

18. RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE: “... TENHO UMA SENSAÇÃO DE PAZ.”

Das possíveis respostas que poderiam ser mencionadas no questionário ou dos comentários que poderiam surgir nas entrevistas, a questão da religião parecia ser a mais óbvia. Esperava-se uma grande quantidade de evocações. Mas qual engano. Não que a religião não houvesse sido mencionada, mas deve-se esclarecer que foi em um número bem menor do que se esperava. Aos quatro padres, durante as entrevistas, foi perguntado se rezaram perante as imagens e todos responderam que não.

Porventura, não seria pela ausência de um forte turismo religioso? De fato, poucos incluem São Miguel das Missões no roteiro da visita a Caaró (local de peregrinação). Em conversas, as autoridades autóctones vislumbram esta possibilidade, que proporcionaria visitantes na casa dos milhões. O que se pode afirmar é que, observando o número de menções à religião cristã, verificadas nos questionários, as autoridades do pequeno município de São Miguel têm muito que trabalhar.

Não obstante, ainda que o número de menções à religião não tenha suprido as expectativas, chama a atenção – especialmente nas entrevistas – uma maneira diferente de interpretar as ruínas de São Miguel. Trata-se de identificá-las como um local de forte espiritualidade. Não que isto fosse novidade. Já se sabia que havia o chamado turismo esotérico nas ruínas, conforme já havia observado em outra pesquisa de campo, em 2002¹¹⁸.

Desta vez, não houve menção a este tipo de turismo. Mas percebeu-se entre os visitantes uma ligação espiritual com a área, apresentada como um local de paz (a palavra “paz” foi mencionada 14 vezes no questionário) e de uma “energia forte!”. Onze

¹¹⁸ Ver em BATISTA NETO, 2003, p. 03.

entrevistados perceberam as ruínas pelo lado místico, em um universo de 35 pessoas. O advogado missioneiro que tem como costume trazer parentes e amigos para visitar as Reduções diz que eles gostam, que acham o local lindo. Mas, para ele, particularmente, o local transmite muita paz: “Eu vou te dizer o que acontece pra mim. Me dá muita paz. Eu nunca vim num dia de chuva forte. Mas (aqui) é um lugar que é completamente diferente dos outros. Eu não sou místico, mas tem um pouco de misticismo nisso aqui”. “O pôr-do-sol daqui das ruínas é diferente”. Acredita que tal sensação é originária de “algo dos índios, ou dos jesuítas, ou dos espanhóis que morreram aqui”. Surpreendente é saber que não se trata de um católico. Protestante, da Igreja Batista, ele afirma sentir uma espiritualidade no local, principalmente ao se aproximar das ruínas, ao entrar nelas. “Eu fico tranquilo, isto me dá paz, tranquilidade, fico bem comigo. Eu acho muito legal. É incrível. E sinto isto é entrando [no local]. Não é na estrada, não é dentro, não é ali fora, é entrando. É chegando aqui perto”. E tal sensação, ele afirma, sente desde sua adolescência.

A secretária escolar de Machadinho (RS) disse na entrevista que, quando entrou nas ruínas, sentiu como se estivesse sendo observada. Parecia que os anjos expostos no Museu observavam quem visitava. “Mas é uma coisa muito boa. Eu me sinto bem dentro de uma igreja”. Nessa igreja, ela se impressionou com a paz que as ruínas transmitem, o silêncio, só os pássaros cantando. O mesmo se passou com uma turista canadense. Quanto às ruínas, ela fala que o local parece outro mundo: “tenho o sentimento da tranquilidade e paz dentro das ruínas. E é possível ouvir as coisas da natureza, os pássaros, e talvez porque este lugar é muito velho, eu sinto um pouco de mágica, (sinto) que este lugar é especial”.

Uma artista plástica de Curitiba (PR) demonstrou que sua percepção, em relação à igreja, também foi de paz. Passou algum tempo contemplando a igreja, imaginando as obras do Museu ali dentro, e como ela seria na época em que foi construída. “Mas dá assim pelo menos, por ser uma igreja, esta expressão que eu tenho sempre da paz”. Um técnico em telecomunicações de Santa Rosa (RS) pensa que as ruínas proporcionam um misto de paz e de uma sensação estranha. A conclusão é que ela faz “a gente pensar duas vezes na vida, sabe?”. O mesmo aconteceu com um militar, radicado em Caxias do Sul (RS): “É um momento de sentar ali, e num momento como o *som e luz* que eu assisti ontem, de você estar sentado assistindo, e pensar um pouco a respeito da tua vida (...) acho que é a questão da espiritualidade toda que existe no local, um ideal do porquê aquelas coisas aconteceram”.

Por mais estranho que possa parecer esta discussão sobre espiritualidade e não sobre a religião católica em terreno jesuítico-guarani, há de se esclarecer que o pesquisador também não percebeu estas evocações na pesquisa de campo. Somente na análise de dados, após a confecção dos temas e depois de mais de centenas de páginas escritas que os resultados deste tema lhe saltaram aos olhos. Nas aulas, o Prof. Dr. Sérgio Miceli (Sociologia da Arte – FFLCH/ USP) enfatizava sempre que quem deve “falar” na pesquisa é o objeto de estudo. Nunca este ensinamento foi tão justo. Os visitantes das ruínas, através das entrevistas – em que se alcançam os níveis mais profundos de consciência e percepção – estão dizendo que o local é de uma forte espiritualidade e energia. É o que se percebe, por exemplo, na entrevista de uma advogada de Belo Horizonte (MG). Ela se diz espiritualista e sentiu forte energia nas imagens do museu - “O museu e as imagens, elas representaram pra mim um sentimento da fé que eles tinham”.

Aquelas imagens (...) pra mim ela não tem valor no sentido de idolatrar, nem de culto, mas ela representou isto pra alguém um dia. E tem

energia ali, eu acredito na energia que tem ali das pessoas que fizeram, que talharam, as emoções dos pedidos que foram feitos, eu imagino quanto choro, quanta lágrima, quanto pedido foi feito ali. É um sinal de respeito, eu respeito isto. Não é como idolatrar um ídolo, mas como uma energia que aquilo representou pra alguém.

Outra mulher, que se assumiu como espírita e que faz parte da Federação Paulista de Espiritismo, também teve a sensação de energia da época da construção, refletida no fato do tamanho das pedras, na falta de recursos e na dificuldade para a edificação: “Você já pensou aqueles coitados carregar aquelas pedras daquele tamanho, uma por uma? Olha precisa ter uma força interior muito grande”. Porém onde está esta força interior? Ela explica que ...

(...) tem que ter uma ajuda espiritual, eu acredito. Se você não tiver uma ajuda espiritual, você não consegue. Você tem que ter, porque a gente tem fé naquilo que a gente faz, e esta fé vem acompanhada do teu espírito protetor. Não sei o que você acha, mas, pelo menos na minha filosofia é assim.

Uma professora de Francisco Beltrão (PR) se apresentou como mística e disse que sentiu um arrepio quando passeou pelo local. Na perspectiva da Recepção Estética da Arte, em relação à igreja em ruínas, ela primeiro analisou “a grandiosidade do trabalho que eles tiveram, e depois a gente até ficou assim comparando o arquiteto que bolou isto aqui, porque a gente vê as colunas são bem retinhas apesar de ser pedra. Então, a gente vai fazendo esta análise, a gente vai olhando nesse sentido”. Já ao entrar na igreja, sentiu calafrios.

Dá aquela sensação de paz, geralmente dá. Porque você acredita em um Deus, e que isto foi uma obra feita em benefício a ele, né? (em benefício de) colocar pessoas que acreditam nele, que pregasse o que ele deixou para nós. Eu acho que isto te fascina. (...). É um dom, que você pode visitar e te dá uma sensação de paz. Ver a escultura, ver as coisas, ver o trabalho e ver a grandiosidade da época, pela época.

Uma força emanada destas paredes! Esta é a mensagem transmitida pelos que tiveram despertado seu lado místico nesta visita. Contemplam o trabalho árduo de construção da igreja, a minuciosidade na realização das imagens, reconhecem o esforço

e o sofrimento dos índios e também sentem uma sensação de paz. Uma médica, de Curitiba (PR), 46 anos, leitora de livros esotéricos e espíritas – “Católica até dois anos atrás, e muito católica” –, resumiu todo este posicionamento quando questionada sobre sua impressão do local:

A impressão da visita diurna foi algo como se tivesse muita gente aqui, muita gente trabalhando ainda, muita gente daquele tempo. Não estou lhe dizendo que eu vi isto. Estou lhe dizendo que eu imaginei um cenário deste tipo. E até fiquei meio decepcionada, quando no (fundo) de vídeo, eu vi que eram só dois jesuítas que ficavam. Aí quando eu toquei nas paredes das ruínas, eu não tive a mesma sensação de quando toco na parede de ruína que houve escravidão. Entendeu? estas paredes são mais leves. Mais tranquilas, embora tenha havido todas estas guerras e tudo mais, eu não senti a opressão de um povo tão escravo. Embora eu tenha um certo problema aí com o jesuíta, porque eu não sei bem se a intenção foi correta, mas tudo que é para ensinar, de repente é bem intencionado” (grifos nossos).

Cada uma das pessoas citadas acima sentiu as ruínas de acordo com seu mundo simbólico ou como estavam em seu momento espiritual. E usaram os jargões de sua época. Ou melhor, de nossa época. Para entender este imaginário, há de se perceber que na falta de códigos, recorre-se aos termos da moda, difundidos pelos meios de comunicação. Nossa época não possui a intensidade da presença do mundo espiritual após a morte, como na Idade Média européia controlada pela Igreja Católica. E já não se vê no horizonte a possibilidade socialista, tragada pelo totalitarismo stalinista, que fez escola pelo mundo. Sem a utopia de uma sociedade diferente, ganham força o esoterismo e a espiritualidade. O que explica o sucesso de livros como os de Paulo Coelho.

O imaginário é como um romance, em que todos os enredos são possíveis. Vive-se no imaginário. Leituras pessoais e coletivas são passíveis de análises, representando a visão de alguém, ou de um grupo, sobre fatos e acontecimentos em um determinado momento. Funciona como um cimento social que une o imaginário com a atmosfera vivida por um grupo, região ou país. E nesse sentido, devem ser entendidas as menções

a *espiritualidade* e a *paz*. E assim como o imaginário, as representações sociais são “construídas a partir das memórias, fantasias, concepções, tanto individuais como grupais” (FREIRE, 1997, p. 116).

“Paz” é uma palavra de origem latina, vem de *pax* e significa ausência de guerra. A maior parte de seus conceitos está envolvida com este estigma. Mas também pode significar a convivência harmoniosa, a solidariedade, a tolerância e a cooperação entre os povos. O turismo pode ser um auxiliar para a paz ao apresentar o outro em seus aspectos culturais, servindo como instrumento educacional. É o caso de empresas que levam norte-americanos a visitarem e conhecerem os povos árabes (PADILHA, 2006).

A palavra “paz” também vem à tona para definir lugares desabitados, porque é mais fácil do que se defrontar com o outro. Neste sentido, a médica leitora de livros esotéricos sentiu o momento da edificação através do toque das mãos nas paredes. Ou o advogado, membro da Igreja Batista, que sentiu uma paz e algo muito estranho na entrada das ruínas, porque sabia que ali houve guerras. Quanto à paz (que quase todos mencionam), o estranhamento que o esotérico promove, é possível que esta sensação, este “clima” tenha a ver com a paisagem arqueológica e historicamente comovente, que pode levar subconscientemente as pessoas a outro grau de sensibilidade e proporcionar uma sensação de leveza.

Todavia, uma das possíveis causas seja a fé. Talvez a fé explique estes sentimentos, visto que ela consegue reunir multidões ao redor de locais sacro-culturais ou de devoção. Na questão do aumento no número de visitantes, via turismo religioso, isto depende mais da elaboração e realização impecável de um bom “plano de marketing”. Parece estranho falar nisto para algo religioso, mas não se percebe outra maneira que viabilize a procura. Como este estudo não é sobre tal área, talvez outras pessoas que estudem o assunto possam organizar o plano.

Imagem 108: Ruínas do Cotiguaçu – Casa das viúvas

Eu “tenho o sentimento da tranquilidade e paz dentro das ruínas. E é possível ouvir as coisas da natureza, os pássaros, e talvez porque este lugar é muito velho, eu sinto um pouco de magia, (sinto) que este lugar é especial”, p. 303.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem da contracapa é um diálogo com outra imagem: a da minha memória.

Me faço de sujeito/leitor/receptor da arte e me auto-analiso na minha catarse, na
minha recepção estética, no mês de agosto de 1996.

Na visita que fiz na redução de *San Ignacio Mini*, na Argentina, o céu me presenteou
com uma neblina tal qual a desta imagem das ruínas de São Miguel.

Sem a possibilidade de ver os telhados e até aonde se manifestava a ruína deste
monumento cultural, vislumbrei 300 anos de passado de nossa América.

Me despertou dor! Me despertou nostalgia! Me despertou revolta!

E assim choro!

E pasmo!

Fico sem saber de que lado virá o jesuíta junto com o indiozinho a jogar fumaça de
incensório – de um lado para o outro.

Aumentando a neblina, aumentando o sonho acordado.

Eu não escolhi uma tese.

A tese que me escolheu.

E ela está aqui, na frente dos seus olhos, ao toque das suas mãos.

Leia-a!

Julgue-a!

Nada mais importa!

O meu mundo já mudou faz tempo.

As Reduções Jesuíticas dos Guarani formaram uma sociedade diferenciada no contexto da ocupação espanhola no sul do continente americano. É esta diferenciação dentro dos mecanismos da conquista que faz dela alvo de debates, polêmicas e estudos até os dias atuais. Em termos históricos, já foi apontada como um Estado dentro de outro, uma sociedade comunista e cristã, um império teocrático ou uma utopia política. No campo da arte, os debates são outros.

Durante a longa duração do modelo reducional, em um processo de transculturação, o encontro entre a cultura européia representada pelo jesuíta transformou o Guarani em nova parcialidade, já extinta: o missioneiro. Sua arte destacava aspectos da flora e fauna do Antigo Paraguai, com os preceitos artísticos europeus aliados a sua idiossincrasia. A este estilo alguns pesquisadores chamam de Barroco Guarani, entendendo-o como o estilo que congrega a arte produzida pelos índios Guarani missioneiros, durante os 150 anos em que estiveram inseridos dentro da experiência reducional, sob orientação e a serviço dos padres jesuítas.

Tal definição é realizada a despeito de se interpretar a arte Barroca Guarani a partir das poucas centenas de imagens (em um contexto de milhares), sem análise da pintura e com os *locais de exposição* destruídos: as igrejas (é notória como a percepção dos vestígios materiais desta civilização ainda proporcionam encantamento e despertam emoções variadas – uma das tantas características barrocas). Os trabalhos acadêmicos que envolvem a produção artística no período se baseiam na pouca documentação existente. Outros pesquisadores empregam a interpretação estilística.

Pesquisas baseadas em interpretações existem há décadas. O presente trabalho apresenta uma pesquisa diferenciada. Não só por se fazer uso da recepção estética da arte Barroca Guarani como metodologia, mas também por buscar um outro viés de interpretação, através de seu público: os turistas. Enfocada nas ruínas da Redução de

São Miguel Arcanjo, na pequena cidade de São Miguel das Missões (RS), a investigação realizou uma pesquisa de demanda e análise do perfil deste visitante que pratica o turismo cultural na região missioneira do lado brasileiro, antes da análise de resultados sobre a recepção estética.

São Miguel Arcanjo é uma das trinta reduções que existiam na época da expulsão dos jesuítas do território espanhol, em 1768. Estabelecidas na região do Antigo Paraguai, que compreendia as atuais nações do Paraguai, Uruguai, o nordeste da Argentina e o noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, das dezoito que ainda podem ser apreciadas em algum aspecto de seu núcleo urbano, trata-se de uma das que proporcionam uma instigante contemplação. De fato, aliam-se a ela as ruínas de São Inácio Mini (Argentina), Trinidad, e a redução de Jesus de Tavarangue (Paraguai).

Na Redução Jesuítica dos Guarani de São Miguel Arcanjo é possível vislumbrar as ruínas da igreja projetada pelo Irmão Primoli, restos da casa dos padres e do colégio, algumas paredes das casas dos índios, e a quinta. Fora do sítio, a fonte missioneira. Em uma intervenção moderna, é possível visitar o Museu das Missões e a Casa do Zelador – obras de Lucio Costa. O ápice do reconhecimento da importância destas ruínas foi sua transformação no Patrimônio da Humanidade de nº 63, pela UNESCO, em 1983. A chancela da UNESCO proporciona um aumento no nível de visitação em qualquer sítio cultural. E não foi diferente o fluxo de turismo cultural na região missioneira, independente dos países onde as ruínas estavam localizadas, e das dificuldades de acesso para a visita o patrimônio.

O turismo cultural é um dos fatores de desenvolvimento de localidades que possuem atrativos culturais que possam interessar a um visitante, fazendo com que ele se desloque de sua residência até o encontro com este outro, travestindo-se em ato cultural. Viajar é se aventurar rumo ao desconhecido, em direção a outro. Olhado com

reservas e muitas desconfianças, o turismo cultural é alvo de preconceito como toda prática turística, ainda que os próprios turismólogos sejam talvez os mais ácidos críticos de sua realização como Turismo de Massa. Sem um planejamento adequado, e executado de forma impecável, o turismo (seja em qual aspecto for), torna-se um agente nocivo e desagregador social na comunidade receptora.

Talvez uma das maiores contribuições deste estudo seja apresentar para os administradores de São Miguel o perfil do público-alvo que faz turismo cultural na localidade. Por este estudo, eles podem reorganizar o perfil e a função da visita, aumentando-a para mais de 1,5/3 h de duração, incluindo ali as atividades didáticas para as crianças e outras atividades que agreguem valor ao sítio.

O turismo cultural na região missioneira já é uma realidade. Porém, precisa haver uma melhor divulgação nacional e facilitada a sua exploração. Uma das propostas é que este turista possa buscar nas vizinhanças de São Miguel outras formas de lazer e entretenimento. Longe de grandes centros urbanos, com enormes dificuldades em seu acesso, seja por qual meio for, a região como um todo precisa modificar seus paradigmas para prática do turismo cultural – tipo de turismo desejado pelas autoridades autóctones de qualquer parte do mundo, visto ser realizado por pessoas com alto nível escolar e de renda, proporcionando também a existência da sustentabilidade turística.

O turista cultural que visita São Miguel é, em sua maioria, de regiões próximas à região das Missões ou de outras no próprio Estado do Rio Grande do Sul. Também se esperava um número maior de visitantes estrangeiros, mas isto não se observou na pesquisa de campo. O que também foi demonstrado em outros trabalhos acadêmicos ali realizados. Pelos cálculos do escritório regional do IPHAN, 67% de seu público é escolar. Os 33 % restantes são turistas, alvos desta pesquisa, e que representam um número de aproximadamente 15.600 visitantes/ano. Portanto, é a escola a fonte de indução da visita

à São Miguel. No caso dos turistas culturais, foi a indicação de amigos e parentes o que influenciou na escolha deste atrativo turístico para a visita. A metade dos visitantes é casada e, como em outras pesquisas sobre turismo cultural, a classe média é a maioria que pratica a visita aos atrativos culturais.

A pequena cidade de São Miguel das Missões não possui ainda toda a infraestrutura para um salto maior no número de visitantes. Os administradores locais têm consciência disto, mas o mesmo não se observa entre os pesquisados. Eles entenderam a oferta turística como boa, tanto na expectativa quanto na qualificação. A mesma opinião não foi coletada em relação ao transporte até o local. Os ônibus intermunicipais são terríveis. O aeroporto de Santo Ângelo está muito distante, e ir de carro acaba sendo a solução adotada pelos visitantes. A falta de sinalização na estrada foi uma crítica constante. Carinhosos com o monumento cultural e a pequena cidade, sugestionam: por que não criar um clima e colocar placas escritas ao longo da estrada explicando que faltam 150 km, 50 km para chegar às reduções?

Há uma relação afetiva entre o monumento cultural e os turistas. Estes visitantes vieram, em sua maioria, com a família. Não por acaso, poucos pernoveram na cidade. Caso todos o fizessem, a cidade não oferecia lazer para quem desejasse passar o dia e apenas um atrativo noturno para quem ali permanecesse: o espetáculo de Som e Luz. O lazer é necessário e um direito de todo ser humano, pois já está comprovado que sua prática torna menos árdua e mais eficiente as atividades relacionadas à nossa sobrevivência.

Não é uma situação exclusiva de São Miguel, visto que a pequena cidade de Trinidad, e a igualmente pequena São Inácio Mini estão no mesmo patamar. A solução é visitar cidades da região. No caso da Argentina, os turistas vão para Posadas, capital de Misiones. Ou para a pequena e agitada cidade fronteiriça de Puerto Iguazú – terra das

cataratas. Caso atravessem a ponte Tancredo Neves, Foz do Iguaçu é uma cidade moderna e cosmopolita. O sonho dos administradores de São Miguel das Missões é fazer um diálogo de visita com a cidade santuário de Caaró, aumentando o número de visitantes para a casa das centenas de milhares.

Caso um dia isto venha a ocorrer, as ruínas podem até não sofrer com o impacto, visto sua grande área para dispersão. Mas o Museu das Missões, que já não possui espaço nem para as obras expostas, sofrerá ainda mais com o aumento no número de visitantes. Projetado por Lucio Costa, em conjunto com a Casa do Zelador, fazendo um “L” no canto da praça e proporcionando ao visitante a oportunidade de perceber a extensão da mesma, estas obras são intervenções modernistas pouco reconhecidas no contexto do trabalho do urbanista de Brasília (DF). De fato, ali Costa concebeu uma obra que dialoga com a arquitetura vernácula e demonstra toda a sua perícia, muito antes do reconhecimento internacional de seus desenhos, planos e obras consagradas.

Porém, Costa desenhou um pequeno museu que já não dá mais conta do acervo ali instalado. Uma obra arquitetônica não deve rivalizar com o acervo. A grande quantidade de peças líticas e de madeira solicita um novo espaço para que sua preservação seja adequada, algo que o já antigo Museu das Missões não contempla. Triste saber que ele não tinha a mesma opinião. Mais inconveniente é saber que os que ainda vivem não aceitam construir um outro espaço para guarda e exposição do acervo, em respeito à obra arquitetônica de alguém que já faleceu. A construção do Centro de Documentação é necessária. Seu espaço contempla quatro museus, para onde deve ir o acervo do Museu das Missões. De fato, se não se resolver com urgência tal problema, tudo piorará, caso aumente o número de visitantes a este atrativo cultural.

Obras como o maior sino da região missioneira, peças líticas com a fauna e a flora local, uma Santa Catarina com feições indígenas, anjos músicos e outras tantas

peças que carecem de espaço, exposição adequada, proteção, climatização de ar, reserva técnica e laboratório de restauração. Todos estes componentes básicos de um museu estão contemplados no Centro de Documentação, que ainda possui um bar, uma loja e um auditório para recepcionar os visitantes. Lucio Costa registrou, em seu relatório de 1937, que a exposição no museu deveria ser a mais didática possível, para que o visitante compreendesse melhor a significação das ruínas e sentisse que já houve vida dentro em seu interior. O Museu das Missões, construído com seu projeto, visava atender ao visitante. Mas, atualmente, isto não mais ocorre. Os arquitetos e técnicos que trabalham no escritório regional do IPHAN têm um grande respeito por Lucio Costa. E foi seguindo a orientação do mestre de realizar uma obra que ajudasse o visitante a ter uma visão atraente e objetiva do que foram as ruínas (de como era a vida neste local), que realizaram o projeto do Centro de Documentação.

E também deve se registrar que procuraram, especialmente ao longo das duas últimas décadas, inovações que proporcionassem agregação de valor a visitação a São Miguel e também as outras ruínas sob sua responsabilidade. Muito se fez na catalogação das imagens missioneiras, nas obras de preservação sob orientação da UNESCO ou na Conservação Permanente que ali se realiza. Há desde a marca do pequeno escritório técnico do IPHAN a participação em projetos como “Caminho das Missões”, “Rota das Missões” e o Circuito Internacional das Missões, até a realização de mutirões de limpezas, treinamento de guias mirins ou à volta do sino à torre. Toda esta participação é digna de elogios e não deve ser desprestigiada.

Pretendendo que se vá além destes trabalhos, já realizados, uma avaliação do sítio do ponto de vista turístico se fez necessária. Nessa avaliação, os itens apresentados foram elencados pela visitação ao local. Longe de ser uma forma rígida, estes só possuem validade na análise do sítio de São Miguel Arcanjo e na pequena cidade de São

Miguel das Missões. Se forem utilizar os mesmos critérios para outro atrativo cultural, pode ser que eles não se apresentem da mesma maneira como aqui foram utilizados. O mesmo ocorrerá, caso uma lista de critérios de avaliação de outro atrativo turístico, ou provenientes de livros sobre o assunto, seja utilizado nesse objeto de pesquisa. Os critérios aqui estabelecidos são únicos, assim como são suas ruínas.

Nestes critérios, avaliaram-se a infra-estrutura, os equipamentos turísticos e as técnicas interpretativas. Elas não foram divididas de forma proposital. Neste conjunto, percebeu-se que a propaganda sobre São Miguel ainda é pequena, pois poucos sabem de sua existência fora do Estado do Rio Grande do Sul. A imagem projetada sobre a localidade corresponde à realidade encontrada. Isto é importante pois o turista constrói a imagem de um atrativo e, conseqüentemente, de uma localidade, a partir de seu grau de identificação com o atrativo visitado. O acesso externo precisa ser melhorado. O mesmo não se deve afirmar ao acesso local, embora o “L” projetado por Lucio Costa necessite da antiga forma de acesso ao sítio para ser entendida – exatamente no caminho oposto ao realizado nos dias atuais.

A sinalização externa, especialmente nas estradas, é ruim. No nível interno, pode ser melhorado. Eis uma crítica dos visitantes que pode ser aproveitada, visto que as placas em um local onde não há guias tornam-se imprescindíveis. Elas poderiam ser escritas em várias línguas, e, quem sabe, em guarani também. O design utilizado é apropriado. Os folderes vendidos são os mesmos encontrados na Argentina e no Paraguai. Já o brasileiro, oferecido gratuitamente, possui alguns equívocos. estes folderes podem ser melhorados e pessoas capacitadas para sua realização existem. São muitos os pesquisadores que se dedicam a estudar as ruínas de São Miguel.

A recepção no sítio precisa ser ampliada, e contar com mais funcionários para os dias e horários com grande índice de visitação. Novamente, reitera-se a ausência do

Centro de Documentação para este fim. A segurança e os serviços em geral são feitos com dedicação e qualidade. O percurso de visitação é livre, e poderia ser mais bem realizado, caso contasse com um guia ou com a tecnologia de um áudio-guia. Pouco se sabe das possíveis histórias (Patrimônio Cultural Imaterial) que cerceiam a região. Não há agendamento, monitoria e nem atividades didáticas para o público em idade escolar.

O estacionamento é gratuito, mas está mal localizado – ocupando um espaço na zona de proteção histórica. As opções gastronômicas são razoáveis. Os valores pagos pelos visitantes são baixos, a despeito do alto custo para se chegar ao local. O número de leitos nos meios de hospedagem ultrapassa a atual demanda. Entretenimento e atividades de lazer são poucos. No período noturno, há o espetáculo de Som e Luz. Faltava uma agência de banco com caixa 24 horas e ainda não existem lojas de câmbio, mesmo em se tratando de um local visitado por estrangeiros.

Há de se esclarecer que esta avaliação é de um olhar privilegiado pela visita a tantos patrimônios, ministrando aulas e estudando há anos o assunto. Os visitantes raramente percebem o local que visitam com tal criticidade. No caso de São Miguel, tanto em relação ao sítio quanto em relação à cidade, as observações dos turistas foram de um extremo afago. Este local é evocado e desejado com satisfação. Afora as críticas pelas ausências de guias ou de um local para alimentação (próximo ao passeio), poucas e dispersas são as observações negativas. Reconhecem o empenho dos responsáveis pela preservação da pequena cidade e do sítio, agem com delicadeza em relação aos limites impostos pelas adversidades de seu tamanho e indicam sugestões para melhorias que podem muito bem ser aproveitadas pelas autoridades locais.

Estes visitantes se manifestaram com liberdade nos questionários e entrevistas, e foi através da análise destes dados que se fez uma lista de evocações que foram despertadas, em um processo de recepção estética da arte. A recepção estética surgiu no

âmbito da literatura, e tratava sobre a percepção da obra literária junto ao leitor. O leitor, diante dos vazios do texto, deveria encontrar pontos de indeterminação que preencheria de acordo com seu próprio imaginário. No caso da arte, ela é utilizada para entender a impressão das manifestações artísticas no sujeito-receptor.

A base da recepção estética no campo da arte é a sensação despertada. Em uma pesquisa sobre público, busca-se o canal comunicativo do mundo simbólico do sujeito-receptor quando da presença de uma obra de arte. A obra, em si, é um objeto com componentes físico-químicos utilizados em sua fabricação. Quem faz a obra de arte é o sujeito-receptor ao atribuir-lhe valor simbólico. E este receptor, uma vez que entre em contato com a arte, tem sua vida modificada, visto que a arte entra na vida e a vida entra na arte. Os pontos de partida da experiência estética são a sensação e a emoção. A sensação é periférica – a emoção é mais profunda e pode mudar o comportamento. A formação intelectual do indivíduo e o contato com o mundo artístico auxiliam a compreensão da mensagem da obra de arte. Mas isto não impede que a experiência estética seja democrática. O receptor não é uma caixa vazia. E os processos que perfazem a recepção estética não podem se reduzir ao cotidiano ou ao psicológico, pois eles também se inserem em aspectos sociais e culturais. A cultura é como um óculos, por onde o ser humano percebe o mundo pela visão.

No caso da recepção estética das ruínas da redução de São Miguel Arcanjo, entende-se este estudo como mais dinâmico por ser em um monumento cultural tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade, por ser num museu de arte sacra, e nas ruínas de uma igreja como atrativos e devido também ao público alvo da pesquisa: os turistas culturais. Salientando-se novamente que os entrevistados e consultados tiveram liberdade para se manifestar.

Na busca dos valores, os juízos e toda e qualquer manifestação humana despertada por este monumento cultural, durante sua visita às ruínas da redução de São Miguel, o receptor é o objeto primordial da recepção estética. Considerando arte e comunicação como conceitos inseparáveis, a pesquisa registrou interpretações de leitores específicos (turistas culturais), de uma região específica (a maioria é do próprio Estado do Rio Grande do Sul), de um momento específico. Caso ela seja realizada novamente, nos mesmos moldes, apresentará resultados diferenciados porque há uma dimensão histórica na interpretação, além da social. As interpretações são infinitas e mutáveis no tempo e no espaço. Uma interpretação é o encontro de uma pessoa com uma forma, já destacava Pareyson (2001, p. 225). Ela é múltipla, histórica e mutável. Uma obra de arte pode ser lida por qualquer pessoa e isto faz com que as possibilidades de interpretação sejam infinitas. A história não está dissociada deste processo. Por fim, não existe uma interpretação única, e uma obra de arte tem sempre alguma novidade a ser apresentada.

Não se fez uma pesquisa no âmbito da psicologia social da arte, embora se use, em um ou outro momento, de algum referencial teórico da área. A recepção estética aqui analisada se expande tanto quanto o local de sua ação. O Museu das Missões e a igreja em ruínas serviram para despertar, via estética, algum sentimento, alguma reação no visitante. Mesmo que ele não tenha ido buscar a arte. Independente da sua vontade, a arte o encontrou. E o que ela o sugeriu ou modificou foi o cerne desta pesquisa.

E o que sentiu este outro?

Através dos resultados coletados em uma pesquisa mista (qualitativa e quantitativa) – 475 questionários – e em 35 entrevistas diretivas, tentou-se examinar o significado das ruínas e do Museu das Missões no universo simbólico deste visitante (independente de 1/3 não saber da existência do Museu). A análise de dados seguiu a

metodologia desenvolvida por Armando Silva, por ocasião da pesquisa realizada sobre os imaginários urbanos na cidade de São Paulo. Nesta metodologia, buscar as constantes e as diferenças foi o caminho utilizado para analisar os dados coletados na pesquisa de campo.

Quinze por cento não responderam o quê sentiram ao ver a igreja, e 25% sobre o quê as obras do Museu das Missões despertaram no visitante. É o que Bourdieu analisa como não-respostas – a ausência de opinião que tão pouco é levada em consideração nas pesquisas de opinião. Na análise dos resultados válidos, ao contrário das expectativas criadas pelo pesquisador, a arte não foi especificamente o agente motivador da visita ao sítio, pois poucos se referiram a ela.

A maioria apontou uma busca pela História como a motivação para a viagem. Trata-se da busca pela “herança cultural de um povo”, segundo Adejuvon. Tanto nas entrevistas quanto nos questionários, as impressões sobre a arte são dispersas. Ela pouco foi despertada no contato com as ruínas ou o museu, de acordo com os visitantes. E o sentimento mais identificado foi o da admiração (repetida 71 vezes nos resultados coletados nos questionários), especialmente pela capacidade do indígena de realização.

O índio representa o ser humano original, um membro das sociedades prímevas, um momento após descer das árvores ou sair das cavernas e ter aprendido a andar com os pés. Portanto, ele não pode realizar uma obra de arte que não seja a plumária, *n'est pas*? Assim, em um país onde sua responsabilidade criminal é a mesma que a de um menor de idade, causa admiração que o indígena seja capaz de construir uma enorme igreja – visto que na mesma época, no Brasil Colonial –, e realizar imagens em madeira ou pedra. A isto se chamou *admiração pela falta*.

Os visitantes se emocionam com a visita, ficam felizes por estar em São Miguel e percebem quão bela é a antiga redução. O espaço incompleto das ruínas se reconstrói em pensamento, e a imaginação refaz o objeto. Na saída do sítio, deslumbrados com o quê viram e com o quê imaginaram, os turistas saem estupefatos com a capacidade do indígena, especialmente para a época. Ser indígena e construir uma grande igreja deve causar muita admiração, mas fazer isto no século XVIII – com a ausência de recursos que hoje estão a disposição do engenheiro – é de ficar em situação de quase pismo.

Destacar a inteligência, a dedicação, o trabalho, o esforço e a qualidade da mão-de-obra dos indígenas para erguerem estas obras foram evocações que se apresentaram entre os visitantes, quando perguntados sobre o quê as ruínas da igreja despertaram entre eles. Os jesuítas aparecem junto com os índios como construtores de uma obra que ostenta uma beleza arquitetônica digna de admiração. Alguns também demonstraram uma percepção de revolta contra a utilização da mão-de-obra indígena e da forma como foi destruída sua cultura pelo colonizador europeu, representado nestas paragens pelo jesuíta e pela Igreja Católica

O passeio pelas ruínas faz o visitante se sentir pequeno diante da imensidão. Lugar amplo, com direito a revoada de pássaros e muita área verde ao redor, o sítio de São Miguel presenteia ao visitante uma oportunidade de estar em contato com o mundo natural ao mesmo tempo em que se vê inserido nos vestígios do naufrágio das Reduções Jesuíticas dos Guarani. Através do binômio construção/destruição, e respaldado pelo que foi absorvido como imagem deste cenário, qualifica como excelente a preservação do local.

Por fim, uma surpresa nos resultados da pesquisa foi verificar, especialmente nas entrevistas, as opiniões que comparavam as ruínas como um local de forte espiritualidade e de paz. Pode-se afirmar que se trata de um caso de representação

social, entendendo-a como um sentimento socialmente elaborado e partilhado pelas individualidades. Cada entrevistado que tratou sobre as ruínas como um local de forte espiritualidade está inserido dentro do contexto social de um mundo onde o fim das ideologias – especialmente depois da queda do Muro de Berlim – tem feito que o homem busque uma nova utopia.

Cada uma destas pessoas sentiu as ruínas de acordo com seu mundo simbólico, ou como estavam em seu momento espiritual. E usaram os jargões de sua época. Ou melhor, de nossa época. Para entender esta representação social há de se perceber que na falta de códigos, recorre-se aos termos da moda, difundidos pelos meios de comunicação. Nossa época não possui a intensidade da presença do mundo espiritual após a morte, como na Idade Média européia controlada pela Igreja Católica. E já não se vê no horizonte a possibilidade socialista, tragada pelo totalitarismo stalinista, que fez escola pelo mundo. Sem a utopia de uma sociedade diferente, ganha força o esoterismo e a espiritualidade. O que explica o sucesso de livros como os de Paulo Coelho. E também a paz ou a forte presença espiritual emanada das pedras nas ruínas de São Miguel Arcanjo. Somente para adeptos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHA, Juan. **Introducción a la teoría de los diseños**. México, D.F.: Editorial Trillas, 1988.

ALENCAR, José de. **Iracema**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Bom Livro).

_____. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom Livro).

_____. **Ubirajara**. São Paulo: Ática, 1998. (Série Bom Livro).

ALEXANDER, Ricardo Jessé. El Barroco guarani (la estructura del espacio arquitectónico). In: **Simpósio Internazionale Sul Baroco Latino-Americano**. Roma: Instituto Ítalo-latino Americano, vol II, 1984.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol.12, Rio de Janeiro, 2005.

ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **Rodrigo e o SPHAN: coletânea de textos sobre o Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARAÚJO, Emanuel. Negras memórias, O imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão. **Estudos Avançados**. vol.18. no. 50. São Paulo: 2004.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª edição (ampliada e atualizada) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BARCELOS, Artur H. F. **Espaço & arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000 (Coleção Arqueologia 07).

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas, SP: Papirus editora, 1995.

_____. **Turismo e legado cultural**. Campinas, SP: Papirus editora, 2000.

BATISTA NETO, João. Na trincheira. (Editorial) **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. Abril/2007. Documento eletrônico obtido no seguinte endereço: <http://www.eca.usp.br/turismocultural>. Acessado em julho de 2007.

_____. **Os Vestígios de um naufrágio: História das igrejas de Gian Battista Primoli nas Reduções Jesuíticas dos Guaranis – Um Estudo Comparativo Brasil/Paraguai**, 2003. Dissertação Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Panorama de uma evolução: a produção histórica no Brasil**. 1997. Faculdades Integradas Católicas de Palmas, Palmas (PR).

BAUER, Martin W., GASKELL, George & ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

BAZIN, Germain. **L'architecture religieuse baroque au Brésil**. Paris: Plon, 1954 Vol I, Livro II.

BEARDSLEY, Monroe C. e HOSPERS, John. **Estética: historia y fundamentos**. Madri: Catedra, 1990.

BENÉVOLO, Luciano. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BENI, Mario C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2003.

BENJAMIN, Walter **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTOLI, Mariza. **A Sedução dos contrários**. Tese (Doutorado) – São Paulo, 2004. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.

BO, João Batista Lanari. **Proteção do patrimônio da UNESCO: ações e significados**. Brasília : UNESCO, 2003

BOFF, Claudete. **A Imaginária guarani: o acervo do Museu das Missões**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2002.

BOITO, Camilo. **Os Restauradores**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2002.

BOLSON, Jaisa H. Gontijo. A Importância da paisagem na atividade turística. **Revista Turismo**, junho 2004.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.

BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del Espacio Turístico**. México: Ed. Trillas, 1997.

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Zouk, EDUSP, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **As Regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRADLEY, Susan M. Os objetos têm vida finita? In: MENDES, Marylka et alli. **Conservação: conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1988.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC. 2004.

BUSANICHE, Hernan. **La arquitetura en las misiones jesuíticas guaraníes**. Santa Fé: Ed. El Litoral, 1955.

CALEFFI, Paula. **La provincia jesuítica del Paraguay: guaraníes y chiquitos**. Um analisis comparativo. Madri, 1990. Universidad Complutense.

_____. O Traçado das reduções jesuíticas e a transformação de conceitos culturais. **VERITAS**, Porto Alegre, v. 37, nº 145, março 1992, p. 89 a 94.

CAMARGO, Haroldo Leitão. Um guia para descobrir as relações entre patrimônio e Turismo. In: **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002

CARDOSO, Ciro Flamarion da Silva. **O Trabalho na América Latina colonial**. São Paulo: Ática, 1985.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª edição, 1982.

CASA DE AMÉRICA. **Un camino hacia la Arcádia**: Arte en las misiones jesuíticas de Paraguay. Madri: Casa de América, 1995.

CAVALCANTI, Lauro (org.). **Modernistas na repartição**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

CAVALCANTI, Lauro. Encontro moderno: volta futura ao passado. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Invenção do patrimônio**: continuidade e ruptura de uma política oficial de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC, 1995.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e poder: dois Movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/EDUNESP, 2001.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: iluminuras, 2004.

CORONA & LEMOS. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora Ltda, 1972.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo Cultural e Comunicação Interpretativa**: contribuição para uma proposta brasileira. 2001. 265 f. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

COSTA, Lúcio. Arquitetura jesuítica no Brasil. in: **Arquitetura religiosa**. São Paulo: MEC/IPHAN/FAU-USP, 1978, pg. 11/98.

_____. Os Sete povos das missões. In: **A Visão do Artista** – Arte sobre arte: a visão contemporânea das Missões. Catálogo de exposição, 1987.

_____. **Entrevista ao diretor de promoção do IBPC**. IBPC notícias. Brasília, IBPC: 1-5, 27 de fevereiro de 1992.

_____. **Sobre arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários Arquitetura, 1962.

COSTA, Lygia Martins. **De museologia, arte e políticas de patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002, pp 69-72.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª edição (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Karina Poli Lima da. **Patrimônio e lugar**: o turista no espaço rural de Mococa e seu interesse no atrativo histórico cultural. São Paulo, 2003.

CURTIS, J. N. B. O Espaço Urbano e a Arquitetura Produzidos Pelos Sete Povos das Missões. In: WEIMER, Günter (org). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

- CUSTÓDIO, Luis Antonio Bolcato. São Miguel Arcanjo – uma trajetória. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Remanescentes da igreja de São Miguel Arcanjo**: levantamento cadastral. Porto Alegre, Palotti, 1994,
- DE LERY, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo, Itatiaia-Edusp, 1980.
- DE PAULA, Alberto. La Arquitectura de las misiones del Guayrá. In: **Las Misiones Jesuíticas del Guayrá**. Buenos Aires: Manrique Zago Ed./ UNESCO/ICOMOS, 1994.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. São Paulo: Editora Contraponto, 1997.
- DENCKER, Ada de Freitas Manetti. **Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo**. 4ª edição. São Paulo: Futura, 2000.
- DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. **Tombamento e participação popular**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2001.
- DI STEFANO, Roberto. Actualidad en la conservación integrada de las misiones jesuíticas. In: **Las Misiones Jesuíticas del Guayrá**. Buenos Aires: Manrique Zago Ed./ UNESCO/ICOMOS, 1994.
- ECO, Umberto. **Muito além da Internet**. Jornal Folha de São Paulo. 14 de dezembro de 2003.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESCOBAR, Tício. **Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay**. Tomo I. Assunção: Centro Cultural Paraguayo Americano, 1980 (Col. de las Americas 1).
- FARIA, Luiz de Castro. Nacionalismo, nacionalismos – dualidade e poliformia: à guisa de depoimento e reflexão. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Invenção do patrimônio**: continuidade e ruptura de uma política oficial de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN/MINC, 1995.
- FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. **Olho d'água**: arte e loucura em exposição. São Paulo: Escuta, FAPESP, 1995.
- _____. A alteridade da arte: estética e psicologia. **Psicologia-USP**, 05 (12), pp. 35/60, 1994.
- _____. Recepção estética em exposições de arte: ilusão, criação, perversão. In: **A invenção da vida**: arte e psicanálise. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2001.
- _____. Império do olhar a arte de ver. **Tempo Social**: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.7 , n.1-2, p.151-62, out. 1995.
- FREIRE, Cristina. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: Annablume/SESC, 1997.
- FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus pueblos Guaranis**. Buenos Aires: Balmes, 1962.
- GADELHA, Regina. (Org.) **Missões Guaranis: Impacto na sociedade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1999.
- _____. **As Missões Jesuíticas do Itatim**: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GAY, José Pedro **História da república jesuítica do Paraguay**. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, 1863.

GERALDES, Eduardo. Patrimônio ambiental urbano: atualizando o conceito para um turismo urbano possível. **Revista UNIBERO**, maio 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, nº 02, Mar/Abr, 1995, pgs 57-63.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Turismo e museus: um potencial a explorar. In: PINSKY, Jaime e FUNARI, Pedro Paulo. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX**. Tese (Livre-Docência) – São Paulo, 2001. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

_____. Regionalidade e Universalidade na Expressão Artística Latino-Americana. In: BULHÕES, Maria Amélia; KERN, Maria Lúcia. **Artes plásticas na América Latina contemporânea**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **São Miguel das Missões: Diretrizes para o desenvolvimento físico**. Porto Alegre: s/ed., 1979.

GUTIÉRREZ, R. e MAEDER, E.; **Atlas histórico y urbano de la región del Nordeste argentino**. Chaco: Instituto de Investigaciones Neohistóricas, CONICET, FUNDANORD, 1994.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Evolución urbanística y arquitectura del Paraguay 1537-1911**. Assunção: Ediciones Comuneris, 1983.

_____. **As Missões jesuíticas dos guaranis**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1987.

_____. **Las Misiones del Paraguay y San Ignacio Miní**. Conferência dada no Heritage Conservation in South America: challenges & solutions São Paulo, Abril de 2002a. Mimeografado.

_____. San Miguel In: **Documentos de arquitectura nacional y americana**. Resistência (Argentina), nº 14, pp. 63-91, 1982.

HANSEL, José. **A pérola das reduções jesuíticas**: monografia de São Miguel. 4ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

HAUBERT, Máxime. **Índios e jesuítas no tempo das missões** São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (A vida cotidiana).

HAUSER, A. **Historia social da arte e da literatura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.

HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era do capital: 1848-1875**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et alli. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

HÜTTNER, Edison. O Retorno do repicar do sino de São Miguel. Entrevista. **IHU On-Line**, nº 178, 2006. Capturado na Internet em 05 maio 2006, na página <http://www.unisinos.br/ihu/>

ICOMOS. Carta para la protección y administración del patrimonio arqueológico. In: **Las Misiones jesuíticas del Guayrá**. Buenos Aires: Manrique Zago Ed./ UNESCO/ICOMOS, 1994.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Invenção do patrimônio**: continuidade e ruptura de uma política oficial de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC, 1995 (Série Debates 2).

_____. **Cartas Patrimoniais**. Acessado em www.iphan.gov.br, em maio de 2006.

_____. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília: 1980.

_____. **Remanescentes da igreja de São Miguel Arcanjo**: levantamento cadastral. Porto Alegre: Palotti, 1994.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

KERN, Arno Alvarez. Missões jesuítico-guaranis: uma utopia histórica. In: **A visão do artista** – Arte sobre arte: a visão contemporânea das Missões. Catálogo de exposição, 1987.

_____. **A Arqueologia histórica, a história e os trinta povos das missões**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. **Missões**: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

_____. **Relatório de pós-doutorado**. Paris: CNPq/EHESS, 1988. (Mimeografado).

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **Os rituais de tombamento e a escrita da História**: bens tombados no Paraná entre 1938-1990. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná/Editora da UFPR, 2000. (Pesquisa nº 51).

KING, Steve e PEARSON, Colin. Controle ambiental para instituições culturais: planejamento adequado e uso de tecnologias alternativas. In: MENDES, Marylka et alli. **Conservação**: conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo**: reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: Ateliê Editorial, FAPESP/Secretaria da Cultura, 1998.

LA SALVIA, Fernando. A Arqueologia nas missões e uma perspectiva futura. In: **Simpósio Nacional de Estudos Missionários**. (5: 1983 Santa Rosa, RS) Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. O espaço missioneiro.

LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LAGE, Beatriz. Teorias da comunicação de massa: paradigmas básicos. In: CORRÊA, Tupã Gomes (org.). **Comunicação, marketing e cultura**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEAL, Fernando Machado. São Miguel das Missões. In: **Revista do Patrimônio**, nº 19, Rio de Janeiro, 1994.

LEMOS, Carlos A. C. **O Que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **São Miguel da humanidade**: uma proposição antropológica. Porto Alegre: SAMRIG, 1984.

LIMA, Luís da Costa. A Escola de Konstanz. Palestra apresentada no Seminário Internacional **Arte contemporânea não Museu: Imagens e discursos**. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 10/17-out-1997.

_____. **Literatura e leitor**: textos de estética da recepção. 2ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LOPES NETO, Simões. **Contos gauchescos e Lendas do Sul**. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

LUGON, Celso. **A república “comunista” cristã dos guaranis**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

LUZ, Maturino Santos da. **Museu das Missões**: uma modernidade incompreendida. Monografia da disciplina Arquitetura Moderna Brasileira I (Mestrado). PROPAP – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MACIEL, Maria Eunice. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da UNIVAMP, 2004.

MARINHO, Victor Noel Saldanha e SILVA, Marinho e Maurício Dias da. **Relatório do Projeto Museográfico de 1954**. Arquivo do Departamento de Identificação do IPHAN, Rio de Janeiro. Capturado em janeiro de 2006 no site www.missoes.iphan.gov.br/textos/turisc.htm

MARTINS, Nestor Torelly. A Arquitetura missioneira. In: UNISINOS **Missões jesuíticas dos Guaranis** São Leopoldo: Unisinos, 2000.

MATTAR, Fauze Najib. Análise crítica dos estudos de estratificação sócio-econômica de ABA-ABIPEME. In: **Revista de Administração**, São Paulo v.30, n.1, p. 57-74, janeiro/março 1.995

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MAYERHOFER, Lucas. **Reconstituição do povo de São Miguel das Missões**. Rio de Janeiro: s/ed., 1947.

MENASPÉ, S. J. Clement. **Una visita a las Ruinas Jesuíticas**. Assunção: CEPAG, 1987.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 1986

MELIÁ, Bartolomeu. **El guarani conquistado y reducido**: ensayos de etnohistoria. 4ª ed. Assunção: CEADUC/CEPAG, 1997 (Biblioteca Paraguaya de Antropología – Vol. V).

_____. La reducción según los Guaraníes: dichos e escritos In: GADELHA, Regina (Org.) **Missões Guarani: Impacto na sociedade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1999, 57.

_____. Y La utopía tuvo lugar... Las reducciones guarani-jesuíticas del Paraguay. In: **Un camino hacia la Arcádía: Arte en las misiones jesuíticas de Paraguay**. Madri: Casa de América, 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina. Por uma sócio-história do Estado no Brasil. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Invenção do patrimônio: continuidade e ruptura de uma política oficial de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC, 1995 (Série Debates 2).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História** [online]. 2003, vol. 23, no. 45 [citado 2007-07-17], pp. 11-36.

_____. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo e outros. **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MICELI, Sérgio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Nº 22, p 44 – 47, 1987.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. THIOLENT, M.J.M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5.ed. São Paulo: Polis, 1987.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Acessível em <http://www.mtecbo.gov.br/>, em julho de 2006.

MONTEIRO, John M. **Negros da Terra: Índios e Bandeirantes nas origens de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MUSEU DA BRIGADA MILITAR. **Museus do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Companhia das Idéias, 2000.

NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris, França: Les Frances, Galimard, 1992.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

ORTIZ, Fernando. **El Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Ciencias Sociales, 1983.

PADILHA, Luiza de Faria. **Paz através do turismo: utopia ou realidade? Uma investigação sobre a relação entre turismo, educação e paz**. Trabalho de Conclusão de Curso [Monografia] Curso de Turismo. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história: nove entrevistas**. Editora da UNESP, 2000, p.145

PANOFKY, Erwin. "Iconografia e iconologia"; uma introdução ao estudo da arte da Renascença". In: **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo, Perspectiva, 1991.

PAREYSON, Luigi. **Os Problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Dicionário enciclopédico de Ecologia e Turismo**. São Paulo: Manole, 2000.

_____. **Ecologia, Cultura e Turismo**. 5ª edição. Campinas, SP: Papirus, 1993.

PERASSO, José. **Historia y arqueologia del pueblo de la Santísima Trinidad del Paraná**. Assunção, RP Ediciones/CEHILA, 1992.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Univamp, 2004.
- PESSOA, João. **Lúcio Costa**: documentos de trabalho. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.
- PINSKY, Jaime. **A Escravidão no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1988.
- PIRES, Maria Coeli Simões. **Da Proteção ao patrimônio cultural**. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.
- PIRES, Mário Jorge. **Lazer e Turismo Cultural**. São Paulo: Editora Manole, 2001.
- PIRES, Paulo S. Interfaces ambientais do turismo. In: TRIGO, Luiz G.G. (org.). **Turismo: Como aprender, como ensinar**. Vol.1. São Paulo: Ed.SENAC, 2001.
- PLA, Josephina. **Obras Completas II**. Assunção: ICI/RP Ediciones, s/d
- QUADROS, Waldir José de. Classe média encolheu no 1º ano de Lula (**Correio Popular** - Cidades - 13/11/2004). Documento eletrônico obtido no seguinte endereço: http://www.unicamp.br/unicamp/canal_aberto/clipping/novembro2004/clipping041113_correiopop.html. Acessado em julho de 2007.
- QUEVEDO, Júlio. **As Missões**: crise e redefinição. São Paulo: Ática, 1993.
- RABUSKE, Arthur. São Miguel: Patrimônio da humanidade. In: **Cadernos FUNDAMES** Santo Ângelo (RS), Ano II, nº 3, setembro de 1985.
- _____. A Cruz missioneira. In: **Cadernos FUNDAMES** Santo Ângelo (RS), Ano I, nº 2, junho de 1984.
- RAMA, Angel. **Transculturación Narrativa en América Latina**. México, DF: Siglo XXI, 1982.
- RAMPAZZO, Renata Pinheiro. **O Paraíso encontrado**: um estudo de caso dos impactos do turismo sobre a comunidade caiçara do pouso da Cajaíba (Paraty – RJ). Trabalho de Conclusão de Curso [Monografia] Curso de Turismo. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2007.
- RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir. In: PINSKY, Jaime e FUNARI, Pedro Paulo. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial**: os conquistadores. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. São Paulo: EDUSP, 1974.
- SALA JR, Dalton. **O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: História Oficial e Estado Novo. Dissertação (Mestrado) - São Paulo, 1988. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- SEPP, Anton. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. São Paulo: Martins Ed./EDUSP, 1972.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª. ed. São Paulo: Cortez, 2004

SILBERBERG, Ted. Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. In: **Tourism Management**. vol 16 (5), 1995.

SILVA, Greta Chrystianne de Andrade. **Mensuração de qualidade do City Tour em São Paulo**: uma proposta metodológica. Trabalho de Conclusão de Curso [Monografia] Curso de Turismo. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. **As Missões Orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: ERUS, 1929.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMON, Mário. **Os Sete Povos das Missões**: trágica experiência. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993, 3º ed.

SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasil: SPHAN/Pró-memória, 1980.

STELLO, Vladimir Fernando. São Miguel: uma proposta de intervenção. In: **Congresso Latino-Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística** (1: 1992 Porto Alegre RS) Anais do Congresso Latino-Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística: perspectiva para sua preservação.

STORNI, Hugo. **Catalogo de los jesuítas de la Provincia del Paraguay** (cuenca del Plata) 1585 – 1768. Roma: Institutum Historicum, 1980.

SUSTERSIC, Bozidar Darko. La Escultura en el río de la Plata durante el periodo colonial. In: GUTIÉRREZ, Ramón (org.) In: **Pintura, escultura y artes útiles en Iberoamérica** 1500-1825. Madri: Editora Cátedra, 1995.

_____. **Templos jesuítico-guaraníes**. Buenos Aires: Editora da Universidade de Buenos Aires, 1999.

TIRAPELI, Percival. **Patrimônios da humanidade no Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2000.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo**: três cidades em um século, São Paulo, Duas cidades, 1983.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. 3.ed São Paulo: Maranus, 1945.

TRENTIN, Janaína. **A visitação de turistas estrangeiros aos museus de arte da cidade de São Paulo**: um estudo de caso sobre o MASP e a Pinacoteca do Estado. Trabalho de conclusão de curso. Turismo. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo. 2004.

TREVISAN, Armindo. **A escultura dos sete povos**. Porto Alegre: Movimento, 1978.

_____. **O Barroco missioneiro**: equilíbrio entre legibilidade, simbolismo e emoção. Mimeografado, S/D.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi & PANOSSO NETTO, Alexandre. **Reflexões sobre um novo turismo**: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **América e outras viagens**. São Paulo: Papirus, 2002.

_____. **Turismo básico**. São Paulo: Editora SENAC, 1995.

UNISINOS. **Missões jesuíticas dos Guaranis** São Leopoldo: Unisinos, 2000.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso. São Paulo: SIBi, 2004.

VIEIRA, Mabel Leal; COUTINHO, Maria Inês. **Inventário da imaginária missioneira**. Canoas (RS): La Salle, 1993.

VIEIRA, Maria Elvira Melo. **Um olhar vassalo**: perfil do público na amostra da pintura francesa do Museu de Arte de São Paulo. Dissertação (Mestrado) Instituto de Psicologia da USP, 1997.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. **Restauração**. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2000.

WAKAHARA, Julio Abe. **Ruínas de São Miguel das Missões e outros remanescentes arquitetônicos e artísticos das reduções jesuíticas do Brasil, Argentina e Paraguai**. Um discurso visual. 1981. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.

WEBER, Jean-Paul. **La Psicología del arte**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1966.

WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Fonte das Ilustrações

Imagem	01	Cruz missioneira e fachada da igreja de São Miguel João Batista Neto, 2005
Imagem	02	Mapa das Reduções Jesuíticas dos Guaranis IPHAN
Imagem	03	Fachada da igreja de São Inácio Mini, Argentina Secretaria de Turismo, Misiones (Arg)
Imagem	04	Arcanjo São Miguel IPHAN
Imagem	05	São Tiago Matamouros – Redução de Santiago, Paraguai SENATUR (Par)
Imagem	06	Plano da Redução de S. Inácio Mini, Argentina Secretaria de Turismo, Misiones (Arg)
Imagem	07	Desenho da fachada da igreja de Trinidad, Paraguai Gutiérrez e Maeder, op cit.
Imagem	08	Anjo pianista no friso da igreja de Trinidad, Paraguai UNISINOS
Imagem	09	Igreja de São Miguel a partir das ruínas do colégio – atual e virtual João Batista Neto, 2005

Imagem	10	Igreja de São Miguel a partir das ruínas do colégio – atual e virtual IPHAN
Imagem	11	Ornamentação no capitel João Batista Neto, 2005
Imagem	12	Fonte missioneira Fonte Missioneira – Rodrigo Flores http://www.flickr.com/photos/mochileiro/275393131/
Imagem	13	Desenho da fachada da igreja de São Miguel, por Cabrer IPHAN
Imagem	14	Risco de São Miguel IPHAN
Imagem	15	Desenho do viajante francês Demersay IPHAN
Imagem	16	Vista aérea da cidade de São Miguel das Missões Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões
Imagem	17	Mapa das regiões que compõem o Estado do Rio Grande do Sul FEE/Núcleo de Contabilidade Social – 1996 (RS)
Imagem	18	Turistas brasileiros visitando São Miguel João Batista Neto, 2005
Imagem	19	Ruínas do <i>cabildo</i> de São Nicolau João Batista Neto, 2005
Imagem	20	Pedra ornamentada encontrada em São Lourenço João Batista Neto, 2005
Imagem	21	Arquiteto Wladimir Stello (IPHAN) nas ruínas de São João Batista João Batista Neto, 2005
Imagem	22	Museu das Missões a partir da praça João Batista Neto, 2005
Imagem	23	Santo Isidoro Lavrador João Batista Neto, 2005
Imagem	24	Nossa Senhora da Conceição com o menino Jesus João Batista Neto, 2005
Imagem	25	Nossa Senhora da Conceição João Batista Neto, 2005
Imagem	26	Nossa Senhora da Conceição (detalhe) João Batista Neto, 2005
Imagem	27	Santa Catarina João Batista Neto, 2005
Imagem	28	Santa Catarina [detalhe] João Batista Neto, 2005
Imagem	29	Arcanjo São Miguel João Batista Neto, 2005
Imagem	30	Imagem zoomórfica feita em pedra João Batista Neto, 2005
Imagem	31	Acervo, foto de Pedro Antonelli, por volta de 1939/40

		IPHAN
Imagem	32	Lucio Costa
		IPHAN
Imagem	33	Museu das Missões
		João Batista Neto, 2005
Imagem	34	Fotografia do projeto museográfico implantado em 1954
		IPHAN
Imagem	35	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha
		Barcelona Pavillion - crd5544
		www.flickr.com
Imagem	36	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha
		Barcelona Pavillion - curls & dom
		www.flickr.com
Imagem	37	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha
		Barcelona Pavillion – mich
		www.flickr.com
Imagem	38	Pavilhão Mies van der Rohe – Barcelona, Espanha
		Barcelona Pavillion - run_time
		www.flickr.com
Imagem	39	Ariston J. Corrêa Filho limpando uma escultura
		João Batista Neto, 2005
Imagem	40	Igreja vista do lado de fora do sítio
		João Batista Neto, 2005
Imagem	41	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante
		Lucio Costa
		IPHAN
Imagem	42	Perspectiva de Lucio Costa, com a casa do zelador (à dir.)
		IPHAN
Imagem	43	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante
		Paulo Thedim Barreto
		IPHAN
Imagem	44	Museu das Missões, a partir da praça
		João Batista Neto, 2005
Imagem	45	Planta baixa do Museu das Missões e da Casa do Zelador – Variante
		Lucas Mayerhofer
		IPHAN
Imagem	46	Planta baixa do Museu das Missões. Casa do Zelador e da igreja de
		São Miguel
		IPHAN
Imagem	47	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]
		IPHAN
Imagem	48	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]
		IPHAN
Imagem	49	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa]
		IPHAN

Imagem	50	Centro de Documentação [maquete, virtual e planta baixa] IPHAN
Imagem	51	Visão da entrada original para visitar as ruínas IPHAN
Imagem	52	Visão da entrada atual para as ruínas, a partir da portaria João Batista Neto, 2005
Imagem	53	Possível visão da entrada, a partir do Centro de Documentação João Batista Neto, 2005
Imagem	54	Museu das Missões - visão noturna João Batista Neto, 2005
Imagem	55	Imagens missioneiras ICOMOS
Imagem	56	Chafariz João Batista Neto, 2005
Imagem	57	Sino João Batista Neto, 2005
Imagem	58	Foto aérea das Ruínas – 1982 IPHAN
Imagem	59	Obras de consolidação da fachada na década de 1980 IPHAN
Imagem	60	Inclinação da fachada, restaurada na década de 1980 João Batista Neto, 2005
Imagem	61	Inclinação da fachada, restaurada na década de 1980 IPHAN
Imagem	62	Boné do Caminho das Missões João Batista Neto, 2005
Imagem	63	Reconstituição virtual IPHAN
Imagem	64	Pedra de moinho quebrada, em Trinidad – 1996 e 2002 João Batista Neto, 1996
Imagem	65	Pedra de moinho quebrada, em Trinidad – 1996 e 2002 João Batista Neto, 1996
Imagem	66	Parede em adobe do colégio, em Trinidad – 1996 e 2002 João Batista Neto, 1996
Imagem	67	Parede em adobe do colégio, em Trinidad – 1996 e 2002 João Batista Neto, 1996
Imagem	68	Placa na redução de São João Batista João Batista Neto, 2005
Imagem	69	Funcionário Nelci na Portaria de acesso João Batista Neto, 2005
Imagem	70	Seguranças de São Miguel: Antonio Carlos, João e a cadela Shana João Batista Neto, 2005
Imagem	71	Estacionamento João Batista Neto, 2005

Imagem	72	Souvenir João Batista Neto, 2005
Imagem	73	Centro de Informações Turísticas João Batista Neto, 2005
Imagem	74	Som e Luz João Batista Neto, 2005
Imagem	75	Som e Luz João Batista Neto, 2005
Imagem	76	Som e Luz João Batista Neto, 2005
Imagem	77	Som e Luz João Batista Neto, 2005
Imagem	78	Som e Luz – problemas: trailer e caixas de som João Batista Neto, 1996
Imagem	79	Som e Luz – problemas: trailer e caixas de som João Batista Neto, 1996
Imagem	80	Guia e o clube de Mães de Liberato Salzano (RS) João Batista Neto, 2005
Imagem	81	Espetáculo Som e luz em corpos Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões
Imagem	82	Ruínas da igreja A sense of Drama - Mathieu Struck http://www.flickr.com/photos/mathieustruck/385905989/
Imagem	83	Visitante respondendo o questionário na portaria João Batista Neto, 2005
Imagem	84	Anjo João Batista Neto, 2005
Imagem	85	Egos sum João Batista Neto, 2005
Imagem	86	Estátua de Sepé Tiaraju, em S. L. Gonzaga Sepé Tiaraju - escultura de Vinícius Ribeiro - sandratssantos http://www.flickr.com/photos/17939745@N00/326290481/
Imagem	87	Sino IPHAN
Imagem	88	Anjo João Batista Neto, 2005
Imagem	89	Anjos Angelos - Mathieu Struck http://www.flickr.com/photos/mathieustruck/410120045/
Imagem	90	Fachada da igreja em ruínas Ruínas de São Miguel das Missões - mi_ss http://www.flickr.com/photos/photo_miss/206755302/in/set-72157594219016217/
Imagem	91	Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo IPHAN

Imagem	92	Fachada da igreja João Batista Neto, 2005
Imagem	93	Pedra Grés UNISINOS
Imagem	94	Pedra arenítica UNISINOS
Imagem	95	Colunas da igreja João Batista Neto, 2005
Imagem	96	Operário trabalhando na restauração, durante a década de 1980 IPHAN
Imagem	97	Ruínas das casas indígenas João Batista Neto, 2005
Imagem	98	Placa na entrada do Hotel Barricello Zona urbana de São Miguel das Missões - Rodrigo Flores http://www.flickr.com/photos/mochileiro/302178207/
Imagem	99	Fachada da igreja – visão noturna Ruínas das missões – Adriano Soldatelli http://www.flickr.com/photos/8448862@N04/511036696/
Imagem	100	Festa nas missões Festa nas Missões – Goldemberg Fonseca http://www.flickr.com/photos/goldemberg/103281691/in/pool-missions/
Imagem	101	Espetáculo de Som e Luz Igreja São Miguel das Missões – Franco Hoff http://www.flickr.com/photos/francoveg/699780400/
Imagem	102	Pórtico na entrada da cidade Monument - Mike_Hall www.flickr.com
Imagem	103	Pórtico na entrada da cidade Iphan
Imagem	104	Índia Guarani vendendo artesanato no Museu das Missões Ruínas de São Miguel das Missões2 - Christian Grosch http://www.flickr.com/photos/christiangrosch/345489419/
Imagem	105	Foto aérea das ruínas de São Miguel Arcanjo Iphan
Imagem	106	Igreja a partir do cemitério João Batista Neto, 2005
Imagem	107	Reconstituição virtual do mesmo ângulo Iphan
Imagem	108	Ruínas do Cotiguaçu – Casa das viúvas João Batista Neto, 2005
Imagem	109	Visão das ruínas com neblina Wladimir Stelo, Iphan
Imagem	110	O Pesquisador João Batista Neto, 2005

ANEXO

OPINIÕES OBTIDAS NAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

ARTE

[as ruínas] São majestosas, uma obra de arte.

A admiração pelos jesuítas e por tudo que fizeram a admiração da arte dos sete povos.

A beleza da arte jesuíta.

A dificuldade em aprofundar o trabalho arqueológico, tão importante, tão sem recursos.

A forma artesanal de trabalho da época.

A minuciosidade dos trabalhos realizados com perfeição daqui da terra - um olhar para os céus.

A perfeição das expressões das imagens.

A perfeição das obras e das construções.

A perfeição das pedras.

A perfeição e a paciência que eles têm para fazer as esculturas.

A perseverança dos jesuítas na orientação dos índios para o trabalho de construção da igreja, a delicadeza dos desenhos, do acabamento; a arquitetura, a engenhosidade, a capacidade da elaboração dos detalhes, tudo verdadeiramente obra de arte.

A qualidade das obras demonstra o impressionante grau artístico atingido.

A qualidade dos artesãos em esculpir a madeira, mostrando que eram grandes mestres para a época.

A religiosidade em que foi proposta pela missão.

A sensibilidade aflora. Por mais pelo duro que seja o visitante, não tem como não se emocionar com tamanha sensibilidade.

Achei muito interessante, as obras serem feitas em madeira e com tanta precisão.

Admiração da beleza e de como estão sendo conservadas.

Admiração e respeito por aqueles que nos deixaram obras tão maravilhosas.

Admiração e respeito.

Admiração pela antiguidade das peças.

Admiração pela arte dos jesuítas.

Admiração pela beleza artística.

Admiração pela capacidade de trabalho de quem as fez, demonstrando toda a arte em termos de um trabalho feito à base de bens e meios naturais.

Admiração pela habilidade do índio.

Admiração pela maneira como os índios artistas por meio das obras transmitiram todos os sentimentos atribuídos aos santos.

Admiração pela sensibilidade para a época em que foram realizadas.

Admiração pelo esforço dos jesuítas em ensinar o ofício da escultura e dos índios em executá-la.

Admiração pelo talento dos artistas.

Admiração pelo trabalho dos índios e dos padres jesuítas.

Admiração pelo valor histórico-cultural e antropológico.

Admiração pelos detalhes.

Admiração pelos seus criadores, que deveriam ser verdadeiros artistas.

Admiração pelos povos que aqui moraram.

Admiração por tão belas obras.

Admiração. **[repete-se por dez vezes]**

Admiração. Fica-se admirada do grande acontecimento, em épocas tão revoltas.

As imagens chamaram atenção muito mais que as ruínas.

As imagens como foram feitas de madeira, das pedras colocadas com o barro, a altura.

As imagens têm alto grau de elaboração artística, espantoso para a época.

As imagens, apesar do tempo, estão perfeitas.

Atenção, cuidado, delicadeza e percepção da figura humana.

Barbaridade! Eu gostei muito das obras. Os santos que criaram esta arte foram inspirados.

Bem uma emoção por ver a fé expressada por essas obras de arte. Mas sua riqueza no próprio talhar a escultura.

Com a criatividade de fazer aquelas esculturas.

Como eram belos os trabalhos manuais feitos pelos índios e a perfeição das imagens de madeira.

Como eram desenvolvidos.

É chocante. São fisionomias muito tristes. O povo daqui era muito sofrido - essa é a sensação que eu tive. É muito gratificante por ser uma arte conquistadora.

Em termos religiosos não desperta nada, mas é interessante ver a absorção destes índios da arte estrangeira.

Entusiasmo, alegria, euforia, uma paz interior muito grande. As obras são de uma riqueza de detalhes maravilhosos ...

Excelente pelas obras de arte.

Exuberância artística.

Inspiração.

Magia, retrospectiva do passado, encantamento, sofrimento ... Enfim, um mundo de sonhos, magias e a dura realidade.

Mas senti como os artesões entalhando cada uma das peças.

Meu lado artístico.

Muita emoção. Simplicidade e pureza nas formas.

Muita tristeza [nas obras].

Muito boa a qualidade artística, mas acho que as obras poderiam ser restauradas.

Muito emocionada com a capacidade de criação humana.

Muito emocionado. Muito bem feita essas obras pelos índios. Trabalho em madeira bem feito, hoje os santos são de gesso e não tem graça nenhuma.

Muito preservada e limpa. Visitar um lugar em que viveram milhares de pessoas e que já foi destruído pelas mãos dos homens deixa um sentimento de culpa. Por outro lado, como há 400 anos atrás houve um desenvolvimento artístico tão grande.

O "santo do pau oco" e o sino de 1726.

O contato com uma forma de arte que mescla duas mentalidades humanas: a européia e a ameríndia (no caso, a guaraníca). O trabalho na madeira demonstra a graça, a habilidade e o puritanismo associado aos martírios das imagens de Cristo.

O espetáculo das obras e as esculturas.

O grande amor colocado nas obras.

Obras de arte.

Os detalhes das obras impressionam, despertam um impressionismo de realidade.

Que foi feito o possível para conservá-las. Admiração pelos guarani e pelos jesuítas.

Resume-se em maravilhoso.

Rica em detalhes.

São artistas incríveis. Grandes artistas.

Senti como se estivesse vivendo naquele tempo, sofrendo tudo aquilo que os seus antepassados sujeitaram. Parece que aquele lugar está impregnado de uma magia inexplicável.

Sentimento de dor, de desespero, de luta [as imagens].

Sentimento de orgulho, onde um povo organizado, tudo pode. É emocionante ver as ruínas da igreja, você sai com um "nó da garganta".

Quanto ao que a obra lhe passou de sensação, ela sente gratidão por estar no local e poder ver essas obras e edificações: "agradeço cada vez que eu posso passar num lugar assim e recuperar na memória alguma coisa mais antiga que foi esquecida. Gratidão por eles." Ela chega a chorar de emoção "porque se perdeu tanto da nossa cultura, sabe? Essa descendente de índio se perdeu tanto da nossa cultura... Da nossa toda aqui da América do Sul..."

Marcos achou as imagens muito bonitas e representativas da história. "Essas pessoas que fizeram isso. Elas tinham algo diferente, elas queriam fazer algo diferente, já naquela época". Critica o estado que se encontram (de má preservação), mas acha o trabalho "grandioso".

Marcos acredita que os índios fizeram o trabalho com o "coração", que não foram forçados a fazer isso. "Acredito que não foi uma coisa forçada. Acredito que foi uma coisa que saiu lá do coração deles de fazer esse trabalho. Porque além disso é um dom [...] não é todo mundo, a gente sabe que não é todo mundo que tem essa capacidade de fazer isso, de esculpir alguma coisa".

S: Sente a presença do guarani como energia, mas também percebeu, nas formas das esculturas, a influência da percepção guarani: "a gente vê os corpos redondos né, as pernas são todas pernas gordinhas, braços curtos... as pernas são todas trabalhadas, são musculosas, por quê? Porque a distância que eles andavam pra carregar as coisas tinha que ser forte, né, pra pegar água, nós fomos nas

fontes! Então tinham que andar, tinha que ter músculo [...]então a gente tem que ter a cultura nossa, valorizar as formas que eram, né, dos índios mesmo, dos próprios índios, dos próprios colonizadores”.

Na opinião de T, somente com muita fé para conseguir realizar essas obras:

Do museu, diz que arrepiou-se: “Eu vi as imagens, vi muita tristeza na fisionomia das imagens. Não tem nenhuma alegria. Todo mundo com aquela fisionomia triste, sem perspectiva nenhuma. Eu falei: ‘puxa, o povo sofria muito aqui’. Era um povo sofrido, mas pelas imagens que eu vi...”

O que lhe chamou mais atenção nele, foi o estado de má conservação que as obras se encontram, e suas fisionomias. Embora diga que não percebeu a “presença” guarani nas obras, afirma que “quando eu vi as imagens eu notei só o sofrimento deles”. “Eu acho que quem fez esse trabalho deveria ter um espírito muito evoluído para construir uma coisa tão perfeita, uma imagem tão bonita, esculpir na madeira. Isso é uma obra divina”.

Já da construção, reflete no fato do tamanho das pedras, na falta de recursos e na dificuldade para a edificação: “Você já pensou aqueles coitados carregar aquelas pedras daquele tamanho, uma por uma? Olha precisa ter uma força interior muito grande”. “E tem que ter uma ajuda espiritual, eu acredito. Se você não tiver uma ajuda espiritual, você não consegue. Você tem que ter, porque a gente tem fé naquilo que a gente faz, e essa fé vem acompanhada do teu espírito protetor. Não sei o que você acha, mas, pelo menos na minha filosofia é assim.

Ti:

Não percebeu a “mão” guarani no museu: “A gente não quer voltar para o folclorismo barato com arco e flecha, etc. Eu senti isso”. “Eu não vi mais nada do povo Guarani”. “Essa parte do (da mão do Guarani). Eu senti uma grande falha. Não a falta, uma falha mesmo, de ter (a mão). Não sei se isso é de propósito”. (acho que ele pensa no sentido de que o povo guarani não resgatou sua cultura e seu modo de viver).

Diz, no entanto, que percebeu que a fisionomia dos santos lembravam mais a fisionomia dos índios que dos europeus, bem como o corpo das esculturas: “Mas eu senti que as mulheres bonitas, os homens com sua masculinidade, os anjos aqui brincando. Eu gostaria de pensar que essa é uma visão Guarani da realidade”.

Ra

Gostou da imagem de um anjinho (um voando), que achou bem naif: “Acho que esse anjinho mostra, como se diz, uma ingenuidade dos índios, é bem ingênuo...”

Diz perceber a influência dos guarani nas obras, principalmente porque conhece as obras de outras Missões: “mas acho que 90% das peças que tem aqui, são, tem características não indígenas, mas tem características das peças feitas nas missões, então se você conhece algo das peças, você sabe que são peças feitas pelos indígenas”.

A EMOÇÃO

A emoção que sentimos a ouvir a narração histórica é imensa. A figura e valentia do índio Sepé Tiaraju nos leva as lágrimas. Eu vi lágrimas escorrendo no rosto de jovens que estavam do meu lado.

Achei que foi muito triste o que aconteceu aqui.

Comoção.

Despertou alegria [repete-se por quatro vezes]

Despertou maravilhas.

Despertou muita alegria por estar num lugar tão bonito.

Emoção e curiosidade.

Emoção [repete-se por dezessete vezes]

Emoção por tantos fatos passados por aquela população que alguma verdade tinham em sua busca, o que me fica demonstrada nas forças que me parecem ter aquelas paredes que ficaram.

Emoção. Tristeza por ter chegado a esse ponto de ruína.

Encantamento e cultura.

Encantamento; deslumbramento; também uma certa tristeza por saber o que aconteceu aqui...

Encanto e admiração.

Encanto e admiração.

Encanto.
Encanto.
Fantásticos, surpreendentes.
Fascínio pelas ruínas.
Felicidade pela conservação e beleza das obras.
Fiquei chocada porque não imaginava ver imagens assim.
Fiquei fascinada.
Fiquei impressionada com detalhes e perfeições das obras.
Fiquei muito admirada.
Grande tristeza de ver sem perna, sem braço.
Grandiosidade, desprendimento.
Impressionam.
Magnífico
Me emocionei.
Medo e emoção, pois estava em um lugar onde teve muitos acontecimentos bons e ruins.
Muita admiração e até mesmo emoção.
Muita surpresa.
Muita tristeza e emoção.
Muita tristeza e emoção.
Satisfação.
Satisfação.
Sensibilidade.
Senti mais alegre e feliz ao encontrar tanta beleza nas terras das misões.
Sim, despertou muitas coisas, que eu já tinha ouvido dizer, mais não acreditava que fosses estas maravilhas.
Solidão.
Tranquilidade.
Tristeza.
Um certo encantamento.
Um enorme sentimento de paz e felicidade por estar aqui.
Um fascínio muito grande.
Um misto de admiração e revolta.
Um misto de prazer (pela contemplação da beleza) e raiva (pelo abandono das autoridades federais e pela covardia narrada na história).
Um sentimento de profunda tristeza, sensação de grande perda.
Uma coisa que eu não acreditava que os outros falavam e que agora eu acredito.
Uma emoção muito grande.
Uma grande emoção, o trabalho dos índios.
Uma grande emoção.

O BELO

A arte é bonita, mas é um aspecto muito triste ver a destruição.
A beleza da imagem e a quantidade apresentada despertou-me para o nível cultural da época.
A beleza, a fé, o trabalho artístico
A buniticeza. (sic)
Achei lindo, o detalhe das obras, o cuidado com que os índios produziam as obras e a beleza das mesmas.
Achei lindo. Fiquei emocionada de ver imagens de tantos anos.
Achei tudo lindo, pois pra mim, que nunca tinha visitado está tudo perdido.
Admiração, perplexidade pela dimensão, perfeição.
As obras são belíssimas.
Beleza ii
Coisa mais linda que eu achei. Meu marido aplicava *jimo cupim* nas estátuas. Eu acho que nunca mais eu volto, porque me dá uma tristeza que nem você sabe.
Lindas e sacrifício.
Lindo pelas artes.
Muitas bonitas as obras e poderia ficar em destaque os sinos.
Muito linda

Muito lindo, bem organizado.
Pela beleza de suas esculturas.
Pensar na capacidade que Deus colocou no homem em fazer o Belo, com matéria simples (pedra, madeira).
Perfeição das obras para os indígenas.
Perfeição das obras.
Perfeição. Qualidade. Magia. Arte.
Por ser um local muito bom e agradável.
Principalmente as imagens tão perfeitas.
São imagens interessantes e as obras são muito bonitas.
São obras magníficas feitas com extrema perfeição.
Todas as imagens são bonitas.
Todas são belíssimas.
Uma obra muito bonita.

ADMIRAÇÃO PELA FALTA

A capacidade de erguer pedras tão pesadas e a perfeição de seu porte.
A inteligência do povo daquela época e a capacidade de construir essas construções.
A maneira que foi construída.
A perfeição das esculturas para a época.
A precisão em sua construção, pois a durabilidade da obra é impressionante.
A qualidade dos artesãos em esculpir a madeira, mostrando que eram grandes mestres para a época.
A visita as imagens preservadas nos mostra um grande potencial de conhecimento dos índios e padres que, na época, procuraram transmitir.
Admiração e curiosidade tentando imaginar como conseguiam já naquela época obra tão maravilhosa.
Admiração pela capacidade da construção de uma obra arquitetônica grandiosa com os recursos disponíveis na época.
Admiração pela capacidade de realização de uma obra esplêndida não dispondo de recursos como hoje.
Admiração pela forma como eles construíram a igreja. É emocionante.
Admiração pela obra que permanece por mais quase três séculos.
Admiração pela obra ser feita pelo povo dito primitivo. Tristeza pelas ruínas.
Admiração pela sensibilidade para a época em que foram realizadas.
Admiração pela sua magnificência.
Admiração pela tecnologia da arquitetura da época.
Admiração pelas técnicas de construção daquela época.
Admiração pelo esforço dos jesuítas em ensinar o ofício da escultura e dos índios em executá-la.
Admiração pelo que foi feito por índios nos Séc. XVI tão longe dos grandes centros urbanos da época.
As imagens têm alto grau de elaboração artística, espantoso para a época.
Bonito, de boa qualidade para a época. Isso sempre tem aparecido.
Como os antepassados já usavam a arquitetura para os projetos.
Despertaram a admiração e principalmente surpresa pelo tamanho e imponência da igreja.
Despertou a construção que houve desta igreja, as pedras colocadas sem tecnologia nenhuma.
Despertou a inteligência dos guarani para a construção dos monumentos.
Despertou muita emoção, sem recursos, sem meios, com o auxílio do povo indígena deixaram os jesuítas obras tão grandiosas.
Despertou um fascínio da evolução que já se tinha naquela época.
É impressionante a criatividade e o trabalho dos artesãos daquela época, sem qualquer recurso talhavam em pedras esculturas belíssimas.
É uma obra de estrutura muito forte. Para uma construção de 250 anos atrás, é de se admirar.
Emoção. E impressionou pela arquitetura e engenharia aplicada a 250 anos atrás.
Era muito organizada e, mesmo passado mais ou menos três centenas de anos, a engenharia era ótima e eficiente.
Espanto e curiosidade. Como naquela época, sem a ajuda de máquinas, ergueram pedras tão grandes e pesadas.
Eu admiro muito o trabalho feito por eles devem ter se sacrificado muito com o peso das pedras e o trabalho feito nas pedras bastante interessante.
Fascínio pela capacidade humana de inserir na história de forma criativa, ainda que contraditória.

Fiquei admirado pela capacidade dos escultores da época.
Grande obra de engenharia com o material existente na época.
Imponência. Curiosidade. Admiração pela cultura e pelas formas das construções.
Me chamou a atenção como naquela época já havia projeto para constituição dessa grandeza, com tão poucos recursos da época.
Muita admiração ao ver tanta obra feita com perfeição há tanto tempo atrás, sem muitos recursos na época.
Muita emoção e admiração pela falta de recursos e ficar uma coisa tão bonita.
O belo trabalho artístico realizado pelos índios, que os realizaram após um processo de catequização, são dignos de admiração.
O conhecimento e arquitetônico da época. O trabalho braçal.
O engenho dos índios em manusear a pedra, um trabalho bem pesado, realizado sem a tecnologia de hoje.
O tipo de engenharia e organização dos povos para a época.
O trabalho que foi o adquirido, o valor que existe.
Percepção da sensibilidade que existiu pela riqueza dos mínimos detalhes dos entalhes das esculturas e imagens (sensibilidade) daqueles que executaram as obras de arte. Emoção em saber que ainda existem cuidados e indignação pelo descaso com alguns cuidados que deveriam ser tomados.
Pesar pela situação vivida. Muito bem conservada as peças.
Primeiro, admiração e impressionada com o tamanho da obra e capacidade de organização do antigo povo. Depois tristeza por não ter havido preservação no momento certo.
Que naquela obra já existia uma ótima engenharia.
Reflexões sobre o conhecimento existente já naquela época.
Representam a obra produzida por artistas de tempos remotos, e que pouco tinham de materiais. E mesmo assim, com sua criatividade conseguiram traduzir a riqueza da cultura através de suas mãos.
Senti que naquele tempo havia muita inteligência e trabalho.
Sim, gostei muito do trabalho feito nas esculturas, por ter sido há muitos anos atrás.
Sim, me chamou a atenção a arquitetura e inteligência da época.
Tipo construtivo e arquitetônico.
Todo um trabalho feito por primitivos (mão-de-obra).
Uma admiração pela construção que deve ter sido a imponência da construção e um pouco de paz.
Uma curiosidade de como conseguir construir uma obra fantástica como essa.
Uma curiosidade na engenharia e Arquitetura.

Quanto à sensação de entrar na igreja e visitá-la, Cl considera fantástico. Acha incrível terem construído uma obra tão detalhada na época em que foi construída. Diz que se fizessem isso hoje, não chamaria tanta atenção, mas por ser antigo é incrível. “Fico pensando, se isso fosse construído hoje a gente não ia dar a mesma (atenção). Mas (foi construído em) aquele tempo. Tantos anos atrás. Aquelas pessoas, sei lá, comandavam umas outras que chegaram a coisas fantásticas, a umas obras de arte que é fora de sério nos detalhes.” “Como existiu esse povo tão desenvolvido naquela época, assim?”

Da achou a construção da igreja impressionante, a engenharia e a perfeição da obra. “Como é que o povo conseguiu fazer isso. A engenharia, levar essas pedras lá pra cima. Impressionante.” O que mais despertou sua atenção foi a própria construção, sua fundação. “Eu fico só imaginando assim, na época esse pessoal deve ter passado um sacrifício muito grande para fazer isso. Você tem idéia de quantos anos levaram para fazer isso? Não tinha recurso nenhum, na época?”

Eg Essa era a sua primeira visita à São Miguel. Ficou emocionada com a “grandiosidade dessas construções, naquela época, que se sabe, a gente sempre pensa que recursos havia. Não tinha os instrumentos, os meios para construir essa imponência, essa grandeza de pedra, eu acho que era preciso pessoas muito preparadas, embora não tivesse recurso, não sei como, mas pessoas preparadas de uma sabedoria muito grande, ou artistas, não sei. Coisa impressionante, parece até milagre”.

Eg também se refere às obras do museu, “aquelas fisionomias perfeitas, que parece que vão falar. Parece que já vai sair um som, uma palavra, parece que elas vão caminhar. Parecem vivas, e dos dias de hoje, vivas. Nem hoje a gente não vê assim. Não vê, claro que não vê. Então eu não entendo como que foi possível eles realizarem tanta coisa assim, como os índios, e que a gente sabe que vivia uma vida livre, caçando, pescando. Né, bem assim no meio da natureza. E com certeza foi com o auxílio do índio que eles fizeram tudo. Eu penso assim, tem que ser, os jesuítas mais os moradores, que seriam os índios.”

Jur, no ano anterior ao da entrevista viajou para as cidades históricas de Minas Gerais “Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, São João del Rei). Ao falar da diferença que viu entre o barroco de Minas e o das Missões diz que “o barroco que se vê lá é um barroco rico, muito colorido né, mas este barroco que vemos aqui em São Miguel é um barroco que emociona, quando a gente pensa de que participaram da construção e dessas obras pessoas que estavam sendo aculturadas ainda, então isso me emociona muito, saber das limitações que esse povo guarani tinha e que em tão pouco tempo conseguiu assimilar tanta coisa”.

Pa Joinville: O que mais lhe chamou a atenção a respeito das ruínas foi a conservação, que está cada vez melhor, e o fato de a construção ter sido um sacrifício para os índios: “Porque isso foi um trabalho sofrido. Fazer isso aí erguer isso manualmente. Hoje tem máquina, tem tudo, e é bem mais fácil para fazer. Mas na época que foi construído isso aqui, foi muito sacrifício”. Conta que vinha de Cerro Largo para jogar bola em São Miguel, na frente das ruínas. “Vinha de excursão com a escola, lotava um ônibus para vir para aqui. E não tinha ingresso, não tinha cerca nem nada. Chegava aqui e era livre”. Mas não chegou a fazer churrasco no local.

ARQUITETURA

A construção.

A maneira de encaixar as pedras e o modelo, a arquitetura.

A qualidade da arquitetura da época.

Admiro a grandiosidade da obra.

Arquitetura e urbanismo da vila.

Arquitetura maravilhosa.

As gigantescas obras e arquiteturas construídas pelos missionários.

As ruínas foram mais marcantes.

Despertou a admiração na arquitetura da época.

Emoção pela sua arquitetura e remorso pelo trabalho do índio como escravo.

Fiquei impressionada com a grandeza do monumento. Me senti pequena diante da magnitude da construção.

Grandiosidade.

Muita imaginação, penso como era grande.

Muito lega. A construção é incrível.

O quanto foi pesado para construir as vilas, uma obra de engenharia muito interessante como está, fico imaginando como seria a vida naquele tempo.

O tamanho e o trabalho para construir.

Organização e motivação para o trabalho dos indígenas nas construções grandiosas.

Pedras e arquitetura.

Pela sua arquitetura e a sua construção.

Sensação de pequenês (sic) perto dessa imensidão.

Uma grandiosa arquitetura.

Uma sensação de grandiosidade.

351

Ga, veio de Córdoba, Argentina, é engenheiro. (sua família mora numa estância jesuítica em Córdoba).Vê as reduções como uma miragem. Impressionou-se com a engenharia, com a capacidade de os padres criarem coisas tão grandiosas.

PRESERVAÇÃO

A conservação das obras são maravilhosas, além da sensibilidade do local onde estão expostas.

A conservação.

A preocupação em conservar obras tão importantes.

Acho muito importante, pois é a nossa história que está sendo preservada.
Alegria de ver algo tão antigo e bem conservado.
Bem organizado.
Cuidado.
Emoção e ao mesmo tempo, triste em ver que um patrimônio histórico foi segregado e não respeitado por habitantes do lugar.
Emoção por ver um trabalho tão destruído.
Está bem mantida
Felicidade ao saber que temos acesso a lembrança do passado.
Foi ruim de ver tudo destruído, imagens faltando um pedaço.
Grande satisfação em saber que tem pessoas que cuidam da história de nossos antepassados.
Idéia de valorização do passado, da história. Encantamento.
Indignação pelo desprezo no cuidado.
Muita emoção pelo relativo abandono existente.
Muita religiosidade e bom estado de conservação das obras.
O espírito de preservação.
O que despertou foi a qualidade da manutenção das antiguidades.
Orgulho pela preservação e comoção pela história em si.
Tive uma sensação muito grande em ver aquelas ruínas, a conservação apesar do tempo.
Uma obra magnífica, mas não respeitada, própria do patrimônio histórico brasileiro.

An Desde a última vez que veio (uns seis meses antes da entrevista), Ananias teve a sensação de a conservação estar cada vez melhor. “Cada vez que tu vem, tu observa mais detalhes. Faz uns seis meses que eu vim pra cá, e cada vez tu vê mais detalhes. E cada vez parece que cada vez tem mais conservação.” “Depois do tombamento pela Unesco, é só impressão (mas) parece que aflorou mais”.

De acordo com o entrevistado, “O tombamento [para as pessoas da região] foi um show”. Tinha aproximadamente 18 anos, e lembra que foi uma festa. “E o pessoal comentava bastante: ‘vai vir turista pra cá!’”.

Na época, devido a falta de preservação e proteção, achou surpreendente o tombamento das ruínas. “Eu achava que era muito”. “Eu perguntava: No caso de Recife (!) era uma cidade inteira, mas ‘só as ruínas?’. Ficava pensando, será que é por causa dos outros povos missioneiros?”

Cl gosta de ver o trabalho sendo feito, de restauração, o cuidado com os detalhes. Cl veio a primeira vez quando estavam começando as obras de restauração: “A gente veio e estava armado com arcos de ferro, eles estavam começando. Tinha lugares que eles nem deixavam a gente ir porque eles achavam meio perigoso.” Na época, o entrevistado chegou a ouvir falar das ações da Unesco. Diz que na época a restauração estava mais concentrada na igreja, e atualmente mais voltada às obras do museu.

Pa Estamos ainda no nosso bate-papo. Daqui a pouco vai começar o som e luz e esse pessoal ainda está aqui e a gente vai continuando a conversa porque veio uma idéia muito boa. Porque que não temos, aqui em São Miguel, o registro fotográfico, não tem imagens do processo de restauração, afinal de contas os processos de restauração aqui, foram tão grandiosos, deram tanto trabalho e são inovadores, originais e diferentes. Então porque não ter? então seria uma bela sugestão que foi dada aqui, e a gente poderia pensar como sendo processo de documentação. (sugestão) dada pelo nosso amigo Van que é também formado em administração de empresas pela UNIJUÍ.

CONSTRUÇÃO/DESTRUIÇÃO

Angústia por saber da destruição de um povo e administração pela capacidade de terem produzido tal obra.

Capacidade das esculturas e a própria destruição pelo homem em busca de posses.

Emoção de ver tantas coisas construídas e depois destruídas pelo homem.

Fiquei emocionada de ver tantas coisas construídas e depois destruídas pelo homem.
Grande emoção em saber que o ser humano é capaz de destruir/reduzir obras de fino acabamento.
Grandeza e pequenez pensar a muito tempo atrás viveram aqui gerações de povos que ao mesmo tempo construíram/destruíram.
Indignação! Quão destruidor é o homem. Além de destruidor, explorador. Mas o maior sentimento é de paz.
O mesmo que todas as outras ruínas jesuíticas (Bolívia, Argentina, Paraguai), uma sensação de incredibilidade, desse esplendor todo virar ruína.
O quanto o ser humano se auto-destrói, pois ao mesmo tempo ele faz tanta beleza e ele próprio acaba com ela.
O sacrifício dos índios. Construíram e depois foi tudo destruído.
Poder do ser humano de construir obras grandiosas e belas e de destruí-las
Tristeza em vê-las mutiladas e através dessa mutilação mostrar o poder de destruição dos homens.
Um sentimento de "revolta". Por que um dia tudo isso foi destruído? Não conheço profundamente toda a história, mas acho que isso foi uma barbaridade.
Um verdadeiro desastre, depois de longo tempo para sua construção, um desmoronamento quase que total.
Uma emoção forte, sem explicação. Uma coisa de primeiro mundo e agora está nesse estado.
Uma grande tristeza por ver este patrimônio destruído, acabando com a civilização guarani.

HISTÓRIA

A arquitetura e planejamento demonstra que você está no passado. E que pode ser nosso futuro se não soubermos trabalhar a política da paz.
A beleza das missões e a importância da História.
A beleza que se encontram as imagens, podendo facilitar o nosso entendimento e apreciando ainda mais a beleza delas, despertando ainda mais encanto pela história.
A curiosidade de como se construiu as ruínas.
A curiosidade que cada escultura revela tanto na produção quanto no significado de cada uma.
A curiosidade sobre as Missões.
A curiosidade sobre as técnicas, as pinturas e as ferramentas que foram usadas.
A história das ruínas de São Miguel.
A história das ruínas me tocou mais fundo.
A maneira como foi construída, aspectos construtivos da época.
Achei interessante o material de construção, como colocaram as pedras, enfim, tudo muito interessante.
Achei muito interessante. Senti que estava voltando ao passado.
Admiração e curiosidade.
Adquiri conhecimentos sobre a história das missões.
Alegria e sentimento de história do povoado.
As obras despertam uma necessidade de aprender mais sobre os índios.
Auxiliou a lembrança da história, especialmente a colonização com influência portuguesa e espanhola.
Como conta a história, o povo foi muito injustiçado.
Como os jesuítas conseguiram persuadir estes povos a seguir seus ensinamentos.
Como teriam esculpido tantas pedras em função do tamanho e dimensão da estrutura.
Conhecer mais sobre os povos indígenas que viveram neste lugar, até porque fazem parte da história dos meus antepassados indígenas.
Conhecimento, cultura.
Conhecimento, porque vendo coisas do museu podemos ter mais noção do que se passou nessas ruínas.
Conhecimento.
Conhecimento.
Cultura. Conhecimento.
Curiosidade de saber a origem das madeiras que foram utilizadas na construção da imagem.
Curiosidade e admiração.
Curiosidade e admiração.
Curiosidade e me fez voltar no tempo.
Curiosidade em conhecer. Admiro as imagens.
Curiosidade em relação as técnicas usadas naquela época.
Curiosidade em saber mais sobre elas.

Curiosidade sobre a concepção artística das obras.
Curiosidade sobre a construção.
Curiosidade sobre a História do Brasil nessa época e região.
Curiosidade, fascinação.
Curiosidade, imaginando como foram feitas.
Curiosidade, Interesse por novas descobertas, conhecimentos.
Curiosidade.(repete-se treze vezes)
Curiosidade. Como trabalhavam tão bem na madeira. Os detalhes.
Curiosidade. Conhecimento. Cultura.
Curiosidade. Estilo das imagens com nossos indígenas, a posição dos santos.
Curiosidade. Gostaria de saber o porquê de tanta fé nessas obras e como conseguiam retratar com tantos detalhes.
Desejo de conhecer mais a história.
Despertar de questionamentos sobre a imposição de cultos e imagens dos povos que aqui viviam.
Despertou a curiosidade de como foram feitos e com que material foram feitos.
Despertou a curiosidade e a piedade dos nossos povos indígenas e dos padres jesuítas.
Despertou a vontade de conhecer profundamente a história.
Despertou conhecimento pela história brasileira.
Despertou curiosidade! Achei o lugar interessante. Fiquei imaginando como esse povo vivia.
Despertou em mim mais vontade e interesse em saber tudo sobre a história de S. Miguel das Missões.
Despertou em mim que o objetivo dos jesuítas na Companhia de foi alcançado.
Despertou interesse, curiosidade, emoção ao ver o lugar e também revolta porque nossos índios foram totalmente massacrados e mortos.
Despertou mais interesse em conhecer cada vez mais a história.
Despertou muita tristeza ao tomar conhecimento de tanta ambição e crueldade.
Despertou um pouco de raiva pelas pessoas que tinham as imagens e não cuidaram.
Despertou vontade de tirar fotos, recordar pois é muito interessante, é uma bagagem cultural
Despertou-se uma vontade de conhecer melhor a história do Museu.
Deu vontade de tocar, mas não toquei. Despertou minha curiosidade.
Do jeito que era lapidado a madeira ou a pedra.
Ela despertou uma grande experiência de vida.
Ele despertou curiosidade, interesse pela história jesuítica.
Em grande curiosidade.
Em poucas palavras: “como eram organizados o grupo de pessoas (indígenas) que viviam aqui”.
Em um primeiro momento despertou-me espanto; depois tive curiosidade: "como poderiam esculpir tais obras?"
Emoção e comoção pelo trabalho e pela história dos índios e padres.
Emoção e conhecer de perto a história. Revolta por nossos índios serem tão maltratados e mortos. Pois a eles pertenciam as terras.
Emoção, comoção, curiosidade e interesse pela história.
Emoção, evocação da nossa História, desapontamento pela perda de um tesouro histórico e material.
Emoção. Gostaria muito que o tempo voltasse para viver aquele tempo.
Encantamento.
Enlevo (sic), causado pela imaginação despertada pelas ruínas. É interessante imaginar a vida naquela época, as conseqüências culturais das Missões, a disputa por poder entre os conquistadores e a Igreja.
Enormes perdas.
Estudar os povos missionários.
Eu fiquei admirado. Eu pensei em como era para estas pessoas conquistarem essa terra. Como será que era para estas pessoas conquistarem essa terra. Como será que era para esses jesuítas? Eu gostaria de ter visitado aqui durante a época das missões.
Felicidade e imenso prazer ao conhecer as relíquias de nossos antepassados.
Foi muito emocionante saber que eu estava no local de tantos acontecimentos. Quantos amores, quanto ódio, quanta esperança, tristeza, medo, alegria, as pessoas que ali viviam, sentiam. Transporte-me a época dos acontecimentos e tentei sentir-me um dos integrantes.
Gostaria de saber como conseguiam fazer com tantos os detalhes as esculturas.
Gostaria de saber sobre as ferramentas usadas para fazer as esculturas nas pedras.
Gostei muito ,mas senti falta de maiores informações sobre as peças. Onde eram encontradas e para quem foram feitas.
Grande interesse em estudar mais a saga missioneira.
Há muita curiosidade para saber como era antes como eles viviam.

Imaginação de como a vida era mais tranqüila.

Imaginação. A gente imagina como era o mundo medieval. Muita emoção ao imaginar tudo e tristeza ao imaginar a guerra.

Imagino como seria a convivência com índios e tudo que foi destruído, tivesse sido preservado.

Interesse em conhecer mais sobre elas.

Interesse pela riqueza de detalhes, porém pouco protegido da manipulação dos visitantes.

Lembrança de um passado glorioso da nossa gente brasileira.

Lembrança, recordações das aulas de História. Emoção de relembrar parte do passado de nosso país/sociedade.

Mais interesse pela história.

Me despertou curiosidade, vontade de ler mais artigos sobre as Reduções.

Me transportou para a época em que os guaranis viviam aqui.

Mistério e curiosidade.

Muita curiosidade ao erguê-la.

Muita emoção, estar no palco de um acontecimento histórico.

Muita mágoa pelo que foi feito e aconteceu.

Muita nostalgia

Muita nostalgia, curiosidade.

Muita paz, muita beleza e ao mesmo tempo, uma revolta contra as invasões que expulsaram os índios de sua terra que tanto trabalharam para nos deixar essas maravilhas.

Muita paz. Sensação de retorno ao passado e grandiosidade das peças esculpidas.

O acervo te transporta a época, incitando a imaginação.

O interesse em saber mais sobre a História dos jesuítas e índios.

O interesse mais a fundo sobre as peças.

O interesse pela história das ruínas.

O jeito como foram trabalhadas as estátuas.

O jeito que foram trabalhadas, a paciência de moldar as esculturas.

O local possui um ar de mistério. O desenvolvimento de povos que já viveram aqui até em relação a vivência atual (indígenas).

O modo que as pedras eram escoltadas e colocadas no seu devido lugar.

O passado presente.

O quanto as obras estão destruídas.

Por que só em 1928 começou-se a fazer o museu? Quanto tempo foi perdido ainda mais sendo o RS a terra de Getúlio Vargas. Deu-se a impressão que tudo teria sido mais fácil com ele tanto tempo no ápice.

Recordação de um período importante da América do Sul.

Retorno ao passado.

Reviver o passado histórico.

Riqueza cultural e histórica, cheia de mistérios e desafios.

Saber como eram feitas as estátuas.

Saber como eram feitos os detalhes, que são minuciosos.

Satisfação por ver tanta coisa diferente.

Sentimento da presença dos primeiros colonizadores. Muito emocionante.

Sentimento de dor; saber com mais exatidão o que fez a ganância do homem pelo poder. Meditar que ainda hoje essa ganância pelo ter ainda existe e acentuada em muitas situações sociais, econômicas, etc...; É muito triste.

Sentimento de indignação em relação aos nossos antepassados portugueses e espanhóis.

Sentimento de orgulho da história misturado com a tristeza do sofrimento vivenciado, assim como pela falta de divulgação no país da riqueza histórica e cultural do Brasil.

Sua religiosidade, sua arte avançada, através do século.

Surpresa, pois na época em que as obras foram esculpidas não havia os recursos que existem hoje em dia.

Tentativa de preservação histórica.

Um desejo de manter viva uma história, mesmo terminada em ruínas.

Um desejo de voltar ao passado.

Um misto de curiosidade de como foram erguidas as construções de pedras.

Um modo de organização bem diferente dos dias de hoje, onde o coletivo predomina, diferente do individualismo de hoje.

Uma revolta imensa pela destruição causada por muito ignorância e ganância da época.

Um sentimento de pequenez diante de uma obra tão grandiosa e uma imaginação de como o povo da época vivia nesta comunidade. Muitos voltaram com a sua imaginação para aquela época.

Um sentimento profundo de admiração por aqueles que lutaram e morreram para defender suas terras e êxtase por ter a felicidade de estar diante de uma obra tão maravilhosa e grandiosa. Inesquecível!

Uma bela história.

Uma curiosidade muito grande sobre esta história.

Uma enorme vontade de poder voltar no tempo e conhecer a vida das pessoas que aqui habitavam.

Uma grande curiosidade e admiração.

Uma grandiosidade daqueles que construíram e morreram por esta causa – foi muito importante.

Uma indignação pela crueldade da época e burrice dos poderosos.

Valorização da luta de povos, a catequese dos jesuítas com valores sociais, morais e religiosos.

Volta ao passado, mais leitura sobre os fatos históricos que envolvem estes fatos aqui acontecidos.

Voltar ao tempo! A dedicação dos índios com as esculturas.

Vontade de descobrir os reais motivos dos santos ocultos.

Vontade de saber exatamente como era o dia-a-dia dos índios neste lugar.

A primeira sensação que Car teve, na primeira visita, foi de curiosidade histórica. Conta que foi para ele como um “desbravamento do senso comum”, “o fato de conhecer, se deparar com as coisas assim, antigas, e ver todo esse contexto...” Diz que a primeira visita foi mais pra conhecer, mais superficial. Na sua segunda visita, preocupa-se mais com os detalhes e com as questões histórico-culturais e sociais que o local desperta.

Na primeira visita, em excursão com a escola, Cl tinha mais a sensação de um passeio, meio superficial, uma curiosidade. Hoje, com mais maturidade, quer mesmo conhecer “saber como foi a história, o que se passou. Então, já marca mais”.

Antes de ir para as ruínas, parou a uma certa distância e ficou admirando com curiosidade e ansiedade para chegar perto e ver os detalhes.

“Volta praquela época. Porque daí tu só tem aquela luz que te dá uma noção da (época) e a tua cabeça que vai pensando, vendo, voltando (acompanhando) o cara contando. Que faz tu voltar no tempo. Que é uma das partes que eu acho também mais interessante. Que nos ajuda, pelo menos. Durante o dia a gente não tem essa coisa de te ajudar. Infelizmente nós vamos lá ver isso. Depois de ter visto isso (o show de luzes?) e de aprender um pouco mais, a gente vai poder dar mais uma olhada, com outros olhos, quem sabe?”

Cris Quanto a impressão que teve de São Miguel, sentiu como se tivesse voltado ao passado. “Quando você entra te dá uma impressão que não é o presente que você está vivendo, você consegue imaginar um monte de coisas. Tu fica sem querer (emocionado?) porque te dá um arrepio. É muito bom. Eu achei lindo, lindo mesmo, tu fica imaginando tudo. Eu não tenho muito conhecimento, mas, é bem bonito mesmo.”

Cris olhou as obras mais como objetos de arte do que como imagens sacras. “Naquela hora eu vi mais como um objeto de arte. Naquela hora sim. Porque você fica apreciando, então você olha mais pelo lado da arte, de como ele foi esculpido. É mais (a questão) de como foi criada a peça.”

Den O que mais gostou da visita foi as informações que recebeu, a história. “Aquilo ali eu achei legal (a redução virtual), porque aqui está a arquitetura. Lá conta como foi. Não adianta vir aqui e não saber.” “Até demorei bastante porque fiquei vendo um por um. Deu pane no computador <riso>”. “Eu tinha que saber a história, como foi a essência do que eu estava vendo.”

Pa e o amigo passaram bastante tempo analisando as ruínas: “Porque na nossa atividade, nós mexemos com construção civil, então observamos. Se vai colocar umas pedras, como vai transportar, (vendo) a dificuldade que tiveram aquela época para construir essa igreja”. Para ele, a igreja desperta curiosidade. Curiosidade “para saber mais sobre quantos anos levaram para construir, quantas pessoas trabalhavam, de onde carregavam as pedras, como ruiu, em que ano começaram a restaurar, se foi roubado muito material para construção das casas ao redor. Que, acredito eu, na época, os imigrantes da região chegavam aqui, e não tinha como mover material, não tinha olaria, então pegavam material daqui e construíam suas casas na redondeza. Acredito eu. Essa é curiosidade de ter uma informação mais científica sobre um dado... ter mais informação”.

Tia: o que mais lhe chamou a atenção foi a história:

“Eu gostaria de saber se era uma cultura de partilha, uma cultura que respeitava a viúva, que respeitava o menino órfão, uma cultura onde os doentes e os mais velhos chegavam primeiro na

mesa. Uma cultura que preciso lembrar, porque a sociedade de consumo tem pouco a ver com isso”.

REGIONALISMO

Emoção e orgulho.

Desperta orgulho poder ter isso [museu].

Nossas origens. Regionalismo!

Orgulho.

Uma estrutura impressionante, a história do povo, a luta como uma herança.

Valorização pelos que lutaram pela história do Rio Grande do Sul.

An Além de trazer parentes para visitar São Miguel, acredita que sua história está ligada ao local. “Acho que a gente da região não consegue resgatar isso (as raízes históricas). Faz tempo que a gente tem um pouco mais de formação e a gente tenta buscar isso de volta”.

De acordo com An, essa é a história que se conta na região. O próprio entrevistador escutou a história sendo contada pelo bispo. E o próprio An repassava a história para seus “compadres”. “Imagina, se a gente não sabe da história da gente, isso porque eu gosto de história, imagina o restante da população das missões”.

Dan acha que o gaúcho “tem várias origens assim... Aqui, acho que a figura do gaúcho nasce aqui, porque é uma mistura meio do índio com o português né, a figura do gaúcho, ‘pelo duro’ como a gente chama. Ele nasce aqui de certa forma. Mas, há outras origens também”.

Dan critica a questão da “pasteurização da cultura”: “por exemplo a questão do latifúndio assim, entendeu, se usa muito a expressão que é atribuída ao índio Sepé de que “essa terra tem dono”, né, se usa dos dois lados, tanto pra defender a causa indígena e dos camponeses mesmo, como os próprios latifundiários dizendo das terras concentradas, usa “essa terra tem dono”, então ela não pode ser invadida...” “eles se apropriam de uma expressão que é de origem popular [...] de elementos do folclore, da nossa história pra esse tipo de uso.”

Dan fala também do uso de termos como “galo-missioneiro”, que “tem alguma coisa a ver com bravura, com valentia”. “[...] no Rio Grande do Sul sim. Se usa “esse é missioneiro”, se usa muito isso”.

Dan Eu não sei qual é a origem dessa ideologia que tu chama, mas que existe essa figura de “galo-missioneiro”, como existe também, quem é da fronteira, por exemplo, com o Uruguai, com a Argentina, tem essa coisa “eu sou da fronteira”. Eu que sou do centro do estado a gente não “ah, eu sou da região central”, a gente não diz isso, mas quem é da fronteira, que eu acho que tem a ver com a questão de conflitos de fronteiras lá e de divisas, e a mesma coisa aqui que eu acho que tem a ver com esses conflitos, não sei também, posso estar chutando, mas acho que tem um pouco dessa origem assim dessas regiões belicosas, onde teve resistência, tudo, que na minha região, que é central, não tem uma história assim tão viva quanto a das Missões por exemplo, então a gente não fica dizendo “eu sou da região central do estado”, a gente não diz isso. Se diz muito “eu sou das Missões”, “galo, esse é missioneiro”, “galo-missioneiro”, ou “da fronteira”.

Pau Joinville diz que ser missioneiro é ser lutador e generoso:

Ele vai praticamente todo ano pras Missões, e sempre leva alguém da família ou amigo junto: “é que eu sou da região das missões, então a gente nunca esquece o nosso (a nossa origem). Tem aquele toque de missões, de ser generoso com todo mundo, então até meu pai era muito missioneiro, nasceu aí na região das missões, então a gente cultivava isso aí. Eu tenho tudo minha parentela que mora aqui na região das missões”.

Diz que ser gaúcho é ter generosidade, é ter orgulho da própria cultura. Quanto ao ditado “missioneiro nunca se entrega”, confirma que “é lutador, é persistente, vai a luta sempre. Missioneiro é persistente. Luta contínua”. Afirma que essa característica vem dos índios guarani. Sente-se herdeiro da cultura Guarani.

ANTROPOLOGIA

A beleza da arquitetura e a inteligência desse povo ao construir esse templo onde espelha a sua fé.
A certeza da indução jesuítica a um modelo europeu que não respeitou a criatividade e liberdade de criação dos índios guaranis.
A competência de nossos primitivos, a beleza, o trabalho...
A criatividade, pois tudo foi criado pelas mãos dos índios; a durabilidade destas peças e outros.
A emoção de conhecer a habitação dos jesuítas e dos índios por eles catequizados.
A perseverança dos jesuítas na orientação dos índios para o trabalho de construção da igreja, a delicadeza dos desenhos, do acabamento; a arquitetura, a engenhosidade, a capacidade da elaboração dos detalhes, tudo verdadeiramente obra de arte.
A qualidade dos índios para construir as ruínas.
A qualificação dos índios para construir a obra com muita experiência.
Achei chocante os índios sofrerem demais para poderem erguê-la.
Admiração e revolta pelos índios.
Me despertou a admiração por aquelas pessoas
Muita revolta por destruírem coisas feitas com muito trabalho dos pobres índios.
Não sei explicar, só acho errado o que os padres fizeram com os índios, impondo sua cultura.
O homem não tem limite. O que ele pode fazer? É inacreditável, só vendo. Podem achar que estou inventando.
O poder de organização dos povos indígenas.
O povo indígena vivia em harmonia, eram felizes, sua cultura foi modificada, porém, sei que isso é inevitável o encontro de culturas diferentes.
O trabalho dos indígenas.
O trabalho escravo dos indígenas foi o grande castigo, impostos aos mesmos, cujo feito hoje presenteia a todos nós, aos nossos olhos animados de tamanha grandeza.
O trabalho feito nas imagens.
Os índios guarani eram verdadeiros artistas plásticos, uma vez que as obras são ímpares, magníficas.
Os santos de madeira e os índios guarani que aqui residem.
Os trabalhos dos índios.
Para mim representam a demonstração do avanço de toda uma civilização, que alcançou tão grande avanço que nos deixou as marcas até hoje. Podemos imaginar o agito de todos trabalhando, estudando, cantando. Enfim, cumprindo suas tarefas como hoje fazemos as nossas.
Principalmente a persistência e a coragem, pois se os mesmos não tivessem tais quesitos, não teríamos esse legado.
Provocou um interesse pelas conseqüências da idolatria nos índios.
São obras ricas e cheias de "vida" daquele tempo. Apesar de discordar da questão da catequização dos indígenas, pois acredito que a cultura tem de ser respeitada e a dos indígenas não foi. Predomina sempre a cultura dominante, é mais forte no momento.
Sim, é fantástica a estrutura das Ruínas, tanto na igreja quanto assistindo ao espetáculo Som e Luz. A inteligência dos jesuítas e índios.
Surpresa e curiosidade pela capacidade humana, especialmente nas pessoas indígenas, que eram seres muito superiores ao julgamento dos civilizados espanhóis e portugueses.
Também emociona, mas não com o mesmo impacto das ruínas. Algo muito triste, que inclusive o grupo todo teve a mesma opinião. É o contraste das obras dentro do museus, com a necessidade de sobrevivência dos guaranis de hoje tentando vender seu artesanato fora do museu, no chão e sem um local próprio para eles.
Trabalho de uma civilização.
Trabalho dos índios.
Uma das coisas que nos impressionou foi o trabalho de reestruturação das imagens. E o trabalho muito desenvolvido dos indígenas em esculpir tais peças.
Uma profunda admiração pelo trabalho realizado pelos índios e jesuítas.
Uma profunda admiração quanto a qualidade dos objetos expostos.
Uma prova da história trágica que os nossos povos indígenas sofreram com a dita "civilização", que tanto castrou a nossa cultura.
Uma revolta imensa pelo povo colonizador, vergonha do que foi feito ao povo indígena.

Ale não é católica e a igreja não chamou sua atenção por motivos espirituais. O que lhe chamou mais atenção foi o fato de os jesuítas criarem os aldeamentos para os indígenas, no intuito de evangelizá-los, o que levou à sua aculturação, o que não considerou um fato positivo. “Eu achei aquilo um desastre para cultura indígena. Porque o intuito das missões foi evangelizar os indígenas, seria. E reduzir eles num localzinho. [...] Porque antes a terra era deles, eles andavam por tudo isso. E com a colonização, estavam causando problemas para coroa espanhola, portuguesa porque tinham muitos conflitos confrontos com os indígenas, então melhor seria reduzir eles num pequeno espaço e o resto seria colonizado com mais espaço, tranquilidade. E submeteram eles à cultura do branco.”

Ale deixa clara a sua revolta quanto ao tratamento dado aos índios, da imposição da cultura branca sobre eles e a desvalorização de sua “raça”: “Eles (os Guarani) tem o direito de pensar, de responder por si, de dizer o que eles querem, e não o que os outros querem pra ele. Eu acho isso um absurdo. Tratar eles como se eles fossem uma raça inferior, como se eles fossem animais, não pensassem, não tivessem sentimento. Eu acho que eles tem que ter a oportunidade para eles terem conhecimento. O que falta para os indígenas, acho que são informações, conhecimento sobre o que se passa ao redor deles. Porque o conhecimento que eles têm dentro da tribo deles é um conhecimento válido. Mas seria importante que eles conhecessem um pouco do que está ao redor, o que está em volta deles. Acho que seria importante eles estarem sempre informados dos direitos deles, do que eles podem”.

Ale preocupou-se muito com o lado antropológico e histórico da visita.

An acha difícil perceber a influência da cultura guarani nas obras, e justifica esse fato com uma crítica: “eles não fazem parte da nossa cultura. Eles estão excluídos”. “Guarani é um pouco de pelo duro, eles não fazem parte da nossa cultura, eles estão excluídos da nossa cultura. Talvez isso influencia um pouco a não vermos influencia dele”. (“O pelo duro é uma mistura do nativo daqui, mas que não é Guarani. Uma mistura do português com o negro. E a gente chama de pelo duro. Porque depois, perto dos anos 20, houve uma colonização germânica e eslava aqui na região, e eles que criaram a expressão pelo duro”).

Car conta que sente vergonha pelos massacres que houveram contra os índios em São Miguel Arcanjo e em Caaró. Diz que são lugares que fazem a pessoa “mergulhar no passado, se interiorizar e perceber um pouco o que foi o massacre [...] o massacre que houve com os índios né, que são os verdadeiros donos dessa terra, e foram massacrados aí por conta do poder, da exploração, das politicagens que existem, existiam e continuam existindo ainda hoje né, então é um misto de revolta, pena, e até certo ponto vergonha porque fomos nós né, eu me sinto brasileiro...”

Quanto a igreja, embora Car ache triste ver um patrimônio, “um edifício sagrado”, destruído, critica os jesuítas que usaram da força indígena para edificá-lo: “foi uma exploração de certa parte dos jesuítas em relação aos indígenas... puxa, fazer eles edificarem tudo isso né, foi às custas deles que fizeram toda essa grandiosidade que é aqui São Miguel... mas, mas é triste, de toda forma é triste ver um patrimônio, um templo, um edifício sagrado como uma igreja que foi por tanto tempo usada aí ser destruída por mera cobiça humana...” Sua percepção portanto foi entre a tristeza da destruição e a questão do trabalho...

Gab faz uma crítica aos jesuítas dizendo que eles não eram bonzinhos... “Porque eles tentaram introduzir na cultura indígena uma religião que não era da cultura deles. Eu não vejo que existam os jesuítas bonzinhos...”

J. R. Ao ver a igreja pensou na história que a contextualiza: “ela retrata, remonta àquela época da colonização, das missões essas coisas assim, um pouco da história, então a gente se reporta àquela época, tentando imaginar, como é que as coisas fluíam, como era aquele lugar, como eram os padres catequizando os índios e todo aquele processo. (Esse processo) foi um choque cultural, acabou dizimando os índios [...] e na sequência disso o processo de sufocamento de uma cultura inferior entre aspas, porque não é inferior, e então acaba fazendo essa predominação [...] então tem todo esse processo (e a gente pergunta:) “puxa, cadê os índios?” ali no museu tinha umas crianças, mas cadê efetivamente essa comunidade indígena, porque ela na época, era muito grande. Então acaba estando hoje restrita a espaços pequenos”.

J. R. acredita que hoje, ao invés de fazer uma interferência direta na cultura dos outros, ao invés de impor sua ideologia, deveria “aprender com a cultura deles, para depois fazer essa interação e dar o teu recado como você deseja”. “Se você conhecer como é que eles agem, como é

a cultura deles, você nivela, até (no) nível (da) linguagem, e faz de um processo tal que fica mais fácil deles entenderem. É mais inteligível, a linguagem inclusive”.

Para J. P., o fato de terem sido os índios os artesãos interfere na sua percepção “porque o índio não conhecia isso, não fazia parte da sua cultura, o índio tinha uma outra relação com a santidade... O índio tinha um contato com a natureza diferente de uma noção européia...” “Deus pra ele se encontrava no rio, na vegetação, e aí, a chegada de um pensamento europeu, um pensamento ocidental, católico, e o índio se defronta com isso aí. Em certo aspecto eu acho que houve um conflito muito grande [...] entre o europeu e o índio, mas o que seduziu o índio acho que foi essa noção da arte, a questão da música, a questão do trabalho, do trabalho artístico, do trabalho na madeira, do trabalho na pedra...” Segundo ele, “o índio tinha uma outra conotação, uma outra mentalidade, e havia um diálogo com o passado, bom, havia um respeito pelo ancestral, pela cultura... pelo tempo... e aí a gente nota uma diferença sim. Acho que a mão do índio, com relação ao trabalho artístico do europeu é diferente sim, apesar dessa simbiose, dessa mescla, desse aprendizado, mas é diferente, é diferente por que é uma criação de mentalidades, arte é pensamento”.

VAIDADE E PODER

Fico imaginando a vaidade dos moradores da época, índios e padres.
Imponência. É a demonstração da intenção de eternidade e duração das Reduções.
Poder. Os jesuítas devem ter pensado: que coisa grande que fizemos aqui!

Mar achou as imagens muito bonitas e representativas da história. “Essas pessoas que fizeram isso. Elas tinham algo diferente, elas queriam fazer algo diferente, já naquela época”.
Crítica o estado que se encontram (de má preservação), mas acha o trabalho “grandioso”.

RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE

A fé e a emoção histórica.
A força de vontade e fé dos índios e jesuítas, me fez refletir mais sobre fé, organização e forma de viver.
A grande religiosidade de um povo.
A grandeza européia da Igreja Católica.
A inspiração da fé sobre pessoas que não apresentavam o mesmo tipo de credo.
A religiosidade em que foi proposta pela missão.
Como a fé cristã faz muitas coisas.
Como nossa religião é velha ou antiga.
Despertou o seguinte: apesar da Igreja ter sido destruída, transformada em ruínas, tenho a certeza que o mal nunca prevaleceu sobre o bem, que o trabalho evangelizador dos jesuítas está entre nós (VIVO).
E com certeza senti uma paz muito grande aqui dentro.
Emoção forte. Agradei a Deus pelo privilégio de vir até aqui.
Espiritualismo e satisfação.
Misticismo, crença em um ser superior.
Paz de espírito.
Paz!
Paz.
Poder da Igreja.
Que Deus existe.
Que hoje a gente continua esse trabalho que vemos nessa igreja. Na igreja que freqüentamos, o que os jesuítas semearam dão frutos hoje.
Reflexões sobre o poder que a Igreja teve e tem sobre as pessoas.
Respeito a cultura religiosa.

Sensações diversas, misto de fascinação e tristeza. É possível sentir as vibrações de energia impregnadas no local.

Tranquilidade.

Uma apreciação pela devoção desses habitantes antigos.

Uma certa indignação por saber da subjugação (sic) da religião aos inferiores, índios, etc. Sou um estudioso da Bíblia e concordo com a sua não-aprovação a esses gestos. Afinal, quer branco, índio ou negro, temos o livre-arbítrio. Sobre as obras e bom que não se esqueça a história passada para que não se repitam determinados pecados ou holocaustos de origem humana.

Uma energia forte!

Uma paz interior, sensação de calma.

Uma sensação de liberdade e bem estar.

Ana tem o hábito de trazer parentes e amigos para visitar as Missões. Diz que eles gostam, que acham o local lindo. Para ele, particularmente, o local transmite muita paz: “Eu vou te dizer o que acontece pra mim. Me dá muita paz. Eu nunca vim num dia de chuva forte. Mas (aqui) é um lugar que é completamente diferente dos outros. Eu não sou místico, mas tem um pouco de misticismo nisso aqui”. “O pôr-do-sol daqui das ruínas é diferente”.

Acredita que tal sensação é originária de “algo dos índios, ou dos jesuítas, ou dos espanhóis que morreram aqui”.

O entrevistado não é católico. Ele é protestante, batista. Mas afirma sentir uma espiritualidade no local, principalmente ao se aproximar das ruínas, ao entrar nelas. “Eu fico tranquilo, isso me dá paz, tranquilidade, fico bem comigo. Eu acho muito legal. É incrível. E sinto isso é entrando. Não é na estrada, não é dentro, não é ali fora, é entrando. É chegando aqui perto”. E tal sensação, ele afirma, sente desde sua adolescência. Ele também sente prazer em andar próximo à fonte.

Cris Quando entrou nas ruínas, sentiu como se estivesse sendo observada, assim como parece que os anjos expostos observam quem visita. “Mas é uma coisa muito boa. Eu me sinto bem dentro de uma igreja.”

Cris Gostou da viagem em geral, mas fala de como a impressionou a paz que as ruínas transmitem, o silêncio, só os pássaros cantando.

Dar “É a gente começa a pensar duas vezes. Na época que esse pessoal veio, esses padres eles acreditavam, na época que construíram. Acho que eles passaram muito sacrifício. Realmente você sente mesmo assim uma paz, uma sensação estranha, sabe. Faz a gente pensar duas vezes na vida, sabe?”

Dar Ele vê as imagens como sacras e como objetos de arte. Tanto na igreja, diante do local onde se faziam os batismos, como diante de algumas obras do museu, Darcy fez a reverência (‘o nome do pai’) e teve vontade de rezar oração.

Eli

A sua percepção, em relação à igreja foi de paz. Passou algum tempo contemplando a igreja, imaginando as imagens dentro e como ela seria na época em que foi construída. “Mas dá assim pelo menos, por ser uma igreja, essa expressão que eu tenho sempre da paz.”

Quanto às ruínas, Li fala que o local parece um outro mundo: “tenho o sentimento da tranquilidade e paz dentro das ruínas. E é possível para ouvir as coisas da natureza, os pássaros, e talvez porque esse lugar é muito velho, eu sinto um pouco de mágica. (sinto) que esse lugar é especial”.

Pat declarou o seguinte quando questionada sobre sua impressão do local: “A impressão da visita diurna foi algo como se tivesse muita gente aqui, muita gente trabalhando ainda, muita gente daquele tempo. Não estou lhe dizendo que eu vi isso. Estou lhe dizendo que eu imaginei um cenário deste tipo. E até fiquei meio decepcionada, quando no (fundo) de vídeo, eu vi que eram só dois jesuítas que ficavam. Aí quando eu toquei nas paredes das ruínas, eu não tive a mesma sensação de quando toco na parede de ruína que houve escravidão. Entendeu? Essas paredes são mais leves. Mais tranquilas, embora tenha havido todas essas guerras e tudo mais, eu não senti a opressão de um povo tão escravo. Embora eu tenha um certo problema aí com o jesuíta, porque eu

não sei bem se a intenção foi correta, mas tudo que é para ensinar, de repente é bem intencionado”.

Ren Era sua primeira visita a São Miguel. Explica porque veio à São Miguel: “Você vive em cima do trabalho, da rotina, do dia-a-dia. E chega um momento que você começa a perguntar os porquês das coisas, até da tua própria existência. Então eu acho que foi uma coisa que realmente direcionou para isso, não que eu tenha pensado diretamente nisso. Mas é uma região que tem toda uma história, tem um cunho forte para mim nesse sentido de saber o que aconteceu aqui. É um momento para mim que é muito mais que tirar fotos como eu tirei nas ruínas, pra poder recordar. É um momento de sentar ali, e num momento como o som e luz que eu assisti ontem, de você estar sentado assistindo e pensar um pouco a respeito da tua vida [...] acho que é a questão da espiritualidade toda que existe no local, um ideal do porque aquelas coisas aconteceram”.

Sel é espiritualista e diz sua percepção sobre as obras do museu: “aquelas imagens [...] pra mim ela não tem valor no sentido de idolatrar, nem de culto, mas ela representou isso pra alguém um dia. E tem energia ali, eu acredito na energia que tem ali das pessoas que fizeram, que talharam, as emoções dos pedidos que foram feitos, eu imagino quanto choro, quanta lágrima, quanto pedido foi feito ali. É um sinal de respeito, eu respeito isso. Não como eu idolatrar um ídolo, mas como uma energia que aquilo representou pra alguém”. “O museu e as imagens, elas representaram pra mim um sentimento da fé que eles tinham”.

Sôn é mística e diz que sente um arrepio quando passeia pelo local. “Primeiro a gente analisa a grandiosidade do trabalho que eles tiveram, e depois a gente até ficou assim comparando o arquiteto que bolou isso aqui, porque a gente vê as colunas são bem retinhas apesar de ser pedra. Então a gente vai fazendo essa análise, a gente vai olhando nesse sentido”. Já ao entrar na igreja, sentiu calafrios. “Dá aquela sensação de paz, geralmente dá. Porque você acredita em um Deus, e que isso foi uma obra feita em benefício a ele, né? (em benefício de) colocar pessoas que acreditam nele, que pregasse o que ele deixou para nós. Eu acho que isso te fascina. [...] É um dom, que você pode visitar e te dá uma sensação de paz. Ver a escultura, ver as coisas, ver o trabalho e ver a grandiosidade da época, pela época”.

Já da construção, Tere reflete no fato do tamanho das pedras, na falta de recursos e na dificuldade para a edificação: “Você já pensou aqueles coitados carregar aquelas pedras daquele tamanho, uma por uma? Olha precisa ter uma força interior muito grande”. “E tem que ter uma ajuda espiritual, eu acredito. Se você não tiver uma ajuda espiritual, você não consegue. Você tem que ter, porque a gente tem fé naquilo que a gente faz, e essa fé vem acompanhada do teu espírito protetor. Não sei o que você acha, mas, pelo menos na minha filosofia é assim.

INFÂNCIA E FINITUDE

É um prazer rever isso aqui, porque nascemos e se criamos em São João Batista.

É um sentimento muito forte porque desperta em mim lembranças da infância que vivi aqui e principalmente "reviver" a história que aqui aconteceu. A chacina e outros tantos acontecimentos que a cultura indígena "misturada" a européia vivenciaram neste local.

QUESTIONÁRIO

Universidade de São Paulo

PESQUISA SOBRE A DEMANDA TURÍSTICA EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

Data: 12/11/2012

Nacionalidade:

1 ☒ Brasileira2 ☐ Outra nacionalidade: _____

Se brasileiro, favor citar o local de residência:

Cidade: Porto Alegre Estado: RS

Sexo:

1 ☐ Masculino2 ☒ Feminino

Estado Civil:

1 ☐ solteiro2 ☒ casado3 ☐ viúvo4 ☐ separadoQual a sua profissão? Tec. Enfermeira

Idade:

1 ☐ Menos de 18 anos2 ☐ 18 a 25 anos3 ☒ 26 a 34 anos4 ☐ 35 a 50 anos5 ☐ 51 a 65 anos6 ☐ Acima de 65 anos

Renda:

ITEM	Por favor, assinale o Número de itens possuídos em sua residência					
Televisor em cores	1	2	3	4	5	6 e +
Rádio	1	2	3	4	5	6 e +
Banheiro	1	2	3	4	5	6 e +
Automóvel	1	2	3	4	5	6 e +
Empregada e/ou Mensalista	1	2	3	4	5	6 e +
Aspirador de pó	1	2	3	4	5	6 e +
Máquina de lavar roupa	1	2	3	4	5	6 e +
DVD e/ou Videocassete	1	2	3	4	5	6 e +
Geladeira	1	2	3	4	5	6 e +

Grau de Instrução do chefe da família:

1 ☐ Analfabeto ou primário incompleto2 ☐ Primário completo (4ª série do Fundamental)3 ☐ Fundamental completo4 ☒ Ensino Médio completo5 ☐ Superior completo

Meios de transporte até a localidade:

1 ☐ Avião2 ☐ Ônibus3 ☒ Automóvel

Desde a sua cidade, quanto tempo de viagem até esse local?

1 ☐ Até 04 horas2 ☐ Até 08 horas3 ☒ Até 12 horas4 ☐ Mais de 12 horas

Como veio visitar, hoje, as ruínas da Redução de São Miguel?

1 ☐ Só2 ☐ Com os filhos3 ☒ Com a família4 ☐ Com amigos5 ☐ Com um grupo organizado

Meios de Hospedagem:

1 ☐ Hotel2 ☒ Pousada / albergue3 ☐ Casa de amigos e parentes4 ☐ Camping5 ☐ Não pretende pernoitar na região missioneira6 ☐ Morador da região

Indução da viagem:

1 ☐ Folhetos, revistas, matérias jornalísticas2 ☐ Indicação de amigos e parentes3 ☐ Promoções4 ☐ Agências de viagens5 ☒ Outros: Próprio sem indicações

Qualifique a propaganda do Turismo para São Miguel das Missões:

1 ☐ Excelente2 ☐ Boa3 ☐ Regular4 ☐ Ruim5 ☐ Muito Ruim

Antes de chegar a esta cidade, qual era a sua expectativa quanto à oferta turística?

1 ☐ Excelente2 ☒ Boa3 ☐ Regular4 ☐ Ruim5 ☐ Muito Ruim

Depois de utilizado a oferta turística desta cidade, como você a qualifica?

1 ☒ Excelente2 ☐ Boa3 ☐ Regular4 ☐ Ruim5 ☐ Muito Ruim

Universidade de São Paulo

Sua viagem foi organizada por agência?

- 1 ☐ Sim
2 ☒ Não

Essa é a primeira vez que visita as ruínas da Redução de São Miguel?

- 1 ☒ Sim
2 ☐ Não

Se a sua resposta for NÃO, quais as diferenças que você percebeu entre essas visitas?

Qual o motivo da sua viagem para São Miguel das Missões?

Férias com meu marido e meus pais e amigos de São Miguel das Missões

O que mais lhe chamou a atenção?

- 1 ☐ As obras no Museu das Missões
2 ☒ As ruínas da igreja
3 ☐ O espetáculo Som e Luz
4 ☐ Outros:

Você poderia colocar em palavras o que as ruínas da igreja despertou em você?

Orgulho, curiosidade, respeito

Antes de visitar essa localidade, sabia da existência do Museu das Missões?

- 1 ☒ Sim
2 ☐ Não

Em relação à visita ao Museu das Missões, você afirmaria que está:

- 1 ☒ Totalmente satisfeito
2 ☐ Parcialmente satisfeito
3 ☐ Indiferente
4 ☐ Totalmente insatisfeito
5 ☐ Parcialmente insatisfeito

Poderia colocar em palavras o que as obras do Museu das Missões despertou em você?

Uma estrutura impressionante de a história do povo e a luta como uma herança

Do que sentiu falta na sua visita a São Miguel das Missões?

O senhor vai voltar a visitar São Miguel das Missões?

- 1 ☐ Sim
2 ☐ Não
3 ☒ Não sabe

Obrigado pela sua participação e paciência

Instituição:

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicação e Artes

Estudo:

Pesquisa sobre a Demanda Turística em São Miguel das Missões

Organização:

Prof. Ms. João Batista Neto